AFFONSO CLAUDIO

HISTORIA

DA

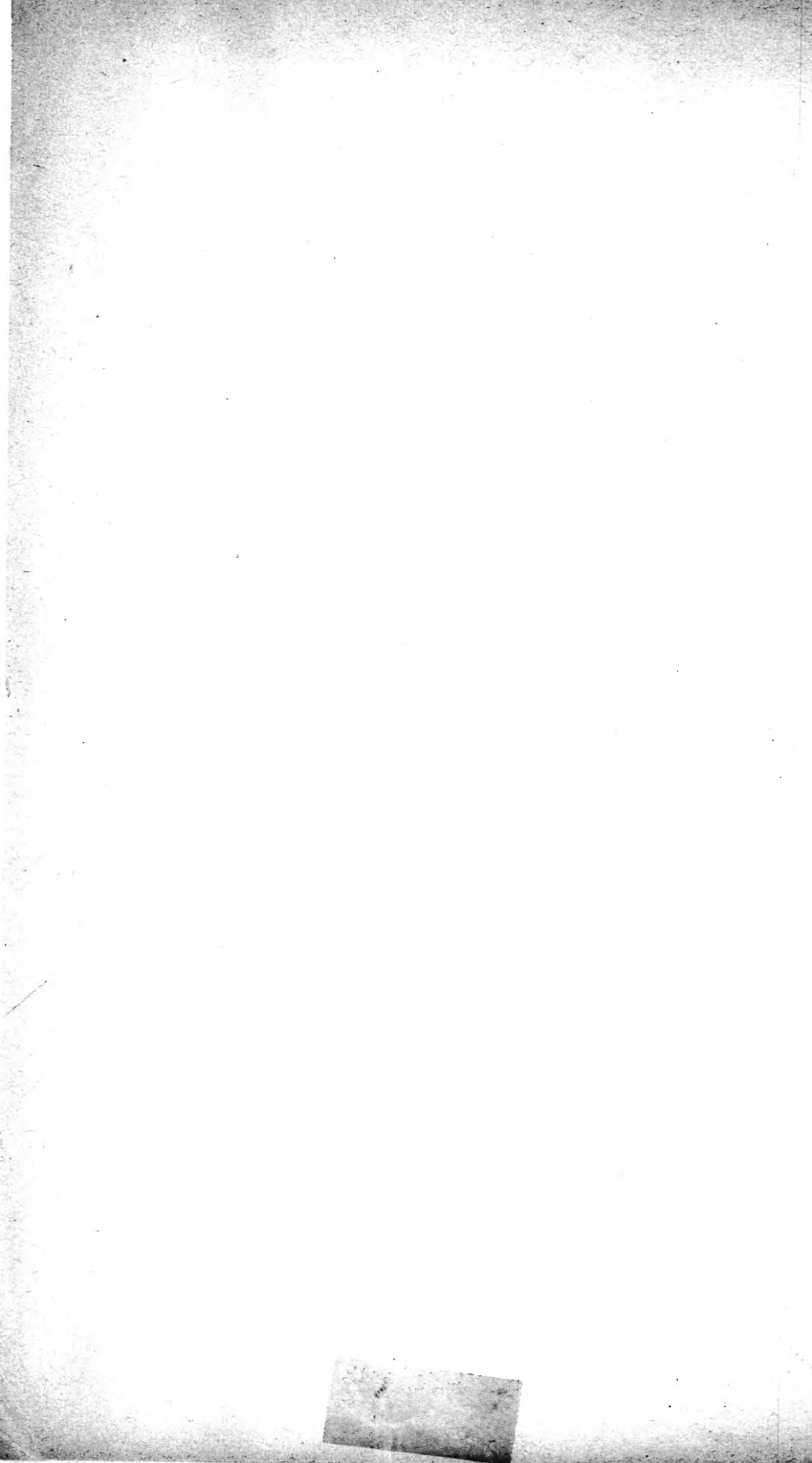
Litteratura Espirito-Santense

COM UM PROLOGO

POR

CLOVIS BEVILAQUA

(SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA)

PORTO
OFFICINAS DE O Commercio do Porto
109, RUA DO "COMMERCIO DO PORTO", 112
1913

AFFONSO CLAUDIO de FREITAS ROSA

Historia da Litteratura Espirito-Santense

COM UM PROLOGO

POR

CLOVIS BEVILAQUA

(Subsidios para a Historia da Litteratura Brasileira)

PORTO
Officinas do "Commercio do Porto"
108—Rua do «Commercio do Porto»—112

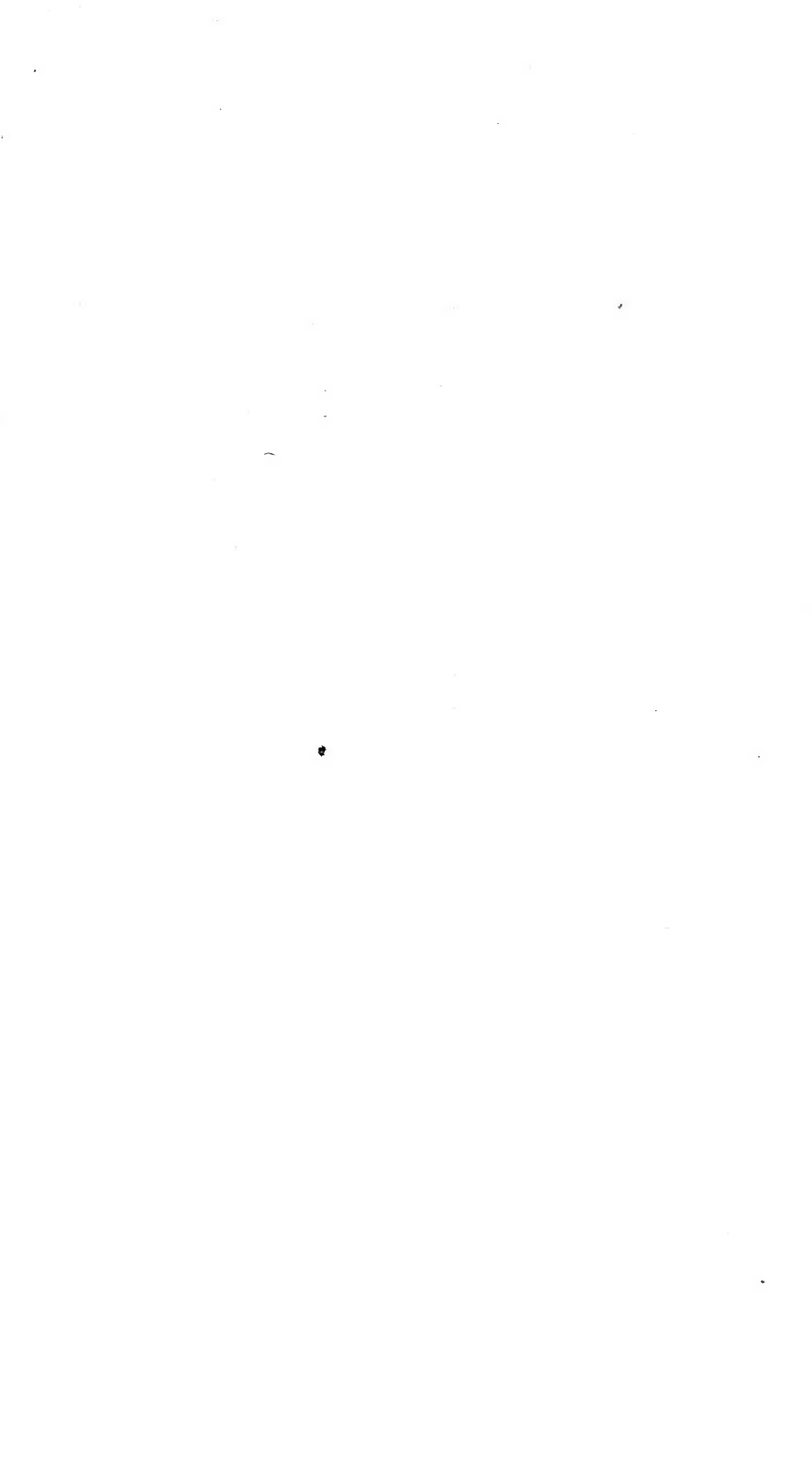
1912

Affonso Claudio

A

Sylvio Roméro,

o egregio auctor da «Historia da Litteratura Brasileira» e incomparavel renovador da critica litteraria neste paiz.

Homenagem do mais obscuro dos seos discipulos e admiradores.

A mocidade

Espirito-Santense,

a quem incumbe a gloria e o dever de venerar e augmentar o patrimonio litterario que lhe transmittiram os seos antepassados.

A MEUS FILHOS

Alarico, Regina

e

Judith de Freitas.

DO MESMO AUCTOR:

CRITICA HISTORICA:

A Insurreição do Queimado

(Edição d'*A Provincia do Espirito-Santo* Victoria, 1885, exgottada).

CRITICA BIOGRAPHICA:

Dr. João Climaco

(Edição do Instituto Profissional, Rio de Janeiro, 1902).

Carta-prologo

AFFONSO CLAUDIO

Percorri as paginas da *Historia da Litteratura Espirito-Santense* e nem sei dizer quantas vezes, uma phrase, uma idéa ou uma referencia, penetrando-me o espirito, fêl-o remontar á epocha em que, no Recife, ouviamos as prelecções do conselheiro Silveira de Souza, intelligencia culta e desprendida, a dissertar sobre o direito natural, e as do conselheiro Pinto Junior, alma bondosa e chã, forçada a debater-se nas agruras do Warnkœnig.

Andavamos a sonhar cousas grandiosas para a patria; acreditavamos em um sol radioso da sciencia, cahindo em fustigações luminosas sobre as trevas adensadas na terra; e, nas tardes refrescadas pelas virações que remontavam o Capibe-ribe, gostavamos de celebrar os fastos litterarios do tempo ou de recordar, no silencio das tristes

noites do convento de S. Francisco, as audacias lyricas dos poetas de nossa predilecção.

Seguiu você depois outro rumo, andou por S. Paulo, batalhou na politica, foi magistrado no seu querido Espirito Santo, e agora de novo nos encontramos.

Certamente não quer inculcar que nesse pedaço do Brasil tenha florescido uma litteratura vigorosa e autonoma.

Pretende apenas mostrar que tambem ahi têm vivido e trabalhado cultores conspicuos das lettras, alguns dos quaes influiram na evolução do pensamento geral do Brasil; outros, mais modestamente dotados, apenas formaram o plano de onde se destacaram aquellas figuras maiores.

E, depois da leitura de seu livro, feito com

esmero, fica-se vendo melhor que, se o Espirito Santo não se tem constituido um fóco luminoso de irradiação litteraria, não lhe passaram ao longe as correntes que têm movimentado a litteratura patria.

E' um pequeno Estado, que póde hoje apresentar os nomes de um COLLATINO BARROSO ou de um ULYSSES SARMENTO entre os seus artistas da palavra, de um CANDIDO COSTA, entre os seus pesquisadores da historia patria e de um MONIZ FREIRE, entre os seus jornalistas doutrinadores, não é certamente uma terra improductiva de bôas intelligencias, no numero das quaes merece ser contemplado o auctor da *Historia da Litteratura Espirito-Santense.*

Não é este livro simplesmente um serviço

prestado ao Espirito Santo, cujos fastos litterarios se celebram. É uma contribuição valiosa para a historia da litteratura brasileira, porque é da articulação dos differentes nucleos locaes que se forma a litteratura do paiz; porque se pôem em relevo e sob uma luz particular certos vultos, que talvez não fossem sufficientemente apreciados por observador collocado em outro ponto de vista; e porque se podem destacar peculiaridades e minucias, que expliquem melhor certas idéas e tendencias notadas nos escriptores.

Sua feição particularista será mais propria para afagar o amor proprio dos espirito-santenses; mas o seu aspecto geral interessa a todos os brasileiros.

Assim como, nos diversos Estados da Repu-

blica, associações benemeritas se afadigam na pesquisa da historia local, erigindo as solidas muralhas que hão de constituir o vasto edificio da Historia do Brasil, tambem das contribuições dos historiadores da vida litteraria dos differentes Estados, ha de resultar um conhecimento mais exacto e mais seguro da evolução mental do paiz, sobre tudo se ás monographias particulares forem traçadas com o cuidado e com o criterio da sua.

Rio, março de 1907.

Clovis Bevilaqua.

Explicação preliminar

Este livro estava destinado a ser impresso na Imprensa Nacional, em virtude da auctorisação conferida ao presidente da Republica, pelo art. 8.° n.° III, da lei orçamentaria n.° 1.617, de 30 de dezembro de 1906.

Entregues os originaes na Secretaria do Interior em começo de 1907, a requerimento do auctor foi orçado na Imprensa Nacional o custo da impressão, em 4:064$488 réis, correspondente á edição de 1:000 exemplares, dos quaes teria a União metade, nos termos da lei citada.

Demorando-se o Governo Federal em decidir si consentia ou não na pedida impressão, novo requerimento lhe foi dirigido, mas como o primeiro não logrou despacho.

Convencido de que a auctorisação não teria effectividade, pela pouca attenção dispensada ás reiteradas reclamações, requeri em setembro a restituição dos originaes, abrindo assim mão do favor que o Congresso Nacional prodigalisou-me, mas a que o Governo houve por bem negar apoio, sob o pretexto de não aggravar o *deficit* orçamentario! Embora esse mesmo motivo devesse prevalecer em relação á *soberba loucura* da Exposição Nacional de 1908, eu resignei-me a ouvir

o que ficou dito, a mim mesmo jurando que nestas paginas deixaria registrada a alludida declaração do Governo, symptoma evidente do desapreço em que vivem as lettras neste paiz!

Sem poder acudir ás despezas que a publicação reclamava, ficou o trabalho aguardando ensejo para ser estampado, até que em começo de 1909, o Governo do Estado do Espirito Santo, pretendendo inaugurar a Imprensa Estadual e desejando solemnisar esse acontecimento com a impressão de um livro referente aos homens e coisas da ex-provincia, distinguio com a sua preferencia o escripto a que venho alludindo. Reanimado com a esperança de que teria afinal realidade o fructo do estudo de alguns annos, destinado por mim á divulgação pela imprensa, enviei ao mesmo Governo com a possivel brevidade os originaes em meo poder, os quaes foram acolhidos com a maior benevolencia, havendo o jornal official —*Diario da Manhã*,— de 13 de abril daquelle anno, noticiado nestes termos a proxima estampagem da minha *Historia da Litteratura*:

«Estampamos hoje a *carta prologo* que o dr. Clovis Bevilaqua dirigiu ao nosso illustrado conterraneo dr. Affonso Claudio, a proposito da *Historia da Litteratura Espirito-Santense.*

Dispensamo-nos de salientar o valor dessas paginas com as quaes o bello talento do dr. Affonso Claudio vae enriquecer a bibliotheca do Estado, por isso que o merito de sua importante obra foi exuberantemente sagrado pela penna adamantina do eminente jurisconsulto brasileiro que traçou os periodos em outro logar transcriptos.

Reconhecendo a necessidade de prestigiar o utilissimo livro facilitando a divulgação de quanto elle se occupa em prol do nosso engrandecimento intellectual, o sr. dr. Jeronymo Monteiro poz á disposição do sr. dr. Affonso

Claudio as officinas da imprensa official para a impressão do vantajoso livro, logo que ellas estejam apparelhadas para satisfazer a serviços dessa natureza.

Assim s. ex.ª manifesta o muito que lhe merece o sr. dr. Affonso Claudio, que com esse trabalho presta mais um serviço real á terra que lhe deu o berço, cuja litteratura elle estuda com admiravel fulgor.»

Mas, todas essas promessas e bôas phrases não passaram de illusorias miragens; decorridos dois annos, apezar das informações officiaes trazerem ao meo conhecimento que o serviço de composição havia começado, nada estava feito, nem uma linha entrára em lettra de fôrma, de sorte que tomei a resolução de solicitar a devolução dos autographos, restando-me apenas agradecer ao presidente do meo Estado, a presteza com que accedeo ao meo pedido. E não foi pequeno favor!...

Eis em resumo, as peripecias que retardaram a publicação do presente estudo, ora confiado á pericia de um editor amigo, sem nem-um bafejo dos Governos deste paiz.

Servindo á causa das lettras de minha Patria e em particular do meo torrão natal, a animação com que meos conterraneos e amigos acolheram este livro e as expressões gentis com que acariciaram a leitura que do original fizeram, confortando-me em um estadio da vida em que as desillusões fanaram todos os ideaes, constituem um incentivo poderoso para que as proficuas pesquisas litterarias prosigam e novos achados venham avolumar o acervo do nosso thesouro intellectual, fragmentado em monumentos que atravessaram mais de dois seculos, expostos a todas as vicissitudes.

Essa tarefa pertence á mocidade; eu, dou-me por

satisfeito com a pequena contribuição que as paginas a seguir imperfeitamente condensam, certo de haver o assumpto sido tratado por escriptores de reputação feita no mundo litterario em que vivemos; sem temor, porem, posso confessar, que si por esse motivo arrisco o meo obscuro nome, o brilho e a grandeza do daquelles que o houverem ou tenham de o eclypsar, servir-me-ão de consolo, ou na bellissima linguagem do maior historiador de Roma: — *si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum, neo qui nomini officient, me consoler;* TITO LIVIO, *Hist. Rom. 1*, pref.

Rio, 1909.

Affonso Claudio.

INTRODUCCÇÃO

Feição caracteristica da Litteratura Nacional.

Insigne escriptor patrio, em recente obra por todos os motivos digna de applausos e de demorado estudo, assevera que a litteratura em toda a America, tem sido um processo de adaptação de idéas européas ás sociedades do continente, adaptação que tendo sido mais ou menos inconsciente no tempo colonial, hodiernamente tende a tornar-se deliberada e comprehensiva (1).

Applicando ás formações litterarias a lei darwinica da concorrencia vital, expressa pela adaptação e pela hereditariedade, nota o referido escriptor, que nas litteraturas a hereditariedade representa os elementos estaveis, as energias das raças, os predicados fundamentaes dos povos, elementos esses que lhes transmittem a caracteristica da nacionalidade; a adaptação, significando os

(1) Sylvio Roméro, *Hist. da Litt. Bras.*, I, 10.

elementos instaveis e genericos, caracterisa a face universal das mesmas formações.

De facto assim é; por mais que se tente encontrar os vestigios de um desenvolvimento rudimentar no elemento isolado do habitante primitivo de uma região, o resultado é sempre negativo.

Em relação ao Brasil, está averiguado que as primeiras manifestações de cultura, surgiram com a mestiçagem das raças, vindo afinal a resultante do cruzamento a ser o typo ou o expoente dessa operação ethnica.

De modo que o producto mestiço — é o elemento que reune e resume as tendencias e aptidões differenciadas das parcellas representadas pelos factores : — branco, negro e vermelho.

Si, porem, separar-se qualquer delles para determinar a quota de influição que trouxe ao resultado, restará unicamente ponderavel como predominante aquelle, por ser elemento de uma nacionalidade definitiva, com uma cultura feita, com instituições, religião e normas proprias, emquanto os ultimos estadiavam no primeiro e segundo gráos do fetichismo.

Será, pois, desigual a contribuição de cada elemento.

Mas o phenomeno da mestiçagem das raças não se realisa inopinadamente; nas proprias gentes errantes, as ligações embora accidentaes, manifestam-se depois que os sentimentos hostis e as provas de valor são averiguadas em pelejas repetidas; a mescla das populações entre as tribus selvagens, é uma prolação da guerra e a absorpção de umas pelas outras será tão lenta, quão profundos forem os antagonismos que reciprocamente tenham de vencer (1).

---

(1) É bem de ver que estou em desaccordo com Le Bon, (*Évolution des Peuples*) quando insinúa que os mestiços são sempre

No caso do Brasil colonial, acharam-se face á face, portuguezes, indios e africanos; isto é, os colonisadores superiormente apparelhados por predicados hereditarios, e os instrumentos do trabalho, postos na infima escala da servidão.

Fôra de prever que o cruzamento dos brancos com

---

inferiores aos factores de que derivam, erro ethnographico que não merece refutação nos dias de hoje, depois que um critico dos mais ponderados que fulgem nas lettras patrias, escreveo esta irreplicavel apreciação:

«Diversas condições são necessarias, assegura Le Bon, para que se fusionem raças para a formação de outra mais ou menos homogenea. A primeira dessas condições é que as raças submettidas ao cruzamento não sejam muito deseguaes em numero; a segunda, que não diffiram muito em seos caracteres; a terceira, que sejam submettidas, durante muito tempo, a condições de meio identicas.

Contra a primeira e a terceira das condições indicadas, nada vejo que oppôr. Julgo-as indiscutiveis. Não assim, porem, a segunda. Sem duvida, reconhece Le Bon, raças muito diversas se podem crusar. A preta e a branca o têm feito mais de uma vez para que possamos negal-o. Mas, prosegue o escriptor francez, «os mestiços que d'ahi resultam constituem uma população muito inferior aos productos de onde se origina, e completamente incapaz de crear ou mesmo de continuar uma civilisação».

Exemplo frisante para a comprovação do affirmado, é o Brasil «votado perpetuamente á anarchia, a menos que não seja dominado por mão de ferro».

Com certeza, não conhece a historia brasileira quem escreveo sentenças taes.

Mas Agassiz, que percorreo o Brasil, disse que o mestiço brasileiro perdeo as melhores qualidades do branco, do preto e do indio, e constitúe um typo indescriptivel de energia physica tão enfraquecida quanto a mental...

E sobre essa proposição exclusivamente se baseou o escriptor francez, para nos ferir de perpetua incapacidade!... Não mais felizes foram os nossos visinhos da America meridional, mesmo os argentinos, aliás não sendo dos que mais se afundam na decadencia

qualquer das raças inferiores, não apresentasse sinão resultados de *hybridismo*, attenta a profunda divergencia dos elementos fusionados; eis por que em todo o seculo do descobrimento perdura o predominio incontrastavel dos luzitanos, até que no seculo seguinte, como producto de outros tantos cruzamentos, pôde, por virtude da lei de

---

moral. Em Buenos-Aires, é impossivel habitar «quem quer que tenha alguma delicadeza de consciencia e alguma moralidade».

O Brasil fazia excepção a esse profundo desmantelamento, graças á monarchia que, «muito liberal para essas raças sem energia e sem vontade», teve de succumbir e entregar o paiz ao anarchismo.

Palpáram bem a contradicção manifesta que se contêm nesta apreciação leviana?

O mesmo pensador que nos dá como lei da evolução social dos povos a quasi inocuidade das formas de governo, que nos diz, com seos proprios termos «que não são as circumstancias exteriores, e, ainda menos, as instituições politicas, que exercem um papel fundamental na historia de um povo», e sim o seo caracter, vem dizer-nos que a monarchia teve a virtude de salvar o Brasil da anarchia temerosa em que se atafulham os povos hispano-americanos!...

É pasmoso, principalmente para quem, poucas paginas antes, havia affirmado quadradamente a nossa inconsistencia moral e a nossa miseria intellectual, baseado em Agassiz, que por aqui esteve em pleno dominio monarchico.

Ainda mais, se é necessario o recurso da *mão de ferro* para nos afastar da anarchia, como pôde conseguil-o, no dizer de Le Bon, essa monarchia em excesso liberal?

Não comprehendo cincadas deste jaez em um escriptor grave como Le Bon, si não explical-as pela cegueira doutrinaria que tudo obscurece, excepto a brécha estricta por onde se côa a luz da doutrina preferida.

E por que na combinação metachimica em que se fundem as raças se hão de perder, forçosamente, as qualidades sãs e elevadas, sobrenadando, exclusivamente, os elementos máos e grosseiros, si não se apontam energias antitheticas que destruam aquellas e façam subsistir estas?» — C. Bevilaqua, *Esboços e Fragmentos*, 268-271.

selecção, intervir um factor mais energico — o mestiço — a quem razoavelmente cabe a primazia nas manifestações intellectuaes do paiz.

É certo, como pondera S. Roméro, que na segunda parte do seculo XVI, coube a um brasileiro de Pernambuco — Bento Teixeira Pinto — a excelsa honra de reproduzir em um poema — *A Prosopopéa* — algumas das scenas da vida americana, impregnadas de lyrismo; este caso excepcional, entretanto, não contraria a regra do *hybridismo* proveniente do profundo antagonismo das raças que se cruzam, quando uma é superior e outra inferior.

Essa excepção, aliás rara, nota outro escriptor, deve-se levar á conta da amplitude e irregularidade caprichosa que caracterisa os phenomenos da herança. Os caracteres hereditarios, ora fundem-se, ora se juxtapôem, ora seguem francamente uma direcção unilateral, sem offerecerem em sua marcha, a menor uniformidade (1).

É ainda innegavel que desde aquella epocha, a litteratura nacional revela a dupla tendencia da descripção da natureza e do selvagem e que o lyrismo nativista afunda alli as suas raizes, como adverte o douto

(1) Dr. G. Rosa, *Biol. e Soc. do casamento*, 192. Alludindo neste passo ao *hybridismo*, devo declarar que o acceito mais como um phenomeno de antagonismo moral e esthetico entre as raças, do que no sentido anthropologico em que o emprega o auctor. Si procedesse nesta ultima direcção, certo que teria de explicar por outra maneira factos occorridos na America do Norte e na do Sul, qual o do crusamento do portuguez com o negro no Brasil, do hespanhol e do inglez com o indio, sem mencionar o dos povos africanos com os povos asiaticos. No mesmo sentido manifesta-se Tapinard, *Anthropol.*, 385; Darwin, *Descendance*, 209.

auctor da *Historia da Litteratura Brasileira;* a verdade insophismavel é que só no seculo XVII essa intuição accentuou-se, ou pelo menos perdeo a fluctuação que se observa no poema de Teixeira Pinto.

Foram os poetas e prosadores do cyclo litterario a que o auctor por vezes invocado, com justeza chama — Escola Bahiana — que a applicaram com vistas mais seguras, sinão maior propriedade, cyclo que se dilata por todo o seculo XVII e grande parte do seguinte.

A recordação dos factos e considerações ora feitas, servem para explicar como devera ter sido tardia nas capitanias, a revelação do gosto e das aptidões pela cultura intellectual, quer na epocha dos donatarios a quem foram enfeudadas pela liberalidade regia, quer depois que reverteram á Corôa, sob os governadores despoticos, seos representantes genuinos.

As maravilhas operadas na Europa pela divulgação da imprensa, desde a segunda metade do seculo XV, só tiveram os preitos da admiração colonial neste trecho da America portugueza, na primeira metade do seculo XIX.

Informam bem avisados chronistas, que foi a 10 de setembro de 1808, que começou a circular a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal publicado no Brazil!

Historiadores patrios dos mais circumspectos, asseveram que aos brasileiros eram vedadas as artes, as sciencias, os escriptos instructivos e ainda, que em 1809 era prohibido o annuncio de livros, sem licença do Governo, sendo de notar que foi o principe fundador da *Impressão Regia*, D. João VI, o auctor de semelhante desproposito [1].

---

[1] DR. MELLO MORAES, *A Indep. do Imp. do Bras.*, 63.

Absorvidas pela metropole as forças vivas da colonia, material e intellectualmente, para que pela vez primeira se manifestasse em uma das capitanias do norte brasileiro o pensamento nacional por publicação na imprensa, livremente, mister foi uma revolução.

Refiro-me ao manifesto dos heróes de 1817, em Pernambuco, impresso n'*O Preciso* em a mesma data ([1]).

([1]) O illustre historiador Sr. Dr. João Ribeiro, na segunda edição de sua erudita — *Historia do Brasil* — á pagina 315, dá o rebelde Domingos Martins por natural da Bahia.

Reivindico para a vetusta capitania do Espirito Santo, a honra de ter sido o berço do patriota que tamanho quinhão de venturas como de dissabores alcançou na jornada pernambucana de 1817 e o faço, fundado em documentos irrecusaveis.

Será o primeiro o que se contêm á pag. 243 da *Historiographia da Provincia do Espirito Santo,* assim redigido:

«No principio deste seculo, (XIX) era negociante nesta hoje cidade da Victoria, com loja de fazendas, á rua das Flôres, o antigo official de primeira linha da guarnição — Joaquim Ribeiro Martins, nascido nesta provincia e conhecido por *Bem-Bem,* tendo sido casado em fins do anterior seculo (XVIII) com D. Joanna Martins, sua prima, filha de importante familia da Bahia, capitania a que aportára em viagem.

Chegado que foi á Victoria, de volta da Bahia, teve pouco depois de ir destacado como porta-bandeira, para Itapemirim, levando a mulher que ahi deo á luz um filho que tomou o nome de Domingos e que veio a ser — Domingos José Martins.

Concluido o tempo de serviço, voltou Joaquim Ribeiro Martins para esta Capital, indo residir sua familia á rua das Flôres n.º 13, onde lhe nasceram os outros cinco filhos, que foram: Francisco, André, Joanna, Luiza e Maria.

Crescendo Domingos José Martins e sendo necessario educal-o, mandou-o o pae para a Europa, talvez para Portugal.

Annos depois, no principio deste seculo, (XIX) voltou á provincia natal Domingos Martins, moço elegante, de altura mais que regular, cheio de corpo, claro e corado, barba e cabellos pretos, annellados, tendo aqui por algum tempo se demorado e sendo por suas maneiras attrahentes e educação esmerada, recebido e respei-

Por ultimo deverei aqui inserir os depoimentos insuspeitos de João Brigido, nos *Precursores da Independencia* e de João Motta, no *Cachoeirano*, jornal que se edita no Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo, anno de 1907.

Todas essas attestações parece-me que permittem a conclusão já deduzida quanto á naturalidade do herói de

---

tado na sociedade que frequentava, notando-se-lhe no emtanto, certa sisudez e concentração em seo modo de tratar.

Querendo Domingos Martins dedicar-se ao commercio, como tambem o desejava seo pae, por instancias da familia de sua mãe que era bahiana, entre os annos de 1810 a 1812 partio para a Bahia e ahi principiou a negociar, fazendo algumas viagens a Pernambuco, onde veio a casar-se com uma joven pertencente á importante familia dos Dourados, estabelecendo-se definitivamente nesta ultima provincia em 1814.

Patriota e de genio um tanto exaltado, influenciado por outros, envolvêo-se na revolução de 1817, em que teve um dos principaes papeis.»

Outros testemunhos não menos explicitos e fidedignos, corroboram o anterior.

Assim, n'*A Provincia do Espirito Santo,* numero 38, de 11 de junho de 1882, jornal redigido pelos senadores federaes Dr. Moniz Freire e Cleto Nunes, esse ponto obscurecido por uns proposital e por outros inscientemente, ficou debatido de modo a não permittir duvidas; cabe, porem, ao chronista Bazilio Dœmon precedencia na indagação da naturalidade de Domingos Martins, por que seo livro é de 1879, embora nelle reeditasse os factos relatados, quasi *ipsis verbis,* em 1853, pelo padre Joaquim Dias Martins, nos *Martyres Pernambucanos,* 257, cuja obra é a mais antiga de que tenho noticia sobre o assumpto.

Um outro pesquisador de coisas que interessam á historia nacional, não é menos positivo:

«Paulo da Rocha, era pernambucano e fôra um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel do Capitão Domingos José Martins, o espirito-santense.» — Inglez de Souza, *Contos Amazonicos,* 176, edição de Laemmert, 1893.

1817, pelo menos até que a prova dellas resultante, seja elidida por documentos de maior valia, até agora não conhecidos.

Dominadas as energias dos que sonhavam com o advento da liberdade na patria envilecida por todas as oppressões, que lazeres poderiam ter os governados, em proveito da cultura das lettras?

Sob o regimen colonial portuguez, a vida do homem civilisado capaz de vigilias e raciocinios demorados, absorvia-se toda na defeza propria contra a ferocidade do indio que despontava da selvageria e contra a do colonisador aventureiro, que vinha tentar fortuna por novos crimes.

Desde 1603, a legislação da metropole equiparou o Brasil á Africa como estação penal, com a differença de ser Castro-Marim posto de degredo de quem possuia haveres e a terra brasileira, presidio dos desafortunados de toda casta.

A Ordenação do livro quinto faz certa essa distincção.

Não admira, pois, que as capitanias colonisadas por esse modo, nem-um progresso assignalavel mostrassem na esphera intellectual e litteraria, convindo additar que em algumas dellas, o incipiente desenvolvimento espiritual, data do começo do seculo passado: tal é o caso do Espirito Santo [1].

---

[1] E forçoso é convir que os tres seculos decorridos não podiam ter originado em todo o paiz uma litteratura, que é a manifestação culminante da vida mental de um povo ou servindo-me das bellas expressões de um pensador, «a estatistica aprofundada de todas as producções intellectuaes de um paiz, em uma epocha dada». — TOBIAS BARRETO, *Varios Escriptos*, 364, nota.

Se a propria metropole no respeitante á sciencia, á philosophia, ao theatro, ao romance, ás artes em geral, não tinha repre-

Até quasi o fim do seculo XVIII, nem um prenuncio do despertar de tendencias litterarias, revelava o feudo doado a Vasco Coutinho, então capitania da Corôa; a agricultura da canna, do algodão, do tabaco e dos cereaes, florescia no littoral, impulsionada pelo braço do indio e pelo do negro.

Ás scenas esplendorosas da natureza tropical, addicionára a iniciativa dos religiosos franciscanos desde o fim do seculo XVI, um trecho monumental, qual o da erecção do cenóbio da Penha.

Os portos eram conhecidos e os sertões cortados pelos exploradôres de ouro e diamantes; os rios navegados; as lagôas piscosas, singradas em todas as direcções; a terra intumescia de fructos e as mattas regorgitavam de caça; mas toda essa opulencia, todo esse ruido, ora superficial ora subterraneo, da lucta pela vida e pelo espaço, no dizer inspirado de F. DANTEC, não inspiravam os naturaes do paiz, nem lhes aguçavam as faculdades inventivas.

Ainda não é tudo: prêza de continuas invasões, por parte dos flibusteiros hollandezes e francezes, das refrégas travadas com o inimigo, não ficou um canto ou um conto popular, que dê a medida approximada das acções dos habitantes na defeza do territorio [1].

---

sentantes, imagine-se a situação da colonia portugueza na America entregue ás mãos grosseiras e inhabeis dos donatarios e capitães-móres!

[1] Apuraram chronistas nacionaes, inspirados em BRITO FREIRE, que na invasão realisada pelos hollandezes em a villa da Victoria, em 14 de maio de 1625, coube a uma filha da capitania, de nome — MARIA URTIZ — a fortuna rara de pôr em debandada a força inimiga, por um estratagema interessante.

Referem elles que achava-se a heroina á janella, quando os hollandezes em numero de tresentos, insinuaram-se por uma la-

Nestas circumstancias, é de prever que se torna quasi ociosa uma inquirição sobre a extensão cultural de gentes assim organisadas, menos ainda sobre a formação de sua litteratura, quando os escriptos pelos

---

deira onde aquella tinha a casa, e Urtiz, tomada de uma vertigem patriotica, na occasião em que os invasores capitaneados por seo chefe approximaram-se, corrêo á cosinha de onde transportou um tacho ou caldeira d'agua fervente, que derramou sobre os aventureiros e com tal exito, que a força inimiga desanimada retrocedeo, deixando, com o reforço que teve a acção de Urtiz, trinta e oito homens mortos e quarenta e quatro feridos; Pereira de Vasconcellos, *Ensaios sobre a Hist. e Estat. da provincia do E. Santo*, 108; Misael Penna, *Hist. da prov. do E. Santo*; Brito Freire, *Nova Luzitania*, l. 2. n.os 185-187 e B. Damon, obra cit., 108.

Convêm no emtanto assegurar, que este facto assignalado pelos narradores nomeados, nunca teve a sancção do *consensus* historico, e admira por outro lado, que uma acção valorosa de tal ordem — supposto tivesse realidade — não inspirasse cantos e contos ás turbas que a testemunharam e ás gerações alcançadas pela tradição vulgar!

Apenas, como um preito posthumo á memoria da benemerita espirito-santense, a municipalidade da Victoria, no fim do passado seculo, ligou ao sitio em que occorreo o successo de 1625, o nome da intrepida conterranea.

Rendilhado ou não de maravilhoso, o empolgante episodio de Maria Urtiz, não teve no sentimento commum do povo de então — ao contrario do da lendaria padeira de Aljubarrôta — nem a simples glorificação da trova anonyma, o que induz a crêr que o lance secular chegou exaggerado aos nossos dias ou que não teve o alcance lobrigado pelos panegyristas contemporaneos.

Em summa, si é temeridade recusar á lenda visos de probabilidade, injustificada afouteza será recebel-a sem reservas, embora para certos espiritos indique falta de patriotismo, quem denega *placet* a tudo quanto sirva para encabeçar-nos, com fundamento ou sem elle, na partilha de patrias gloriólas passadas e presentes, mais algumas que os bufarinheiros litterarios sabem desentranhar e muito justo é que ninguem lhes dispute o monopolio.

quaes tenha de ser ajuisada, são em numero tão limitado e estes mesmos tão pouco significativos!

Emprehendi, entretanto, a tarefa de sondar uma e outra, penetrando pelos documentos que existem o intuito e a direcção das primeiras manifestações intellectuaes em minha terra, tendo o cuidado de cotejar as tradições com as versões escriptas e na falta d'estas com outros adminiculos, de forma a comprovar a authenticidade daquellas pela exactidão destas.

Dominado por esse pensamento escrevi este trabalho, fragil contribuição para o vasto e grandioso edificio da Historia da Litteratura Nacional — que outros obreiros, com melhores e mais solidos materiaes hão de construir algum dia — convencido de que si á mingua de luzes não servi á sciencia como desejava, servi com sinceridade á causa da verdade, cujo descobrimento é, em definitiva, o objectivo daquella.

O estudo dos monumentos litterarios, circumscripto á zona do Espirito Santo, leva-me á conclusão de que a historia do pensamento atravessou duas phases precipuas: a primeira, caracterisada pelo apparecimento dos poemas que vêm attestar o proposito de corporificar as idéas classicas, aproveitando-as na reproducção dos painéis da natureza physica, acompanhada de outras manifestações que exprimem os affectos e sentimentos ora intimos, ora geraes do commum do povo, suas aspirações, crenças religiosas, mythos e superstições; a segunda, em que as idéas parecem ter encontrado o surto natural que lhes permitte adejar em todos ou quasi todos os quadrantes do pensamento, é caracterisada por uma tal ou qual autonomia no modo de exprimir impressões e formular conceitos.

Supponho poder resumir os dois *momentos* litterarios, designando o primeiro por—*periodo de aggregação* e o segundo por—*periodo de expansão consciente.*

Áquelle assignei o decurso de tempo que vae de 1770 a 1870 e a este o que medeia de 1871 aos dias de hoje.

Acredito ter assim resolvido a questão grave do methodo divisorio e evitado o escôlho da divisão pelo predominio das escólas, como é de vulgar pratica, cumprindo-me confessar que adoptei de bom grado o plano esboçado e seguido pelo egregio auctor da—*Historia da Litteratura Brasileira.*

Ainda como SYLVIO ROMÉRO, inclui entre os nomes de quantos contribuiram para a formação e desenvolvimento litterarios, os de muitos que não tiveram a região por berço de nascimento, mas nella formaram interesses por tempo mais ou menos longo.

A consideração a que attendi parece-me justificada por todos os motivos.

No caso sujeito, os estimulos trazidos por outros brasileiros ao desenvolvimento local, influiram no curso das idéas.

Foram espiritos que alentaram a cultura por dilatados annos e comquanto no territorio não tivessem o berço, todavia ahi constituiram familia, ahi tiveram amigos, ahi assistiram ao exito ou ao descalabro de suas aspirações, á effectividade dos seos anhelos e desillusões; consequentemente, ahi actuaram de qualquer modo.

Justo é, portanto, que os reivindique ao berço do nascimento—aliás arbitrario e occasional—o berço da affeição ou da adaptação, elegivel, deliberado e adoptado por uma serie de actos inequivocos.

Não seria obra meritoria, preterir por um requinte de nativismo irritante, quem quer que do paiz ou do extrangeiro, viesse com a sua cooperação proficua fecundar

quaes tenha de ser ajuisada, são em numero tão limitado e estes mesmos tão pouco significativos!

Emprehendi, entretanto, a tarefa de sondar uma e outra, penetrando pelos documentos que existem o intuito e a direcção das primeiras manifestações intellectuaes em minha terra, tendo o cuidado de cotejar as tradições com as versões escriptas e na falta d'estas com outros adminiculos, de forma a comprovar a authenticidade daquellas pela exactidão destas.

Dominado por esse pensamento escrevi este trabalho, fragil contribuição para o vasto e grandioso edificio da Historia da Litteratura Nacional — que outros obreiros, com melhores e mais solidos materiaes hão de construir algum dia — convencido de que si á mingua de luzes não servi á sciencia como desejava, servi com sinceridade á causa da verdade, cujo descobrimento é, em definitiva, o objectivo daquella.

O estudo dos monumentos litterarios, circumscripto á zona do Espirito Santo, leva-me á conclusão de que a historia do pensamento atravessou duas phases precipuas: a primeira, caracterisada pelo apparecimento dos poemas que vêm attestar o proposito de corporificar as idéas classicas, aproveitando-as na reproducção dos painéis da natureza physica, acompanhada de outras manifestações que exprimem os affectos e sentimentos ora intimos, ora geraes do commum do povo, suas aspirações, crenças religiosas, mythos e superstições; a segunda, em que as idéas parecem ter encontrado o surto natural que lhes permitte adejar em todos ou quasi todos os quadrantes do pensamento, é caracterisada por uma tal ou qual autonomia no modo de exprimir impressões e formular conceitos.

Supponho poder resumir os dois *momentos* litterarios, designando o primeiro por—*periodo de aggregação* e o segundo por—*periodo de expansão consciente.*

Áquelle assignei o decurso de tempo que vae de 1770 a 1870 e a este o que medeia de 1871 aos dias de hoje.

Acredito ter assim resolvido a questão grave do methodo divisorio e evitado o escôlho da divisão pelo predominio das escólas, como é de vulgar pratica, cumprindo-me confessar que adoptei de bom grado o plano esboçado e seguido pelo egregio auctor da—*Historia da Litteratura Brasileira.*

Ainda como Sylvio Roméro, inclui entre os nomes de quantos contribuiram para a formação e desenvolvimento litterarios, os de muitos que não tiveram a região por berço de nascimento, mas nella formaram interesses por tempo mais ou menos longo.

A consideração a que attendi parece-me justificada por todos os motivos.

No caso sujeito, os estimulos trazidos por outros brasileiros ao desenvolvimento local, influiram no curso das idéas.

Foram espiritos que alentaram a cultura por dilatados annos e comquanto no territorio não tivessem o berço, todavia ahi constituiram familia, ahi tiveram amigos, ahi assistiram ao exito ou ao descalabro de suas aspirações, á effectividade dos seos anhelos e desillusões; consequentemente, ahi actuaram de qualquer modo.

Justo é, portanto, que os reivindique ao berço do nascimento—aliás arbitrario e occasional—o berço da affeição ou da adaptação, elegivel, deliberado e adoptado por uma serie de actos inequivocos.

Não seria obra meritoria, preterir por um requinte de nativismo irritante, quem quer que do paiz ou do extrangeiro, viesse com a sua cooperação proficua fecundar

a seára intellectual de uma das menores circumscripções territoriaes da patria.

Sem fazer praça de cosmopolitismo, parece-me ser esse um sentimento que deporia contra todos nós, si carecessemos de o demonstrar por palavras...

Rio, 1907.

Affonso Claudio.

PRIMEIRA PARTE

(Periodo de eclosão das tendencias litterarias, 1770-1870)

Os primeiros poetas e narradores

CAPITULO I

Corrente das idéas na formação litteraria local. Influencia da escola bahiana no classicismo poetico. Mysticismo religioso e lyrismo nativista. Subjectivismo poetico. Immixtão da poesia popular na poesia religiosa.

Na distancia em que se achava a cultura das lettras na Capitania, não era possivel que por impulso proprio preponderassem os naturaes em manifestações do espirito, ainda mesmo depois de operado o movimento scientifico e artistico de que foi portador o XVIII seculo.

E a razão é simples: a metropole monopolisava o ensino, concentrando-o em Coimbra. Viajar para recebel-o, não era dado sinão áquelles brasileiros que dispuzessem de relativa fortuna e bem limitado seria o numero dos que pudessem fazer esse sacrificio.

A sorte da maioria era resignar-se a viver com os

elementos da colonia, representados nas capitanias reaes pelos factores que teriam de concorrer após um seculo, para a trama da nacionalidade.

Dos nucleos do Brasil que mais cedo tiveram representação nas lettras, pode-se dizer que apenas tres si avantajaram: Recife, Bahia e Rio de Janeiro; nos restantes trechos do paiz, si uma ou outra aptidão teve destaque, não foi certamente no berço de origem que o alcançou, mas fóra delle.

A Capitania do Espirito Santo fez-se conhecer, conforme assertam chronistas indigenas e alienigenas—desde o XVII seculo, pelo estro de um dos seos bardos.

Entretanto, admittindo na melhor hypothese que o espirito-santense GONÇALO SOARES DA FRANÇA, possuisse merito equivalente á fama que lhe attribuem aquelles que não leram, nem noticia tiveram dos seos escriptos, ainda assim poder-se-ia affirmar que não foi em sua terra que o cantor aprendeo os segredos das musas e a consignação que de seo nome fazem os escriptores portuguezes sómente, indica que melhor elles o conheceram, do que nós outros seos patricios.

Dado, porem, que sobresahisse na Capitania e que nella residisse effectiva ou temporariamente, forçoso é concluir que não concorreo para a propagação das lettras em sua patria, porquanto, esse movimento inicial só no seculo immediato veio a ter logar, por deslocação operada de um centro de actividade e de cultura mais consideravel, para outro infinitamente inferior, sem a minima intervenção do elemento nativista.

Antes da chegada do vate bahiano, padre Domingos de Caldas, á Victoria, ninguem havia iniciado o cultivo das lettras; depois da divulgação, por copia, de seos poemas, meio seculo mais tarde, começaram de apparecer composições em verso, genuinamente *capichabas*.

Espirito affeito ao culto da antiguidade, não sur-

prehende que ao rigôr classico fossem talhados os seos versos; padre, é natural que continuando as tradições de sua egreja e de sua terra, pedisse inspirações á fé e aos milagres, aos mysterios e ás superstições, para, a seo modo corrigir quanto possivel as exuberancias pagãs da terra que o hospedára, ungindo-as em seus escriptos com o mysticismo de sua religião.

E' sob esse aspecto todo especial e caracteristico, que deve ser estudada a poesia do XVIII seculo, na Capitania.

No seculo immediato, com o apparecimento do primeiro poeta capichaba, padre MARCELLINO PINTO RIBEIRO DUARTE, accentúa-se na poesia o lyrismo nativista

Já não é na fé, mas no seio da natureza, na variedade dos seos tons e matizes, nas affeições altruisticas do coração humano, que o plectro desse outro poeta, tambem padre, desfere canções.

As impressões da vida exterior vibram em sua lyra accordes mais pessoaes; o sentimento tende a identifical-o com o berço, com o marulho das paixões, com a successão intermina de enlevos sorridentes e desenganos amarissimos que constitúe a vida.

Filho da Capitania, é explicavel que o seo verso tenha uma nota toda especial com referencia ás coisas do torrão natal.

A MARCELLINO DUARTE, succede o padre JOÃO CLIMACO e a este, FRAGA LOUREIRO. Classicos ambos, assignalam na poesia tendencias oppostas.

João Climaco, homem mais da sociedade que do povo, mais polido que expontaneo, estadiou nas impressões personalissimas.

A vida das multidões não o interessa; o choque das paixões não o sensibilisa.

Seo estro só vibra no monocórdio do subjectivismo. Fraga Loureiro, ao contrario, é o poeta das turbas; sua

lyra não selecciona entre o sacro e o profano; tange na direcção de onde mais forte sópra o sentimento que a impressiona.

Homem do povo, habituado a interpretar-lhe as expansões, o seo ideal é humanisar o culto da religião de que era levita; vem dahi a transformação por que passaram na provincia certas solemnidades, que pouco a pouco perderam o caracter da primitiva religiosidade, até chegarem ao que são hoje — cerimonias quasi profanas ou por outra — exclusivamente populares.

Entre Marcellino Duarte e João Climaco, surge um outro classicista cuja actividade desenvolveo-se em um plano muitissimo inferior a todos os outros: — é José Gonçalves Fraga (pae).

Contemporaneo de Fraga Loureiro, está longe de revelar como poeta ou prosador, qualquer qualidade assignalavel.

Com Gonçalves Fraga, o classicismo em vez de saturar-se na opulencia das creações greco-romanas, no amago da civilisação dos dois grandes povos da edade antiga, descamba para as imitações servis, para as intrujices palacianas e para as folias de casamentos e baptisados.

Quisera poder omittir do quadro fecundo do cyclo classico de minha terra, um nome que emerge acompanhado de tão triste recommendação; força é, porem, consignal-o em obediencia ao escopo a que me propuz, embora vencendo repugnancias faceis de explicar.

Taes foram as principaes modalidades do classicismo poetico.

A primeira composição poetica sobre assumpto local, foi escripta em 1770, pelo vate bahiano, padre Domingos de Caldas. E' o poema, que por elle proprio teve o ba-

ptismo de — *Poema Marianno* — narrativa em verso rimado, dos milagres da Senhora da Penha, que se venéra no cenóbio a que me referi em outro logar deste livro. Esse poema sacro, foi corrigido e publicado, pela vez primeira, em 1854, pelo notavel latinista e pregador espirito-santense, padre Ignacio Felix de Alvarenga Salles, devidamente auctorisado pelo bispo Conde de Irajá, segundo affirma o chronista GOMES NETO, em seo trabalho — *As Maravilhas da Penha*, 184. [1]

---

[1] PEREIRA DE VASCONCELLOS, no *Jardim Poetico*, 172-173, declara possuir uma copia do alludido poema, retocado e emendado por José Gonçalves Fraga, que o escoimou de grosseiros erros e pela qual podem ser verificadas as differenças da obra emendada por Gonçalves Fraga, em cotejo com a que foi estampada por Alvarenga Salles.

O citado chronista attribúe somente ao padre Salles, a iniciativa na publicação.

Não sei si effectivamente o trabalho de Domingos de Caldas, recebeo polimento de qualquer das *duas doutas limas*, como em caso identico se exprimio Bocage; inclino-me á opinião de Gomes Neto, porquanto, a declaração feita por Alvarenga Salles ao bispo, no officio em que solicitava a revisão do escripto do padre bahiano, exclúe qualquer duvida. Elle adverte ter feito as correcções que pôde e que apezar disso, ainda o escripto teria «outros muitos defeitos que só um litterato completo como V. Exc.ª (o bispo) poderá emendar».

Ora, parece que si alguem deveria ser consultado para dizer do merito do trabalho de um padre, sobre assumpto de *milagres*, certo a escolha recahiria sobre outro sacerdote de preferencia a profano.

Caldas, pelo tempo em que viveo na Bahia e pela fama de seos versos sacros, com excepção de pequenos detalhes da narração, comprehensivos da historia local, que não podia conhecer, tinha aptidão sufficiente para compôr o poema, sem commetter os erros grosseiros que *post-mortem* lhe arguiram e sem a limagem auxiliar dos que não sabem fazer obra sinão pelo molde alheio.

Dado, entretanto, que Gonçalves Fraga fosse o retocador, tendo vivido ainda um anno na Capital, após a impressão do poema reali-

Não tive dados seguros que me permittissem verificar, si o auctor do *Poema Marianno* habitou por algum tempo o Espirito Santo, tão pouco a data em que dahi sahio, com as impressões que transportou em versos; no seculo em que viveo, a Bahia possuia as sociedades dos *Esquecidos* e dos *Renascidos*, de onde sahiram nomes illustres.

Já então as coisas patrias despertavam interesse affectuoso e sincero a homens como frei Itaparica, Rocha Pitta e Antonio José, poetas e narradores dos mais estimados.

Não se deve, portanto, deixar de lêr com sympathia o poema narrativo de Domingos de Caldas e tratal-o com mais benevolencia do que severidade.

Uma circumstancia, alem de diversas outras, detêm a critica no julgamento do pregador e poeta bahiano: Caldas viveo na obscuridade. Não conheço nem-um livro de chronista patrio que o contemple entre os poetas do tempo; de seos escriptos, pelo menos o *Poema Marianno*, permaneceo em cadernos mal copiados de 1770 a 1854, isto é, por oitenta e quatro annos, sem ter a publicidade da imprensa.

Contivesse ou não defeitos, o que é verdade é que não logra estima por tempo tão consideravel, producção que não se recommende por algum titulo.

A de Caldas teve-os e não é muito que inicialmente o confesse, já por que a inveja o destacasse para plano inferior sem razão conhecida, já por que si não fosse a

---

sado por ordem do bispo, por que não exigio do padre Salles, seu patricio, uma declaração pela imprensa, pondo a descoberto o concurso que déra á perfeição da obra do padre bahiano?

Eu não sei como poderia Vasconcellos sahir-se da difficuldade, si antes de mim alguem lh'a propusera.

sua cooperação, muito mais demorado seria o alvorecer litterario na terra espirito-santense, a despeito de certas velleidades nativistas que pretendem insinuar o contrario (1).

---

(1) P. de Vasconcellos e B. Domon, em suas obras por vezes citadas neste livro, o primeiro á pagina 5 e o segundo á pagina 112, mencionam como precursor do movimento litterario local, o poeta Gonçalo Soares da França, nascido na Capitania do Espirito Santo, em 1632.

Refere B. Domon, que o moço poeta recebera ordens sacras e vivera por alguns annos na Bahia, onde compôz um poema sob o titulo—*Brazilica* ou o Descobrimento do Brasil; que alem de ter escripto muitas poesias, fez na *Academia dos Esquecidos*, uma dissertação sobre a historia ecclesiastica do Brasil; a qual mais tarde foi offertada como objecto primoroso a D. Pedro II e por sua magestade galantemente cedida ao Instituto Historico.

Das indagações a que procedi no Instituto e das informações que obsequiosamente deo-me o seo distinctissimo bibliothecario, Sr. Dr. Vieira Fazenda, reconheci que nada consta á respeito de Soares da França, aliás mencionado por Simões da Fonseca em seo *Dicc. Encyclopedico* e por Francisco de Almeida, *Dicc. Universal*, I, 879, com a seguinte explicação: «poeta brasileiro, natural do Espirito Santo; seculo XVII.» Das mesmas palavras usa Fonseca, cit. *Dicc.*, 595.

Não se póde, pois, duvidar da existencia do bardo *capichaba*, mas dahi para se lhe adjudicar a fama que lhe conferiram os dois chronistas, quando ninguem até agora pôde ler um unico verso de sua lavra, é levar a conclusão muito alem das premissas, sinão bufarinhar a pretexto de historiar coisas serias.

Indubitavel a existencia de Soares da França, não ficava por isso comprovado, que elle houvesse iniciado ou movimentado em qualquer epoca, o desenvolvimento espiritual dos seos patricios—e é esse o aspecto sob o qual tudo nos mereceria—pois não raro foram os brasileiros que relevantes serviços prestaram á Portugal onde fixaram residencia e vice-versa.

Antonio José da Silva, o judêo, brasileiro de origem, em Lisbôa educou-se e ahi escreveo as suas melhores farças, até ser victimado pela Inquisição. Gregorio de Mattos, o satyrico bahiano

Por taes motivos é que o padre Domingos de Caldas, não sendo natural da Capitania, figura neste estudo entre os que algo fizeram pela causa das lettras nacionaes.

O poema contêm cento e vinte e seis cantos ou estrophes e todo elle é feito em oitavas rimadas.

A par da preoccupação que domina o auctor — a celebração mystica das prodigiosas virtudes da Senhora da Penha — ha nos seos versos, ora descripções pinturescas apreciaveis pela correcção, ora trechos agradaveis pelas emoções que reproduzem, ora certo humanismo bemfazêjo que contrasta com a affectação tão usual na poetica do tempo.

---

de tão justa nomeada, tambem em Lisbôa residio por muitos annos; o patriarcha da independencia, José Bonifacio, teve por longo tempo residencia em Portugal. Mas isso não impedio que todos os mencionados compatriotas, influissem de algum modo na cultura do seo tempo.

Antonio Vieira, Xavier de Novaes, Gonçalves Crespo, para abreviar o argumento, portuguezes de nascimento, no Brasil viveram e á nova patria consagraram o melhor dos seos esforços.

O mesmo poderiamos dizer de um Lund, de um Tautphæus, de um Couty e dezenas de outros.

Na obra de S. Roméro, em começo notada, ha a inserção do nome de *Gonçalo da França,* entre os poetas da academia dos *Esquecidos,* da Bahia; preciso, no emtanto, é que saibamos, que para o amestrado critico, a inclusão alludida não é nem-um titulo de recommendação.

« Eis ahi — são as suas textuaes expressões -- mais um catalogo de nomes, que deviam estar de todo esquecidos, nomes que é preciso lembrar para que não se creia que se lhes ignora a existencia. Os escriptos desta gente quasi todos se perderam e os que de alguns chegaram até nós, são tão insignificantes, tão chôxos, tão imprestaveis, que só o gosto de encher papel poderá justificar qualquer despeza de considerações a seo respeito »; (*Hist. da Litt. Bras.*, I, 158).

Sem duvida que na maior parte dos cantos, o vate afasta-se do seo capital designio, para pintar a natureza que o deslumbra com paisagens surprehendentes. Será uma falha do seo talento ou uma recommendação da sua maneira de colorir?

O leitor melhor poderá dizel-o sem constrangimento, depois que ler o poema.

A sua primeira feição póde ser apreciada por alguns dos specimens a seguir.

Vejamos as descripções das villas do Espirito e Victoria:

«Á costa occidental americana,
Que do antarctico pólo é mais visinha
E o nome Brasil sustenta ufana,
Não o de Santa Cruz que d'antes tinha,
Entre o tupy infiel, gente inhumana;
Estão sessenta gráos ao sul da linha,
Duas villas chamadas com vangloria
Uma Espirito Santo, outra—Victoria.

Extende o mar um braço pela terra
Que porto faz á tal Capitania;
E com grossas veias nelle encerra,
Grandes ilhas de tôsca pedraria;
Desce o rio Jucú de rica serra
E outro com o santo nome de Mariá,
Que eivado dos mais insanos ritos
Vem ao mar expurgar-se dos delictos.

Uma legoa comprida está distante,
A villa da Victoria celebrada,
Da outra que se vê menos possante
Ficar junto da barra edificada;
Duas penhas de altura exorbitante
Uma coberta e outra descalvada,
A entrada defendendo, atemorisam
Quantas quilhas no mar altivas pisam.»

Rememorando a trasladação da imagem da Penha, da villa onde é ainda hoje venerada, para a da Victoria, por occasião das calamidades das seccas, Caldas exprime-se assim:

«Chega a Senhora á terra e recebida
Em rico pallio de ouro marchetado
Da turba acompanhada é conduzida,
Á Santa Casa de Francisco amado;
Inda não bem ao templo é recolhida,
Já todo o céo de nuvens carregado,
Encobrindo do sol a formosura,
Transforma o claro dia em noite escura.

Apenas entra a Virgem quand'os ares
As nuvens vomitando sobre a terra,
Parece com diluvio que nos mares,
Quer a agua vingar do fogo a guerra;
Os verdes papagaios aos milhares,
Os animaes trepadores pelas serras,
E os proprios reptis cheios de gloria,
Cantam hymnos a Deus pela victoria!

Os seccos algodões reverdescendo,
Os queimados legumes se inundando,
No campo a murcha relva renascendo,
No bosque as mortas arvores brotando;
Na fonte os animaes juntos bebendo,
No rio os brutos todos se banhando;
São mudos oradores desta Penha,
Padroeira que á Deos por nós se empenha.»

O flagello das seccas é pintado nesta synthese sobria:

«O fogo material de Phebo ardente,
Que da torrida zona incende a esphera,
Mais que da Lybia adusta e Arabia quente,
Neste paiz seos raios reverbéra.

O excessivo calor abraza a gente;
Accende o campo, o gado desespéra,
E parece que quer este elemento,
Fazer no alheio espaço o proprio assento.

Desce do monte ao mar o feroz bruto,
Que antes morrer na praia determina
Á Berecynthia mãe. Esconde o fructo,
Falta o pão, morre a flôr, secca a campina,
Tudo é dôr, confusão, miseria e lucto.
Vendo tão perto a ultima ruina,
Todos são Promethêos no sentimento,
Pois de Tantalo têm egual tormento.» [1]

A feição lyrica do estro do poeta, tráe-se logo no primeiro canto:

«Eu sou aquelle que cantando amores,
Muitas vezes ao som de brandas cannas,
Lisonjeei a vida dos pastores,
Exaltei a belleza das serranas;

---

[1] Ao contrario do que se tem asseverado, o phenomeno das seccas no Espirito Santo, ha tido reproducções.

Alem da de 1769 a que allude o auctor d'*As Maravilhas da Penha*, 123, outras appareceram no findo e no presente seculos.

Parece, pois, que a destruição das mattas e a densidade de população, aggravam, mas não são a causa productòra do mal. Não ha negar que em 1700, muito menos densa devera ser a populaçao e muito pouco extenso o aproveitamento das mattas; entretanto, a secca d'esse periodo foi maior que a dos subsequentes annos de 1800 e 1900, notando-se que as mais consideraveis contribuições immigrantistas européas e nacionaes que recebemos, datam de 40 annos atrás sómente.

Quero acreditar que no caso contribuem outros elementos para o resultado das seccas, que não são de desprezar, taes como: a estructura geologica da região, o contraste entre a extensão enorme do seo littoral e a estreiteza do seo sertão, do que resulta maior absorpção de chlorureto em detrimento da vida dos seres organicos; a predominancia de certos ventos que interceptam as monções bemfazejas; em summa, toda uma serie de circumstancias que nos fazem o clima semelhante ao da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Phenomenos complexos não podem ser explicados por factos isolados; tal me parece ser a situação do que ligeiramente abordo sem pretenções de o haver elucidado.

Porem, hoje depondo os seos louvores,
Já não quero cantar glorias mundanas,
Que são sombras de luz, do ar assento,
Formosuras de flôr, torres de vento.»

Não devo alongar as transcripções.

O auctor do—*Poema Marianno*—teve suas notas pessoaes, suas bellezas de forma e tambem não poucos defeitos.

O *Poema*, foi como já disse impresso no Espirito Santo, pela primeira vez em 1854, imperfeito ou mutilado como as copias permittiram; teve segunda e melhor edição na Imprensa Nacional, (Rio) em 1888, apparecendo incorporado no livro de Gomes Neto, em outro logar apontado.

São ignoradas as datas do nascimento e passamento do padre Domingos de Caldas.

Entretanto, por mais obscura que seja a sua individualidade litteraria, mister é que se lhe faça esta justiça posthuma: ter sido no Espirito Santo, o iniciador do classicismo na poesia e haver despertado com o seo esforço tendencias, que, sem esse estimulo, ficariam estioladas. (1)

---

(1) A naturalidade do padre Domingos de Caldas, attribuida por Alvarenga Salles á Bahia, reputo duvidosa ante informações ministradas pelo valoroso auctor da *Hist. da Litt. Brasileira,* muito mais explicitas e cathegoricas.

Domingos de Caldas, parece que é o mesmo padre Domingos Caldas Barboza, nascido no Rio de Janeiro em 1740, discipulo dos jesuitas, que, por suas qualidades de repentista e por motejos aos portuguezes, foi desterrado para a Colonia do Sacramento, onde

O depoimento de Blake nada adeanta; transcrevendo-o, apenas desejo salientar que o poeta, a partir de sua permanencia em Portugal, esqueceo por completo as impressões que levára do seo paiz de origem e é fóra de duvida que, distanciado delle como se achou, não podia compôr o *Poema Marianno* com as particula-

---

permaneceo até 1762, como soldado recrutado. Era filho de pae portuguez e de mãe africana. Mais tarde retirou-se por qualquer motivo para Portugal; ahi fez novos estudos e recebeo ordens sacras, salientando-se desde então nos prelios poeticos da epoca, principalmente nos travados no seio da Arcadia, de que veio a fazer parte, com o baptismo de *Lereno*. Em Lisbôa foi capellão da Casa de Supplicação.

Contemporaneo de Filinto Elysio e Bocage, por varias vezes satyrisou-os fortemente.

Bocage entre muitos outros, tem um verso que lembra o odio que votava ao poeta brasileiro:

E' assim a quadrinha:

« Dizem que o Caldas Barboza
Em Bocage aferra o dente.
Ora é forte admiração
Ver um cão mordendo a gente. »

Caldas Barboza, diz S. Roméro, era um talento aberto ás boas impressões, uma alma simples, pouco apta ás villezas da sociedade em que viveo. Morreo a 9 de novembro de 1800; seos versos foram publicados sob o titulo — *Viola de Lereno, collecção das suas cantigas offerecidas aos seos amigos*, edição de Lisbôa, 1825; cit. *Hist. da Litt.*, 261-263, I.

Como quer que seja, não encontro sobre a individualidade do auctor do *Poema Marianno*, indicações mais amplas, em nem-um dos escriptores e chronistas do seculo XVIII que compulsei. A identidade que ora se discute apenas tem contra si um argumento que não é de facil resposta: si Caldas Barboza seguiu para a Europa depois de 1762, como podia compôr o *Poema* que é de 1770, epoca de sua residencia em Lisbôa?

ridades descriptivas que se lhe notam, uma vez que de Lisbôa não tornou mais á sua Patria. Assim, pois, si para ali seguira em 1762, permanecendo no reino luzitano até 1800, como poderia ter composto o famoso poema que indica a sua presença na Capitania de Coutinho em 1770?

A paginas 198 e seguintes, 2.º vol. do seo *Diccionario Bibliographico*, informa SACRAMENTO BLAKE:

Domingos Caldas Barboza, padre, poeta satyrico e repentista. (mulato). Filho de um portuguez e de uma africana, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, segundo informações de parentes seos e do conego Januario da Cunha Barboza ou a bordo de um navio em viagem para o Rio de Janeiro, onde foi solemnemente baptisado em 1738, segundo o visconde de Porto Seguro e outros; ou na Bahia, como diz o auctor dos «Varões Illustres» e o padre Ignacio Felix de Alvarenga Salles, por «lh'o affirmarem pessôas de grande credito», e falleceo em Lisbôa a 9 de novembro de 1800.

Gosou da graça e protecção do Conde de Pombeiro e do marquez de Bellas, desde que fixou residencia em Lisbôa; mas incorreo nas iras de Bocage e de José Agostinho de Macedo.

É este o catalogo de seus escriptos:

Poema Mariano, Capitania do Espirito Santo, Brasil, 1770.

Collecção de Poesias, em homenagem a D. José I, Lisbôa, 1775.

A Doença, poema, 1777.

Epitalamio, nas nupcias do Conde de Calhêta, 1777.

Lebreida, poema comico, em recordação ás diversões de D. José I, á caça das lebres, 1778.

Bôas Festas, saudações a diversos amigos, sem data.

Os viajantes ditosos, drama lyrico, 1790.

Recapitulação das Santas Escripturas, 1792.

Almanak das Musas, 1793.

A Saloia namorada, farça, 1793.

A Vingança da Cigana, comedia em 1 acto, 1794.

A Escola dos Ciosos, idem, idem, 1795.

A viola de Lereno, versos e cantigas, 1798.

Descripção das Quintas do Marquez de Bellas, 1799.

Tratado de educação de meninas, (inedito).

Henrique IV, poema traduzido do francez, 1789.

Padre Marcellino Pinto Ribeiro Duarte (1788-1860)

O primeiro e mais notavel dos poetas espirito-santenses, no decurso da primeira metade do XIX seculo, foi o padre Marcellino Duarte.

Nasceo na villa da Serra, da então Capitania do Espirito Santo, em 18 de junho de 1788.

Filho natural do padre Manoel Pinto Ribeiro, professor de philosophia na Victoria, a cujo cargo esteve a regencia da cadeira de 14 de junho de 1775 a 20 de abril de 1827, epocha em que a renunciou, como o pae foi Marcellino Duarte docente da mesma e de outras disciplinas, anterior e posteriormente á renuncia do cathedratico.

É provavel que seos primeiros versos tivessem sido escriptos em 1805, quando estudante no Rio de Janeiro.

Esses versos, colleccionados em 1856 e no mesmo anno publicados pelo auctor do *Jardim Poetico*, têm vi-

vido até hoje como anonymos; para, porem, se lhes reconhecer a verdadeira procedencia, bastará a leitura do poemêto sob a rubrica—*Derrota de uma viagem ao Rio de Janeiro*—composição do vate, escripta em 1817.

Natureza impressionavel e apaixonada, dotado de uma sensibilidade extraordinaria, irrequieto até ao arrebatamento, ao ter de sujeitar-se á vontade do pae que o destinára á vida ecclesiastica, não foi sem grande reluctancia que o moço serrano cedeo.

Bem comprehendia elle que violentava seos proprios sentimentos encaminhando-se naquella direcção e por vezes quiz voltar atrás; ante a inflexibilidade de quem lhe guiava os passos submetteo-se, mas a reacção operada em seo intimo foi terrivel: as sacras ordens não o impediram de ser poeta, de amar a carne nos contornos da belleza e da graça feminis e elle amou-as com tanto maior enlevo, quanto mais rigorosa foi a clausura a que lhe submetteram o temperamento impetuoso.

A psychologia de Marcellino Duarte não é facil de traçar; suas producções apanhadas sem criterio, são fragmentarias e foram publicadas sem a indispensavel selecção artistica que incumbe ao homem de imprensa e até mesmo sem outras notas elucidativas, que não fossem do proprio punho do poeta.

Ha lacunas na comprehensão das qualidades do temperamento do cantor, que só podem ser suppridas por um extenuante trabalho de recomposição de factos, datas e logares, sem mencionar as deturpações de pensamentos e de expressões, praticadas na impressão material dos versos.

Mas, do mesmo modo que a paleontologia pelo estudo dos fosseis póde recompôr a estructura anatomica dos vertebrados prehistoricos extinctos e marcar-lhes a epocha do apparecimento á superficie da terra, tambem póde a critica historica restaurar pelo arcabouço das pa-

lavras, os sentimentos e pensamentos de que são ellas vehiculo, por menos expressivos que sejam os signos que exteriorisem.

Pareceo-me util o processo e eu o pratiquei sem se me dar da falta de apparelhamento para tamanha empreza.

Os primeiros tratos de Marcellino Duarte com a lyra, foram dados em plena juventude, quando o estudante a sós, recolhido em si mesmo, recordava-se dos affectos que deixára no berço—seos primeiros amôres.

Quadras singelas, encerram um lyrismo suave, que, sinão provoca admiração, excita sympathia. Ha nellas certa naturalidade que agrada; as notas desferidas, como as petalas de uma flôr são ou parecem ser todas eguaes.

AOS MEUS PRIMEIROS AMORES

«Quanto amôr coube em meo peito
Todo era de Francina;
A mais formosa e gentil
A mais florida menina.

Pretendi a posse della
Com intenso, extremo amôr;
Não eram bens qu'eu buscava
Era de su'alma o frescôr.

Porém, um pae impiedoso...
Oh! não, a tyranna sorte,
Revesou castos projectos,
A dois corações deo a morte.

A um, tormentos sem fim
Toda a sorte de amargura;
A outro, peior sentença:
—Viver carpindo a desventura.

Na distancia de cem leguas
Á noite, na solidão...
Os olhos soem chorar
O chôro corta a expressão...

Só a Deos sublime e justo
É dado amôr decifrar;
Segredos do coração
Quem é que póde contar?»

....

De volta ao berço, após a conclusão do seo tirocinio clerical, o moço trovador foi de novo empolgado pela reviviscencia dos amores juvenis.

Ahi continúa a recordar-se de *Francina*, de *Analia*, de *Marilia;* por ellas soffre desterros, vilipendios e malquerenças; por ellas entra em luctas e não mais pôde refrear o tumulto dos proprios desejos.

Por outro lado, passando o governo da Capitania ás mãos de Francisco Alberto Rubim, Marcellino Duarte excitou as coleras do Governador cujos actos arbitrarios e despoticos contrastavam com a sua idéa do que devia ser um representante d'el-rei, e em breve, entrou a censurar-lhe os excessos de poder.

Rubim pertinaz em seos propositos não perdeo a occasião de refrear a rebeldia do subdito estouvado e o padre sentio-se por tal forma ameaçado na vida, que em 1817 embarcou em um veleiro para o Rio, afim de pessoalmente representar ao soberano contra o regulo da Capitania.

Os episodios do embarque, das saudades das bellas, das desavenças com o Governador, e da viagem até a chegada ao porto do destino, são o assumpto do poemêto que transcrevo do livro de Pereira de Vasconcellos, com as alterações que julguei indispensaveis, para melhor conhecimento das qualidades do vate espirito-santense, reproduzindo, entretanto, suas notas pessoaes, porque formam-lhe a auto-psychologia.

A reproducção do poemêto do padre Marcellino, faz-se necessaria, quer para documentação da verdade historica a traços rapidos exposta, dos seos actos e feitos, quer para attestação de sua cultura, de sua emotividade poetica, de sua individualidade artistica.

Eis o poemêto:

Derrota de uma viagem ao Rio de Janeiro em 1817

CANTO I

« De outubro vinte e sete era contado
O dia, para mim saudoso e triste!
De nove alumnos meos acompanhado
E mais um que da viagem inda me assiste;
Levando o coração de dôr cortado,
Que á magua e á saudade mal resiste,
Deixei no amavel lar grata janella,
D'onde alegre avistei *Francina* bella.

CANTO II

Ao cáes me dirigi bem conhecido,
Que o nome lhe dão de muito santo, (1)
E ahi me vi de novo acommettido,
D'um desmaio cruel, mortal quebranto;

(1) Antigo cáes, chamado na Victoria — Cáes do Santissimo, posteriormente Cáes Municipal e hoje, Parque de diversões.

E supposto que á magua succumbido,
Posso a custo suster bagas de pranto,
Para mais occultar o meo tormento,
No semblante mostrei contentamento.

CANTO III

Por essas horas já descia alado,
O aligero — *Jardim* — que assim se chama
O barco no qual serei levado
Á Côrte do Brasil que o rei acclama.
Já rubicundo Phebo era montado
No coche de crystal que o mundo inflamma,
Quando eu salto veloz n'alta canôa,
E a turba predita á mesma vôa. [1]

CANTO IV

D'africana progenie assás ligeiro,
O remador se esforça desejoso
De se ver qual pratica o vil sendeiro,
Isento de afan tão trabalhoso;
Não sente o negro audaz, bruto e grosseiro,
Os effeitos do amôr mais extremoso
Pois, p'ra mais augmentar minh'afflicção,
Forceja, empurra, grita, mas em vão.

CANTO V

Porque o lenho parece que sentindo
Quão dura me era esta partida,
Á triplicada força resistindo,
Immovel se offerece á bruta lida;
Mas o teimoso arráes não desistindo,
Com alma pertinaz e enfurecida,
Com raivoso semblante n'agua cáe
E a canôa do lôdo em breve sáe.

---

[1] Os estudantes que me acompanharam até a barra.

CANTO VI

Adeus Victoria! digo então commigo,
Sultana que sobr'o mar o cóllo inclina!
Parto saudoso e ahi fica comtigo,
Minh'alma no peito de *Francina!* (1)
Sabes bem que o céo maior castigo
Nem tormento maior, magua mais fina,
Podia-me causar sinão privando
De por pouco sentir teo gesto brando.

CANTO VII

E quantas vezes, oh! quando não a via,
Onde alegre me faz meiga assistencia,
Présto a buscal-a, celere sahia,
Não podendo soffrer tão dura ausencia?
Disfarçado, os passos dirigia
P'ra onde a flôr exhala rara essencia,
Recolhendo-me emfim, em vão sorrindo,
Si chegava a rever seo porte lindo.

CANTO VIII

E como poderei por quatro mezes (2)
(Tanto devo existir em terra alheia)
Da saudade soffrer duros revezes,
Sem *Francina* avistar que assim m'enleia?
Pois não bastava já por duas vezes,
Ter deixado sentido a minh'aldeia,
Para agora querer a crueldade,
Impôr-me a puncção de atroz saudade?

---

(1) Uma das moças mais honestas, a quem por sympathia amei, sem d'ella merecer o menor favor, e que foi aleivosamente infamada por linguas peçonhentas.

(2) Não me demoraria mais de quatro mezes no Rio; imprevistos motivos obrigaram-me a demorar vinte e oito.

CANTO IX

Deste modo commigo me queixava,
Da dôr no transporte comatôso,
Eis que o lenho veloz s'emparelhava
Do Batalha chamado—ao cáes annoso.
Inda vejo o meo lar, d'onde espreitava
De *Francina* o gentil rôsto mimoso!
Não a vendo, porem, minh'alma afflicta
Em pranto assignala essa desdita.

CANTO X

Primeiramente avisto alta morada, (1)
Onde imbérbe passei annos sombrios,
Sem de amores sentir paixão alada,
Até que *Analia* notei de agrado e brios; (2)
Seo fascinante olhar, face engraçada,
Fizeram-me praticar mil desvarios,
Vindo emfim a soffrer sorte e destino,
Quaes Ovidio só teve em Ponto Euxino.

CANTO XI

N'ella os olhos fitei; bem perto d'ella,
Vive a causa qu'em mim gerou cuidados;
Tão ingrata, porém, quanto de bella,
Tem nos travessos olhos esgarçados;
Na mente a escaldar pareço vêl-a,
Faces de rosa, hombros arqueados,
E os seios virginaes d'onde Cupido
Ferio meo coração, já tão ferido!

---

(1) Casas sitas na entrada da praça nova, onde passei a minha mocidade.
(2) Joven, a quem amei muito no tempo de estudante e por cuja causa estive degredado perto de um anno em Itacibá.

CANTO XII

Qual o que raio vio, vi vacillante
Turvar-se o mar; desperto do tormento,
Eis sobranceiro a mim vejo um gigante
Que das ondas á flôr surge cruento
Parecendo qual outro enorme Atlante
Nos hombros suster o firmamento;
Era esse, porém, arduo rochedo
Que a linguagem vulgar chama — Penêdo. [1]

CANTO XIII

Corro os olhos d'ahi, toda contemplo
Da bella terra a face sinuosa;
No alto della está pomposo templo, [2]
Da Victoria, insignia gloriosa;
Alto torreão me lembra o exemplo [3]
Da antiga Hellade portentosa,
Pois que ao longe inda a imagem representa,
De Troya altiva ou Thebas opulenta. [4]

CANTO XIV

A leste vejo a velha fortaleza
Que o sacro nome tem de S. João;
Corre o lenho veloz e com dextreza
Á *Pedra d'Agua* vae, foge o *Romão;*
Ilhas das Cobras com egual presteza
E das *Pombas* tambem correndo vão;
Desapparece a *Ilha do Vigario,*
Por egual a da *Minhóca* ou *Boticario.*

---

[1] Monte granitico em fórma de pão de assucar, fronteiro á fortaleza de S. João, na Victoria.

[2] Matriz da Victoria, hoje Cathedral do bispado.

[3] Torre do palacio do Governo, residencia dos actuaes presidentes do Estado.

[4] Allusão á perspectiva da Capital do Estado, vista do mar ou do fundo da bahia que a defronta.

CANTO XV

A canôa que até então corria,
Com imperceptivel movimento,
No montanhoso mar que ora se abria,
Desce á terra, ora sóbe ao firmamento;
Por entre as grutas vãs roncar se ouvia
O mar que assás impelle *amphibio* vento. (1)
Alta vaga d'ali eis se me antolha,
Rola, bate d'aqui, me açoita e molha.

CANTO XVI

Gelado o sangue, o pallido semblante,
Inculca susto que suffóca o pejo;
Percebe o meo terror vivo estudante
E grita: — oh! lá do *Caranguejo!* (2)
Levanto os frouxos olhos, não distante,
Pernambucana quilha em frente vejo.
Me saúda de lá piloto activo
Correspondo ao cumprimento e sei que vivo!

CANTO XVII

Contra o irado mar seguro abrigo,
Implora sem cessar *Vieira* experto; (3)
Salta á lancha então prestante amigo
O bom piloto e quando estava perto, (4)
De salvar-nos ao horrido perigo
Que consternados já contámos certo,
Eis me apparece ao sul e se emparelha
A triste habitação que é Villa-Velha.

---

(1) Costumavam os marujos designar a viração por vento amphibio.

(2) Barco de Pernambuco ancorado no canal da barra.

(3) Era o estudante Antonio José Vieira, da Victoria, o descobridor da seda indigena em 1810, na então Capitania.

(4) O piloto do navio pernambucano.

CANTO XVIII

Na frente tem do mar sobr'alva areia
A residencia vil dos desherdados,
Recolhidos conserva na cadeia
De ratos dez milhões de encarcerados;
Ao sul fica a matriz escura e feia,
Palhoças muitas tem, poucos telhados.
Só tres coisas conserva em si perfeitas:
Venusina gentil, *Vigario* e *Freitas*. (1)

CANTO XIX

A léste se apresent'alta collina
De bem talhada e regular figura,
Alcantilada rocha dura e fina,
Accesso não dá a immensa altura;
Sobre esta conserva a Mãe Divina
Nobre templo de rica architectura, (2)
Com toda a perfeição e o só defeito,
De á franciscana prole estar sujeito.

CANTO XX

Ali compete a sabia natureza
Co'a indurtia, invenção, ardil e arte;
Si d'ouro e marmor aqui brilha a riqueza,
A mão d'obra se vê por toda parte;
Sacra imagem d'angelica belleza
C'os afflictos mortaes mil dons reparte.
Da villa mais remota ou torva brenha
Conhecido é o valor dest'aurea Penha.

---

(1) A primeira era uma joven cheia de encantos e magia; o segundo e terceiro, pessôas selectas do logar.

(2) O Cenóbio da Penha, a cavalleiro da barra da Victoria.

CANTO XXI

Que prodigios não conta a antiguidade!
Desta Mãe de graças dadivosa!
Ali confôrto encontra a orphandade
Cujo arrimo engolira a onda irosa.
Si o consorte suppôe na tempestade
Ahi chorando sóbe afflicta esposa;
Sóbe o nauta da véla carregado
Por ter escapo ao furor do léste irado.

CANTO XXII

O definhado enfermo escápo a pouco
A' descarnada mão da morte dura,
Descalço o monte alcança tardo e rouco
De louvores cantar á Virgem pura;
O aleijado, o surdo, o cégo, o louco,
Salvação ali têm prompta e segura,
E o *campista* rival, perennemente
Vem gostoso offertar rico presente. (1)

CANTO XXIII

Nas fraldas d'esta Penha, um tanto ao norte
Guarda um castello a barra pedregosa;
Pyratininga — só no nome fórte
Eis da Victoria, vedeta respeitosa.
Ali me apresentei com o passaporte (2)
Do grão *Rubim*, cautela preciosa;
Com'o acaso falei nesta figura,
Preciso dar ao canto outra postura.

---

(1) Na epoca a que se reporta o poeta, havia na cidade de Campos o costume de fazerem as pessôas abastadas romarias á Capitania de que aquella cidade era então um municipio. Eram esses romeiros Campistas, que traziam presentes de valor á Santa, em cumprimento de promessas anteriores.

(2) Em Pyratininga, sob o regimen colonial, eram os navios visitados e exigidos os passaportes, mesmo para quem viajava para os portos brasileiros.

CANTO XXIV

Havia um rei piedoso, um rei clemente,
Mandado governar a terra minha,
Albuquerque Tovar, justo e prudente, (1)
Illustre successor d'impio *marinha;* (2)
Mas inveja cruel que não consente,
Viver povo ditoso, eis quando asinha
Do mar surge outra vez um monstro feio, (3)
E do governo se lhe entrega o freio.

CANTO XXV

Apenas vê d'um povo humilde e brando
A prompta submissão, sujeito a tudo,
P'ra melhor inculcar feliz commando
Fez no culto de um Deos, de Deos estudo;
Gemendo o povo aqui, ali chorando,
Não sabe se queixar; calado e mudo,
Só pede, só supplica a um Deos amigo
Permitta renascer o tempo antigo.

CANTO XXVI

Agrilhoado ali geme o consorte,
Lamenta o preso pae, tenro filhinho; (4)
Aqui preso outr'emfim soube co'a morte,
Perder da cara esposa o bom carinho;

---

(1) Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, fidalgo da Casa Real, coronel de infantaria de milicias, foi o 2.º Governador da Capitania, a partir de 17 de dezembro de 1804.

(2) O vocabulo *marinha,* aqui designa a origem portugueza do primeiro Governador Colonial, Antonio Pires da Silva Pontes, que os documentos do tempo inculcam homem violento.

(3) Allusão ao terceiro Governador Francisco Alberto Rubim, havido por barbaro e cruel, conforme a tradição que deixou.

(4) Muitas foram as perseguições feitas pelo Governador Rubim; neste ponto allude-se a Wenceslão Ferreira Lopes, que foi obrigado a abandonar a mulher e os filhos e refugiar-se em Cabo Frio para evitar a sanha do tyranno.

E o misero *Luiz?* Que horrivel sorte [1]
Soffre desterro tetrico e damninho
Té que das furias, horrido, tentado,
Dispára contra si fulmineo brado.

CANTO XXVII

Este foge ao furor do monstro horrivel [2]
Vae aquelle abrigar-se em terra alheia;
Outro prostra-se aos pés d'um rei sensivel [3]
E do tyranno faz a conta cheia;
Não desiste o cruel quanto é possivel,
Levar o lucto e o dó á propria aldeia;
Do sertão pr'a servir este inclemente
Manietados vêm indios mensalmente.

CANTO XXVIII

Retornando ao assumpto já proposto,
Embarco emfim na lancha já chegada,
Entregue da saudade ao mór desgosto
Deixo a praia de conchas matisada.
Semblante alegre e com risonho rôsto
Chego ao *Jardim;* minh'alma consternada
Inda pôde occultar quando saudoso
Deixei da patria o ninho carinhoso.

---

[1] Allude-se ao alferes Luiz Corrêa, que por motivo de perseguições suicidou-se e a Matheos Bandeira que, preso durante 17 mezes, teve na cadeia a noticia da morte da esposa e filhos.

[2] É sabido que Campos e Rio de Janeiro eram os abrigos dos perseguidos na Capitania de Rubim.

[3] Duas foram as victimas: o poeta e João Felippe Calmon.

CANTO XXIX

Apenas chego do barco assás veleiro,
Qual puxa o ferro, qual sustenta amura;
Eis sóbe ao mastro grande, habil gageiro
Sobe outr'ao mastaréo d'immensa altura.
Embora velho, outr'agil marinheiro
Corre ao leme veloz, rege e segura,
Quando grita *Ferreira*, cá de baixo: (1)
— *Leva o traquete acima, iça o velacho.*

CANTO XXX

Refresca a viração, enfuna o panno,
Corre, vôa o *Jardim*, que já bordeja;
P'ra tormento maior, meo maior damno,
Do berço a casaria inda branqueja;
Aperto a dextra ao bom pernambucano (2)
E á turba que de mim cultura almeja, (3)
A mesma voz de *adeus* m'impede a magua,
Dos olhos me brotaram os fios d'agua.

CANTO XXXI

Voava louco o *Jardim;* n'uma bordada
O rumo procurou de lessuéste;
Eis camba a vela grande e já cambada
N'outro bordo foi ter a noroeste;
Contida a vela e subito enfunada,
No bordo final á barra investe
Vencemos finalmente neste ensaio
Ilhas do *Boi*, do *Bóde* e *Papagaio.*

---

(1) Era o nome do capitão do *Jardim.*

(2) Allusão ao mestre do barco *Caranguejo,* que enviou em soccorro uma lancha para trazer o poeta a bordo do *Jardim,* quando vio que as ondas podiam afundar a canôa em que veio do cáes.

(3) Os estudantes, discipulos do poeta.

CANTO XXXII

Bem perto do zenith fagoso Ethonte,
Pelos Paramos sem fim do céo sereno,
Rege o coche infeliz, no qual Phaetonte
As aguas foi beber do Pó ameno;
Já só o mar e o céo vejo defronte,
A sudoeste diviso alto *Moreno*,
Eis já *Marcino* emfim triste e saudoso (1)
D'Amphitrite vendo o reino pavoroso.

CANTO XXXIII

Roncava louco o mar na prôa ingente
O norte sibilante enfuna a vela;
Da fria possessão do Deus Tridente
Fugindo terras vão, que o peito anhela.
Pouco a pouco se vae mui subtilmente
Sumindo a *Penha*, já pequena estrella,
Até que p'ra meo mal e maior magua
De todo se escondeo na densa fragoa.

CANTO XXXIV

Enfermo Phebo então já procurava,
De Thetis linda o reino magestoso,
Onde a deusa gentil lh'apparelhava,
Um leito de crystal rico e pomposo:
Por sobre o mar o céo já descerrava,
Da noite o manto espesso e tenebroso,
Quando a bella Diana se apresenta (2)
Alveja a vela então e o mar se argenta.

---

(1) Marcino é o equivalente *arcadico* de Marcelino (o poeta).
(2) A lua, que sahio pelas 8 horas, mais ou menos.

CANTO XXXV

Depois de bom luctar com o meo cuidado,
Que não me deixa em paz um só momento,
Busco o vil camarote inda fechado,
Onde tregoas procuro ao meo tormento ;
De suspirar em vão frouxo e cansado,
Deixei de todo o lugubre aposento,
Onde afflicto passei a noite inteira
Até a fresca manhã de terça-feira.

CANTO XXXVI

Não bem a rosea aurôra apparecia,
Doirando o espaço azul do céo brilhante,
Onde Phebo feliz adormecia
No collo encantador de bella amante,
Quand'eu qu'experto espero aclare o dia,
Parecendo-me um seculo cada instante,
Do trêdo camarote abro o postigo,
Que cinco dias me servira de jazigo.

CANTO XXXVII

Regia o leme então *Chagas* prudente (1)
Que viagem feliz nos assegura ;
Eu cheio de prazer, lêdo e contente
Indago d'elle o vento, o rumo, a altura ;
— Se a idéa não falha e me não mente
Ao que vejo — me diz — se m'afigura
Nos *Baixos* sermos já, sinão bem perto, (2)
O prumo vae mostrar si falo certo.

(1) Francisco das Chagas, velho homem do mar, da tripolação do *Jardim*, conhecido antigo do poeta.
(2) Allusão aos Baixos de S. Thomé.

CANTO XXXVIII

Mostra o prumo fiel ser verdadeiro
Quanto o *Chagas* nos diz bello e jocoso;
Lá se vae finalmente um dia inteiro
Entre historias que conta gracioso.
Já perto Phebo está rubro e fagueiro,
De Neptunino reino procelloso;
Ao longe pela prôa eis avistamos,
Um pequeno batel a quem falamos. (1)

CANTO XXXIX

Ao mar das ilhas d'Ancoras chamado,
Que em tres leguas se faz, responde a lancha;
A's crystalinas aguas prateadas
Negra nuvem lá vem que tólda e mancha.
As tristes horas já eram chegadas
Em que a turba maritima s'arrancha;
Vão s'escondend'os pólos; pouco a pouco
O mar s'empóla assaz soberbo e louco.

CANTO XL

Cresce minh'afflicção que mais augmenta,
Vendo o céo s'envolver em manto escuro;
Grossa chuva cáe, troveja e venta,
Experiente é *Ferreira* e mui seguro.
Origem foi cruel desta tormenta
Um sudoeste assás teimoso e duro; (2)
Por evitar prudente algum perigo
Deo em breve a pôpa ao vento imigo.

---

(1) Lancha de pesca, vulgarmente chamada garoupeira.
(2) E' sabido que a medida que os navios se approximam de Cabo Frio, ha quasi sempre vento contrario.

CANTO XLI

Por entre o negro véo que não consente
Astro esplender no azul do firmamento,
Vôa, entregue o *Jardim*, á força ingente,
Do procelloso mar, raivoso vento;
A noite toda, emfim, noite inclemente,
Passámos sem dormir, em mór tormento,
Até que Phebo alegre despontando,
Serena o vento, o mar tranquillisando.

CANTO XLII

A' tormentosa noite horrenda e feia,
Succede aurea manhã de quarta-feira;
Com meiga, doce voz, bella sereia, (1)
Feliz nos augurou nova carreira;
Louro cabello á deusa aformosêa,
O rosto bello, a face feiticeira,
E' virgem a mais gentil té a cintura,
De peixe tem o resto da figura.

CANTO XLIII

As filhas de Nerêo vêm pressurosas
Offertar-nos do mar ledo producto;
Não laranjas, limões, maçãs cheirosas,
Impossiveis de vida em reino bruto;
Nem são de nedia rez as saborosas
Pôlpas, de bom apreciador o melhor fructo;
Dez pargos, são os dons das deusas bellas
Deliciosos mui mais que dez vitellas.

---

(1) Ficção unica.

CANTO XLIV

Não festejaram tanto idos troyanos
Vendo os cérvos qu'Éneas prosternára,
Quando escápo do mar á furia e damnos,
A vez primeira em terra descansára;
Quant'alegres nós, lêdos, ufanos,
Os peixes que o mar nos outorgára.
Quem preparal-os venha não se chama,
Este pega, outro côrta, aquelle escama.

CANTO XLV

Toma o *Chagas* a si dispôr a janta,
Que preparada foi com desempenho;
O rude marinheiro alegre canta
Ao sibilante som do alado lenho.
Meo companheiro *Antunes* se levanta, [1]
Traz do *Porto* o melhor, de bom que tenho;
Jantámos finalmente n'ess'altura
Com grandeza não, mas com fartura.

CANTO XLVI

Já manso o mar, o céo claro e sereno,
Bafeja brandamente o lessuéste;
Feito um campo está, vistoso, ameno,
O monstro que d'antes nos investe;
Até que o bom *Jardim*, fragil, pequeno,
P'ra furia evitar do altivo léste,
N'outro bordo se faz, procura a terra,
Rompe montes do mar que salta e berra.

[1] Era Francisco Antunes de Sequeira, estudante seminarista, que me acompanhava ao Rio de Janeiro, o portador do vinho do Porto para a refeição.

CANTO XLVII

Nessa carreira vence áquella noite,
Quanto um barco vencer póde á bolina;
De bombordo soffrendo o féro açoite,
Do mar que ora se abaixa ora s'empina.
Insta *Ferreira* então que a mais se afoite,
A d'alva, estrella algente, matutina,
Doira o baço horisonte; alegre pinta
A formosa manhã de feira-quinta.

CANTO XLVIII

Cresce o dia, e o léste impetuoso,
Não decresce o furor qu'impelle a nave;
Sóbe collinas mil do pégo undoso,
Desce outras mil mansa e suave.
Não podem glauco mar, vento enganoso,
Ao *Ferreira* illudir; de gesto grave,
Mas previdente, calmo e mais seguro,
Qual Achates não foi, nem Palinuro.

CANTO XLIX

A's horas em que o sól buscava enfermo
No cóllo descansar da bella Thetis,
Qual monge que fugindo vem do êrmo
Ou escápa ao furor do trêdo Lethes;
Sóbe hirsuto *José* do mastro ao termo: [1]
—Vê, lhe digo: oh! *José!* si me promettes,
Vêr o *Pico* amanhã, *Paço* ou *Gambôa*...
E dito, *Terra!* elle gritou, *Terra na prôa!*

---

[1] Era um marinheiro que trazia a barba crescida.

CANTO L

Bem como o mercador qu'espera afflicto,
O navio que foi á India adusta,
Do signal do castello ao leve dito,
Sóbe á pressa o mirante e não lhe custa;
Eu contente tambem de *terra* ao grito
Aligero o mastro galgo e não me assusta
A sombra que diviso lá por onde
Findaram mar e céo e o sól s'esconde.

CANTO LI

Tinha da noite o véo denso e sombrio
Ennegrecido o mar e o firmamento;
Inda raivoso sopra o léste frio,
Inda revôlto está o aquoso assento.
Enregelado eu de exposto ao dio, (1)
Busco Morphêo no madido aposento,
D'onde desperto e salto ao outro dia,
Da natura rendido á louçania.

CANTO LII

Formoso Adamastor de hirsuta pelle (2)
No mar se me antolhou equilibrado;
Da parte austral, porem, bem perto d'elle,
Pequeno filho traz ao dextro lado;
Extende o braço a léste e então co'aquelle,
Outro gigante aponta inteiriçado. (3)
Soberbo defensor do urbense rio
Si aquelle luctador é Cabo frio!

---

(1) *Dium,* substantivo latino, é de onde deriva o vocabulo *dio,* que significa — sereno, orvalho da noite.

(2) É o monte — Cabo Frio, com outro rochedo menor ao lado, que os maritimos chamam filho.

(3) Pão de Assucar, ao oeste do Cabo.

CANTO LIII

Surge a milhas dahi a *Ponta Negra* [1]
As *maricanas* ilhas se levantam [2]
O ponteagudo *Pico* a surgir, mais nos alegra. [3]
Saltam gostosos, avidos não jantam,
Sordidos nautas de comer sem regra;
Redonda e Paios são fadas que se encontram. [4]
E *Santa Cruz* de fera perspectiva,
Recorda Hio, quando Troya altiva!

CANTO LIV

De um lado o *Pão de Assucar* sobranceiro,
D'outro montanha de horrida belleza.
Fala á buzina marcial guerreiro,
Responde o barco com egual presteza; [5]
Alto castello se destacou fronteiro,
Passa-se a *Lage*, chega a fortaleza
D'onde, pondo-se á capa, espera quêdo
Entre a visita, que chegou não cedo.

CANTO LV

Por trás d'altiva *Gávea* s'escondia
O de Latona filho moribundo;
Da cidade de Mem, n'alta bahia,
Surto o barco se fez, quando deo fundo.

---

[1] Ponta ao poente do Cabo e ao nascente da Barra do Rio de Janeiro.

[2] As ilhas chamadas de Maricá.

[3] Penhasco á cavalleiro da fortaleza de Santa Cruz.

[4] Ilhas á entrada do Rio de Janeiro.

[5] Era de antigo uso serem os navios interrogados pela fortaleza de Santa Cruz, quando demandavam a entrada do porto, á respeito da procedencia e da viagem que traziam, estado sanitario de bordo, etc.

Essa praxe foi abolida mais ou menos em 1880, quando o commercio maritimo principiou a ter o desenvolvimento que estamos contemplando e o telegrapho electrico dispensou a vexatoria inquirição.

Raiava de novembro o primo dia,
E o bando viajor bello e jucundo,
Saltou na cidade a mais gentil
—A primeira da costa do Brasil.»

A linguagem deste poemeto; a variedade dos assumptos que o inspiraram; a despretenciosa descripção da natureza, tratadas com tanta simplicidade como naturalidade, abonam o estro do padre poeta.

Perseguido no torrão em que nascera, longe de se deixar empolgar pela nostalgia dos dissabores que vinha curtindo, engrossada pelas recordações que o surprehenderam na juventude, em vez de um hypocondriaco, sentimol-o um homem apparelhado para as campanhas da vida, pintando uma a uma as peripecias de sua jornada, as impressões das bôas e más horas passadas a bordo, os accidentes do mar e da terra, assignalando não raro cada objecto, com uma nota que precisamente o caracterise.

Não é um pinturista idealista, a povoar de flócos de nevoas as suas creações; é bem antes um anthropomorphista a reconciliar a força creadora encarnando-a em suas representações palpaveis.

Não lhe escapam os menores detalhes e é esse talvez o seo maior defeito.

A analyse na poesia, alguma coisa tem de semelhante á anatomia no romance: á força de pormenorisar, acaba por diluir substancias que deveriam permanecer inconfundiveis.

Á imitação de certos licores, a poesia e o romance assim entendidos, não têm o vigor que lhes communica a natureza das coisas, mas sómente a coloração que lhes transmitte o artificio.

Tendo sempre vivido á beira mar, ouvindo dia e noite a cadencia da melopéa das ondas e vendo ao descambar da luz do sól, juncar-se o canal da barra de sua terra, de barcos de pesca que recolhem ao porto, azas abertas á lufada bonançosa—interessa-o o movimento do *Jardim;* prendem-lhe a attenção as manobras dos marinheiros, os passaros que adejam, as vélas que se somem, os corpos que gravitam e as sombras que se agitam, por que tudo isso é movimento, o movimento é a vida e sem vida não ha poesia.

Duas são as notas impreteriveis do estro do poeta: lyrismo pinturista, vivido, multicôr, accentuado nativismo descriptivo, sem comtudo tocar os extremos em que essas virtudes degeneram em vicios irritantes.

O vate que tão mal conhecido é em seo proprio Estado, teve o preciso talento para alçar ao poema as bellezas panoramicas do seo berço e de sua patria, assim como a rara virtude de soffrer injustiças e rancôres, affeições e odios, para poder reproduzil-os no verso com acerto e com verdade.

Almas menos fortes, em nossos dias, desobstruem obstaculos deprecando valimento aos poderosos do dia; entretanto, já em começo do findo seculo, um temperamento de poeta, desgarrado na Capitania do Espirito Santo fazia do rei juiz, para lhe dizer sem rebuço que o seo delegado era um tyranno e, o que é mais—pela magestade soberana era ouvido e attendido!

Pois foi assim que Marcellino Duarte pôz côbro aos excessos do dictador regional, livrando-se e aos seos patricios de tão pesado jugo.

A D. João VI, agradeceo a graça feita ao povo de sua terra, nos seguintes versos de uma *ode* que lhe dedicára:

. . . .

«João, em tudo herόe que reproduz
As virtudes de herόes que o mundo admira;
Portugal e Brasil são objectos
De favores do Pindo.

Ouçam o *Una, Jucú, Santa Maria,* [1]
Do preclaro João alto renome,
Qual outr'ora escutaram enternecidos,
Mondego, Tejo e *Douro.*» [2]

. . . .

Esta foi tambem a unica vez que sua lyra desferio accordes ao poder real; de então em diante, já na epocha da actividade politica, já no tempo em que volvêo á paz privada, suas poesias obedecem a outro surto.

Patriota, fez-se o poeta porta-voz do povo para reclamar; deferida a supplica, fez-se cidadão para agradecel-a e nada mais.

No caso, qual foi mais generoso: quem recebeo ou quem fez justiça?

Foi o poeta sem duvida que por esse modo nos transmittio um salutar conselho: — o de não excluir a gratidão a altivez, como a prudencia não exclúe a coragem e a amizade a rectidão.

É assim, no entender de um pensador, que se accentúa uma individualidade, isto é, o conjuncto de qualidades que resumem o caracter, a educação, os conhecimentos e a maneira de sentir de alguem.

Faço essa observação, porque, como em linhas adiante terei de ponderar, nem todos os cultores das musas foram sobrios como o poeta, em assumpto de agradecimentos e louvores ás *reaes pessoas;* taes demasias, em-

[1] Rios do Estado do E. Santo.
[2] *Jardim Poetico,* de Pereira de Vasc., 66.

bora em verso, á critica repugnam e entendi de acerto classifical-as áparte, formando o genero da—*bajulação versificada*.

O poemêto transcripto sendo a culminante manifestação do espirito creador de Marcellino Duarte, filtrado através do lyrismo nativista que o caracterisa, não é a unica por onde elle póde ser apreciado.

Em seos sonetos, lyras e epistolas, sobresaem os cantos vivos da materia, da carnação opulenta, o culto ás formas exuberantes, como os idyllios ás creanças, aos amigos e ao pequeno torrão que o vio nascer; mas, ainda nesses pequenos quadros descriptivos, ha sempre um pouco de expressão, vigor e verdade, que traduzem os anceios de quem sabe amar e ama.

Exemplo da revelação da primeira intuição do artista, é o

RETRATO DE MARILIA

«Quando os deuses, Marilia, projectaram
Tua imagem traçar bella e mimosa,
A joia rara, a flôr mais preciosa,
Da natureza prodiga buscaram.

Teo rosto angelical logo formaram
De nevado jasmim, purpurea rosa;
Labios, dentes e a curva graciosa
Das faces, de rubis a recamaram.

Nos olhos engastaram dois brilhantes,
E as crystallinas pomas transparentes,
De alabastro são globos palpitantes.

E de tantos mimos não contentes,
Animaram-te as fórmas estuantes
Com a volupia das canções ardentes.»

Outras vezes, ausente, contrariado por não receber novas do idolo do seo culto, d'essa *Marilia* esquiva e caprichosa, que, como as damas da edade media, deseja avaliar o affecto do cavalleiro que a requesta pela vivacidade do estro—lhe vem ás mãos uma carta e nesta sua amada escreve uma quadrinha repassada de melancolia; então o bardo pega do motte que o papel encerra e, como a ave na alfombra tocada pelo frescôr da estiagem, entorna no canto as emoções que lhe afogueiam o coração.

Marilia, escreve:

«Quando chega a triste noite
De *Marcino* estando ausente [1]
Ai! si Deos me desse a morte
Eu morreria contente.»

E o bardo responde:

«O sol apenas raiando
Doira as campinas e o prado;
Deixa o pastor o seo gado
A mólle relva pastando.
Da frauta ao som doce e brando,
Canta de amôr féro açoite.
Por mais que busque e me afoite
Lisonjear aos mortaes,
Eu chóro e gemo inda mais,
Quando chega a triste noite.

Si a ti Marilia, é custoso,
Soffrer o damno d'ausencia,
Qual será a vehemencia
Do peito meo amoroso?

---

[1] Pelo séstro das creações litterarias do seculo XVIII, o *arcadismo* ainda durou no seguinte, mantendo o gosto pela pseudomorphóse. Em Portugal a velha usança veio de mais longe; o que é verdade é que tanto lá como cá, servio sómente para encobrir uma epocha de franca decadencia das lettras. Modernamente ha quem tenha procurado animar esse *survival* dando-lhe curso na imprensa diaria...

Não é, de certo, tão penoso,
Da morte o golp'inclemente;
Eu vivo tão tristemente
Preado pela saudade,
Qual tu não soffres metade
De Marcino estando ausente.

Mas ah! gostosas idéas
Concebo, oh! céos! quando leio,
Teo verso puro e tão cheio,
—Ninho feito entr'orchidéas;
Si meiga me lisonjêas,
Com tão gracioso motte,
Sentindo eu ancia mais forte,
Com mór razão deveria
Dizer-te:—feliz seria,
Ai! si Deos me désse a morte!

Mas, não, Marilia, vivamos,
Nos laços dessa affeição;
Seja meo teo coração,
Ame o céo, qual nós amamos;
Egual affecto tenhamos,
Qual Hero—pomba innocente;
E quando o fado persistente
Nos désse a mesma ventura,
Tendo de amôr sepultura,
Eu morreria contente.»

Como se está a ver, ha no rhythmo destes versos alguma coisa que reproduz as vozes d'alma dolente, a gottejar bagos de uma ternura infinda, alguma coisa que lembra o deslisar suave do regato pelas arestas dos seixos que recortam as limpidas aguas, imprimindo-lhes graciosas curvas ou finalmente o aroma penetrante da flôr, que á força de se o aspirar, acaba-se pela destruição da mesma flôr!

É tal a poesia do coração: ou ala-se a essa altura ou dilúe-se em plangencias que recordam o dobre de finados.

Penso não ser desnecessario accrescentar que a acção intellectual do padre Marcellino Duarte, nem sempre teve por campo a Capitania.

O poeta viveo no Rio de Janeiro de 1817 a 1830 ou até mais tarde, por quanto, segundo um chronista, foi elle quem fez o sermão no *Te-Deum* com que foi celebrada a installação da camara municipal da Côrte, em 16 de janeiro de 1830, na antiga egreja de Sant'Anna (hoje Estação da Estrada de Ferro Central). [1]

A versão do mencionado chronista julgo verdadeira, por isso que nos successos da abdicação ou 7 de abril de 1831, o poeta tomou parte activa.

Formando ao lado dos *exaltados* que dos irmãos Andradas recebiam inspirações, Marcellino Duarte hostilisou quanto estava em suas forças, a regencia de Diogo Feijó, sustentada no *Reverbéro* por Januario da Cunha Barboza, Gonçalves Lêdo e outros próceres de vulto.

Posteriormente á abdicação, quando já governava a regencia, graves occorrencias politicas tiveram logar na Côrte, no mez de julho, tendo por origem o antagonismo de raças e a partida do fundador do imperio para Lisbôa.

Emquanto a regencia preoccupava-se em manter a seo modo a ordem, nesse periodo transitorio de governo da nação por seos proprios filhos, os *exaltados*, sempre contrarios ao monarcha forasteiro e aos seos compatriotas, faziam vibrar o nativismo a proposito de tudo, de modo a reivindicar para seos chefes, a auréola que o

(1) B. Domoñ, *cit. Hist. de Prov. do E. Santo*, 283.

desabrimento do primeiro soberano, a datar da Constituinte, procurára empanar.

No mez supra notado amotinou-se a tropa de linha e aproveitando-se do disturbio, os *exaltados* promoveram arruaças contra o governo, que a regencia teve de reprimir. Em uma dellas, sinão em ambas, estava o poeta envolvido, com alguns amigos que trouxera de Nictheroy, sectarios das mesmas idéas.

Conhecido por seo exaltamento e dedicação aos Andradas, foi immediatamente preso e recolhido á bordo da fragata *Paraguassú.*

Os successos de julho, como é de prever, deveriam encerrar episodios de varias especies, uns serios, no tocante á parte dramatica da acção popular contra o governo, outros comicos, pela situação em que os vencidos deixavam os amigos, a familia, os seos interesses em geral.

Sabido era o viver de Marcellino Duarte em Nictheroy, os seos amores um tanto livres e o continuo arrebatamento do seo caracter; essas indicações, ao tempo em que aquelles factos se passaram, levaram alguem a compôr a comedia—*Rusgas da Praia Grande*—que fazia allusões directas e ferinas ao infortunado cantor.

A comedia subio á scena, quando elle jazia na prisão e, pelas intimas relações do regente com o conego Januario Barboza, homem de imprensa e de habilidade para a satyra em verso, foi a ambos imputada a auctoria da peça.

Informado do occorrido, o nosso bardo, compôz a bordo outra comedia em resposta áquella, sob o titulo—*O Conego e Ignez* em que entra o regente com o nome de *Jeifó.* Desnecessario é dizer que a policia oppôz-se á representação da farça e que o regente tirou em tempo desforra d'essa aggressão, deixando de escolhel-o senador.

A narração deste incidente da vida de Duarte, me foi feita por Manoel Augusto da Silveira, uma das mais lucidas intelligencias que a provincia possuio e por meo parente, coronel Manoel Ferreira de Paiva, homem da maior respeitabilidade por seo caracter e serviços ao berço natal.

Não consegui ler as *Rusgas* nem o *Conego;* apenas por Silveira soube de um trecho da segunda, que fiz publicar no numero 1.311 d'*A Provincia do Espirito Santo*, de 6 de março de 1887 e ora transcrevo, por ser um documento de valor para aferição do estro do bardo como satyrico:

CONEGO [1]

Onde vaes, minha Ignez, já de mantilha?

IGNEZ

Vou á Cruz, vêr costuras. Minha filha
Já não tem que vestir; e seo dinheiro
Nunca chega p'ra ella, seo brejeiro.

CONEGO

Ora Ignez, sempre estás de máo humor

SEMILHA (filha de ambos)

Ah! mamãe quer falar? deixe-a, senhor.

CONEGO

Dize Ignez—meo dinheiro quem consome?
Não são todas vocês? Já em teo nome
Dois escravos comprei; si faço as vasas

---

[1] Januario Barboza.

Na *cartada dos tres*, ([1]) oh! lindas casas
Apalavradas tenho p'ra comprar;
Serão tuas si a sorte não falhar.

IGNEZ

Já vossa senhoria quer barulho?
Não se lembra do seu quinze de julho,
Em que nos prometteo mundos e fundos?
E d'isso o que lucrou? Trazer immundos
Uns calções que no mez de agosto inteiro
Não se pôde aqui 'star com tão máo cheiro!
Que castellos no ar tôlo formava?
Ora bispo d'aqui se imaginava,
E em rica traquitana repimpado,
Dando benção ao povo um renegado;
Ora bôbo aleivoso promettia
Qu'elle bispo, eu tambem bispa seria!
E por fim foi-se julho e a pobre Ignez,
Ficou bispa e elle bispo d'entremez.

CONEGO

Cala-te, sou logico e um raciocinio
Sei formar, apezar de latrocinio
O LARZAGA ([2]) chamar, quanto convenha
Por esperteza a nossas mãos nos venha.
A ignorancia crassa, a mãe natura,
Fez do immenso universo architectura.
Quanto abrange do mundo a immensidade,
É do homem em geral propriedade.
Si um tem mais e outro menos tem,
O sabio como eu póde mui bem,
Inventar meios pelos quaes lhe venha
Ás mãos, o quanto tem, qu'elle não tenha.

([1]) Allusão ao facto de ter entrado Januario em uma lista triplice para Senador por MINAS GERAES.

([2]) Padre hespanhol, auctor de um Compendio de Moral.

SEMILHA

Que falas tão extranhas são as suas,
Que eguaes não escutei por essas ruas?

CONEGO

Quasi todo o santo dia
Estaes-me ouvindo explicar philosophia
E não sabes tirar uma illação!

SEMILHA

Nunca vejo papae tomar lição.
Os moços vêm e vão todos embora
Sem papae dar estudo meia hora;
Si no mundo ha dinheiro mal ganhado
Bem mal ganho é, papae, seo ordenado.

CONEGO

Que queres dizer, filha, com isso?
Tu não vês quando aqui chega *Eravisto* ([1])
Os *rendez-vous*, as honras que lhe faço?
Apertando-lhe a mão, dando-lhe abraço?
Não é isso por que elle seja mais
Do que eu; mas emfim, pobre rapaz
Tem o diabo aos pés; por seo ardil,
Fez-se o *Petrus in cunctis* do Brasil.

IGNEZ

Ahi volta o senhor a falar só
No démo de batina do *Jeifó*...

CONEGO

Cala-te Ignez! Para o anno
O Brasil ha de ser republicano.

([1]) Allusão a Evaristo da Veiga.

Si a idéa que temos não falhar,
Os padres desde logo hão de casar.
E si a bôa Republica fôr de cima
Saberás quanto o Conego, Ignez estima.

IGNEZ

Eu sei em que ha de dar sua grandeza;
Ha de ser em ir parar á fortaleza,
Como já lhe succedeo em vinte e dois
Quando veio de Minas; p'ra depois,
Começar a chorar se maldizendo,
De ter sorte infeliz e promettendo,
Ser escravo fiel prompto p'ra tudo,
De quem salvo o puzesse...

CONEGO

O meo estudo,
Faz-me viver com o tempo; eu sei Ignez,
Conhecer quem mal faz e quem bem fez.
Sei adular a quem dá adulação,
N'este fraco e vaidoso coração.
Si vejo vir-me bem de fazer festa,
Qu'importa ser homem, vacca ou besta?
Conheço opulentos portuguezes,
Que têm utilidade egual ás rezes.
Estas com o leite e carnes saborosas,
Fazem da vida as horas deliciosas.
Aquelles de dinheiro sempre cheios.
Dissipam-no os pezares e receios
Que provêm da falta de trabalho.
Da politica vivo; mas devo ao sant'orvalho
Das capellas de missas, mór proveito.
Eis qual é a vidóca qu'eu acceito.
Amigos, Ignez, que o bolso ao amigo
Deixam ás cascas, ou qu'inteiro comem o figo
Ou não comem e comer nunca deixaram
Aquelles dos seos que os carregaram
Aos hombros, como Christo á sua cruz
Longe de nós, e quero que tu digas: Amen, amen Jesus.

....

A pequena amostra que ahi fica, denuncia que o poeta manejava o ridiculo com facilidade e ao mesmo tempo que despejava as *charges* humoristicas sobre a gente do governo, estereotypava a sociedade do tempo com rara fidelidade.

Não é o Conego uma photographia feliz, de um desses pacatos serviçaes que vêmos em torno dos governos, pensando sómente nas vantagens a tirar da dissimulada dedicação?

Semilha não faz lembrar o espevitamento de certas moçoilas mettediças?

Ignez não recorda a mulher do povo possuida sempre de desconfiança contra o governo de que é servo o amante?

Este pedaço da sociedade, observado atravéz das idiosyncrasias dessas personagens, não é uma concepção muita exacta e finamente artistica?

Quero crêr que sim, sem por tal modo favorecer a causa em discussão por outro qualquer motivo.

Para documentar a repugnancia que lhe merecia a regencia, bastam estes versos de uma das suas *epistolas:*

Negra maldade
D'um monstro féro,
Feijó, vil Néro,
Que á patria opprime.

Feróz, sanhúdo,
Persegue e mata
A gente nata.
Com infame ardil.

Quem foi de abril
Soffre como eu;
Do vil Prothêo
Guerra cruenta.

Elle só fez
Que *eu fugitivo*
Qual vil captivo
Na patria andasse.

Genios celestes
Guardam meo lado
Sou *exaltado*
Isto é bastante...

Conseguindo fugir da prisão, teve durante muito tempo os passos vigiados, por ordem da Regencia ([1]).

Em 1838, o povo espirito-santense, elegeo-o deputado á Assembléa Geral Legislativa, de cuja cadeira não utilisou-se, por ter sido a Camara dissolvida pelos deleterios elementos politicos encarregados de enscenar a tramoia da *maioridade* do segundo imperador, que então contava sómente 15 annos e o art. 121 da Constituição do Imperio expressamente o declarava menor até a edade de *18 annos completos*...

Na provincia natal foi tambem eleito deputado á respectiva assembléa, no biennio de 1838-1839 e dahi em diante desappareceo da scena politica.

([1]) Na *Revista* do Instituto Historico do Rio, XIX, 242, encontrei o seguinte documento: «Extracto da acta da sessão do Conselho do governo, de 31 de outubro de 1831. Pelo padre Conselheiro Domingos Leal, na sessão do Conselho na provincia do Espirito Santo, foi dito o que se segue: Constando-me estar a chegar a esta capital o padre Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, *homem de muita desconfiança no estado actual, e que tem trazido em deassocego a capital do imperio, e mesmo com indicios de haver entrado na revolução de 14 e 15 de julho, proponho que não desembarque semelhante individuo, antes seja reenviado ao Rio de Janeiro.*»

Essa resolução devia ter tomado antes, si melhor estudasse os negocios publicos, a partir de 7 de abril.

Sempre foram antagonicas com a cultura das lettras as especulações da politica, mórmente na quadra em que o insigne bardo nellas afundou-se, podendo-se assegurar com o testemunho dos seos proprios versos, que, quanto produzio de 1831 a 1850, tem e terá necessariamente o respeito que é devido a todo o producto cultural da intelligencia elaborado em proveito da communhão social, mas esse sentimento de piedosa complacencia, marcará tambem a franca decadencia das energias desse nobre espirito.

Si o proposito deste livro fosse apenas esboçar o panegyrico de cada um dos perfis que venho estudando, sentir-me-ia mal em destacar as phases de exuberancia das de decrepitude dos homens de valor; outro, porem, é o intuito que me guia e dahi o duplo exame que faço.

A preoccupação de bem saber matar os heróes, na vida do theatro, que quer dizer—na arte convencional por excellencia—em começo, foi a fonte mais copiosa que tiveram os dramatistas.

Todos os meios letiferos foram empregados: o veneno, o fogo, o ferro, a pistóla e tão repetidamente, que o espectador logo no primeiro acto da peça, podia prever o que se daria no ultimo.

Esse cyclo do estardalhaço artistico, entretanto, fechou-se, desappareceo de todo; os dramalhões passaram da scena para o archivo dos papeis inserviveis. E porque?

Simplesmente porque a arte não póde consistir no deleite; a mais completa representação do bello, não deve ser um producto de simples diversão do espirito,

mas realisar no mundo exterior alguma coisa que se assemelhe á satisfação de uma necessidade ou utilidade.

Parece-me uma grande verdade o pensamento que Tobias Barreto enunciou por estas palavras:

«Vae de certo uma immensa distancia entre a mão que talhava pedras, como armas, como utensilios, e a mão que hoje cinzéla o marmore, para fazer objectos de luxo—mais do que isso, para fazer objectos de pura contemplação esthetica.

Mas releva observar que qualquer esculptor dos nossos dias, ainda mesmo que elle traga o nome de Canova, é um herdeiro do homem primitivo, desse homem que já sabia dar á pedra, por assim dizer, uma feição humana, adaptando-a de qualquer modo a lhe prestar serviços na lucta pela existencia.

Aqui vejo que ha um fundo de verdade historica nestas palavras, que uma vez escrevi:—«antes que a arte appareça sob a forma de um *passatempo*, de um brinco do espirito, ella deve apparecer sob a forma de uma actividade pratica, ella deve entrar na cathegoria do trabalho.» [1]

Si, pois, o curso da vida humana não é feito na planura e sim por montes e valles, quem quer que o desenhasse isento de altos e baixos, para o fazer bello, uniforme, sem contrastes, tudo poderia pretender, menos servir á arte.

Por egual na litteratura e demais surtos do espirito: medir tudo quanto fôr ponderavel sem preoccupações, é servir á verdade e este se me antolha um escôpo muito mais elevado.

---

(1) *Questões Vigentes*, 25-26.

Marcellino Duarte, podia ter sido e foi na verdade uma figura apagada em politica; mas, ainda depois que a deixou á margem, perdeo muito do que tinha antes alcançado como lyrista.

De 1844 a 1850, ausentou-se da provincia; em uma das *epistolas*, assim descreve o seo novo *habitat:*

> Longe, em alheio lar é que hoje habito;
> No fresco cimo estou d'alta collina,
> Onde triste canto, triste me agito.
>
> Tendo em frente — por baixo alva campina,
> Que por mais que refresque e cubra cheia,
> Mais o gado emmagrece e se amofina.
>
> Ao norte vendo a serra horrenda e feia
> Que orgão representa e bem figura,
> Deixo a léste a matriz da velha aldeia.
>
> Um tanto a sudoeste, oh! que amargura!
> Verdeja *Paquetá*, nessa bahia,
> Onde em março soffri mór *desventura*. (1)

De Nictheroy, onde vivia e onde deixou numerosa descendencia, entre a qual um filho que foi medico distincto, com o mesmo nome do genitor, ainda a lyra do vate recordava as ingratidões de Marilia; porem, em vez do lyrismo anterior, saltitante, vivido, apparecem facecias e confrontos infelizes, que, si não fôra mister transcrevel-as para desencargo da critica, serviço de louvor seria deixal-as olvidadas.

(1) A prisão ordenada pela Regencia; cit. *Jardim Poetico*, 55.

Lêa-se uma dellas:

«Ah! Marilia, e como ingrata,
Póde em ti tão vil traição?
Tu que mil vezes chorando,
Mostravas tanta paixão?

Mudaste emfim; não me adoras,
Toda és furia contra mim;
Inda mais féra que um tigre
Raivosa mais que o *Rubim.*» [1]

Em 1850, Duarte volveo ao lar provinciano, após seis annos de ausencia; a ode que se vae ler, ultima producção do seo engenho, dedicada «aos seos bons amigos e patricios», embora date da phase de decadencia do seo espirito, (e o proprio poeta o confessa) auctorisa duas conclusões, a saber:

E' a primeira, que o lyrismo campesino e naturalista de seos versos, invariavelmente descriptivo, modifica-lhe o contorno das idéas hauridas no classicismo. Comparado com Caldas Barboza, observa-se que neste accentúa-se, de par com o mysticismo religioso, a intensidade da percepção pela cultura; naquelle, predomina a tendencia lyrista pela espontaneidade. Ambos classicos, têm esse traço que os distingue.

A segunda é que Marcellino Duarte, foi um nativista ponderado e sobrio; quero eu dizer, um estro que a despeito de tudo soube conservar amôr ao seo berço, como uma miniatura da Patria, sem recusar a esta a larga expressão de expoente das aspirações nacionaes.

---

[1] Idem, 126.

Soffreo dissabores, arrostou coleras, expiou os tormentos impostos ora ao brio, ora á sua compleição moral; mas nunca esqueceo a obscura terra que o vio nascer, nem os corações que lhe receberam as primeiras confidencias: eis ainda um titulo de mais, para a memoria deste espirito-santense ser querida pelos seos.

A ode a que alludi é esta:

«Musas de Mantua, de Venuso e Lysia
Adejae ao meo lar: á peregrina
Habitação saudosa
Da patria que o destino,
Me alonga a tantos annos!

Em minh'alma accendei o fogo activo
Que a Virgilio inflammou, Camões e Tasso,
E converteo em cysnes
Dênis, Horacio e Pindaro
Dircêo e Anacreonte.

Mas é fraco o meo éstro, acceso apenas,
Enfraquece, definha e se anniquilla!
Clarão de fogo fatuo
Ou luz de pyrilampo
Mal s'inflamma se extingue!

Auxilio oh! musas! animae meos versos!
Si as fabulosas aguas de Aganippe
Não sôrvo sitibundo,
Bebo as aguas puras da Capichaba e Lapa.

Bebo o santo licor das duas fontes,
Que a natureza formou e inda conserva;
Não bebo as aguas turvas
Que a ficção fez nascidas
Das patas do cavallo.

Si algum dia cantei os dons e as graças
Da formosa Uberina e de Marilia;
Si cantei inda ha pouco
Os encantos de Jonia,
Seo garbo e magestade;

Hoje canto emoções de gloria intensa
Que minh'alma sentio ao vêr do berço
O peregrino painél
Do berço que saudoso
Ha seis annos não via.

. . . .

Surgindo da flôr d'agua lentamente
Vae a bella cidade da Victoria
Erguendo os sêos contornos;
Em breve os edificios
Cobrem a rara collina.

Salve! oh! templo feliz que a fé consagra
A' Virgem Mãe de Deus, esposa e filha
Salve! morada santa!
Dos trophéos de Coutinho
Padrão imperecivel.

Salve! oh! templos, conventos, ruas, praças,
Qu'inda imberbe crusei; oh! Deos te salve
Habitação sublime
Onde passei alegre
Os dias da innocencia.

Salve! amigos fieis que alguns conservo
Dos muitos que contei quando eu valia!
Meos caros compatricios,
Recebei meos abraços
A todos vós saúdo!»

Teve o leitor ante os olhos, os variados tons da opulenta palheta de um artista que amou a sua arte; de um patriota que conheceo o exilio e o calabouço; de um poeta que vibrou as cordas das paixões em todas as claves; finalmente, de um provinciano que pôde transpôr a obscuridade levado pelo seo proprio designio.

Mas, aqui tem logar uma pergunta:—Como é que o portador de tantos predicados, pouco ou nem-um relevo teve entre os homens do seo tempo e ainda actualmente era tão imperfeitamente conhecido?

Seja-me permittido responder ao quesito com a indispensavel franqueza: a individualidade de Marcellino Duarte, não teve entre os seos contemporaneos o destaque a que fez jús, unicamente por que elle era superior a todos.

No meio litterario da epoca, na provincia, era sem a menor duvida o astro de maior grandeza; da refracção de sua luz viviam os satellites e como o viver é tanto mais commodo, quanto menor esforço exige, estes, gravitando na mesma eclyptica d'aquelle, podiam passar por outros tantos sóes e certo é que passaram.

Em relação á actualidade, a razão é differente. O vate não alcançou renome na politica, por que abandonou-a nos primeiros tratos, sem ter feito relações e menos creado dependencias pela obtenção de favores correspondentes e como falhou-lhe o surto nessa direcção, ocioso era renoval-o em qualquer outra.

Em mais explicitos termos: não fez echo na politica, ninguem o quiz ler.

Tudo isso é doloroso confessar, mas é perfeitamente symptomatico do nosso atraso em coisas do espirito.

Abandonando a politica, Marcellino Duarte foi despachado Vigario da freguesia de S. Gonçalo em Nictheroy.

Ahi exerceo cargos de eleição popular, regêo a cadeira de latim do lyceo dessa cidade, cargo em que veio a aposentar-se.

Por serviços prestados á Nação, o imperador Pedro II agraciou-o com o gráo de cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa e por seo fallecimento a municipalidade de Nictheroy deo o seo nome a uma das ruas de S. Lourenço.

Falleceo o padre Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, em S. Lourenço de Nictheroy, a 7 de junho de 1860.

José Gonçalves Fraga (pae), (1793-1855)

Nasceo na Capitania do Espirito-Santo, em 1793.

Sob o imperio, foi empregado de Fazenda, na provincia, e de algum modo influio na cultura intellectual de sua epoca.

Aqui rasoavelmente deviam terminar as referencias a esse espirito-santense, por um simples culto á verdade e ao bom senso; não o entenderam assim os seos panegyristas e eu por discordar em absoluto do relevo em que o puzeram, tenho de lhes transcrever e commentar os assertos, para mostrar que o máo veso das deificações de mediocres, é uma especie de causa susceptivel de revisão em qualquer tempo.

O auctor do *Jardim Poetico*, a proposito de Gonçalves Fraga, escreveo em fevereiro de 1855, isto:

«Ha 15 para 16 annos, que tivemos muitas occasiões de tratar com o Sr. Fraga, em quem reconhecemos ex-

cellentes qualidades a par de demasiada modestia e uma vocação natural para a poesia, essa sciencia da alma. Morre o Sr. Fraga, ainda no vigor da edade, e com elle morreram talvez preciosos manuscriptos, que muito honrariam seo nome. Talvez que o fructo de suas locubrações já tenha sido condemnado ás chammas, como o de muitos homens illustres; talvez que os seos *papeis*, considerados como *imprestaveis*, já tenham desapparecido.

Si esta sorte ainda não tiveram, rogamos á sua illustre companheira, aos amigos interessados pelas coisas de nossa terra, que os ponham debaixo de bôa guarda, afim de serem ainda um dia dados á estampa.

Sabemos que o Sr. Fraga se occupou de traduzir em verso a *Eneida* de Virgilio; que compôz muitos dramas em verso e um poema satyrico intitulado—*Bandocáda*.

Amigo como somos do torrão em que nascemos, admirador dos genios em qualquer parte que elles appareçam, ouzamos supplicar á illustre familia do finado e aos amigos do paiz, que recolham cuidadosamente os seos escriptos, para gloria das lettras brasileiras e com especialidade, da nossa provincia.»

BAZILIO DOMON, em sua *Historia da provincia*, pag. 347, accrescenta: «Era um dos melhores poetas que teve esta provincia.

Traduzio a *Eneida*, de Virgilio, compôz diversos poemas satyricos e elogiosos; as suas poesias são ainda hoje apreciadas, mas dispersas muitas, só existindo as colleccionadas no *Jardim Poetico*, obra publicada pelo major José Marcellino Pereira de Vasconcellos.»

Não conheço os dramas lyricos nem a traducção da *Eneida*, menos ainda as composições ditas de maior folego; o poema satyrico—*Bandocáda*—era um epigramma em versos soltos, aos preconceitos sociaes, mais ou menos do gosto e tom da—*Bodarrada*, de Luiz Gama.

Pelas demasias da linguagem e grosseria das allusões, teve limitadissima leitura esse manuscripto.

E' inteiramente desconhecido hoje do publico.

A traducção, *si vera est fama*, ou não escapou ás chammas, ao contrario dos votos e desejos de P. DE VASCONCELLOS, ou exigia taes e tantos retoques para ser publicada, que a familia julgou de melhor alvitre deixal-a nos cadernos em que foi escripta.

Feitas as devidas reducções, do espolio litterario de Gonçalves Fraga, restam as poesias colleccionadas no *Jardim Poetico*, em numero de trinta e uma, as quaes não permittem juizo egual ao formulado pelos lembrados biographos, quando o collocam entre os melhores vates provincianos, principalmente depois de conhecidas as individualidades de um *Marcellino Duarte*, de um *Fraga Loureiro*, de um *João Climaco*, entre os antigos, e de um *Ulysses Sarmento*, de um *Virgilio Vidigal*, entre os modernos.

Das alludidas poesias de Gonçalves Fraga, publicadas por Vasconcellos em o numero já visto de trinta e uma, nove são consagradas ao natalicio do fallecido imperador D. Pedro II, outras tantas a S. Benedicto e as que sobram, destinadas a solemnisar casamentos, baptisados, etc., todas incolores, frouxas, unicamente alentadas pela retumbancia inutil e farfalhosa de palavras, sem arte e sem idéas.

Tomadas em globo as amostras apontadas, o logar indiscutivel de G. Fraga, seria entre o velho Antunes e Thomaz Gomes, si é que entre os estros de segunda ou

terceira ordem, os dois coetaneos não o deixam a perder de vista.

Comparado com os primeiros, o contraste é mais flagrante; emquanto qualquer d'elles teve notas pessoaes, interpretou as aspirações da sociedade em cujo ambito vivia, Gonçalves Fraga continúa a poetar nas horas que folga do emprego, por desfastio, mais preoccupado em recommendar-se no cargo, lisonjeando e explorando as vaidades dos homens do poder, inteiramente extranho á agitação das correntes de idéas que trabalhavam a opinião da época.

Foi antes um accommodaticio, do que um temperamento talhado para luctas; seos versos são como os papeis do expediente que lhe iam ter ás mãos na repartição:—sujeitos á previa *minuta*, cheios de circumloquios, concertados e emendados.

Si virtude se lhes póde conferir—e essa será algumas vezes nem-uma—é revelarem o cuidado do auctor em querer supprir pela sonoridade dos vocabulos, a falha das idéas.

Antes de fazer a prova do que fica escripto acerca do conterraneo, preciso justificar por que o considero o iniciador da phase da *bajulação versificada*.

No segundo reinado do Brasil, a par da *nobreza* de familia que datava de D. João VI, por vezes varias manifestou-se o prurido de *nobilisar* as lettras nacionaes, portadôras de votos de fidelidade dos subditos, á *sua magestade o imperador*.

Como na edade medieval, foi esse o vinculo aferidor da obediencia do *vassalo* ao *castellão*.

A titulo de *serviços ás lettras*, eram expedidos brazões de barão, conde, marquez, cartas de conselho e gráos de officiaes, commendadores, cavalleiros da Ordem da Rosa, Christo, etc., a quantos entretinham o regio ocio e tal incremento teve a faina de condecorar nos dias

do imperio, que não deixava de ser mal visto, (ainda mesmo o escriptor provinciano) quem não tivesse um berloque de qualquer coisa ou ordem!

Foi assim, armando ao amor proprio e inflando a vaidade, que os galardões por *serviços ás lettras*, chegaram a concorrer com as *patentes da guarda nacional*, na intensidade da distribuição e na futilidade dos meritos a laurear, desmoralisados aquelles e estas por esse mesmo motivo.

O brilhante auctor da *Historia da Litteratura Brasileira*, II, 124, lançou em um trecho cheio de verdade e patriotismo, estas asserções acerca do Barão de Paranapiacaba: « É que o merito litterario, scientifico, politico, todo e qualquer merito, não é aqui a outorga de uma opinião lucida e disciplinada, não é uma palma offerecida pela critica e pela justiça. É um negocio de camarilha, de *claque*, de conveniencias e sympathias de apaniguados.

A nação em geral não toma parte nestas coisas; estão fóra de sua alçada entre nós. »

Pois, foi o que aconteceo com Gonçalves Fraga; por considerar desdouro não possuir algum testemunho do imperial apreço, compôz odes e sonetos ao dynasta, até que lhe chegou a venera da Rosa; para a critica, porem, sua memoria passará como a de um lettrado que teve em vida consagração immerecida, de um contente da sorte e nada mais.

Foi um estro decadente; sua lyra não desfere accordes que reproduzam qualquer episodio das scenas populares tradicionaes ou usuaes na epoca, de que a provincia foi tão rica; ao contrario, sagra o poder soberano, desfaz-se em hymnos laudatorios ao imperante.

É assim:

AO SR. D. PEDRO II

Tres sec'los para mais tem decorrido
Em que Pedro Cabral por um arcano
Divino apparelhava o solio ufano
Aos Pedros — Pae, e Filho esclarecido.

Néto d'Avós, como elles tão subido!
Monarcha sabio, justo, recto, humano;
Parece que dos céos o *Soberano*,
Tinha tal coincidencia permittido.

Pedros derivam pedras, e em brilhante,
Em rubins sobre o oiro tens fundado
Teo throno, *Pedro*, no Brasil ovante!

Tu és já deste Imperio amante e amado;
És tambem desde o Occaso ao Levante
Bemquisto em todo Orbe e respeitado.»

E ainda mais:

«Brasileiros que amaes a liberdade,
Justiça, rectidão, valor, sapiencia;
Na paz, na guerra, heróe d'alta prudencia,
Que reune á virtude, a magestade.

Tudo em Pedro achareis; pois a *Bondade*
Divina, por cabal munificencia,
Dêo-nos *Emanação* de sua essencia
Só inferior á mesma Divindade.

Tudo que ha de virtude em si resume;
Temos nelle o maior dos *Soberanos*
Monarcha, Defensor, Pae, Divo Nume.

Celebremos unisonos, ufanos,
Abrazados de gloria em vivo lume,
Hoje o dia immortal de seus bons annos.»

No mesmo gosto, ha sete outras composições.

Isto dito, natural é a pergunta: A que sentimento ou rumo obedece a musa deste poeta?

Quadra-lhe a resposta de um historiador consciencioso, sobre o baixo-imperio romano:

« A excepção do imperador, qual elemento de inspiração restava á litteratura romana, que, animada pelo sentimento politico da grandeza da patria, nunca tinha bebido nessa fonte inexgottavel de pensamentos — a vida do povo?

Houve, pois, de atufar-se na adulação. *Statius* adula, não sómente Domiciano, mas todos os ricos de Roma; *Valerio* e *Paterculo*, exaltaram as virtudes de *Tiberio; Quintiliano*, divinisa a *santidade* de Domiciano; chama-lhe o maior dos poetas; agradece-lhe a protecção divina que concede aos trabalhos litterarios e louva-o por ter expulsado os philosophos que tinham levado a arrogancia ao ponto de se julgarem mais sabios do que o monarcha.

Tacito e *Juvenal* adulavam, como adulavam os papagaios, que, nos vestibulos das casas grandes, saudavam o muito *sagaz* Claudio e o *clementissimo* Caligula.

Seneca encheo o primero de lisonjas e para mover Nero á clemencia, conferio-lhe o direito de matar o genero humano, de tudo anniquilar.

Refere *Sylvio*, filho de *Statius*, o poeta, que em certo dia um leão domesticado de Domiciano, foi morto por um tigre recem-trazido da Africa.

Pois, por tão simples facto, *Abascantio* propôz ao senado que se enviassem pezames solemnes ao imperador e *Statius* decantou os merecimentos do animal morto, deplorando com o povo e a curia, a perda que o mundo soffrêo com a morte do favorito imperial.

Não havia bôda, enterro, morte de favorito ou de espôsa, desgôsto de senhora por ter perdido o cão ou o

papagaio, que não inspirasse á ponto o fecundo *Statius.*» [1]

Esse depoimento confere com o de outro egregio historiador e não menos notavel philosopho.

«Em Roma, diz elle, as sciencias profisssionaes tinham tão curta bibliographia, que alem do livro de Varrão sobre a Economia e os juridicos do mesmo Varrão e de Rufus, outra coisa não ha a mencionar, a não ser os tres livros de *Caius Matius* sobre a cosinha, as conservas e doces; si me não engano, foi este o primeiro livro sobre a cosinha romana e como era obra de um romano de alta esphera, o phenomeno é digno de ser notado.» [2]

A longa citação que se acaba de lêr tem inteira applicação a Gonçalves Fraga; seo estro foi a quinta essencia da lisonja a tudo e a todos.

Lêa-se o soneto que segue, acompanhado da nota explicativa do assumpto, pelo proprio auctor escripta.

SONETO [3]

«Desde que d'hymeneo com Lilia os laços
Venturoso Godoy, ligaste, o Nume
Que proles outorgar, qual paes, presume,
Para dar-te um assim, tomou espaços:

«Si nelles (diz) meos fructos são escassos
«Um lhes darei, que alem do que resume
«Das virtudes dos paes — cause ciúme
«Ás deidades, por seos divinos traços.

---

(1) C. Cantu, *Storia Univ.*, v, 266-281.

(2) Th. Mommsen, *Hist. Romana*, vii, 367.

(3) Allude-se a terem casado ha muito tempo e só agora virem a ter o filho que faz o objecto deste soneto, o Sr. Dr. Antonio Thomaz de Godoy e sua senhora.

Dest'arte, pois, Godoy, brilhou o dia,
Com que o deos tutelar prendeo ao mundo
Teo prazer, honra, enlevo e bizarria.

Em virtude e saber será profundo
Encerro d'altos dons, d'alta valia,
E heróe em tudo grande e sem segundo.»

Que se póde dizer de mais despropositado sobre um recem-nascido, do que o que foi escripto pelo nosso *Statius?*

Ouso suppôr que os panegyristas de Gonçalves Fraga illudiram-se com a *quantidade* da contribuição trazida á litteratura pelo vate encomiado; a bôa vontade de Vasconcellos em apresental-o, levou-o a colligir do bardo maior numero de composições, do que dos demais que figuram no *Jardim Poetico*, esquecendo-se o digno collecionador, que semelhante alvitre só poderia ter o prestimo que teve:—desnudar o tenue sudario do trovador palaciano e exhibil-o tal qual é em poesia!

Feliz em vida pela consagração dos contemporaneos e nunca esquecido depois de morto, pelo elogio descabido e leviano, G. Fraga não passa de um poeta mediocre. Eis em duas palavras toda a verdade

Homem de alguma cultura, dispondo de habilidade para apprehender alheios pensamentos, foi na poesia simples amador; poeta, nunca; faltava-lhe tudo para alcançar a investidura appetecida, desde que não tinha a ideialisação das coisas patrias.

Do acervo inventariado, duas de suas poesias podem ser lidas: a *Elegia*, feita em 1837, em homenagem a

Evaristo da Veiga, e as *Decimas*, dedicadas á Senhora da Penha.

São tão differentes das outras, que chegam a não parecer fructos da mesma arvore.

Eis a Elegia: (1)

«Evaristo morrêo! Ah! tudo chora!
O rico, o pobre, o grande e o pequeno,
E mais que todos o Brasil deplora.

Na flôr dos annos seos, no tempo ameno,
Quando da patria o bem d'elle pendia,
Chamou-o para si o céo sereno.

Distincto brasileiro, que valia
O brasilico imperio, que o sustinha
Livre do despotismo e d'anarchia.

Honrado patriota que convinha
Mais ao Brasil que á Grecia seos luseiros,
E quantos varões Rom'altiva tinha.

Ah! sim, morreo! Desfazem-se os amigos
De lagrimas em rios caudalosos
E até mesmo seos proprios inimigos.

E que sentidos ais, tão dolorosos
Arrancam sem cessar do peito afflicto
A consorte e filhinhos desditosos?

Ah! Alecto voraz, monstro maldicto!
Como ousaste extorquir na flôr da edade
A vida, ao herói grande, mais que invicto?»
. . . .

---

(1) No livro em que vem publicada esta Elegia, vê-se a nota: *a pedido* de M. de S. S. J. Isso parece indicar uma precaução do auctor para não ser tido na conta dos partidarios de Evaristo e evitar com a declaração qualquer intelligencia em sentido contrario...

Da leitura feita no tocante á Elegia, resulta que foi esse um dos momentos em que Gonçalves Fraga pôde sêr poeta; só então recordou-se elle que era solidario com quantos trabalhavam para a consolidação da Patria, com todos que luctavam pela affirmação de nossa nacionalidade no continente enfeudado a portuguezes e hespanhóes.

As *Decimas*, constam da *glosa* feita pelo poeta a este motte:

Teo nome escrevi n'areia,
Ao pé do visinho mar;
As mesmas ondas quizeram,
Teo nome á praia beijar.

GLOSA

«Com devoção, com vangloria
Fui ver-te, oh! Penha em um dia,
Pois teos milagres ouvia
Cantar com fama notoria;
Teo templo vi que a historia,
Elevou á epopeia;
De Villa-Velha (ou aldeia)
Saltei na praia aljofrada,
E antes de ir ter á calçada,
Teo nome escrevi n'areia.

Que maravilha esplendente
Justos céos? Eis vem do prado,
Eis surge do mar irado,
Sacra turb'alta, luzente,
Que adorar vinha contente,
Teo sacro nome sem par,
Nome excelso e singular,
Tres vezes nome bemdicto,
Que eu devoto tinha escripto,
Ao pé do visinho mar.

Subo ao cume sem demora,
Da rocha onde 'stá teo templo,
Nelle oh! Virgem, te contemplo
Tal qual como o céo te adora;
Vejo então, como, Senhora,
De tudo os céos te fizeram,
Pois té lettras que escreveram,
As minhas mãos, vis, indin'as,
Adorar como divinas,
As mesmas ondas quizeram.

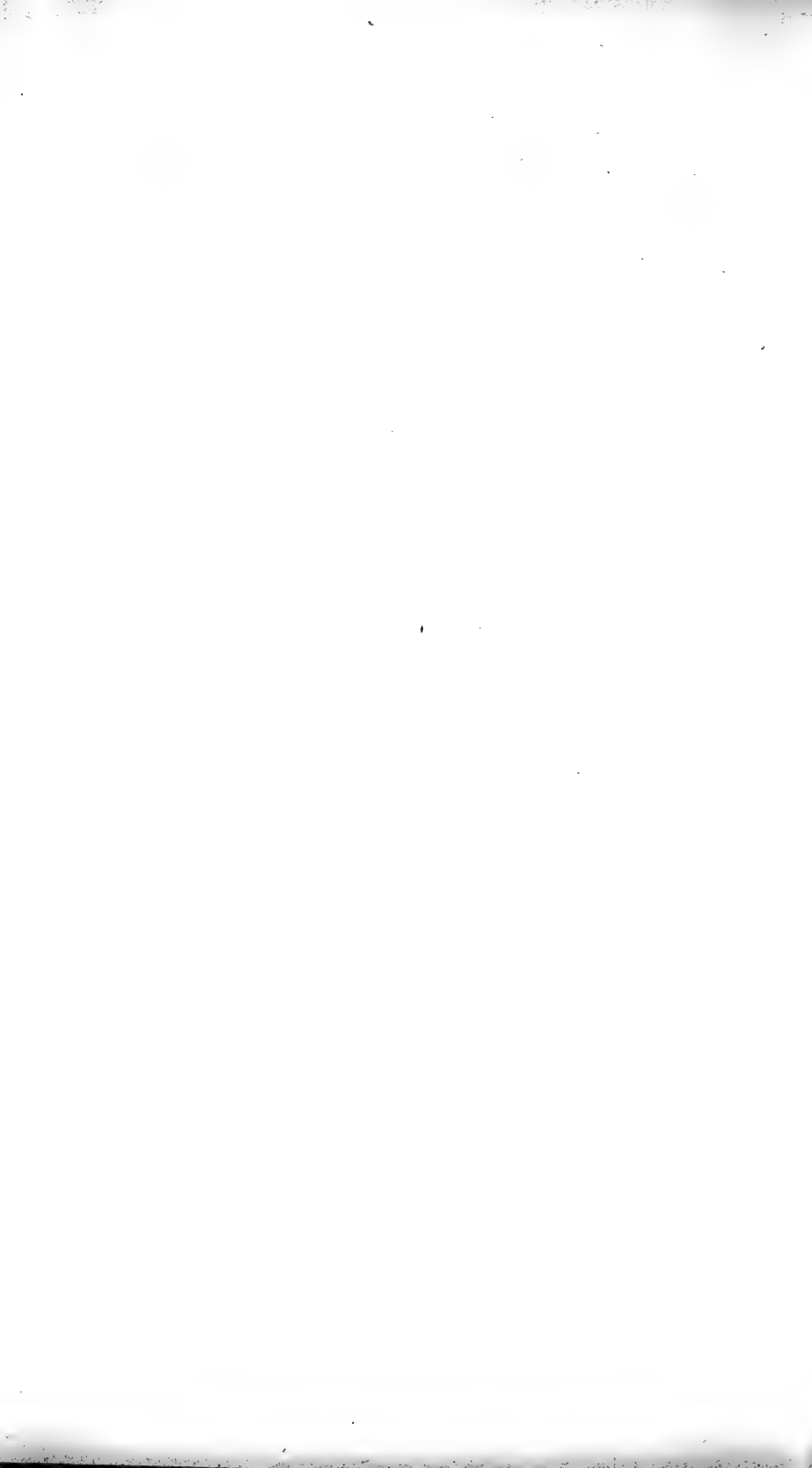
E tudo isto inda é nada
Á vista das maravilhas,
Que tu, que nos astros brilhas
Virgem-Mãe, Esposa-Amada,
De Deus, dos céos adorada,
Grandes coisas tens que obrar;
Por isso vejo te dar
A terra suas grandezas;
E do mar suas riquezas,
Teo nome á praia beijar.»

Aqui o trovador saturou-se na alentada poesia mythico-religiosa das tradicções de sua terra e faz o critico reviver por momentos a alma abnegada, cheia de fé e de piedade, do leigo Pedro de Palacyos, que ao findar o seculo do descobrimento, erguêo o monumento onde, pela primeira vez na capitania, os hymnos christãos echoaram no coração dos selvicolas.

Primeiro padrão affixado pela civilisação naquelle trecho do dominio luzitano, bem haja o poeta por nol-o ter recordado, na ballada popular que recapitula as crenças do tempo.

Da direcção impressa por Gonçalves Fraga á poesia, foram proselytos, J. Pereira dos Santos, Luiz Barboza dos Santos, Ignacio Vieira Machado e poucos mais.

Nem-um delles excedeu o inaugurador do systema; para caracteristica desse pendor litterario, penso ser bastante o que á respeito do chefe ficou dito.

Gonçalves Fraga falleceo na cidade da Victoria, em 8 de fevereiro de 1855.

Padre, Dr. João Climaco de Alvarenga Rangel (1799-1866)

De Marcellino Duarte a João Climaco, a transição é natural e explicavel: este como aquelle tambem foi padre, poeta, orador e politico.

Climaco nasceo na capitania espirito-santense em 30 de março de 1799, recebeo ordens sacras no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1822 e o gráo de bacharel em direito, em S. Paulo, a 22 de outubro de 1833; falleceo, porem, depois de Marcellino.

Aquelle nasceo na então villa da Serra e na da Victoria passou a juventude; Climaco, nascido nesta ultima, passou a infancia no interior da provincia, onde seo pae era fazendeiro.

Na provincia, o padre Climaco foi professor de philosophia, Director do Lycêo, deputado e vice-presidente, havendo sido eleito deputado geral em 1833, quando ainda estudante do curso juridico; desses cargos retirou-

8

se enfastido á vida privada, abandonando de vez a politica, em que aliás gastára os melhores annos do seo vigor intellectual.

Classicista como outros intellectuaes do seu tempo, foi na poesia subjectivista.

Ao contrario do padre Duarte, seos versos são reproducções do que lhe vae pelo interior d'alma, ora conturbado pelo mysticismo religioso, como Domingos de Caldas, ora resentido pelas perfidias e cavillações que o tinham chocado na senda politica.

Muito poucas vezes seos sonetos — que são a forma favorita do seo estro — revestem galas lyristas.

Das quatorze producções poeticas de Climaco, que compendiei em sua *Biographia*, apenas em um soneto ha traços de exterioridades do mundo physico; nos demais, o poeta segue a geral caracteristica que lhe assignei.

A excepção a que me reporto, é deste theor:

«Onde as aves modulam doce canto,
Onde abunda a frescura, a amenidade;
Ahi existo, e minha sociedade,
É da relva cheirosa e verde acantho.

Umas vezes ahi me causa espanto,
Dos parvos animaes a actividade;
Outras vezes lembrado da cidade...
Meo destino lamento em largo pranto!

Só me afasta a tristeza neste enfado
Das nymphas de Diana a melodia,
O epithalamio dos Faunos entoado.

O murmurio dos valles, a harmonia,
Quando aos braços de Morphêo vejo-me atado,
Empolga-me a cruel melancolia.»

Em João Climaco, o scenario da vida exterior tangivel fecha-se para dar logar á expansão de suas impressões interiores, ás cogitações unicas do espirito inflammado.

Seos cantos patrioticos, seus hymnos á amisade e ás creanças, seos threnos aos desalentados da vida, impreterivelmente são subjectivistas; são antes transportes dos estados do espirito, syntheses psychologicas, do que transmissão de impressões recebidas do contacto externo.

Falta-lhes a nota popular, a expressão do viver da massa anonyma, suas aspirações e tendencias; falta-lhes ainda o sainete lyrista inherente ao ambiente brasileiro, o vigôr do colorido nativista; d'ahi o esquecimento em que cahio o poeta para os seos conterraneos, cuja unica consagração posthuma, consistio em lhe darem o nome a uma das praças de sua cidade capital, onde o bardo teve a residencia e o berço.

A politica absorvente do segundo reinado, desviou Climaco dos seos propositos litterarios para as lides eleitoraes; parece que, porem, abandonou-a sem saudades, amargurado e... *emendado*, porque não reincidio no desvario.

É carateristico o soneto que vae abaixo:

«Sempre aos crimes austero e inexoravel,
Jamais com aváros peitos pactuei;
Poder, riquezas, sob os pés calquei,
Nada pôde vencer meo peito estavel.

Em próI da patria mãe sempre incansavel
Gloria, bens, honra e nome procurei;
Mas qual o premio que dahi lucrei?
Abandono, despreso, odio execravel!

Que licção tão fatal ao heroismo!...
E devo ainda fraternaes officios
Solicitar, qual favor, ao despotismo?

Não... Á patria rendi meos sacrificios,
Virtudes? Sentou-se em seo logar o egoismo,
Patria, lares, adeus! Adeus patricios.»

João Climaco falleceo em 23 de julho de 1866. [1]

---

[1] Vide meo opusculo—*Biographia do Dr. João Climaco,* Rio, 1902. *Typ. do Inst. Profissional,* em que esse espirito por varios titulos notavel, é estudado como poeta, orador e politico.

Padre João Luiz da Fraga Loureiro (1805-1878)

O padre Fraga Loureiro, descendente de uma das mais antigas familias da Capitania, cujos antepassados tinham raiz na fidalguia portugueza, nasceo na villa da Serra em 1805, ordenou-se na antiga Côrte do imperio e de volta á provincia exerceo o seo ministerio em diversas parochias, foi lente de latim, militou na politica, tendo em varias legislaturas tomado assento na assembléa provincial.

Cégo aos sessenta annos de edade, finou-se aos setenta e tres.

Nem-um dos intellectuaes do passado seculo, tinha tanto direito de ser conhecido por seos trabalhos, como o padre cégo e nem-um o tem sido menos do que elle até á epoca actual e isto por que nunca soube empilhar escriptos, nunca quiz collecionar seos versos, nunca os teve em bôa guarda; tão pouco dos seos sermões e arti-

gos que foram muitos, que davam para tres ou quatro volumes, conservou os originaes.

Em compensação, não houve no seo tempo poeta que gosasse de mais ampla popularidade e ainda hoje, memoria que seja tão gratamente recordada como a de Fraga Loureiro.

Não foi só um bardo popular; foi um improvisador sem egual nas festas, quer sacras quer profanas; um espirito extremamente galhofeiro, em summa, um homem do povo, não obstante os brasões da sua genealogia, que sabendo quanto valia, jamais quiz pôr á prova a estima do seo merito.

Após o tirocinio ecclesiastico, jamais deixou o berço provinciano.

Tudo quanto produzio, resulta de impressões do lar, das idéas e crenças do seo berço; mas por isso mesmo, admira que nos seos primeiros versos dos vinte annos, quando tão estreita era a comprehensão da sociedade do tempo e tão salientes as distincções entre brancos e homens de côr, fidalgos e *brasis*, já na provincia houvesse um poeta reclamado contra tão arbitraria demarcação de orbita das raças e ainda mais—protestado contra as oppressões feitas pelos homens do governo, contra os seus semelhantes governados.

No soneto que se vae ler, Fraga Loureiro, como que põe em verso a lettra do evangelho christão, accommodando-a aos seos sentimentos de democrata e de brasileiro.

O soneto a seguir, é de 1825:

«O homem nasce livre, alma natura
O dota com a grata independencia,
E só elle por commum conveniencia
Alcina, trama contra esta ventura.

É lei, sómente a lei á qual feitura
O voto nacional tem ascendencia;
O mais é despotismo, é prepotencia,
Que o bruto tolera, o escrav'atura.

Do acaso é obra a côr, a jerarchia.
É uma a só prole dos humanos,
Si abate-a o crime, virtude a aprecia;

Crime é ser indifferent'aos geraes damnos;
É virtude a razão tendo por guia,
Aos homens fazer bem, punir tyrannos.»

A tradição sagrou Fraga Loureiro, poeta popular e com isto fez-lhe justiça; nas festas de natalicios, nas manifestações aos altos funccionarios, aos cidadãos prestimosos do paiz ou da provincia, como nas festas religiosas, cabia-lhe sempre interpretar os sentimentos dos manifestantes e devotos e como para o povo a poesia foi sempre a fórma mais nitida de expressão das emoções affectivas, o vate tinha de traduzil-os, ora em improvisos, ora em recitações que eram decoradas e conservadas em memoria pelos ouvintes enthusiastas.

Eis porque, de Fraga Loureiro, maior é a copia de poesias guardadas pelo povo, do que das impressas no *Jardim Poetico*, de Vasconcellos.

Uma das modalidades do seo talento, era a facilidade em dictar, quando já cégo e adeantado em annos, os celebres versos heroicos dos *Bandos de Santo André*, usados em uma festa tradicional na cidade da Serra, composição de que só elle possuia o segredo.

Essa festividade, acredito que fosse uma reminiscencia, um *survival*, dos conhecidos *Bandos* que os capitães-móres lançavam quando tinham de dar preceitos aos seos jurisdiccionados, affixando-os em manuscriptos ás portas dos edificios, ou apregoando-os por meio de porta-vozes.

Do regimen colonial veio a usança para o costume popular e dahi a sancção geral em celebral-os no fim de novembro, dia de Santo André.

Consistia a apparatosa folgança, na exhibição de um capitão, ladeado por dois sargentos, vestidos todos em grande gala, cavalgando ginetes ricamente ornamentados da cabeça á cauda, seguidos de mascaras, em numeroso prestito e precedidos de tambores a rufar.

Os sargentos usavam lanças, tendo cada uma dellas um pão atravessado na lamina e muitas fitas pendentes.

Partia o cortejo pelas ruas, e, á medida que se approximava das casas de residencia das pessôas gradas do logar, um dos sargentos fazia em voz alta a leitura do bando, continuando depois a passeiata na mesma ordem.

Á tarde, quando a viração refrescava a temperatura, começavam as corridas de cavallos, a que chamavam *pôr parêlhas*.

O bando de Santo André, dividia-se em duas partes: a primeira, continha como os titulos de nomeação, o nome, qualidades e predicamentos do capitão; a segunda, suas determinações ou o modo por que devia ser feita a festa, etc.

Pois, o vate cégo e envelhecido, apezar das enfermidades que o atormentavam, com a simples exercitação da memoria que tinha felicissima, recompunha a genealogia real do individuo escolhido para Capitão de Santo André, fixava-lhe a ascendencia e cada anno o *bando* era sempre novo, sempre fresco, sem repetição de imagens, sempre attrahente pela elegancia da forma. (1)

---

(1) Mais tarde, quando fallecido era o poeta, tentou-se fazer reviver a festa de Santo André na de S. Miguel, com a mesma solemnidade do *bando* em verso. A parodia não teve exito e morreo no primeiro ensaio, sem deixar saudades.

Nas festas em louvor a S. Benedicto, o vate não era somente o pregador *a priori* apontado, mas tambem o escolhido para compôr versos em honra do santo e de quantos concorriam para o brilhantismo da solemnidade.

Era que o povo já começava a comprehender que o sermão precisava mudar de significação; não seria isso uma democratisação das crenças religiosas, como feliz antecipação da que teve logar em outra esphera, no fim do seculo? (1)

Nestas festas, os preitos de veneração ao santo, tanto eram sacros como profanos; umas vezes no dia em que se praticavam os actos religiosos, eram inaugurados por

---

(1) Não se canse o leitor indulgente com os detalhes que em repetidas notas venho fazendo; ellas tem por fim avivar usos e costumes populares do *folk-lore* espirito-santense, que nunca viram a imprensa e que com o transcurso do tempo podem ficar destruidos.

É de data immemorial, em minha terra, a devoção ao santo negro de Palermo; esse culto, embora sem a mesma pompa, é celebrado em quasi todas as villas e cidades da provincia edo Brazil· Não está, porem, averiguado quem o transplantou na America e convinha tirar a limpo, si foram os missionarios portuguezes dos seculos XVI e XVII que o instituiram, á guisa de consôlo aos africanos importados na colonia, ou os missionarios italianos, em honra ás virtudes do heróe da Sicilia, cuja humildade e abnegação no martyrio, tão vivamente impressionaram a gentilidade.

Seja como fôr, o que é certo é que na capital da provincia, S. Benedicto até hoje é venerado em duas devoções differentes: a do convento de S. Francisco e a da egreja do Rozario, formando dois partidos.

Os devotos do santo venerado no convento, são chamados — *caramúrús* e os do da egreja do Rozario, *peroás,* nomes tirados de dois peixes conhecidos no logar, sendo um de côr verde e outro listrado de azul.

Vem dahi o usarem aquelles um mantelete verde na opa e estes, mantelete azul.

iniciativa particular, certos melhoramentos locaes; n'outros havia bailes e quasi sempre em um dos alpendres do convento e da egreja, armava-se uma *kermesse*, onde, depois de expostos á publica apreciação os brindes offerecidos ao santo, procedia-se a leilão delles, sendo vendidos por preços elevados.

Fraga Loureiro descreve grande parte de todas as referidas usanças em seos versos; elle teve em começo predilecção pelo santo do convento, talvez por circumstancia peculiar aos homens ou ao tempo, que inteiramente desconheço; mais tarde pendeo para o do Rozario.

Tempo é de ouvirmol-o sobre o S. Benedicto do convento franciscano, que elle descreve assim em um improviso:

Dizer-se que no convento
O culto de Benedicto
Não se torna mais bonito
Com muito mais luzimento,
É negar um pensamento
Ministrado pela historia,
É offuscar uma gloria,
Que sempre lhe pertenceo,
É dizer que não nasceo
Na cidade da Victoria.

Viva o grande Benedicto,
Estrella do firmamento,
Que no claustro e no convento,
Mais fulgura, é mais bonito.
Viva sempre e seja invicto
Nosso empenho sublimado;
Viva todo o apaixonado
Que com gosto e fervor tanto,
Dá louvor ao nosso santo
No convento collocado.

Em uma manhã calmosa
Deste mez grato, gentil,
Fui colher de flôres mil
Uma cesta preciosa;
Colhi o cravo e a rosa,
Alecrim, perfeito-amor;
Com ellas fui eu compôr
Um bello ramo exquisito
Para dar a Benedicto
Como offerta de primôr.

Entre as flores cobiçadas
Colhi cheirosa madresilva,
A bonina, a sempre viva,
Pela aurora rociadas.
Dellas fiz duas grinaldas
Para o heróe coroar,
E para não lhe faltar
Com meo rustico presente,
Aqui venho fielmente
Em seos braços entregar.»

SONETO

«Nunca deixou de ser dia mui grato
O do grão Benedicto Franciscano;
Risonho sempre foi, mas este anno (1)
Famoso se tornou por mais um facto.
O *Aleixo* immortal, firme *Torquato* (2)
Dotaram neste dia soberano,
O partido leal *c'ramuruano*
C'um monumento d'elegante ornato.

---

(1) 13 de maio de 1856.
(2) Pessôas gradas do logar.

Um chafariz de finissim'esculptura
De gosto singular, gosto excellente,
Á hora festival teve abertura.

Decorou este acto o Presidente
A musica deo brilhante partitura,
Com applauso geral de toda a gente.»

Quando passou a venerar o santo no Rozario, lembraram-lhe por acinte o improviso que havia produzido ao santo do convento, anteriormente; Fraga Loureiro, sem esperar que se repetissem os remoques, improvisou na sachristia estas decimas:

«Folga o céo, a terra exulta,
Na fausta solemnidade,
Que do povo a piedade,
A Benedicto tributa;
A potencia absoluta
Acolhe com primasia
Os louvores que á porfia,
Lhe consagram lisonjeiros,
Seos devotos verdadeiros,
No Rozario de Maria.

Os trophéos que a hypocrisia,
Costuma colher infida,
Não têm apoio e guarida,
No Rozario de Maria;
Fervorosa sympathia,
Só ali é firme edicto;
O mundo todo contricto
Presta honras, reverencias,
Ás muitas proeminencias,
Do excelso Benedicto.

Si o ethereo continente
Tem um sol que aclara o dia,

No Rozario de Maria
Tambem brilha um astr'ingente.
Do céo veio este presente
Para ali ser adorado,
O devóto apaixonado,
O mortal que geme afflicto,
Tudo louva a Benedicto,
No Rozario collocado.»

Muitos outros versos compôz Fraga Loureiro, sobre assumptos patrioticos, que por seos amigos eram publicados uns, recitados outros nos theatros, em dias de gala, como de propria lavra; entretanto, supponho que os transcriptos attestam sufficientemente que o padre poeta merece a especial consignação de haver sido o primeiro que interpretou no verso a vida popular do seo tempo, no que ella tinha de mais interessante para nós — as tradições, os usos e costumes locaes.

Alguns dos seos epigrammas ainda hoje são recitados pelos velhos victorienses; muitos ha que lhe reproduzem extensas satyras e glosas cheias de espirito. Tudo isso leva-me a crer que o poeta foi um lyrista nativista que viveo a refrear as impulsões classicas, pela absorpção do elemento tumultuario popular que domina em suas canções.

Na epoca em que Fraga Loureiro revelou-se, appareceram na capital e na cidade de S. Matheos, alguns outros cultores da poesia, todos talvez bem desejosos de servirem-na com successo, sem entretanto haver nemum logrado a palma de tamanha ventura.

Foram antes trovadores epistolares, bardos de bro-

dios e banquetes ou frouxos necrologistas, do que verdadeiros poetas.

Viviam em geral fóra da sociedade do seo tempo, das aspirações e tendencias da epoca; quando dellas se lembravam, era para falseal-as em seos accentos. A vida do salão, que tão fortes impressões transmitte aos temperamentos poeticos, em nada lhes aproveitou.

A essa ordem secundaria de estros, pertenciam os padres F. T. de Quadros, Ignacio Felix de Alvarenga Salles (eximio latinista), Luiz Antonio Escobar Araujo, F. Antunes de Sequeira (pae) e os leigos: J. Pereira dos Santos, M. R. dos Santos, e F. J. de Abreo Costa.

Muito maior é a lista dos versejadores de especie definida; a nomenclatura que ahi fica, servirá apenas para provar, que o numero dos epigonos era superior ao dos progonos na poetica.

O padre João Luiz da Fraga Loureiro, falleceo a 6 de abril de 1878. [1]

(1) B. Dœmon, cit. *Hist. da Prov.*, 452.

CAPITULO II

O romantismo e sua significação na litteratura brasileira. Caracteristica da tendencia romantica no começo do XIX seculo. Os contos, lendas e legendas, como surtos romanticos. A direcção da Historia e da Estatistica como processos scientificos de averiguação. O poema romantico.

É do meo dever na altura deste estudo, consignar algumas reflexões sobre o romantismo e sua influencia no findo seculo, na provincia, não obstante — e seja esta a primeira observação a fazer — tão reduzidas serem as contribuições por onde desejára aprecial-o.

Movimento notabilissimo da vida nacional sob todos os aspectos; phase do maior desdobramento das idéas, quer nos dominios da philosophia e da critica, quer nos da arte, na vida provinciana só se me deparou o vestigio rudimentar dessa tendencia, na restricta feição das tradu-

cções de Antonio Claudio Soido e Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano.

Esses foram os dois eruditos divulgadores e glosadores de *Byron*, *Ariosto*, *Hugo* e *Musset*.

As traducções posteriores não se recommendam por nem-um titulo e eu tive por acerto excluil-as do quadro em que entraram os escriptos daquelles dois nobres espiritos.

O egregio auctor da *Historia da Litteratura Brasileira*, II, I-8, dando-se conta do valor que deve ter o romantismo, como phase caracteristica de uma litteratura, assegura que essa renovação «foi uma mudança de methodo na litteratura; foi a introducção do principio da relatividade nas producções litterarias; foi o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida poetica e artistica.

Dahi a liberdade, a generalidade de suas creações; elle descentralisou as lettras; nacionalisou-as em uns pontos, provincialisou-as em outros, individualisou-as quasi por toda parte.

Neste sentido largo, o romantismo é a litteratura do presente e pode-se dizer, será a do futuro, não passando os systemas de hoje, de resultados necessarios seos.»

Eu tenho pelo insigne critico patrio e por sua obra, a maior veneração; reputo-o um benemerito das lettras neste paiz, um espirito que honra a cultura do seculo pelo saber e pela originalidade de theorias scientificas merecedôras de geral acolhimento.

De sua obra, quer a consideremos no ponto de apreciação restricta em que me colloquei, quer no opposto, póde-se asseverar que é o que de mais perfeito, mais intenso e mais homogeneo possuimos, como obra d'arte, como producto de longo e paciente estudo, de critica ponderada e de verdadeiro patriotismo, rehabilitado este vocabulo com a significação que lhe convêm de maxima

expressão da verdade, pela severa apreciação dos factos e dos ensinamentos logicos que elles permittem.

Defrontando tão alta individualidade, com a consideração que merece, não devo occultar o prazer que causa, a quem se entretêm nas lides do pensamento, ter propinquo o momento de discordar de suas opiniões: tal é a situação em que me sinto no tocante á comprehensão do romantismo.

Concordo com o eximio criticista, que, em sentido lato, seja aquella a significação do romantismo; admitto que o separe do classicismo, a acquisição das concepções *a posteriori* e a relatividade; ouso, porem, suppôr, que nos phenomenos litterarios do romantismo, estudados em as suas mais elevadas manifestações na poesia, ha duas notações impreteriveis: a primeira expressa pelo scepticismo philosophico e esthetico e a segunda pela tendencia de universalisar certas idéas e theorias de que o seculo XVIII não fez a applicação que ellas comportavam.

Quanto á primeira: no *Faust*, que ha sinão a expressão de sentimentos philosophicos e religiosos, luctas interiores e duvidas que assaltam o espirito de GOETHE?

Sei que ha dissidio na classificação do maior poeta allemão entre os romanticos; mas a divergencia é talvez antes oriunda da empolgante admiração universal que o seo genio excita, que uma resultante da analyse de sua obra. (1)

---

(1) Os escriptores que demoradamente estudaram o periodo anterior ao advento do romantismo na Allemanha, denominado—*periodo de tempestade e de oppressão—Sturm-und-Droug period*—confirmam que GOETHE, LESSING, NOVALIS e os principaes vultos da cultura de então, estiveram á frente da nova escola, pelo menos emquanto ella conservou a direcção que lhe imprimiram os irmãos SCHLEGEL em contrario ás vistas revolucionarias de SCHILLER.

A propria ideiação da personagem que se unifica com Mephistopheles após o celebre pacto de servidão por 24 annos; o exgottamento dos prazeres, o tedio experimentado pelo famoso nigromante em todas as combinações do seo diabolico assistente, que são sinão fluctuações do espirito fixo no pólo negativo?

E o que succedeo a GOETHE na Allemanha, passou-se tambem com HEUMAN e MARLOWE, que foram os mais brilhantes interpretes do lendario magico na Inglaterra.

Não foi depois de conviver na Suissa com SCHELLEY, que BYRON addicionou ao *Child-Harold*, o terceiro canto, que é onde mais se accentuam as duvidas do poeta?

Não foi ainda a *Encyclopedia*, em França, que resumio as duvidas politico-sociaes e religiosas, dos espiritos mais esclarecidos de então?

Esses factos levam-me a crer que a notação assignalada é procedente.

Quanto á segunda: Examinando-se a theoria da *evo-*

São de um auctor insuspeito e grave estas observações: «Na esphera da poesia, todos aquelles que, portadores de sentimentos liberaes tomavam parte decisiva nos destinos da epoca e da patria, ligavam-se a SCHILLER, cujo pendor para o idealismo não se deixava perturbar pela alegria que lhe causava o commercio do mundo e que projectava sobre os contemporaneos a influencia da romantica de outras eras.

Os romanticos, ao contrario, os partidarios dos irmãos SCHLEGEL, não quizeram reconhecer aquelle por seo mestre; chegaram a atacal-o como o representante do principio revolucionario e se incorporaram a GOETHE, que como elles voltava o rosto ao presente, concentrava suas sympathias na natureza, e volvia para a arte plastica, fazendo incursões no Oriente»; G. G.—GERVINUS, *Hist. do XIX seculo*, II, 111.

No mesmo sentido, POMPEYO GENER, *Historia de La Literatura*, 164.

lução, no significado especial de *desenvolvimento* natural de todas as coisas e não como synonimo do *darwinismo*, com o qual não poucos a confundem, segundo observação procedente de Tobias Barretto, nota-se que desde remotos seculos aquella idéa preoccupou os maiores espiritos.

Por meio della, diz o maior pensador da Allemanha contemporanea, não poucos philosophos procuraram em parte as leis que regem a formação e o desapparecimento do mundo, a apparição da terra e de seos habitantes. Nos proprios mythos das antigas religiões e nos poemas sobre a *creação*, ha vestigios dessas concepções geneticas.

Mas, a idéa da *evolução* só encontrou uma formula precisa e uma legitimidade scientifica, no curso do seculo XIX, sendo que foi no ultimo terço do mesmo seculo, que ella recebeo universal acolhimento.

Alludindo ás vistas do naturalista allemão Stolff e do francez Lamarck, o mesmo auctor accrescenta que a interpretação dos phenomenos naturaes por elles formulada de 1759 a 1809, contrapondo á idéa da *preformação* a da *descendencia* e explicando pela *hereditariedade* e pela *adaptação*, as semelhanças entre as especies visinhas e as respectivas dissemelhanças, não foi recebida então, por que era prematura e tanto assim que nem-uma impressão causou e ficou completamente esquecida. [1] De modo que o tempo é um factor muitissimo ponderavel, que não póde ser esquecido, quer se trate de phenomenos physicos, quer mentaes; e o facto da *evolução* que foi a theoria que invoquei para exemplificar o caso em debate, de tão longa data presentida, sómente vir a ser uma acqui-

---

[1] Haeckel, *Religião e Evolução*, 8-15.

sição valiosa, como verdade scientifica demonstrada, depois que Huxley e Darwin deram á estampa os seos mais notaveis trabalhos, isto é, o primeiro em 1863 e o segundo, em 1871, prova bem a exactidão da these enunciada em segundo logar, que póde ser assim resumida: idéas ha que embora propagadas em um seculo, só nos subsequentes chegam a receber as applicações que ellas comportam pela sua maturidade.

Tempo é de retomar a questão do romantismo nos termos em que foi posta, pondo remate ao incidente que provocou o desvio da discussão.

Conhecidas as idéas que ahi ficam expostas, licito é perguntar: que fez o romantismo na primeira metade do seculo findo, senão a applicação das idéas renovadas á luz de um methodo novo, é certo, mas que não passavam de uma projecção do anterior?

Declara o preclaro criticista, que o romantismo assim entendido, não abrange as individualidades de Schiller, Hugo, Tennyson e Wordsworth, quanto á generalidade de suas obras.

Possivel é que assim seja sob um ponto de vista muito geral; o mesmo não acontecerá, porem, si nos ativermos á ordem de successão das manifestações culturaes de alguns dos auctores supra referidos.

F. Schlegel procurou caracterisar o romantismo, differenciando-o do classicismo, por esta formula: «A contemplação do infinito revelou o nada de tudo quanto tem limites; a poesia dos antigos era a do goso; a nossa é a do desejo; a poesia antiga encerra-se no presente; a nossa fluctúa entre as recordações do passado e o presentimento do futuro.»

Explicando o pensamento do philosopho allemão, adverte outro escriptor: «Era, pois, o romantismo a expressão de um sentimento mais profundo do presente em relação do passado, contemplado de um novo ponto de vista.

Os classicistas haviam considerado, não como uma historia do que tinham feito os mestres e dos meios de facilitar a imitação das suas obras, porem como elementos capazes de produzir.

Os romanticos fizeram residir a soberania no sentimento individual; converteram a esthetica numa sciencia racional, em vez de a reduzirem a uma complicação empirica.

A escola classica, tendo nascido no meio das côrtes, vivêo de convenções, de transigencias, de modas aristocraticas; dava mais importancia ao contorno do que ao colorido, á logica do que á phantasia; era pobre em imagens por isso que não derivava do sentimento.

Os romanticos proclamavam-se filhos do povo; por consequencia, tiveram menos verniz e mais vivacidade.

Os classicistas pintavam a humanidade no que ella tem de geral, a verdade abstracta, o bello, que resulta da unidade, sem attenderem á côr local e ás particularidades da organisação.

Os innovadores quizeram a verdade viva, a do individuo de preferencia á da especie, os typos distinctos e não os typos communs.

Por isso, uns conseguiram facilmente um bello de convenção a que com a maior impropriedade chamavam ideal; ora, como as especies são poucas numerosas, encerravam-se num campo muito acanhado.

Os outros puseram-se a contemplar o universo; quando, porem, tratavam de escolher, cahiram muitas vezes no trivial ou perderam-se em exaggerações de phantasia, e por fim deixaram de escolher, acceitaram o que

já o havia sido pelos mestres, e voltaram a um novo convencionalismo.

A lingua resentio-se tambem destas doutrinas. As palavras egualaram-se como as pessôas; deixou-se de evitar a expressão propria para lhe substituir circumlocuções engenhosas e descoradas; pensou-se muito menos em alambicar o estylo da côrte, do que em interrogar a linguagem do povo.

Em resumo, a variedade e o infinito, ficaram sendo os caracteres do genero romantico, que portanto introduzio o lyrismo em tudo.»

Essa longa citação tem o seguinte alvo: fazer certo que o nosso auctor podia ter sido mais explicito e menos longo na exposição das idéas de SCHLEGEL, resumindo-lhe a theoria assim: o romantismo, com esta comprehensão, é uma ligação das aspirações do passado com as do futuro, examinadas á luz de mais seguro methodo; mas como idéa, como producto rectificado de uma litteratura, era uma projecção do poetar do seculo precedente.

Com inteira razão nota G. LANSON, que no seculo XVIII, os maiores nomes da historia litteraria, são em geral os mais considerados na historia das idéas; entretanto, essa concordancia não se encontra no seculo XIX. Neste, a litteratura não attinge a grande corrente das idéas, sinão por limitado numero de pensadores, polemistas e oradores e os homens em quem se encontra o verdadeiro talento litterario, não são as intelligencias directôras do seculo. (1)

Para o auctor citado, «o romantismo é uma differenciação successivamente por negação e por antithese do classicismo» assim explicavel:

---

(1) *Histoire de la litt. franc.*, 895.

Differenciação por negação, por que supprimio as regras que regiam o trabalho litterario, quer quanto ás definições do genero, quer quanto ás leis interiores de cada genero, quer quanto aos preceitos de gosto.

Differenciação por antithese, porque fez o contrario do que havia feito o classicismo.

A litteratura do seculo XVIII tomava por modelos as dos seculos anteriores e em especial e a do XVII; o romantismo oppôz-lhe a da edade media e assimilou as extrangeiras.

Assim, o romantismo será em primeiro logar, um alargamento ou antes uma deslocação do dominio litterario; em seguida uma refusão de formas litterarias, cahotica é verdade, mas de onde em breve surgirá uma organisação nova, legando-nos uma poesia lyrica, uma historia viva, uma litteratura pittoresca; quebrando as formas demasiado fixas e invariaveis que se não deixavam manejar pelo pensamento do artista, habitos tyrannicos de composição e de estylo que filtram por assim dizer a inspiração e eliminam a originalidade; destruindo os generos, as regras, o gosto, a lingua e o verso e conferindo ao genio dos artistas e ao espirito do seculo, a reconstrucção do edificio pela base.

Em duas palavras, o romantismo nos faz passar da abstracção á poesia, e, posto que possa parecer que a principio pretendeo facilitar a invenção com prejuizo da arte, não fez senão dar á arte o logar que era occupado pelo mechanismo. (1)

Tanto quanto ali pareceo-me criteriosa a advertencia do illustre professor universitario de Paris, aqui reputo falho o seu conceito sobre o romantismo.

---

(1) *Oper. cit.*, 922.

Em todos os tempos da historia litteraria, têm apparecido tendencias de renovamento nos processos e idéas em voga, e comtudo nem-um desses movimentos teve a significação peculiar ao systema ou escola que vou estudando.

Na edade antiga, o estoicismo romano trabalha em sentido opposto ao monismo grego, muitos seculos depois de absorvida a vida litteraria e philosophica do povo grego pelas gentes do Lacio; entretanto, constituindo essas duas direcções de idéas renovações diversissimas, a nem-uma coube a caracteristica attribuida ao romantismo propriamente dito.

E porque?

Na edade media, no seculo XIII, passado que foi o periodo aureo da litteratura christã, ao lado da theologia positiva fundada na auctoridade da tradição, apparece a tentativa de conciliar a fé com a razão, a orthodoxia com a dialectica, explicando ao mesmo tempo os phenomenos da intelligencia, as operações da logica, a origem e o valor das idéas, as fontes do conhecimento: tal foi a Escolastica.

De Boecio a Santo Anselmo, chegou a nova doutrina ao ultimo gráo de sua evolução: renovou idéas e renovou processos litterarios.

Póde-se attribuir á Escolastica o valor de movimento romantico, comparando-a com as outras formações philosophicas ou litterarias anteriores?

A conclusão inevitavel — acceita a theoria de G. Lanson, seria termos tido tantos cyclos romanticos quantos os renovamentos operados.

Supponho que a acção do romantismo fica rasoavelmente comprehendida nas duas notações que á escola assignei em começo, posto que com o auctor reconheça que nem-uma contribuição foi mais efficaz para alargar-lhe o

ambito e radical-o, do que a realisada por via de traducções de obras extrangeiras.

São delle estas palavras cathegoricas:

«Convem lembrar que em França, um certo numero de obras nos primeiros annos da Restauração, muito ajudou a imaginação de nossos artistas e poetas a sahir da antiguidade classica e em particular da do seculo XVII, habilitando-os á empreza da renovação das idéas e formas da litteratura. Eram traducções de livros extrangeiros, collecções de cantos populares ou de antigas poesias, estudos de historia litteraria e viagens: toda a Europa por bem dizer—da Grecia á Escossia e todas as obras dos trovadores á moda de BYRON, successivamente vestiram e despiram o ideal classico.» (1)

Não foi, pois, só a França que soffreo os effeitos da intensa febre que dominou os seculos XVIII e XIX no departamento litterario; cá pela America reproduzio-se um pouco mais tarde o mesmo phenomeno, aliás explicavel pela tendencia *imitativa* que DARWIN considera uma das mais potentes faculdades do homem, mórmente do que não remontou as maiores etapes da civilisação. (2)

Tivemos tambem a traducção das obras dos corypheos do romantismo, no idioma nacional, muitas vezes sem que as transplantações fossem cuidadas.

Na parte que interessa á ex-provincia, salientaram-se: ANTONIO CLAUDIO SOIDO, LUIZ DA SILVA ALVES DE AZAMBUJA SUSANO e poucos mais.

Mas o romantismo não se deteve neste estádio litterario, foi além; penetrou a Historia e a Estatistica, as lendas e os contos, as legendas e os mythos.

---

(1) *Oper.* cit., 922.
(2) DESCENDANCE, 75.

Na comprehensão das duas primeiras, a nova escola não lhes assignou o caracter predominante de fontes de esclarecimentos para o regular conhecimento do homem e da sociedade, do desenvolvimento de suas aptidões industriaes, artisticas e scientificas, no passado e no presente; de Francisco Alberto Rubim a Dœmon, nota-se que todos os historiographos desviaram-se para direcções que não conduzem a resultados positivos, nem mesmo aos pretendidos pelos auctores!

As lendas e mythos, os contos tradicionaes populares e religiosos, não têm melhor recommendação; Gomes Neto e Pessanha Póvoa estudaram-n'os superficialmente, desprovidos de elementos que lhes garantissem exito, suppondo ambos que tinham feito mais do que deviam, com a reedição de umas caturrices espiritualistico-romanticas, que desde 1850 não eram mais lidas. Na poesia o desprestigio é o mesmo, pondo-se de parte um ou outro escriptor.

De um modo geral póde-se affirmar, que o periodo ou phase do romantismo, com ser o da maior expansão espiritual em nossa terra, foi talvez o mais esteril quanto ao proveito a colher do dispendio de tão grande actividade.

Estudemol-o agora nos seos interpretes principaes.

Luiz da Silva Alves de Azambuja Susano (1785-1873)

Nasceo no Rio de Janeiro em 1785.

Empregado de Fazenda, possuindo em relação ao seo tempo erudição e cultura notaveis, em 1822 era escripturario da contadoria da mesma Fazenda, quando os successos da independencia sob D. Pedro I, o chamaram a fazer parte da Junta Provisoria, que passou a governar a capitania, sendo Susano escolhido seo secretario.

Em 1846, foi nomeado Inspector da Thesouraria de Fazenda e neste cargo aposentou-se em 1856. (1)

Sua actividade litteraria, começou em 1847, quando publicou o romance — O CAPITÃO SYLVESTRE E FREI VELLOSO, ou a plantação do café no Rio de Janeiro, edição

---

(1) PEREIRA DE VASCONCELLOS, *Ensaio de Hist. e Estat.*, 63, 88.

de Eduardo e Henrique Laemmert. É uma satyra ao atraso dos fazendeiros da epoca.

O entrecho da novella, é a propaganda do plantio do café feita pelo conhecido botanico franciscano com o auxilio do marquez de Lavradio e a repulsa que lhe oppuseram os agricultores boçaes, que não podiam conceber como de um grão era possivel brotar uma arvore.

A leitura é interessante; não ha no livro descripções fastidiosas; nota-se que foi escripto todo elle com certa habilidade e muita graça, principalmente no ponto relativo aos costumes da epoca.

Essas mesmas qualidades recommendam o outro romance do mesmo auctor, editado por aquelles livreiros em 1859, sob o titulo: A BAIXA DE MATHIAS, *ordenança do Conde de Arcos.*

Susano ainda fez uma traducção do *Orlando Furioso* de ARIOSTO; em 1875, esse trabalho que nunca foi impresso, estava em poder de um dos seos genros, inteiramente esquecido e desaproveitado.

São da penna do operoso escriptor: *O Digesto Brasileiro;* as *Annotações ás Leis de Fazenda;* a *Arithmetica Elementar;* o *Systema Nacional de Orthographia.*

Livros didacticos e de praxe forense compôz não poucos que jamais tiveram publicidade; versado nas linguas grega, latina, italiana e franceza, desses idiomas transplantou para o nosso grande cópia de curiosidades litterarias uteis.

O velho fluminense, contemporaneo de INNOCENCIO DA SILVA e por elle admirado pela extensão e variedade de sua cultura, na provincia foi politico, prosador, grammatico, professor de humanidades, funccionario publico e advogado.

Nem em todos os rumos em que exercitou a actividade salientou-se; sua contribuição, porem, nem por isso deve ser esquecida, principalmente na parte referente ao

ensino publico que nelle teve um docente competentissimo, convindo observar que por mais de 50 annos habitou o Espirito Santo, tendo deixado o berço ainda muito joven.

Susano era um escriptor cosmopolita; no logar onde elegeo domicilio, fixou-se definitivamente; ahi constituio familia, ahi dispendeo os melhores annos da existencia collaborando para o bem da communhão e ahi finou-se.

A respeito de Susano e de Soido, escrevi em 1902 as palavras que reproduzo:

«Foram estes dois brasileiros incansaveis na adaptação das formas ricas da litteratura européa, á incipiente formação da cultura na provincia e esse afan de transplantar trabalhos fecundos, revela o louvavel proposito de desviar os espiritos das imitações servis que nem-um prestimo têm.

Merecem esta posthuma consagração e eu a faço com tanto maior prazer, quanto é certo que elles tiveram a bôa inspiração de impulsionar o movimento das lettras, em um meio acanhado, na quadra em que os melhores cultores tinham todas as provisões feitas no classicismo latino exclusivamente»; *Biographia do Dr. João Climaco*, 27-28.

Em verdade assim foi; de Caldas a Soido, vemos que o circulo das idéas tende sempre a dilatar-se, na razão das contribuições que vão surgindo.

Azambuja Susano, finou-se a 16 de agosto de 1873, na capital do Espirito Santo. (1)

---

(1) B. Dœmon, cit. *Hist.*, 409.

Antonio Claudio Soido (1822-1889)

Nasceo na Victoria, em 26 de abril de 1822. [1]
Em 1838, a 17 de novembro, era na Escola de Ma-

---

[1] As duvidas que tive sobre a naturalidade de Soido, desappareceram depois que me foi possivel obter informações dignas de fé, ministradas por alguns dos seos companheiros de infancia, que ainda vivem na Victoria, entre os quaes o conspicuo varão Sr. Barão de Monjardim, que manteve com o distincto militar estreitas relações de amizade, desde os bancos da escóla primaria.

Nos assentamentos do Quartel General da Marinha, que por copia e extrema gentileza do estimavel funccionario Sr. Rodolpho Graça alcancei, ha omissão dessa circumstancia, isto é, do logar do nascimento do militar poeta; mas creio que em razão da qualidade da pessoa, a lacuna fica perfeitamente sanada com o testemunho de quem muito de perto conheceo-lhe as aptidões e a familia, como o meo respeitavel conterraneo.

rinha da Côrte, um simples aspirante, que teria de chegar como chegou, em 1882, ao alto posto de Chefe de Esquadra em que reformou-se, havendo desempenhado commissões importantissimas, como: a da primeira missão ao Rio da Prata, em companhia do Visconde do Rio Branco; a de limites com a Bolivia, em 1871, da qual foi chefe; a do commando do primeiro navio de guerra, a vapor, que chegou até Matto Grosso; a Inspectoria dos arsenaes de Pernambuco, Bahia e Ladario e a de Membro do Conselho Naval.

Na guerra contra o Paraguay tomou parte, salientando-se no combate de Tonelero, em que foi condecorado por actos de bravura, com a medalha desse feito, com a de campanha geral, com o officialato da Ordem da Rosa e a commenda da de S. Bento de Aviz.

Taes são as credenciaes do militar; mas o nome illustre de Soido, não obstante tantos titulos, escaparia á minha apreciação neste livro, si o não recommendasse a qualidade de homem de lettras. É como factor do progresso intellectual de sua terra que eu devo estudal-o, porque é sob esse aspecto que maior destaque tem a sua individualidade provinciana.

Antonio Soido foi o traductor do *Corsario*, de BYRON, como Susano o fôra do *Orlando Furioso.* Mas Soido era tambem poeta; tambem conhecia a arte da representação sensivel das idéas, no dizer de SCHELLING.

Pertencem-lhe estes sobrios versos, dedicados ao imperador Pedro II, quando em visita aos hospitaes de colericos:

«São os feitos que louvam; tôsca e dura
Embora seja a lyra que os desdobra,
Entornam sempre a luz suave e pura,
Por sobre a fronte do mortal que os obra.

Enthusiasmo, minha musa obscura!
No voto da razão alento cobra;
E posto roce em doloridas penas,
Anjo d'inspiração! faze o que ordenas.

Ouviste? Um echo reboou do norte!
Lá no principio deste grande imperio
Mésta passeia, furibunda a morte;
Qu'esposou p'ra seo bem um mal funereo.
— «D'onde veio elle?» O povo desta sorte
Fala: «Será acaso um morbo aereo
«Ou trouxe-o a força d'entralhadas lonas
«D'Europa fria ao calido Amazonas?

«O toxico será fatal e horrendo
«Que o Ganges por periodos vapóra?
«Que pouco em pouco os vôos distendendo
«Foi ter c'o povo que a Confucio adóra?
«E após ao Albis, rapido correndo,
«A Europa toda ha tempos apavóra?
«Que d'um salto transpondo o grand'Oceano,
«Veio assustar o mundo americano?

«Será? A causa eguaes effeitos
«Produz. Sim, esses olhos encovados,
«Essa respiração que mal dos peitos
«Podem soltar os infeccionados;
«Os rostos mais formosos, mais perfeitos
«No mesmo instante seccos, transtornados,
«Horror! O mal em tudo se assemelha
«Ao que Londres vio, Pariz, Marselha.

«Inda ha pouco a brasilea humanidade
«Pela febre, oh meo Deos! foi affligida,
«E outra nova, mortal calamidade
«Nos vem tambem ameaçar a vida!
«Ah o *colera-morbus!* Tem piedade
«De nós, Senhor, sinão vemos perdida
«A esperança de um porvir brilhante
«P'ra este imperio entr'as nações-infante!

«Da profundez da dôr a ti bradamos,
«Presta, Senhor, ouvido ao nosso brado;
«Sem o soccorro teo que t'impetramos,
«Póde viver o filho do peccado?
«De nós afasta o mal a que dobramos,
«Teo sopro manda ao povo flagellado
«E este povo, Senhor, que assás te deve
«Mais puro ficará que a pura neve.»

Mas já retumba o pranto n'outra parte!
Apavorada a inclyta Bahia,
Vê sem soccorros — pois desanima a arte —
Cahirem trinta mortos cada dia;
Nem ha quem os cadaveres aparte
Dos vivos, interpondo a terra fria!
No empenho d'os queimar Bettamio corre,
As cinzas o envenenam e o justo morre! (1)

Mais um grito! Do Rio de Janeiro
O habitante desvairado erra;
Eis o monstro, o demonio traiçoeiro
Na capital da brazileira terra!
Ceos! que attribulação! ao mais ligeiro
Incommodo, quem o sente já se aterra,
Crendo o bafo do *colera* homicida
Ter bebido no ar que alent'a vida!

....

Imperador! ind'esta vez honraste
Do fundador do imperio a grã memoria!
Tu, que até aqui um coração mostraste
Todo de amôr, isento de vangloria;
Agora abnegado revelaste
Direito a outras c'rôas, outra gloria,
Pois, (eu não sou de adulação captivo)
Foste do commum soffrer o lenitivo.

---

(1) Medico illustre da Bahia, victima de sua dedicação scientifica, por occasião de ali apparecer o mal levantino.

Sim! si compulso os livros da sciencia
D'Hypocrates, encontro que o famoso
Mal que nos fére, na experiencia
Se mostra á clara luz contagioso;
E não lèva por certo a excellencia
Na exposição d'um peito corajôso,
Quem na guerra brilha d'ousadia
Ao que, qual tu, a morte desafia.»

....

Excita sympathia esta synthese tocante do soffrimento commum; agrada a referencia feita á piedade do monarcha que não se esqueceo do seo povo em tão doloroso transe, sem o agachamento da pragmatica, por parte de quem não estava affeito a lisonjas e zumbaias; finalmente, não atordôa ao leitor o *scientificismo* do poeta quando disserta sobre a etiologia do mal levantino, por que foi commedido para ser verdadeiro.

E quanto dista essa sobriedade tão salutar, da abusiva mania de certos estros, cujos possuidores nunca viajaram e não obstante, levam a triturar-nos o espirito com *orientalices* gangeticas e transgangeticas, sómente por que lhes sôa bem á auricula, a rima de que carecem?

Torno ao poeta.

Soido é antes do mais, um lyrista nativista. Viajou o seo paiz e os Estados do Prata e do Pacifico; percorreo a Europa e os demais continentes em estudos profissionaes; pois, de quantas impressões recebeo no extrangeiro, sempre cabe ás que teve na patria uma certa primasia, quando de qualquer modo as compara.

Elle esforça-se por estudar os costumes dos povos que visita; o caracter dos individuos, as aspirações da sociedade, a vida dos salões e o que de sua penna distilla, é sempre natural e gracioso, levemente ironico, nunca descortez.

Tempo é de ouvirmol-o na

A MENINA ORIENTAL

(Recordações de Montevidéo)

«A menina oriental
Como a garrula argentina,
Tem de gôda alva tez fina,
Feições nobres, rosto oval;
É da moura feiticeira,
Lindos olhos matadores,
Negro, lustrôso cabello,
Onde, segundo o modelo
De Paris enxerta flôres.

Ella como a brasileira
Tem o porte magestoso
Corpo esbelto, gracioso,
Delgado como a palmeira;
De viva imaginação,
Ella ama o turbilhão
Da cidade populosa;
Quer o luxo e sabe bem
Casar a graça que tem,
Com a seda farfalhosa.

Morre pelos esplendores
E busca a todo o momento,
Para ter deslumbramento
Um milhão de adoradores.
Com donaire sem egual,
A menina oriental
O *abanico* meneia,
Si de dezembro ao calor,
Mal respirando em langôr,
A cêcêm nos traz á idéa.

A menina oriental,
Como a garrula argentina,
Na contradansa é divina,
N'uma walsa muito val;
Põe dedos de cherubim
No teclado de marfim
Do piano, e canta bem;
Ella a pintura aprecia,
Muito mais a poesia
E amôr aos vates tem.

Porem, do trabalho a idéa
Visão parece infernal,
P'ra menina oriental,
Que d'encargos receia;
Só do *menage* a lembrança
A derrota, esfalfa e cansa,
Fal-a de dôr suspirar;
Por que o lidar caseiro,
Com o seo viver ligeiro.
Não se póde combinar.

A menina oriental,
No seo meio escuro templo,
Parece dar o exemplo,
Da christã primordial;
D'olhos baixos na oração,
Apparenta com a expressão
Que o mundo esquecer deseja;
Mas ella assim está vendo,
Tudo o que vae succedendo
Por dentro e fóra da egreja.

A menina oriental
Fala essa lingua sonóra,
Feita da latina e moura
Da portugueza rival;
Ella conserva d'amores
As lembranças, como as flôres,
Do pundonor sob o véo;
É patriota exaltada,

Para ella não ha nada
Como o seo Montevidéo.

Rival da bella argentina,
A menina oriental,
Da argentina diz mal
Gosta de quem a crimina;
Por modestia diz que aquella,
É mais que a oriental bella,
Mas que é muito refalsada,
Que é voluvel no amôr,
Que seo todo encantador,
Encerra traição alada.

A menina oriental,
Fala de tormenta e guerra
Com valor; porem si berra,
O canhão ou vendaval,
Adeos animo e firmeza!
Adeos guerreira afoiteza!
Põe patente o coração
E, mais bella e vacillante,
Mostra ser no mesmo instante,
O que as mais meninas são.

Amante da liberdade,
Qual alegre passarinho,
Que decanta do raminho,
Á matinal claridade;
A menina oriental,
Quer na vida conjugal
Commodo, docil espôso
E treme só em pensar,
Que a poderá sujeitar
Algum marido ciôso.

A menina oriental,
Tem p'ra si que o brasileiro,
Entre os homens o primeiro
É no ciúme infernal;

Por que do Brasil a gente
É da luso descendente,
E lhe disse a sua avó,
Que o portuguez quer saber,
Aonde vae a mulher
Quando sáe de casa só.

Genio hespanhol revelando,
Quando se fala em dansar,
Fica logo a palpitar,
Sómente em dansas pensando,
A menina oriental.
Mascarados, carnaval,
Tertulia, bailes... que são
Termos qu'agitam su'alma,
Como ao mar qu'está em calma
Um repentino furacão.

Homens que a viajar,
Andaes no mundo de Christo,
Si das bellas que heis visto
Tendes podido escapar,
Cuidado aqui; por que fina,
Como a elegante argentina,
Qu'esbelta andalusa val;
Meiga qual a brasileira,
É menina feiticeira,
A menina oriental.»

Na convivencia dos litteratos do tempo de NORBERTO DA SILVA, Soido figurou distinctamente.

Era amigo deste e lhe dedicou a poesia—*O batél.*

Antonio Claudio Soido, falleceo em Matto-Grosso, a 12 de maio de 1889.

Francisco Alberto Rubim

Portuguez de nascença, terceiro Governador da Capitania, a partir de 5 de outubro de 1812 a 1819, foi o auctor do primeiro trabalho escripto na dita Capitania, sobre a historia e a estatistica da região espirito-santense.

A *Memoria*, de Rubim, foi pelo auctor escripta em 1817, com o titulo:—*Memoria Estatistica da Capitania do Espirito Santo.*

Em 1856, fel-a imprimir no volume XIX, 2.° trimestre, de paginas 161 a 335, da *Revista* do Instituto Historico do Rio de Janeiro, o ex-presidente da então provincia, coronel José Joaquim Machado de Oliveira, addicionando-lhe dados mais recentes e muitas outras informações, com o titulo: *Notas, Apontamentos e Noticias para a historia da provincia do Espirito Santo.*

Onde acabou o trabalho de Rubim e começou o de Machado de Oliveira?

Não se póde com certeza determinar, já por que não houve uma regular distribuição na materia impressa, de modo a separar as informações de cada auctor, já por que nem-um delles teve a comprehensão do verdadeiro alcance da Estatistica, como auxiliar illustrativo da Historia.

Tanto quanto em tal assumpto é permittido fazer conjecturas, parece-me que o auctor portuguez foi muito alem do brasileiro, por que ao contrario deste, fala do viver dos selvagens, do desastre causado ao serviço da catechése e civilisação delles, com a extincção da Companhia de Jesus, dos meios de attender ao povoamento e conhecimento exacto da região, suggerindo alvitres tão sensatos, que annos depois foram praticados.

São deste numero, a importação de europêos, a navegação dos rios, as vias de communicação com Minas-Geraes por estradas de rodagem, o ensaio de novas industrias, entre as quaes, a do bicho de seda e a do café.

Rubim tinha qualidades de homem de governo; tão fecunda foi a sua administração em sete annos, que o rei deo-lhe accesso nomeando-o para a capitania do Ceará e este acto justificou com os maiores encomios.

Assim expressando-me, estou longe de absolvel-o pelos erros politicos que commetteo.

Perseguio algumas vezes homens de idéas liberaes e de certa cultura e quasi todas substituia as velhas leis do reino por um certo arbitrio muito seo, que nada tinha de brando.

Delle deve-se dizer que foi mais temido do que querido pelos subditos a quem administrava justiça.

Não se lhe póde, entretanto, obscurecer o merito que tem na outra esphera: o administrador foi um homem que trabalhou pela prosperidade da Capitania e tanto se fez sentir sua benefica influencia nesta direcção, que o seo nome foi modernamente ligado a um dos bair-

ros da capital espirito-santense, como tributo de posthuma gratidão.

Machado de Oliveira não lhe secundou os esforços; mais lido, com mais amplos recursos, governou 21 annos depois a mesma circumscripção, quando o imperio já possuia a organisação constitucional em funccionamento, e nem insistio pela realisação de uma só das idéas do extincto Governador, nem proseguio em qualquer dos commettimentos por elle encetados.

Si algum merito áquelle se deve reconhecer, é unicamente o de haver na qualidade de socio do Instituto, feito inserir na Revista, a *Memoria* do estadista portuguez.

Devemos ainda a Rubim a divulgação da noticia sobre a extensão de nossas riquezas naturaes, as informações mais seguras sobre a flora e a fauna locaes.

Elle não se limitou a indicar a existencia de mineraes e plantas textis capazes de alimentar as industrias; enviou a D. João VI, então no Rio, amostras de ouro e de crystaes, meadas de seda, casulos do *bombix* que a produz, de resinas, de hervas medicinaes, corantes, etc., etc.

Foi, pois, um espirito investigador e pratico.

A' sua iniciativa devemos o ter excitado na Europa o desejo dos homens de sciencia, de conhecerem a região espirito-santense e as viagens que a essa parte do territorio brasileiro emprehenderam com notavel exito os sabios naturalistas d'*Arlincourt*, *Theodoro Descourtilz*, *Saint-Hilaire* e *Ehrenreich*.

São ignoradas as datas do nascimento e finamento de Francisco Alberto Rubim.

Braz da Costa Rubim (1812-1871)

Nasceo na Victoria, quando seo pae Francisco Alberto Rubim governava a Capitania.

Parece ter sido homem de relativa instrucção; o Instituto Historico contava-o entre os seos socios, pela predilecção que mostrava pelo estudo da historia patria, em particular pela que interessava á terra do seo berço.

O primeiro livro publicado por Braz Rubim, foi o —*Diccionario Topographico* da provincia do Espirito Santo.

O segundo, a—*Noticia Chronologica dos factos mais notaveis* da mesma provincia, *desde o seo descobrimento até a nomeação do governo provisorio.*

Este escripto foi estampado na *Revista* do Instituto, XIX, 336-348.

O terceiro, com o titulo—*Memorias Historicas e Documentadas* da provincia—encontra-se na alludida *Revista*, XXIV, 171-316.

Finalmente o quarto trabalho — *Cartographia da provincia do Espirito Santo*, da penna do mesmo auctor, foi impresso no volume citado em ultimo logar e occorre de paginas 317 a 351.

A *Cartographia* contêm 4 cartas geraes, 29 parciaes, alem de numerosas notas sobre a provincia. A publicação feita pelo Instituto tem a data de 1861.

Menos erudito que seo pae, quanto deo á lume Braz Rubim sobre sua terra, tem o merito de ser acompanhado da respectiva prova.

Sua narração em geral é fastidiosa; falta-lhe brilho na expressão e polimento na phrase; mas é acto de justiça reconhecer-lhe o merito de haver sido um chronista consciencioso e veraz, um esmiuçador sem falhas flagrantes.

Seos escriptos innegavelmente completam a obra de seo pae.

Sob o ponto de vista estatistico, a obra do velho Governador é superior á do filho, embora um pouco mais antiga; Braz, excedeo-o, porem, na parte topographica e na descripção das particularidades que aponta, sobretudo na paciencia em colleccionar documentos e cartas, desentranhando uns e outras de obras raras.

Segundo assevera B. Dœmon, á pag. 363 de seo livro por vezes invocado, Braz Rubim na confecção da — *Noticia Chronologica*, teve a valiosa collaboração de Manoel Augusto da Silveira, que lhe forneceo substanciosos documentos.

Possivel é que assim fosse; o que porem, da leitura da *Memoria* alludida resulta, é que ou esses documentos não deram senão para a composição das ephemerides da dita *Noticia*, comprehensivos aliás de factos geralmente sabidos e averiguados, ou foram aproveitados em escripto diverso daquelle.

Como quer que seja, Braz da Costa Rubim influio

intellectualmente nos destinos e no progresso do seo berço; é, pois, um factor do seo desenvolvimento na direcção em que encaminhou os seos esforços e como tal tem direito á menção que do seo nome e dos seos trabalhos ora faço.

Falleceo esse espirito-santense, no Rio de Janeiro, a 11 de agosto de 1871 (1).

---

(1) B. Dæmon, cit. *Histor.*, 393.

Joaquim José Gomes da Silva Neto (1818-1903)

Nasceo na cidade do Rio de Janeiro, em 4 de fevereiro de 1818.

Desde 1838 até 1882, residio no Espirito Santo, onde constituio familia, exercendo no fôro o mister de advogado provisionado e no funccionalismo publico, os de inspector geral da instrucção publica e procurador fiscal da Fazenda Provincial.

Dos cargos de eleição popular, entre outros exerceo o de deputado provincial, na legislatura de 1874-1875.

De quanto publicou nos jornaes que circulavam na antiga provincia espirito-santense e que mais tarde reproduzio em brochuras, sobreviveram-lhe á memoria, os seguintes trabalhos:

Chronica da Companhia de Jesus (chegada dos jesuitas á Capitania e seos feitos até a data da expulsão). *Rio, 1880, edição de Nicoláo Alves.*

As Maravilhas da Penha ou *Lendas e Historia da Santa e do virtuoso Frei Pedro de Palacios. Rio, 1888, edição da Imprensa Nacional.*

O primeiro livro é uma fonte abundante de informações a respeito dos jesuitas que, embora não sejam estudados pelo auctor com merecida imparcialidade, todavia se nos apresentam sob um aspecto novo: o de fomentadores da expansão agricola na Capitania, com a fundação de estabelecimentos importantes como foi a Fazenda de Araçatiba, entre algumas outras.

Ha no alludido livro documentos interessantes que foram pacientemente compulsados, sobre certos intuitos da *Companhia* que, no entender do velho escriptor, visavam a politica; convem, entretanto, ponderar, que esse modo de apreciar os irmãos de ANTONIO VIEIRA, peculiar aos *livres pensadores* do estôfo de Gomes Neto, está longe de ser um resultado capaz de servir ás operações historicas. E quando outra prova mais decisiva não houvesse —o que é inteiramente gratuito—bastava a que resulta do fecundo desenvolvimento que elles deram aos trabalhos de lavoura nos nucleos em que estabeleceram os seos aldeamentos, em quanto puderam dirigil-os e a subita decadencia que lhes sobreveio logo após a extincção da *Companhia*. O proprio livro, pois, contradiz a asseveração do auctor.

Mas, si o trabalho de Gomes Neto resente-se de senões, todavia recommenda-se pela exactidão das remissões, pelo escrupulo na indicação das datas e dos acontecimentos, de sorte que é um guia indispensavel para quem quizer dar-se conta da contribuição com que entraram os jesuitas para a causa da civilisação e do progresso economico da capitania de Vasco Coutinho.

O seo segundo livro—*As Maravilhas da Penha*—é outro escripto não menos interessante, apezar de pouco divulgado.

Em parte foi culpado o auctor pela indifferença com que recebeo-o o publico, attenta a impropriedade do titulo escolhido.

Quem quer que ouça falar em maravilhas de santos ou de martyres, julga ter em frente o mundo do mysterio, *dos milagres* e é facto de observação quotidiana que taes assumptos não possuem attractivos para prender a attenção dos que pensam por si mesmos.

O escriptor tentou sem duvida contornar a difficuldade com o sub-titulo — Lendas e Historia — deixando á argucia do leitor a classificação dos alludidos *milagres* entre aquellas, si os julgasse incluidos no numero das ficções ou mythos que na linguagem dos contos do povo revestem todos os phenomenos que elle de outra forma não sabe explicar ou dando-os como factos inilludiveis corroborados pela fé, calculou com a possibilidade de sujeital-os á ultima, sem recordar-se que a historicidade dos acontecimentos obedece a processos que não podem ser arbitrarios e que as lendas tambem não se podem desprender da zona do maravilhoso para os dominios da realidade tangivel.

Em breve terei occasião de observar mais attentamente o pensamento do auctor sobre essa parte do seo trabalho e só então sondarei o valor dos documentos que indica e as conclusões que elles permittem.

Outro desconcerto apresenta o livro do chronista fluminense: propondo-se narrar as lendas e historia da santa e do religioso que lhe edificou a moradia, em vez de discorrer sobre o assumpto assim limitado, envereda pela politica de D. João III; critica o seo plano de partição das capitanias; analysa (com justeza aliás) o governo do primeiro donatario; faz o historico dos religiosos franciscanos successores de Palacios; passa-se para o convento de S. Francisco, da Victoria; volta ao da Penha para descrever as festas religiosas e as profanas com escala pelos

banquetes e jogos de azar; abre discussão sobre o local em que falleceo Anchista; recorda a pilhagem dos hollandezes á Penha, acompanhando tudo isso de larga copia de considerações, com o fito de incorporar a philosophia e a moral, á religião catholica!

Como se mostra da summa ora feita, as 287 paginas do trabalho de Gomes Neto, não deixam de ter algum prestimo; ellas merecem leitura e esta parece tanto mais necessaria, quanto é certo que o escriptor prestou um bom serviço ás lettras, incluindo no volume d'*As Maravilhas*, o *poema marianno* de Caldas, que, já dissemos em outro logar, foi impresso em 1851 com tantas incorrecções, que não pôde ser entendido em passagens das mais notaveis da narrativa.

Bastaria esse serviço para o respeitavel chronista ser lembrado e o seo trabalho alcançar a estima que uma critica despreoccupada lhe confere.

Duas idéas capitaes desenvolve o auctor nas paginas que examino e que constituem a razão de ser do seo livro: a existencia dos milagres como a demonstração palpavel da superioridade de espirito christão e a incorporação da philosophia e da moral ao conceito religioso do catholicismo.

Compendiando os factos probatorios dos milagres operados pela santa da Penha, depois de lembrar os quadros offerecidos pelos devotos, testemunhos da efficacia da intervenção divina em casos irremediaveis de molestias, naufragios e varios outros incidentes afflictivos da vida, de paginas 123 a 127 cita tres que considera decisivas e vêm a ser:

1.º O de 1769, verificado por occasião de uma grande secca d'este mesmo anno, que reduziu os habitantes da capital á extrema penuria da fome e da sêde, aggravada pela peste.

Desenganados da efficiencia dos auxilios mundanos

para conjurar a calamidade os victorienses lembraram-se de transportar para a sua cidade a imagem da santa da Penha que tem por séde a então villa do Espirito Santo e obtido o consentimento do respectivo guardião, trouxeram-n'a procissionalmente para o convento de S. Francisco, confiados de obterem da fé remedio ao mal que a razão humana não pudera debellar.

E não se enganaram, adverte o theologo. Logo que a dita imagem collocada foi em seo provisorio throno do sanctuario franciscano, o manto escuro da treva transmudou o dia em noite, a luz solar desappareceo obumbrada por densas nuvens carregadas de humidade e dahi a instantes, o liquido elemento despenhava-se em cataractas, restituindo á terra e aos seos habitantes desalentados, a frescura da primavera;

2.° O do mesmo anno, em que os povoadores da villa do Espirito Santo, então Villa-Velha, intimidados com o apparecimento de uns navios a véla, que demandavam a barra, julgando-se prestes a ser atacados por piratas, supplicaram o favor da padroeira do logar para livral-os do perigo a que estavam expostos.

Subito uma cerração espessa fechou a entrada do porto aos invasores e dentro em pouco não mais se lobrigava na linha do horisonte o vestigio dos lenhos irreverentes;

3.° O que se deo quando em uma das invasões á Capitania, os hollandezes, depois de desembarcados na mesma villa, sentiram-se obrigados a retroceder, apezar de serem chegados ao meio do caminho do monte que conduz á morada da santa da Penha, tomados de pavôr pelo aspecto das arvores seculares, que pareciam transformadas em gigantes carregados de armaduras reluzentes e pelo proprio templo que assemelhava-se a um inexpugnavel baluarte medievico, a despejar batalhões de ferozes soldados.

Os factos acima descriptos, diz o nosso Dupanloup que o ouviō do *septuagenario padre* Joaquim de Santa Maria Magdalena Duarte e que a communicação lhe fôra transmittida «com todos os termos de exprobração contra outro sacerdote causador do extravio do manuscripto de um antigo frade da Penha sobre varios successos miraculosos» (pag. 123).

Agora que está exposta a prova exhibida pelo velho narrador, abrangendo, no seo entender, acontecimentos só explicaveis por *milagres*, como decisões super-humanas, como manifestações de religiosidade em gráo incomparavel, com pretenções á historicidade, póde o leitor por si mesmo reconhecer, que ao envez disso, tem em frente lendas populares, que foram aproveitadas pela poesia religiosa para fim diverso.

Como em todos os casos difficeis, ha aqui o extravio de um manuscripto de certo frade, feito pelos seos successores, que vinha esclarecel-o; singular methodo de solver o difficil pelo impossivel, como é a hypothese de comprovar milagres por um auto extraviado!

Em boa razão parece que o referido manuscripto e seo auctor, são tão problematicos, como os onze apostolos de ouro dos subterraneos do morro do Castello!

Muito de industria tive a paciencia de não esquecer nem-uma particularidade da narração beata; é minha opinião, embora contraria á de muitos, que os successos miraculosos não devem ser postos á margem, por carecerem de importancia e por não deverem ser discutidos. Os residuos de crendices que não raro encontramos no fundo de certos espiritos ponderados, mostram a inconveniencia daquella pratica; demais, o povo que é sempre o resumo da nação, desde que não veja de modo mais claro explicado um certo phenomeno, atem-se á versão que directamente lhe transmittio o levita da fé re-

ligiosa ou lh'a transmittiram os antepassados que nesta fonte se inspiraram.

Dahi a necessidade de questionar milagres e dogmas oppostos á verdade sabida e ensinada em nossos dias pela sciencia do tempo; dahi a importancia historica da philosophia, como thermometro indefectivel de registro e percussão dos factos atravéz as edades percorridas pelos povos.

Façamos, portanto, a psychologia dos chamados milagres a que se refere Gomes Neto.

A mais antiga composição poetica elaborada na Capitania, já mostrei que é a do *poema marianno*, datada de 1770, impressa em 1851 pela primeira vez, que tem esta epigraphe: «Poema Marianno ou narração dos mais espantosos e extraordinarios milagres de Nossa Senhora da Penha, venerada na provincia do Espirito Santo», etc.

Ora os successos alçados á cathegoria de milagres, não foram nem podiam ser desconhecidos por Domingos de Caldas, por que referio-os no poema, elaborado no anno seguinte, o que prova que, ou testemunhou-os pessoalmente ou delles houve informações exactas por quem lh'as podia dar. Os invocados milagres são de 1769; o poema é de 1770.

Quer o leitor saber como o padre Caldas conta o episodio do trajecto, por via maritima, da Santa da Penha para a Victoria?

E, pondo de parte os seos sentimentos de padre catholico, de levita de uma religião monotheica, para enroupar-se nas ficções do paganismo anthropomorphico dos gregos, ao ponto de offerecer-nos um dialogo entre Neptuno e a rainha dos christãos, symbolisada em um leão!

Ouçamol-o:

«As filhas de Nerêo, formosas damas
Meios corpos mostrando humedecidos,

E as caudas que têm duras escamas,
No liquido crystal tendo escondidas;
Sentem d'ardente raiva as vivas chammas,
Porque outras vozes são no mar ouvidas;
E entram a cantar ao desafio,
Para depois vingar na prêsa o brio.

. . . .

Ao rouco som de grossa artilharia,
O argentado numen apparece,
E com toda a espumante companhia
A vista sobre a onda altêa e cresce.

. . . .

Thetis, Doris, Nerêo, as nymphas todas
E os deuses do reino crystallino,
Em conchas deseguaes de varias modas,
Acompanham tambem o rei marino.

. . . .

Assim chega-se á frente da sumaca,
Do espumante congresso o deus horrendo,
E ferrando o tridente á prôa atraca,
Seo continuo mover parar fazendo.
Salta logo da fauce a voz opaca
Com tão soberbo echo e som tremendo,
Que o ar enche de horror e até parece,
Que a mesma firme Penha se extremece.

— E tu — lhe diz — quem és que assim se atreve
O socego alterar de meo imperio?
Como tão longo ardor em corpo breve,
Do meo poder assusta o ministerio?
Ignoras o respeito que se deve
Das minhas aguas ao maior mysterio?
Queres que já converta os desvarios
Desses crentes mortaes em monstros frios?

. . . .

Disse e com golpe assás severo,
Os parelhados monstros sacudindo,
Qual valente Samsão, qual impio Néro,
Tudo quer de uma vez ir consumindo;
Mas da prôa o leão soberbo e féro,
Com rugido feroz a bocca abrindo,
Já depois da ruina estar disposta,
O naufragio detêm nesta resposta:

....

O Leão de Judá eu represento!
Da raiz de David planta diversa,
Que alcançou glorioso vencimento,
Do Cerbero infiel—cobra perversa!
Lê no escudo que ás mãos ambas sustento!
Ao teo cégo furor empres'adversa
E verás no rigor desta porfia,
Quantas penas te dá—Ave Maria!»

....

O mesmo poeta, na estancia 83, assim descreve o *milagre* da chuva:

«Apenas entra a Virgem, quando os ares,
As nuvens vomitando sobre a terra,
Parece com diluvio, que nos mares,
Quer a agua vingar do fogo a guerra.
Os verdes papagaios nos pomares,
Os barbados, bugios, pela serra,
E nos charcos as rãs cheias de gloria,
Estão cantando os hymnos da victoria.»

....

Pelas circumstancias ora conhecidas que dizer senão que a narrativa de Gomes Neto, desvia os mythos da corrente que as explica, isto é, da procedencia popular, para outra que a complica nos meandros de uma

erudição incompativel com o sentir das gentes cuja civilisação não contava tres sèculos de vida e cujos elementos ethnicos, no correr dos tempos, não se accentuaram em direcção alguma por producções surprehendentes?

Que valor terão as acções de uma divindade, que, para serem comprehendidas, precisam tomar de emprestimo a uma religião antagonica, todos os mythos de sua representação externa?

De resto, parece-me inutil additar que os phenomenos physicos das chuvas e dos nevoeiros, encontram natural explicação fóra do *milagre*, pois é uma noção quasi tão antiga como o mundo, que uns e outros são evaporações do planeta que, ou se elevam, se condensam e regressam ao ponto de partida liquefeitos ou perdem-se no horisonte rarefeitos, conforme as condições a que estejam sujeitos quando em contacto com a atmosphera.

Egualmente seria explicavel a hypothese constitutiva do terceiro acto *milagreiro*, por um phenomeno de optica.

Quantas vezes, navegadores dos mais experimentados expõem-se a riscos, tomando rochas firmes por montanhas de nuvens?

Que é que occasiona esse phenomeno? Simplesmente a simulação do conhecimento immediato, que outra coisa não é a illusão da vista, como ensinam os competentes e especialistas [1].

A intuição philosophica de Gomes Neto, deve ser aferida por seo conceito de sciencia.

Ouçamo-lo nas suas proprias palavras:

«A verdadeira sciencia, que tem por fim o amor de Deos faz os homens mais religiosos, como Socrates, Platão, e Pythagoras; a falsa sciencia cegando o espirito, faz

---

(1) J. Sully, *Les illusions des Sens*, 8 e 9.

o impio, o incredulo e o irreligioso, como Lebum, Parny, Strauss e mais alguns insensatos.

Para os apostolos da negação de tudo (menos do erro) o espirito adeantado é o que contesta todas as verdades da philosophia espiritualista e da religião, a existencia de Deos e dos espiritos, a immortalidade da alma, o livre arbitrio, o merito e o demerito, a vida futura e outras asseverações da theodicéa, da moral e da metaphysica.»

Quanto atraso e quanta erronia!

Ainda mais caturras são as idéas do chronista-theologo acerca da moral.

Para elle, «são peccadores todos aquelles que para embellezar o rosto usam de arrebiques ou para supprir os defeitos do corpo empregam os postiços dos manequins das costureiras modistas; ou usam das modas exaggeradamente, pela maior parte inventadas para remediarem as faltas da natureza ou ostentarem a belleza das formas.

«Finalmente os velhos tontos de ambos os sexos, que tingem os cabellos com composições nocivas, liquidas ou unctuosas e ataviam-se com esmero e janotice querendo imitar o moço presumpçoso em agradar e galantear».

Pelo que fica apontado, o nosso escriptor é um irmão leigo do padre Barbe, tão imbuido da desacreditada doutrina da revelação, que dedicou os ultimos vinte annos de vida ao estudo e pratica do spiritismo, na supposição de poder alcançar as ultimas verdades ignoradas pela sciencia de nossos dias.

Só assim se póde explicar por que aos seos olhos Strauss é um *insensato*, Laplace um blasphemo e um mediocre!

A um espirito distanciado da cultura do seo tempo em tal gráo, é inutil recordar que as relações entre o es-

pirito e a materia são reguladas pelas leis de relatividade, de diffusão, da conservação pessoal, do prazer e da dor, de exercicio em definitiva, que a psychologia conseguio demonstrar por intermedio de *Bain* e *Stuart Mill*; que todo o *plasma* vivo é *animado* e assim, a tão mal comprehendida *alma* que o espiritualismo ora designa por substancia, ora por essencia, ora por orgão de toda a vida psychica, é apenas uma funcção parcial da vida organica em geral, no profundo conceito de Ernesto Haeckel; finalmente, que a religião como idéa ou sentimento, nada alcançou de verdades eternas ou irreductiveis; continúa, bem ao contrario, a ser objecto de apreciação pessoal, variavel conforme o ambito da intelligencia de cada um; que a moral permanece na conciliação dos impulsos humanos egoistas em contínua revolta com os altruistas.

E a razão da inutilidade do esforço, comprehende-se: é impossivel a quem vive fóra da marcha das idéas do seo tempo, saber a direcção que ellas procuram.

A não ser assim, o velho auctor tem de assistir ao desabamento do arruinado edificio em que se alojaram a theologia e a metaphysica, como outr'ora os gregos contemplaram o despovoamento de Olympo, operado pelos avanços do monismo philosophico, episodio genialmente narrado por um sabio dos nossos dias, nestas palavras bellissimas:

«Quatrocentos annos antes do nascimento de Christo, a Grecia começava a tomar rapidamente a dianteira á sua antiga theologia.

Seos philosophos que tinham estudado a natureza, sentiam-se admirados com o contraste de suas operações magestosas, comparadas ás miserias dos deuses do Olympo.

Seos historiadores que souberam contemplar o curso regular das coisas humanas, a permanencia da acção do

homem, e que viam que nem-um acontecimento se produzia diante de seos olhos sem que o observador não se sentisse tentado a descobrir-lhe a causa em algum outro acontecimento anterior, tinham começado a suspeitar que os milagres e as intervenções celestes que enchiam os velhos annaes, podiam ser apenas ficções.

Perguntavam elles, porque os oraculos tinham emmudecido, os prodigios cessado e quando a era do sobrenatural fôra encerrada?

As tradições de uma antiguidade immemorial, outr'ora acceitas pelas gentes piedosas como verdades incontestaveis, haviam povoado as ilhas do Mediterraneo e os paizes limitrophes, de maravilhas deslumbrantes: encantamentos, feitiçarias, gigantes, harpias, centauros, sereias e cyclopes.

A cerulea abobada, era o céo azulado. Ahi, Zeus, rodeado de deuses inferiores, com suas mulheres e damas de honor, tinha a sua côrte, occupando-se de negocios eguaes aos dos homens e entregue como estes á paixão e ao crime. Dos lados accidentados, um archipelago formado pelas ilhas mais deliciosas de quantas possuia o mundo, inspirara aos gregos o gosto pela vida maritima, pelas descobertas geographicas e pela colonisação.

Seos navios percorreram o Mar Negro e o Mediterraneo.

As maravilhas que se julgava datarem de época remotissima, e que estavam inscriptas na religião do Estado, reconheceo-se afinal que nunca existiram. Aprendeo-se a conhecer a natureza; verificou-se que a esphera azulada era um effeito de optica; que ahi não havia tal Olympo sobre nossas cabeças, sim sómente o espaço e os astros.

Quando os deuses não mais tiveram onde habitar, evaporaram-se, tanto os do typo jonico de Homero, como os do typo dorico de Hesiodo.

Todavia não se chegou a esse resultado sem vencer resistencias.

A principio, o povo, e em particular a parte piedosa delle, assignalou as duvidas que se levantavam como um brado de atheismo. Os suppostos culpados foram privados de seos bens, exilados muitos e mortos não poucos. O publico, estava convencido de que certas coisas que eram cridas pelos espiritos religiosos de tempos immemoriaes e que resistiram á acção dos seculos, não podiam deixar de ser verdadeiras.

Entretanto, quando a prova em contrario tornou-se irrecusavel, elle começou de admittir que as maravilhas referidas eram allegorias, debaixo das quaes a sabedoria dos antigos tinha occultado verdades indisputaveis.

Tentou-se então reconciliar os dogmas, que actualmente, com o progresso intellectual, outra coisa não são mais do que mythos.

Todos os esforços foram vãos; por que ha phases necessarias pelas quaes a opinião publica deve fatalmente passar como na hypothese.

Á duvida succedeo a veneração; appareceram as novas interpretações; estas geraram a dissidencia de opiniões; mas afinal o conjuncto das velhas crenças foi rejeitado como pura fabula.

A critica philosophica — deixando de lado o concurso efficaz dos poetas Euripides e Eschylo que foi decisivo para o resultado — a critica philosophica, diremos, incorporou-se á critica scientifica para derrubar a religião nacional. Com seos argumentos profundos, assegurou o exito da incredulidade que dominava os espiritos.

Comparou as doutrinas das diversas escolas e fez ver por suas contradicções que o homem não possue um *criterium* da verdade; que desde que suas noções sobre o bem e o mal variam com os tempos e logares, é por que não se fundam na natureza das coisas, mas são for-

necidas pela educação; que o bom e o máo são duas ficções, que a sociedade applica a seo modo.

Em Athenas, as classes esclarecidas chegaram não sómente a negar o sobrenatural e tudo o que não cáe sob os sentidos, mas a pensar tambem que o mundo poderia bem ser um sonho, um phantasma e a duvidar da realidade de todas as coisas.

N'esse progredir das idéas, a tradição, a revelação, o testemunho dos seculos, tudo emfim, havia perdido o poder. As recordações mythologicas da Europa, as encarnações da Azia, os dogmas seculares do Egypto, desappareceram, por que são sempre ephemeras as formas da fé.» [1]

Ahi está qual seria a posição de Gomes Neto na quadra actual.

Seo ultimo surto, foi procurar atrelar a philosophia e a moral á religião, tentativa de todo em todo inutil, porque são creações radical e fundamentalmente differentes em seos fins e independentes umas das outras.

São de um philosopho patrio estes conceitos proveitosos ao debate: «Aquelles aspectos capitaes (as cinco creações—philosophia como synthese da *sciencia*, *religião*, *arte*, *politica e industria)* dos factos, dando origem ou estimulo ás tendencias da alma humana, são a fonte de todo o progresso; porém, historica e psychologicamente são *independentes*, queremos dizer, não se póde trocar ou substituir uma qualquer dellas por outra.

São *irreductiveis* e são-no porque partem de base espiritual diversa, dirigem-se a alvos differentes, procurando realisar escôpos distinctos e por caminhos tambem separados. A falsa comprehensão dessa caracteris-

---

(1) DRAPER, *Confl. de la science et de la religion*, 1-23.

tica fundamental das creações humanas, tem sido a origem de muitas theorias e doutrinas extravagantes.

Por desconhecel-a, é que tem havido quem supponha que a arte póde morrer sendo substituida pela religião segundo uns ou pela sciencia conforme outros; por esquecel-a, é que tem havido quem proclame a subordinação da moral, da arte e da sciencia á religião, como fazem os positivistas; por olvidal-a, é que tem havido quem nos fale de uma arte utilitaria ou de uma moral utilitaria, como si uma ou outra pudesse e devesse trocar-se pela industria.

É mister acabar com estes abusos, oriundos do desconhecimento da verdadeira indole dos phenomenos culturaes.» (1)

Eis ahi toda a verdade que só os cegos da peior especie, isto é, os que padecem de cegueira intellectual não alcançam!

Gomes Neto falleceo na Capital Federal, em 5 de setembro de 1903.

(1) S. Roméro, *O Evolucionismo,* 39.

José Marcellino Pereira de Vasconcellos (1821-1874)

Nasceo na Victoria, em 1 de outubro de 1821.

Seo espirito expandio-se em diversos rumos: foi funccionario publico, advogado, politico, jornalista, auctor de obras de Jurisprudencia, de Historia e Estatistica e colleccionador de antiguidades.

Em começo deste livro, por vezes varias fiz referencias ás producções do distincto conterraneo e ainda muitas outras terei de fazer, designando-o por *Pereira de Vasconcellos*, para evitar possiveis confusões com seo filho de egual nome, não ha muito tambem fallecido.

Ambos representaram a terra natal na camara dos deputados, ambos influiram nos destinos da patria e ambos dedicaram nobres esforços á politica; convêm entretanto fazer certo, que no plano d'este trabalho só entra o auctor de obras litterarias que circularam no paiz, caso em que só o primeiro será objecto de estudo.

tica fundamental das creações humanas, tem sido a origem de muitas theorias e doutrinas extravagantes.

Por desconhecel-a, é que tem havido quem supponha que a arte póde morrer sendo substituida pela religião segundo uns ou pela sciencia conforme outros; por esquecel-a, é que tem havido quem proclame a subordinação da moral, da arte e da sciencia á religião, como fazem os positivistas; por olvidal-a, é que tem havido quem nos fale de uma arte utilitaria ou de uma moral utilitaria, como si uma ou outra pudesse e devesse trocar-se pela industria.

É mister acabar com estes abusos, oriundos do desconhecimento da verdadeira indole dos phenomenos culturaes.» (1)

Eis ahi toda a verdade que só os cegos da peior especie, isto é, os que padecem de cegueira intellectual não alcançam!

Gomes Neto falleceo na Capital Federal, em 5 de setembro de 1903.

(1) S. Roméro, *O Evolucionismo*, 39.

José Marcellino Pereira de Vasconcellos (1821-1874)

Nasceo na Victoria, em 1 de outubro de 1821.

Seo espirito expandio-se em diversos rumos: foi funccionario publico, advogado, politico, jornalista, auctor de obras de Jurisprudencia, de Historia e Estatistica e collecionador de antiguidades.

Em começo deste livro, por vezes varias fiz referencias ás producções do distincto conterraneo e ainda muitas outras terei de fazer, designando-o por *Pereira de Vasconcellos*, para evitar possiveis confusões com seo filho de egual nome, não ha muito tambem fallecido.

Ambos representaram a terra natal na camara dos deputados, ambos influiram nos destinos da patria e ambos dedicaram nobres esforços á politica; convêm entretanto fazer certo, que no plano d'este trabalho só entra o auctor de obras litterarias que circularam no paiz, caso em que só o primeiro será objecto de estudo.

A biographia de *Pereira de Vasconcellos*, foi feita em 1875, salvo erro, por seu cunhado Dr. Miguel Pessôa, em 1879 por *B. Dœmon* e em 1897 por *Amancio Pereira*.

Em torno do nome do escriptor se repetem os gabos: *Dœmon* o considera «o mais trabalhador e investigador filho da provincia, intelligente, illustrado e fluente escriptor, fecundo excavador das coisas patrias»; *Amancio* «um caracter distincto, um talento robusto e um fecundo escriptor»; o *Dr. M. Pessôa*, tudo isso e ainda um pouco mais.

Contra essa consagração insurgio-se Gomes Neto, (citadas *Maravilhas*, pag. 2 da introducção e 283 das notas) acoimando P. de Vasconcellos de plagiario, na obra — *Ensaios sobre a Hist. e a Estat. da provincia*, de outra que com o titulo de *Memorias* compuseram Braz Rubim e Machado de Oliveira, havendo o dito Vasconcellos feito transcrever o plagio no *Correio da Victoria* e no *Semanario*, periodicos que redigio na Victoria, passando-o mais tarde para o livro publicado com o titulo supra notado.

Procederá a arguição do chronista fluminense?

Em linhas a seguir direi até que ponto merece censuras o infatigavel pesquisador; por emquanto limito-me a dizer que sua obra comquanto vasta, não offerece originalidade em coisa alguma.

Sua bagagem litteraria é uma das mais volumosas e comtudo, percorra-se pagina por pagina qualquer das suas producções, e não se encontrará uma idéa original, um ponto controvertido explanado com seguro criterio, uma theoria desenvolvida com largueza de vistas, uma simples opinião sustentada com tal ou qual justeza de conceitos.

Compôz quatorze obras de Jurisprudencia e pratica processual (manuaes, roteiros, guias, consultores, etc.,

etc); esses livros ou são simples collecções de leis, decretos, regulamentos e avisos, aqui e acolá alterados ou confirmados por accordams, ou compendios de alheias opiniões sobre as differentes phases do processo, recursos cabiveis e pouco mais. Procure-se descobrir no amontoado das citações ou de copia de trabalhos extranhos, qual a noção do auctor sobre a idéa do processo como vehiculo do direito, como conteúdo de doutrinas, qual a sua intuição sobre os conceitos da jurisdicção e da competencia forense em geral ou em particular e a unica certeza que se adquire é que taes cogitações nunca lhe preoccuparam o espirito.

De historia e litteratura, compôz quatro, a saber: *Jardim Poetico* (2 vol.) impressão da Victoria, 1856-1858. *Ensaio de Historia e Estatistica* da provincia do E. Santo (um volume impresso no mesmo logar e na mesma data).

Selecta Brasiliense, dois volumes, impressão de Laemmert, Rio, 1868-1870.

Cathecismo Politico, impresso em logar e data ignorados, pelo máo estado do exemplar que tive á vista.

Do elencho supra-enumerado, o *Jardim Poetico* (collectanea de versos de poetas capichabas) apezar de mal impresso e peior cuidado na fórma, é a composição, digo mal, a compilação, que sendo a mais antiga, melhor revela a predilecção de *Pereira de Vasconcellos* por esse genero de trabalho.

Prestou com a publicação dos versos dos seos conterraneos, um grande serviço aos estudiosos de hoje, que sem ella não poderiam dar-se conta do desenvolvimento litterario da primeira parte do findo seculo; d'ahi, porém, para suppôr que a referida compilação seja um primôr, capaz de conservar todo o brilho, não obstante a renovação por que passa a poesia com o correr do tempo e com a elevação da cultura de cada povo, seria uma

pretenção ousada, si antes não fôra inqualificavel toleima.

No prologo do primeiro volume do *Jardim*, escreveo o esforçado colleccionador: «Um serviço importante presto n'esta publicação á minha provincia; mas só o reconhecerão depois que decorrerem seculos».

Natural é a pergunta: E porque faz-se mister tanto tempo para a justa apreciação de um livro, como si fôra rapé ou vinho do Porto, que, quanto mais antigo tanto mais agradavel se torna?

Ainda não decorreo um seculo e, para entender o poema do padre Marcellino Duarte, deturpado na compilação, eu tive de retocal-o integralmente. D'aqui por diante, que outro merito terá o *Jardim Poetico*, senão a recommendação da longevidade?

No logar indicado, prosegue *P. de Vasconcellos*: «Desde o descobrimento desta parte do imperio, *que muitos genios* (é meo o grypho) hão de ter nascido e vivido debaixo de sua atmosphera, e morrido com o fructo de suas locubrações. Ainda hoje se fala no poeta Gonçalo Soares da França, natural do Espirito Santo; mas onde existem as suas poesias, quem as zelou? Ninguem».

Por minha vez tambem inquirirei: E que fundamento ha para se conjecturar a existencia de possiveis genios na região provinciana, si em todo o territorio nacional ainda não irradiou um só, no firmamento das nossas lettras, sciencias e artes?

E que nação já os teve em tão curto espaço de tempo?

Entre os povos antigos da Grecia e de Roma, *Socrates*, *Aristoteles*, *Archimedes* e *Cezar*, são productos de civilisações cujas origens, por mui remótas, estão ainda por fixar; entre os modernos, *Dante*, *Shakespeare*, *Goëthe*, *Leibnitz*, *Kant* e *Napoleão Bonaparte*, são expoentes de uma cultura millenaria.

Não ha; portanto, razão, para entre nós surgirem assombros de precoce intellectualidade; seria uma inversão das leis da historia da humanidade.

A invocação do nome de Gonçalo França não serve á conclusão; sabido é que elle existio e na Bahia, onde durante algum tempo vivêo, fez parte da *Academia dos Esquecidos*, sem ter tido nem-um relêvo como poeta.

Isto já deixei comprovado por palavras de um escriptor competente e insuspeito, como é Sylvio Roméro; para que insistir por mais documentos?

O *Ensaio de Historia e Estatistica*, é um livro de 249 paginas e geralmente passa por ser a obra prima de Vasconcellos.

A parte historica vae até a pagina 62 e dahi por diante mistura-se de tal modo com a estatistica, documentos officiaes e relações de peixes, aves, listas de auctoridades, etc., que não ha como restabelecer o nexo ás coisas.

O primeiro capitulo escripto em seguida a um prologo de cinco linhas, não é precedido de idéas geraes em que o auctor dissesse qualquer coisa sobre a região colonial e seus habitantes; trata desde logo da fundação da povoação que tinha de ser a séde do governo, passa aos donatarios da Capitania, guerras que tiveram de sustentar, limites e extensão de territorio.

No tempo em que escreveo Vasconcellos, já o insigne MARTIUS tinha publicado volumes valiosos sobre as primitivas populações aborigenes; já era sabido que a questão ethnologica das raças selvagens, tinha sido resolvida com a reducção dellas ás quatro grandes nações de indios: A *tupy*, a *tapuya* ou *Gé*, a *nu-aruak* e a *Cariba*.

Era ainda sabido que á nação dos *tapuyas* ou *gés*, pertenciam as tribus dos *botocudos*, que margêam o rio Doce, e dos *aymorés*, que habitam o interior do municipio de S. Matheus; finalmente, que ao sul da Capitania habitavam os indios da tribu dos *goytacazes*, achando-se, portanto, o territorio do primeiro donatario, sitiado ao norte, ao centro e ao sul por uma população primitiva.

Tudo isso, entretanto, é posto de lado, para se occupar o auctor com a pessôa do donatario Vasco Fernandes e seos titulos de nobreza!

Na historia do Brasil, como na particular de cada uma das suas circumscripções teritoriaes, a partir de 1500, ha tres personagens obrigadas na trama da nacionalidade: o europêo, o elemento dirigente da colonisação; o indio, factor da producção e o negro africano instrumento do trabalho, revesando-se com o selvagem no amanho das terras e nos misteres de egual rudeza.

Em 1600 intervêm um quarto: o mestiço, resultante dos crusamentos das tres raças em contacto.

O seculo XVIII assignala as tendencias de cada factor; o portuguez, mantendo a todo o custo a supremacia da metropole, no exterior contestada por francezes e hollandezes em repetidas invasões e no interior, pelas desavenças com os indios e com o elemento religioso representado pelos jesuitas; o indio isolado, exprimindo a negação por todos os progressos; o africano, soffrendo a bestificação do captiveiro e finalmente o mestiço, procurando eliminar o factor europêo que se tornára incompativel como força dirigente ou impulsôra da prosperidade nacional e que fatalmente na concorrencia pela conservação do territorio, tinha de ser como foi, anniquilado posto que um pouco mais tarde.

Assim viveram as Capitanias até 1822, data em que o paiz começou a ter vida autonoma.

Em 1824, as Capitanias passaram, sob o regimen da monarchia hereditaria, a constituir provincias.

Temos, pois, que a historia particular, na época de Vasconcellos, devia comprehender os seguintes cyclos:

1.° O da occupação da região pelos seos primitivos habitantes.

2.° O da occupação colonial, por elemento extrangeiro.

3.° O da definitiva organisação da nacionalidade, no sentido de se fazer governar por meio de poderes e codigos regularmente estabelecidos, como unidade soberana, independente e livre.

Teve *P. de Vasconcellos* essa intuição da Historia?

Para dizer que a resposta é negativa, basta affirmar que tudo quanto escreveo sobre a historia da Capitania e da provincia, occupa o titulo primeiro e se contêm em 35 paginas!

O titulo segundo é referente a rios, lagôas, minas, pesca, madeiras e outras producções: vae de paginas 35 a 58.

O terceiro titulo trata da administração civil, ecclesiastica, judiciaria e de Fazenda, Governadores, Presidentes e magistrados. Vae de paginas 58 a 90.

O quarto é apenas «uma breve noticia historica de cada um dos municipios da provincia». Vae de paginas 90 a 210.

A pag. 216 começa a estatistica que termina á pag. 228 e dahi por diante a compilação das leis da provincia, em vigor, até o fim do livro.

Em relação ao aspecto geologico da região, não foi o auctor mais feliz.

Elle não diz a que periodo pertencem os terrenos da provincia; não declara qual a constituição physica a que estão subordinados; seos accidentes naturaes notaveis, a unidade ou variedade de seo clima, a extensão aprecia-

vel de suas zonas de producção, suas condições meteorologicas e thermicas, regularidade ou irregularidade das chuvas e ventos, emfim, não offerece os dados indispensaveis para o conhecimento de um territorio e do povo que o habita.

E aqui tem cabimento uma observação: tendo Vasconcellos extrahido o seo *Ensaio*, das *Memorias* do Governador F. A. Rubim, elaboradas em 1817, publicadas com addições em 1856, pelo Instituto Historico, (e não das de Braz Rubim, como erradamente insinúa Gomes Neto, sem ter em lembrança que as *Memorias* de Braz vieram á luz em 1861 e o referido *Ensaio* é de 1858) exactamente esqueceo-se de extractar a melhor parte daquelle primeiro trabalho, que é pertinente aos indigenas e ao territorio conhecido do Espirito Santo no começo do findo seculo.

Com o titulo de — *Selecta Brasiliense* — publicou o nosso escriptor dois volumes, contendo alem da biographia de alguns notaveis homens do Brasil, noticias e curiosidades sobre coisas nacionaes, tudo exposto em ordem alphabetica.

Segundo a distribuição da materia, a obra é dividida em tres partes: a primeira biographico-historica; a segunda relativa a indigenas e a terceira, dedicada a curiosidades e variedades.

Temos diante dos olhos, uma obra que é uma especie de musêo pittoresco, uma leitura que deve ser pelo menos recreativa, si não fôr fundamentalmente instructiva.

Engano ainda!

Os esboços biographicos são a reproducção de futilidades escriptas por Innocencio da Silva, Pereira da Silva e Joaquim Norberto, ácerca de Colombo, dos irmãos

Gusmão, José Bonifacio e alguns mais, mas sem *verve*, sem estylo, sem a tonalidade episodica das phrases espirituosas, que formam uma nova face da vida intima dos grandes homens.

O que o conterraneo transplantou consta de uns trechos cheios de espasmos romanticos, entrecortados de séstros patrioticos, muito ao sabor da epoca.

A leitura desses excerptos, é enfadonha; a forma nada tem de attrahente: tal a primeira parte da obra.

Na segunda, destinada ao estudo dos indigenas, á respeito da tribu dos *aymorés*, o auctor adeanta «que eram indigenas que habitavam entre Camamú e Caravellas, da provincia da Bahia e que não tinham aldeias, nem casas».

É visivel que elle ignorava que a mencionada tribu houvesse penetrado o territorio da provincia do Espirito Santo pelo norte, senhoreando o sertão de S. Matheos que lhe conserva o nome até hoje!

Sobre costumes, dansas, religião, migrações, cantos, de *aymorés*, excusado é inquirirmos P. de Vasconcellos; a resposta invariavel de seo livro sobre isso, é sempre: *Nihil.*

No primeiro volume da citada *Selecta*, procura attenuar o recurso ás transcripções de paginas inteiras do *Diccionario Bibliographico* e dos *Varões Illustres*, repetindo a maxima de Santo Agostinho: *nihil novum sub sole.*

O prologo contêm esta advertencia ao leitor:

«Não esperes *novidade* nesta obra; pouco me pertence, alem da ordem na collocação das materias, pois em algumas de suas paginas fiz a *repetição* fiel das palavras de outros: — eu não faria melhor estylo».

A confissão do atraso do nosso auctor, não póde ser mais explicita; mas, quem em 1868, pensasse e escrevesse como elle, não era um ignorante excusavel. No mundo das idéas, os trabalhos de Huxley, Darwin, Spen-

cer e Hæckel, para só indicar fontes de estudo, projectavam já luz intensissima sobre a posição do homem no planeta, isolado do contacto da civilisação.

Em 1856, Samuel Haven, publicou um livro notavel sobre o assumpto e em 1857 Not e Gliddon, outro não menos valioso.

De resto, como Santo Agostinho, *P. de Vasconcellos* enganou-se com o celebrado aphorismo.

Não é verdade que o espirito humano se tenha immobilisado na contemplação fatalistica do que o cerca. Á medida que se alarga o quadro das sciencias, assombrosas descobertas vêem revelar verdades que anteriormente eram em absoluto desconhecidas.

É uma lei geralmente sabida que a civilisação de um seculo implica sempre maior somma de progresso e de avanço, comparada com a do anterior.

E o que valeriam as descobertas, si não fossem verdades até então ignoradas, perfeitas *novidades*, em definitiva?

Com sobeja razão pondera um escriptor consagrado:

«Galilêo e Copernico reconheceram e provaram que os corpos celestes se moviam em orbitas fixas; mas, foi uma nova conquista para a astronomia a descoberta das leis desse movimento, levada a cabo por Newton e Kepler, para aquelles inteiramente desconhecidas».

Nihil novum sub sole! adverte o conterraneo; mas por que motivo, antes de Caselli e Marconi, a electricidade, que era conhecidissima, não fez conhecer a telegraphia?

Por que antes de Edison, ninguem se lembrou do telephone e da prensa electrica; antes de Lenoir, ninguem usou o motor a gaz; antes de Secchi, não se fez applicação do meteorographo, como antes de Bell, Grower e Hughes, não houve noticia do phonographo e do sonometro?

A formula aphoristica falha na applicação; a conclusão a tirar é que não parece e não é verdadeira.

Em um golpe de vista geral, tomada no conjuncto a obra de *Pereira de Vasconcellos*, que juizo permitte á critica?

Supponho não errar affirmando, que bem pouco favoravel á fama que a bôa vontade de seos biographos lhe creou, mais talvez como um preito generoso á perseverança do infatigavel compilador, do que como um galardão merecido pelo investigador consciencioso e fecundo — que elle nunca pôde ser.

Por seos serviços ao paiz, recebeo do imperador o gráo de cavalleiro da Ordem da Rosa e do Instituto Historico o titulo de socio correspondente.

Tambem o Instituto Archeologico do Recife o teve por socio. A municipalidade da capital ligou-lhe o nome a uma das ruas da cidade.

Na imprensa redigio diversos periodicos; foram os mais importantes: *A Regeneração*, o *Correio da Victoria* e o *Semanario*. *Pereira de Vasconcellos* falleceo no Rio de Janeiro, a 27 de novembro de 1874. (1)

---

(1) BAZILIO DŒMON, *Hist. cit.*, 421; AMANCIO PEREIRA, *Traços Biograph.*, 37-40.

Dr. José Joaquim Pessanha Póvoa (1836-1904)

Nasceo em S. João da Barra, Estado do Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1836.

Encaminhado á vida ecclesiastica, fez parte do respectivo curso no seminario de S. José e depois seguio para S. Paulo onde bacharelou-se em direito no anno de 1865.

Desde 1875 até á data do seo fallecimento, residio o Dr. P. Póvoa no Estado do Espirito Santo, com excepção do tempo em que foi chamado a exercer no seo Estado o cargo de chefe de policia, no governo do Dr. Francisco Portella (1890-1891).

Seo posto de combate desde a Academia, foi na imprensa politica; os livros que publicou, com excepção do opusculo — *Tiradentes ou a voz dos Mortos*, são entretanto de feição méramente litteraria.

Sob o imperio militou nas fileiras do partido liberal,

exercendo o cargo de Secretario da presidencia do Rio Grande do Sul, no governo do Conde de Porto Alegre e os de director da instrucção publica, lente de philosophia e de historia e geographia, no Estado do Espirito Santo, onde veio a constituir familia.

Foi tambem eleito deputado á Assembleia Provincial e vereador da municipalidade da Capital.

O Dr. Pessanha Póvoa é outro escriptor de farta bagagem.

Si seos escriptos nem sempre revelam larga comprehensão das questões a que se referem, não é porque o seo espirito não tivesse força bastante para remontar ás regiões superiores do pensamento; sim, porem, porque nunca pôde desenvincilhar-se das convenções da escola a que se filiou e na qual estacionou até morrer.

Quando estudante em S. Paulo, isto é de 1861 a 1865, sahiram de sua penna:

Discurso inaugural da Officina Maçonica 7 de setembro; Os Dois Mundos, (estudo sobre o desenvolvimento litterario nas faculdades do Recife e S. Paulo);

Annos Academicos, (esboços biblio-biographicos dos intellectuaes da Academia paulistana de 61 a 65).

No periodo de suas excursões á Europa, (1870-1872) editou em Paris:

Os Heróes da Guerra, (consagração dos feitos de Ozorio, Caxias, Camara, Menna Barreto e outros na peleja contra o Paraguay);

Tiradentes, ou a voz dos Mortos (pamphleto politico).

Em Lisbôa:

Os Heróes da Arte (consagração de Carlos Gomes e Pedro Americo).

De 1873 a 1895, deo á publicidade:

Legendas da provincia do Espirito Santo;

Jesuitas e Reis (lendas e contos).

A cella do Padre Anchieta.

Estes ultimos tres livros foram impressos no Rio de Janeiro.

Disseminados nos jornaes que redigiu e em outros nos quaes collaborou assiduamente no Espirito Santo, ficaram muitos trabalhos que o vigoroso jornalista não conseguiu coordenar em livros, sendo os mais conhecidos:

A Instrucção e o Novo Atheneo da Victoria.

Bocage e o seo tempo.

Entr'Aldeias e Montanhas.

A Reforma do Ensino e a Cadeira de Historia Universal.

Colombo e Joanna d'Arc.

No estudo do perfil de Pessanha Póvoa, cumpre destacar o polemista politico do escriptor litterario.

O primeiro só deve ser analysado no meio em que actuou, na imprensa do seu tempo; o segundo, nas obras e livros em que maduramente fixou suas convicções e emittio juizos decisivos, desfeitos os sonhos da mocidade.

Nestas linhas occupo-me do litterato somente, deixando para outro logar a ponderação de sua influencia nos debates jornalisticos.

Das producções de Pessanha Póvoa, apenas devo aproveitar neste estudo as *Legendas*, *Jesuitas e Reis* e a *Cella do padre Anchieta.*

As anteriores, publicadas ora no paiz, ora no extrangeiro, e as elaboradas no periodo academico, já foram julgadas pela critica, embora por forma diversa ou em sentido contradictorio, limitando-me a breves considerações sobre sua individualidade de homem de lettras.

Que influencia teve o escriptor fluminense na esphera das idéas em seo paiz?

Para José de Alencar e Joaquim Serra, contribuio decisivamente fazendo conhecidos no extrangeiro muitos dos nossos escriptores e artistas até então ignorados e dentro do paiz, amimando ou estimulando as aptidões que despontavam na imprensa, no theatro e na tribuna, prestes a ser olvidados si não fôra a ajuda do possante Mecenas.

O parecer optimista dos seos companheiros de lides, nol-o apresenta como um benemerito.

Para Tobias Barreto, foi simplesmente um escriptor de brasileirices, um dos muitos apregoadores de nossas imaginarias grandezas, um brasileiro em regra, isto é, um *brasileo-maniaco*, um *chauvinista estolido e inconsciente.*

O juizo pessimista do insigne sergipano, foi externado nos *Ensaios de Philosophia e Critica*, a proposito de um dos opusculos do escriptor fluminense, sob o titulo — *Os Heróes da Arte.*

Supponho, sem pretender fóros de arbitro na contenda, que em ambos os campos houve exaggero.

Pessanha Póvoa não foi bem um director da opinião em qualquer phase do pensamento nacional, como tambem não foi um nullo só capaz de inferir disparates e toleimas; foi sim, um espirito sem cultura philosophica, uma aptidão indisciplinada, um estacionario na marcha das idéas, um escriptor impressionavel em excesso, para em pouco tudo dizer — um romantico.

Um dos defeitos capitaes do romantismo, foi a pretenção de ser a ultima expressão da intelligencia e do sentimento humanos, creando para este fim uma dogmatica de formulas tão estreitas quão inuteis.

Em lucta aberta com o classicismo, assimilou do systema que vinha golpeando, muitos dos vicios que o deformavam: foi esta a parte da nova doutrina que entre nós impressionou a maior porção dos seos proselytos.

O regresso do pensamento philosophico ao *aprio-*

rismo e ao absoluto, teve por consequencia o arrastamento dos espiritos a verdadeiras nevroses.

Em breve o desconcerto das opiniões, revelou a inanidade do apregoado methodo.

Taine, em uma pagina fulgurante relativa a Byron, considera o romantismo *la maladie du siècle* e expende estas considerações judiciosas: «Em torno do poeta, como em uma hecatombe jazem os outros companheiros, feridos tambem pela grandeza de suas faculdades e pela intemperança de seos desejos, quasi todos gastos, quasi todos doentios, quasi todos exasperados ou desilludidos, os mais fortes conservando as chagas abertas até a velhice o os mais felizes tendo soffrido tanto quanto aquelles, conservando suas cicatrizes, posto que curados.» (1)

Não é fóra de proposito apontar o auctor d'*Os Heróes da Arte*, entre os nossos romanticos; elle tambem afagou a idéa da creação da litteratura nacional, do theatro nacional, da musica nacional e o livro citado indica que foi um nacionalista a seo modo.

O destaque em que põe Carlos Gomes e Pedro Americo, prova-o lucidamente; mas, si censura merece, não é tanto pelo arrôjo de querer fazer passar aquelle pelo archi-componista e este pelo archi-pintor do mundo artistico actual, na expressão incisiva de Tobias Barreto, e sim por lembrar-se de dar-nos representantes na região em que ainda caminhamos com tão mal seguros passos.

Um francez bem avisado, tratando do desenvolvimento da scena musical em sua patria, limitou-se a observar «que tem havido em França compositores e dos melhores compositores, partituras das mais bellas, sem a

(1) *Hist. de la litt. anglaise*, IV, 419.

menor duvida; mas que os compositores possuissem a faculdade de fazer musica, a verdadeira musica dramatica, era absolutamente falso.

Um concurso, prosegue o francez, de circumstancias superiores aos seos designios, ligou-lhes as mãos de tal modo, que a arte desde seo nascimento abafada por outra a que por sua desgraça associou-se, jámais pôde accentuar-se nem fazer raizes no paiz.» (1)

Na epoca em que viu a luz da publicidade o opusculo de P. Póvoa, nossa situação a respeito da arte em geral, não era superior á da musica em França; si, pois, não tinhamos revelado aptidão e progresso a não ser para a *petite musique*, parodiando o critico alludido, querer ponderar tal aptidão era de todo superfluo.

Assim, o pensamento predominante do livro em exame, em vez de ser a resultante de uma convicção segura do auctor, é antes um prejuizo da escola a que se filiára, tentado pela miragem do renovamento litterario que então se operava por toda a parte.

No ponto de vista que interessa a este ensaio, os livros elaborados por Pessanha Póvoa, isto é—*As Legendas*, *Jesuitas e Reis* e *Cella do padre Anchieta*—deveriam constituir uma contribuição de grande apreço e, entretanto, bem pouco encerram de proveitoso.

As Legendas não são como indicam, a narrativa ma-

---

(1) L. VITET, *Histoire de l'Art*, IV, 315. E preciso é accrescentar, que a França, ainda assim contava na musica nomes como o de um *Gounod*, de um MASSENET e de um *Biset*, ao passo que Carlos Gomes ainda não havia produzido as operas que vieram notabilisal-o depois.

ravilhosa dos feitos dos grandes espiritos ao serviço da fé religiosa, implantada na Capitania, por Anchieta, Affonso Braz e Pedro de Palacyos, nos primeiros annos da vida colonial; são divagações accidentadas por episodios que falham inteiramente ao escôpro do estudo.

Não ha uma pagina que refira qualquer inscripção ou documento historico, pelo qual se possa, no dizer de TAINE, reconstruir o individuo ou o feito visivel; ha sómente aphorismos impenetraveis, ha illações que não se approximam nem do verosimil.

Sob esse titulo era de esperar que o nosso escriptor, reproduzisse com observações suas, inscripções feitas em pedras sobre as primeiras *bandeiras* que penetraram o valle do Rio Doce, partidas de Minas Geraes, em cata de pedras finas, as primeiras missões religiosas, a occupação pelos portuguezes, as pelejas com francezes e hollandezes, emfim, qualquer um desses feitos que recommendam os heróes pela coragem, pela bravura, pela abnegação ou pela humildade no martyrio; mas é precisamente isso que não se encontra no alludido livro; tanto vale dizer que muito duvidoso é o seu merito.

Os *Jesuitas e Reis*, precedidos de um prologo por JOAQUIM SERRA, são lendas e contos dos tempos coloniaes, divididos em 3 partes, que no corpo do opusculo não guardam o menor nexo causal, como pelas respectivas epigraphes se nota e o prefaciador não deixou de fazer saliente.

Lembral-as, é demonstrar a procedencia do asserto.

Na parte primeira, com o titulo—*Jesuitas e Reis*— conta o escriptor a lenda de um monte *mal assombrado*, no ponto da Capitania onde primitivamente residio o primeiro donatario, monte que na descripção surge cheio

de caveiras, com um monstro vomitando fogos e suppõe o narrador que esse logar foi, em remotos tempos, destinado ás execuções summarissimas das victimas dos potentados, com justiça ou sem ella.

Isto que é apenas uma suspeita a que deo curso a ignorancia popular, o escriptor presume coisa veridica, não obstante ter affirmado «que a escola romantica ou litterario-romantica, não consentia a ficção; exclúe a mythologia e combate os barbarismos da lingua, embora tenha-se notado em bons escriptores a falta de *ordem*, *precisão* e de *correcção* em seos trabalhos; porem, ainda se póde tolerar que os inanimados falem, gesticulem, ao menos para justificar a utilidade da rhetorica». (1)

Como tudo isso é contradictorio e extravagante!

Na segunda parte, fala o auctor da *aldeia de Gargahú*, na *Praia da Guarda de Paquetá*, na *Historia do leigo Pedro Palacyos*, e do *jesuita Affonso Braz*.

Na terceira inclúe os seguintes escriptos avulsos que nada têm que ver com os contos e lendas, a saber: uma apreciação sobre D. Pedro de Alcantara e a *Saudação* á cidade de S. João da Barra.

Conhecida em seos detalhes a obra em estudo, natural é a pergunta: Qual o sentido da denominação dada ao opusculo—*Jesuitas e Reis*—si por elle não ficamos habilitados a avaliar a intervenção de uns e outros durante os seculos XVI e XVII, nos destinos da Capitania?

A *Cella do padre Anchieta*, é uma descripção do retiro em que viveo o grande apostolo, na aldeia de *Reri-*

---

(1) *Jesuitas e Reis*, 10.

tigba (Benevente), e que o auctor publicou debaixo do titulo especial de — *Autos de estima* — dedicando o livrinho á menina Maria Amalia, filha de um seo amigo e collega de imprensa, o senador Cleto Nunes.

Esse escripto é a reproducção dos traços fartamente conhecidos do jesuita canarino e que si vale como um respeitoso tributo á memoria de uma actividade que extinguio-se no serviço da civilisação do Brasil, nem uma recommendação tem como subsidio historico para solução de duvidas que a antiguidade legou-nos.

Conhecido o escriptor em seos trabalhos capitaes, parece-me que delle se póde dizer que, alem das provisões de estudo feitas em 1865, de nada mais pôde dispor, pela simples razão de ter vivido arredio da corrente das idéas em voga, posteriormente, e que portanto, sem se ter avantajado no que a escola romantica tinha de mais intenso pelo lado litterario, contentou-se com o assimilar e conservar o que ella possuia de menos significativo, isto é, as cabriolas do methodo, a dogmatica, as irreverencias convencionaes e as pretenções de reduzir as manifestações artisticas a um compendio de regrinhas.

A contribuição do escriptor fluminense, foi conseguintemente muito reduzida como estimulo ao progresso das lettras, talvez por ter sido alem do mais, o pensador absorvido pelo jornalista.

O dr. Pessanha Póvoa falleceo na Victoria a 17 de setembro de 1904. Sua biographia foi feita, entre outros, por Amancio Pereira, em 1897, no opusculo a que me hei referido em outro logar.

Dr. Cezar Augusto Marques (1826-1900)

Nasceo na capital do Maranhão, em 12 de setembro de 1826. Entra no plano deste ensaio, o subsidio trazido ás lettras patrias pelo dr. Cezar Marques, com a publicação feita em 1879, na *Typographia Nacional*, do seo —*Diccionario Geographico, Historico e Estatistico* da provincia do Espirito Santo, mediante contrato celebrado com o governo local em 1875.

Homem de lettras, conhecido por diversos trabalhos divulgados pela imprensa, auctor de um volume sobre a historia e geographia do Maranhão, occupando elevado cargo no ensino official superior, o desempenho da tarefa commettida ao escriptor maranhense, não correspondeo á confiança inspirada por suas credenciaes e precedentes honrosos, e, menos ainda justifica o inconsiderado dispendio da avultada somma de vinte contos de réis, desviada das necessidades orçamentarias, para satisfação de uma velleidade administrativa.

Mal recebido o livro na provincia pelo seo duvidoso valor, nunca pôde lograr circulação, permanecendo intactos quasi todos os quatro mil volumes que vieram a caber em partilha á quem encommendou a confecção da obra.

Esses livros jaziam em deposito no archivo do Thesouro do Estado até bem pouco tempo e não tenho motivos para suppôr que hajam alcançado extracção recentemente.

É, porem, fóra de contestação que representam uma despeza inutil e illegal, favorecida por pareceres e decisões adrede combinados, no intuito de invalidar a resolução mais que louvavel do vice-presidente Coronel Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas, que decretára a rescisão do contrato alludido, cabendo a execução da impatriotica empreitada ao dr. Manoel José de Menezes Prado, em 1877, quando presidente do Espirito Santo!...

É que Cezar Marques tinha na Côrte largo circulo de relações, privava com o imperador do Brasil, conhecia os segredos do Paço e mais não era preciso para contornar com feliz exito o obstaculo que se antepunha á approvação do seo *Diccionario*...

Este historico é indispensavel para explicar a existencia do livro e a acção que exerceo na opinião publica antes e depois de posto á venda.

Do seo valor intrinseco, incidentemente tratei no meo opusculo—*A Insurreição do Queimado*, 95-97. Cabeme agora corroborar o juizo que ali externei, por outra ordem de considerações.

A publicação feita por Cezar Marques, não é um apanhado de notas importantes sobre a região espiritosantense, um repositorio de informações extrahidas de bons auctores, capaz de instruir o leitor, nem a exposição documentada dos factos desenrolados na zona mencionada, a partir da occupação do primeiro donatario,

em 1535 até 1879, abrangendo as diversas phases por que passou o territorio, isto é, a *capitania colonial* portugueza, e a *provincia* organisada sob o imperio brasileiro, regida por diversa lei e differente governo.

Mas, que trabalho sobre historia, geographia e estatistica, podia fazer um homem, que em 1879, apenas conhecia sobre a materia, os apontamentos errados de SAINT-ADOLPHE e a epitome do conego *Fernandes Pinheiro?*

Entretanto, deviamos todos esperar que um escriptor reputado em todo o paiz em tão alta conta como historiador e geographo, conhecesse alguma coisa de philosophia da historia, pois na epoca a que se reporta o seo trabalho, TH. BUCKLE já havia publicado a sua genial *Civilisação* na Inglaterra, J. DRAPER, o *Desenvolvimento Intellectual da Europa*, F. LAURENT, a *Historia da Humanidade* e J. G. HERDER, a *Philosophia da Historia da Humanidade* e a historia geral entrava em uma phase de brilhante desenvolvimento, graças ás investigações originaes e maravilhosas de MOMMSEN, de MAX DUNKER, de GERVINUS, PRESCOTT e varios outros.

Quem sabe si para Cezar Marques, o alcance da historia, como instrumento de pesquisa, não ficou limitado ao «quadro de miserias infligidas á multidão pelas paixões de alguns homens» como suppunha LINGARD ([1]), ou «ao poema divino tão antigo como a eternidade, que as interpolações humanas jamais puderam nodoar» conforme entendia BANCROFT ? ([2])

É duvidoso que elle conhecesse os progressos da geographia pelas contribuições de DINELAFOY, de HUOT, de KALTBRUNNER, para não lembrar sinão tres competencias no assumpto.

([1]) *Hist. d'Angl.*, I, 68.
([2]) *La Libre Recherche*, II, 424.

Parece tambem certo que o nosso auctor, no que respeita á estatistica, não teve noticia dos livros de MAURICE BLOCK, de MORTILLET, de ACHENWAL, de SANSOVINO e numerosos outros.

O plano a que obedeceu o *Diccionario* e a execução que o escriptor lhe deo, indicam que as suspeitas são fundadas.

Entre os trabalhos que elle diz ter consultado para a confecção do seo, não incluio nos mais recentes, publicados em 1878 por profissionaes distinctos, caso em que está o — *Mappa Topographico, acompanhado de breve noticia sobre a provincia do Espirito Santo*, organisado pelos engenheiros COELHO CINTRA e C. RIVIERRE.

Vem dahi a omissão quanto aos valores da importação e exportação, á renda orçada e arrecadada, ás despezas, nos diversos exercicios financeiros, os erros visiveis sobre a população total, que Marques fixa em 82:137, quando pelo reconhecimento de 1875, com o augmento proveniente da entrada de immigrantes até 1878, elevava-se a 96:475, segundo certifica a *noticia*, annexa ao *Mappa* supra indicado (1).

Percorrem-se as 247 paginas (sem incluir os mappas) do *Diccionario* e não se encontra a respeito de uma cidade ou villa, de qualquer ponto da costa de assignalada importancia passada ou presente, uma nota exacta acerca de sua posição geographica ou astronomica, sua industria, commercio e agricultura, sobre a feracidade ou esterilidade do sólo, suas vias de communicação e de transporte.

---

(1) ELYSÉE RECLUS, em seo *Trat. de Geog. Ethnog. e Est.*, publicado na traducção portugueza de 1900, pelo DR. RAMIZ GALVÃO, á pagina 469, fixa a população do Estado do Espirito Santo em 135:997 e sua densidade kilometrica, em 4,4. A superficie total, em 44:839 kilometros quadrados.

Não ha na obra nem um mappa ou carta da região explicando os respectivos systemas orographico e hydrographico, a extensão das areas cultivadas e das incultas, a egualdade ou desegualdade das zonas, dos climas, a variedade da producção, etc., etc.

Algumas vezes, quando o Dr. Cezar não erra os nomes das cidades, lagôas e rios que menciona, por que nas fontes de consulta os encontrou certos ou já adulterados, por sua propria conta vae emendando para peior.

Á pag. 29, *in verb.—chronica* e *chronista*—referindo-se á carta das provincias do Espirito Santo e Minas Geraes, levantada em 1856 pelo engenheiro militar Sepulveda e Vasconcellos, censura este por haver escripto—lagôa *Juparan*, suppondo corrigil-o com a graphia—*Juruparana*, quando é certo que as lagôas á margem norte do Rio Doce, são: *Juparanã* e *Juparanã-mirim*, não havendo outras no territorio espirito-santense com os baptismos abusivamente dados por Cezar Marques!

A propria superficie, já em 1878, calculada em 39:000 kilometros quadrados, elle a desconhecia!

Em relação aos habitantes da região, não é menor a penuria de informações.

Sobre selvagens, dominio colonial portuguez, factores da população nacional primitiva e actual, luctas externas e internas, differenciações e integrações de povos, quer resultantes do crusamento, quer da colonisação, quer da immigração expontanea, não ha apreciações geraes, não ha traços assignalaveis.

Ora, os indios, como os europêos, como os africanos e mestiços, entraram na composição da população actual; qual o valor do concurso de cada um desses elementos no processo ethnologico? Qual delles preponderou no resultado dos crusamentos?

São perguntas que irrompem naturaes, impreteriveis, que surprehendem o espirito de quem investiga a forma-

ção de um povo em qualquer cyclo historico; excusado é dizer que o nosso maranhense não lhes deo resposta.

Quanto aos invasores, tambem ha a ponderar que sendo tão repetidos os assaltos e aggressões á colonia portugueza da America, de tal ou qual modo influiram no caldeamento da população: é possivel determinar até onde chegou essa influencia, exercida pelos forasteiros francezes e hollandezes na occupação da zona do norte do Brasil?

Finalmente, sobrevindo aos elementos já enumerados, as levas immigrantistas de povos europêos (allemães, italianos, hespanhóes, austriacos, etc.), que se derramaram pelo sul, a partir do Espirito Santo, novas mesclas differenciaram a população persistente e neste caso, a questão está em saber se esse novo factor, modificou ou foi modificado pelos anteriores e até que ponto.

São quesitos esses a que egualmente o escriptor nacional não responde.

Por outro lado, as luctas travadas entre os portuguezes e os indios, como um seculo depois, entre aquelles e os invasores, produziram lances de heroismo narrados pelos chronistas de todos os tempos.

Logo no governo do primeiro donatario, em uma refrega contra os selvagens, os portuguezes tiveram morto a frechadas, a Fernão de Sá, filho do Governador Geral do Brasil—Mem de Sá.

Este facto occorrido ás margens do rio *Cricaré* (S. Matheos) occupadas pelos *aymorés*, vem assignalado na historia brasileira por quasi todos os chronistas, com tintas tão vivas, que faz lembrar o cyclo heroico dos povos bellicosos antigos.

Em 1625, havendo os hollandezes invadido a capitania, coube a Salvador Corrêa de Sá, com o auxilio da capichaba Maria Urtiz, a ventura de repellil-os, deixando

os inimigos no campo da acção, quarenta mortos, alem dos feridos e dos que fugiram sem direcção sabida.

É outro episodio rememorado pelos historiadores com tanta vivacidade, que o transformaram de verosimil em maravilhoso.

Pois bem, desses successos que deram origem a tantas lendas; desses acontecimentos que foram perpetuados pela tradição, não ha no livro do Dr. C. Marques siquer uma simples consignação!

Depois disto que mais resta dizer?

Que o seo livro, como uma definição que não abrange o definido, é deficientissimo, inçado de erros graves, e de modo algum deve ser tomado em consideração no estudo das coisas da ex-provincia.

Como guia das questões que devia ter elucidado, com ser o sexto trabalho referente ao Espirito Santo, é o menos competente para ser consultado.

Obra official, tem na nitidez da impressão e na excellencia do papel, as melhores e unicas recommendações.

O Dr. Cezar Augusto Marques, falleceo no Rio de Janeiro a 5 de outubro de 1900.

Bazilio Carvalho Dœmon (1834-1893)

Nasceo no Rio de Janeiro, a 8 de fevereiro de 1834.

Transferindo a sua residencia para o Cachoeiro de Itapemirim, no Espirito Santo, ainda bem moço, ahi fundou o primeiro jornal que teve publicidade no sul da provincia, com o titulo de—*Itabira*—apparecendo o periodico em 1.º de junho de 1866. Em 5 de abril de 1868, o *Itabira* foi substituido pelo *Estandarte*, ainda da redacção de Dœmon.

Adepto da politica conservadôra, o escriptor fluminense teve de sustentar em ambos os seos jornaes polemicas terriveis, até que retirando-se para a Victoria, a 10 de março de 1874 assumio a redacção d'*O Espirito-Santense*, outro orgão conservador que suspendeo a publicação em 1888.

No largo periodo de 1874 a 1888, nas officinas deste ultimo jornal imprimio:

Arcanos, romance historico, 1877. Victoria.

Historia e Estatistica da provincia do Espirito Santo, 1879.

Reminiscencias (escriptos da mocidade), 1888.

O primeiro e o ultimo trabalhos do velho jornalista, nem-uma recommendação lhe trazem ao nome; o romance, é um preito á memoria de José de Alencar, de quem Basilio Dœmon foi fervoroso admirador.

Sob o titulo de—*Reminiscencias*—o operoso escriptor publicou o que havia produzido quando se desilludira da politica que tanto amargurou-lhe a existencia.

Seo ultimo livro é, pois, mais um testemunho do seo temperamento de jornalista dominado pelo cansaço, do que uma nota capaz de interessar a quem o folhêa.

Em relação á *Historia* e *Estatistica*, convem declarar inicialmente, que sendo o auctor o quinto historiador na ordem chronologica, dos homens e coisas da ex-provincia, escreveo um livro que si é uma chronica ao gosto quinhentista, muito longe está de ser uma contribuição substanciosa para uma obra de historia e Estatistica do porte da de Felisbello Freire, publicada em 1891 (*Historia de Sergipe*), manancial opulento de observações e dados seguros sobre factos locaes e nacionaes.

Por melhor que seja a disposição de espirito de quem estuda os livros da historia espirito-santense, uma lacuna sensibilissima deparam todos elles: falta absoluta de intuição philosophica nos respectivos auctores, ausencia completa de estylo e de methodo na exposição e divisão das materias a narrar e uma impropriedade de expressão que faz mal aos nervos.

Em um sentido geral, póde-se dizer que o historia-

dor que não traja a Rocha Pitta, toma por emprestimo o habito de Frei Jaboatão...

Os escriptores até aqui examinados e outros que o serão sem tardança no immediato capitulo, egualam-se neste particular.

Nem-um delles estudou com Frederico Creuser, «que todo o grupo humano se reflete em uma symbolica e uma mythologia; que todo o grupo humano é ao mesmo tempo, um factor ethnographico e um producto historico».

Creuser, o sabio allemão, escreveo no começo do seculo findo; os nossos historiographos que viveram muito depois delle, não tiveram noticia daquellas *novidades!*

Nem-um delles discute a questão de saber a que raça prehistorica pertenciam os aborigenes domados por Vasco Coutinho; nem-um delles adeanta idéa sobre o homem geologico; nem-um delles formula a hypothese do autochthonismo ou do exotismo dos povos americanos, tratando aliás de assumptos americanos!

Tornemos ao livro de B. Dœmon.

A *Historia* de sua elaboração é dividida em tres partes, comprehendendo as duas primeiras, chronologicamente, os acontecimentos que vão de 1504 a 1879 e a ultima, a descripção topographica e estatistica, monumentos e nomenclatura, a geographia physica da região e seos accidentes naturaes, a divisão civil, administrativa, judiciaria, ecclesiastica, etc., etc.

São 513 paginas de informações de tal modo minuciosas, que não raro tornam-se inuteis; ha ali juisos sensatos proferidos pelo chronista e algumas vezes tambem opiniões apaixonadas escriptas pelo politico, em successos em que interveio como protagonista, que fazem flagrante contraste!

Sirva de exemplo a que se lê de pag. 453 *usque* 461, do supradito volume.

A primeira parte do trabalho é destinada á fixação da data em que foi descoberta a região.

É a questão mais grave que levanta o escriptor. Dissentindo dos auctores que a antecipam ao anno de 1525 e dos que a protrahem a 23 de maio de 1535, á pag. 39 conclúe, que este conhecimento teve-o Christovam Jacques em 1504, entre os dias 4 a 8 de julho.

Á pag. 45 allega como fundamento de sua asserção, o seguinte, que textualmente transcrevo:

«O certo é, que elle (Christovam Jacques) reconheceo esta provincia, e que o faria dos dias 4 a 8 de julho de 1504, pois tendo partido a 28 de junho de Porto Seguro, necessariamente teria chegado ao rio *Cricaré* (S. Matheos) ou ao Rio Doce, em sete dias, inclusive, tendo tempo de aportar á bahia da Victoria a 8, dando nós a partida deste ultimo ponto no dia 4 ou 5 do mesmo mez de julho, visto este praso ser sufficiente para percorrer a costa do Espirito Santo, contando sete dias até chegar á Barra de S. Matheos e tres a quatro dessa paragem até á barra desta Capital, fazendo os devidos reconhecimentos e sondagens de que estava incumbido».

Pondo de parte o arbitrio que se permitte na emissão do raciocinio, parece pouco solida a argumentação do chronista, porquanto, infestado de selvagens como era o paiz, por mar ou por terra não seria facil a expedições mal organisadas, servidas por veleiros, percorrer a distancia que vae da bahia de Porto Seguro a S. Matheos, sendo de todo o ponto inverosimil que pudesse, em tão curto praso, o enviado do rei portuguez, desempenhar os trabalhos hydrographicos de que fôra incumbido.

Mas, si a precedencia de Christovam Jacques, na descoberta em questão, não fica esclarecida, porque não a attribuio o escriptor aos *bandeirantes* que em começo do XVI seculo, chegaram ás margens do Rio Doce, em procura de pedras preciosas?

Um d'elles, Marcos de Azevedo, percorreo o norte todo da provincia, em penosa viagem de longos mezes: não a teria melhor conhecido que o piloto portuguez, em sete dias apalpando apenas o littoral?

Esse lado da difficuldade não ficou explicado pelo chronista patrio.

Supponho bastar a transcripção feita, para se apreciar a profundeza de vistas do auctor.

Seo livro, entretanto, sempre valerá como um dos melhores subsidios que temos para estudo do assumpto, principalmente no ponto relativo á biographia de alguns homens distinctos, que, na provincia nasceram ou viveram e mais ainda porque é o esforço de um espirito que procurou ser util á sociedade do seu tempo, investigando manuscriptos, revolvendo collecções e archivos, no louvavel empenho de desfazer duvidas e alcançar a verdade.

B. Dœmon sabia supprir a falta de preparo pela bôa vontade de acertar e pelo amôr dos livros; nas horas de folga da labuta jornalistica, ia compondo as paginas das obras que publicou, sem precisar de estimulos alheios, á custa de sacrificios que só bem avalia quem o conheceo nas duras porfias da imprensa politica local.

Exerceo varios cargos no fôro da capital; tambem outros occupou por eleição popular, havendo em 1888 recebido do governo do imperio, a commenda da Ordem da Rosa, por serviços prestados ao seo paiz.

Falleceo na capital do Espirito Santo, a 1.º de dezembro de 1893.

Foi seo biographo, o Snr. Amancio Pereira.

Padre Francisco Antunes de Sequeira (filho) (1832-1897)

Nasceo na cidade da Victoria, em 3 de fevereiro de 1832 e após brilhante tirocinio ecclesiastico no seminario de S. José, do Rio de Janeiro, recebeo ordens sacras de presbytero secular em 13 de novembro de 1854.

Dedicado desde o tempo de seminarista ao magisterio, leccionou linguas nos collegios do Barão de Tautphœus e dos padres Paivas, de 1853 a 1854, conquistando no pulpito fluminense, fama de orador eloquente, logo que foi investido das ordens de subdiacono.

Volvendo ao berço em 1855, peregrinou pelas vigararias de varias parochias, vindo afinal a fixar-se na capital, onde de novo dedicou-se ao magisterio, salientando-se no ensino do latim no Atheneo Provincial, de 1877 a 1892, tendo antes leccionado no Instituto de N. S. da Penha, portuguez, geographia e historia do Brasil, de 1870 a 1876.

Continuando na provincia a justificar a aureola que adquirira no pulpito, foi em seo tempo o sacerdote que maior numero de sermões proferio; entretanto, fosse pela indifferença peculiar aos pequenos centros de vida intellectual, fosse por qualquer outro motivo, apenas tres ou quatro tiveram publicidade pela imprensa.

Deixou os seguintes trabalhos impressos:

Poemêto descriptivo sobre a provincia do Espirito Santo, Victoria, 1884.

Tratados sobre a Orthographia e Syntaxe Latinas, 1887.

Allocução commemorativa da extincção da escravidão no Brasil, 1888.

Allocução dirigida ao Bispo D. João Nery, 1897 ([1]).

Sobre o *Poemêto*, publiquei na secção bibliographica do diario — *A Provincia do Espirito Santo*, então a meo cargo, em 8 de novembro de 1884, uma apreciação que reproduzo, sem prejuizo de algumas correcções impostas pelas idéas e estudos a que me devotei nestes vinte e tantos annos de intervallo:

«O sacerdote espirito-santense Antunes de Sequeira, offereceo-nos um volume do *Poemêto* que publicou em as officinas desta folha.

Apreciado vantajosamente por alguns collegas da imprensa victoriense, por nossa vez nos permittimos a liberdade de externar as impressões que deixou-nos a leitura do livro do conterraneo.

Não se póde aquilatar bem o valor de um trabalho contido em brochura, por uma primeira leitura, como do mesmo modo uma só audição não nos habilita a formular opinião sobre o merito de uma partitura e a razão

---

([1]) Amancio Pereira, artigo publicado no *Commercio do Espirito Santo,* de 1897.

parece-me residir no seguinte: toda a impressão externa que os sentidos nos transmittem, só é por elles ponderada, quando revestem forma mediante um processo analytico. Que é o *ponto de vista*, sinão a projecção, a forma do corpo, que o apparelho da visão apprehende e nol-a representa?

E não será generalisavel aos demais sentidos o que se passa com a vista? Creio que sim; o paladar que accusa o gosto irritante de uma substancia, de uma fructa mais ou menos acre, nol-a põe immediatamente em sua forma sob os sentidos; o ouvido que é ferido pelo som de uma voz, faz-nos a representação material do corpo que a emitte, por mais distante que esteja; o mesmo succede com o olfacto ao receber a sensação do cheiro. Si pois estes factos são verdadeiros, porque não dizermos: —o *ponto de ouvido*, o *ponto de olfacto*, como dizemos o *ponto de vista?* [1]

---

[1] Estas idéas que emitti em 1884, tive a rara ventura de ver sanccionadas e acceitas por Felix le Dantec, que bellissimamente as defendeo em seo livro—*A Lucta Universal,* Paris, 1908, dizendo: «O facto para o qual quero chamar a attenção, é que, si os nossos olhos podem ver a forma dos corpos afastados, si os nossos ouvidos podem ouvir as vozes ao longe, existe, no logar em que estão situados os nossos olhos ou os nossos ouvidos, *qualquer coisa* que, analysada pelos nossos sentidos, nos faz conhecer essa forma ou essas vozes; e esta *qualquer coisa* existe tanto assim, como fóra do alcance dos nossos olhos ou dos nossos ouvidos; demonstramol-o facilmente, de resto, por meio dos apparelhos já inventados para esse effeito, e que se chamam o phonographo e o apparelho photographico.

Podemos dizer portanto, numa linguagem synthethica que a forma ou a voz é representada num ponto qualquer do meio que envolve um objecto, com uma intensidade que diminue na proporção do quadrado da distancia.

É verdade que a luz, por exemplo, não é produzida, mas apenas reflectida pela maior parte dos objectos visiveis; mas ao contacto

Pondo de lado o motivo psychologico que me forçou á digressão de que acabo de voltar, ha um outro de ordem esthetica e vem a ser que muitas vezes, um pensamento traduzido em prosa ou verso, parece denunciar um vicio de expressão pelo effeito que nos causa a leitura de um verso forçado ou de uma phrase desnaturada e no emtanto, este defeito repercute sobre o merecimento da producção, ao ponto de deformal-a.

Em linguagem de critica supponho que se póde dizer que ha como na geometria e na chimica, uma certa homologia entre o pensamento externado pelo escriptor e a forma por que o apprehende o leitor, de modo que o contorno que tomam as idéas emittidas pelo primeiro, coincide com a impressão recebida pelo segundo.

Esta operação algo tem de semelhante á nota musical que o instrumento desfere e que só dilúe-se no ouvido do espectador quando a vibração chega nitida e intensa.

Si o poeta forceja por exprimir uma sensação que

---

destes objectos ella tomou um tal cunho de todos os seos caracteres morphologicos, que podemos consideral-a sem exaggero como uma propriedade pessoal emanada dos corpos; os corpos são considerados cada vez mais, aliás, como transformadores e não como productores e, por conseguinte, tanto no ponto de vista luminoso como no ponto de vista acustico, podemos dizer que o corpo estudado enche com a sua imagem todo o espaço ambiente; verifica-se ainda, mesmo para um corpo não vivo, falando rigorosamente, que a existencia de um corpo não é limitada ao espaço que occupa de facto.

Ora, que são o ponto de vista luminoso e o ponto de vista acustico, sinão resultados de analyses parciaes das coisas, analyses parciaes cuja escolha nos é dictada pela natureza dos nossos orgãos dos sentidos? Ha ainda o ponto de vista olfactivo, o ponto de vista do paladar e até, para falar correctamente, devia dizer-se o «ponto de ouvido» o «ponto de olfacto», o «ponto de paladar», como se diz o «ponto de vista». Obr. cit. 126-127.

nunca recebeo, o falseamento da idéa polarisa-se até o verso.

N'este caso, a poesia é uma coisa que aberra da grande arte, é uma sombra em logar da luz, fria, convencional e sem movimento; haverá aqui qualquer coisa de analogo ás *phantasias* e aos *devaneios* com que os romanticos dramatisavam certos lances da vida, quando entendimentos mais cordatos, delles aproveitariam a *nuance* comica como uma justa desforra de bom senso.

Certo critico francez denunciou com invejavel verdade os symptomas pathologicos do morbo que contaminou aquella escola, escrevendo a proposito de Victor Hugo:

«Idear realidades para trahir a verdade, é uma bem mediocre recreação; em todo caso, si o pensamento apparece sob a forma da rima, diz-se que a phrase está metrificada, posto que de poetica pouco ou mesmo nada possúa.

Si, porem, o verso não se comporta na altura da idéa a exprimir, então a poesia é coisa em muito inferior ao som emittido por imperito amador de musica.» Subscrevo *in totum* os conceitos transcriptos.

. . . .

Folheei o *Poemêto* do padre Antunes de Sequeira, com a melhor disposição de espirito.

As estrophes dos oito cantos do livro, prenderamme a attenção em varias passagens.

Em algumas dellas notei que o narrador começa por annunciar a descripção de certos acontecimentos, que, por troça, tibieza ou hesitação do poeta, ficavam suspensos.

Em outros observei que para reduzir aos limites da oitava um trecho brilhante, a descripção ficava mutilada.

Em largo ponto de vista, são os defeitos mais visiveis do artista, como adiante veremos.

O *Poemêto* pode ser analysado sob um triplice aspecto: nelle ha descripções historicas, concepções philosophicas e de longe em longe, alguns traços humoristicos.

Devo entretanto desde já declarar que o livro reflecte o escriptor. É quasi a expressão ou a definição do temperamento do padre poeta, por elle proprio rimada e transmittida ao papel.

Assim exprimindo-me, quero apenas repetir que a *obra é o homem.*

Antunes na primavera da vida e attendendo aos rógos da familia, acceitou sem reflexão a escolha da carreira ecclesiastica, como a mais propria ao desenvolvimento de suas especiaes aptidões e mais accorde com os desejos de seo pae, que tambem era padre.

Ao tempo em que o seo valor intellectual se foi accentuando no estudo de humanidades, os espirito-santenses gyravam em dois estreitissimos circulos: aquelles que pela espontaneidade da intelligencia revelavam-se capazes de traduzir Horacio e Virgilio, de modo a repetir o verso como si seos fossem, iam ter direito ao seminario de S. José, da Côrte.

Na epoca alludida, em a nossa capital provinciana, o mestre de latim era o arbitro supremo das inclinações dos discipulos, com jurisdicção até o lar domestico e para o mestre de latim, o garbo na dicção classica, era indicio incontrastavel de talento.

Nesse tempo, quando a Victoria tornou-se um fóco de estudo do latim, os mais alentados talentos foram levados pela corrente dominante á vida clerical, muitos sem duvida com a convicção de que no Seminario teriam de aguçar o espirito, enfronhando-se nos mysterios descri-

ptos em latim classico, enriquecido pela eloquencia de theologos como Affonso de Liguori.

Com o ensino do latim, os docentes provincianos ministravam aos alumnos conhecimentos sobre philosophia, historia, rhetorica e outras disciplinas, moldados na aprendizagem que tinham por sua vez feito no Seminario.

Dahi resultava para os estudantes a persuasão de que, só quem estudava nos seminarios podia penetrar com seguro exito as controversias philosophicas, que a theologia tinha a habilidade de tornar quasi inaccessiveis ao espirito dos moços.

Eis a influencia a que esteve exposto o entendimento da mocidade provinciana, graças ao predominio dos padres na distribuição do ensino.

Que o seminario attrahia irresistivelmente as melhores intelligencias, basta para proval-o, ler os nomes de Marcellino Duarte, João Climaco, Fraga Loureiro, Antonio Castro, Alvarenga Salles e os dois Antunes.

Que tambem o estudo do latim e as seducções dos mysterios explicados á luz cambiante da theologia, tornaram a vida ecclesiastica uma aspiração unica, verifica-se por um facto digno de reflexão.

Um dos mais robustos intellectuaes da geração extincta ha uns quinze annos, o padre João Climaco, logo que fez o curso de humanidades entrou para o seminario onde distinguio-se desde os primeiros dias.

Informações seguras fazem crer que o joven sacerdote depois de recebidas as ordens sacras, como o segundo Antunes distinguio-se tanto no pulpito, que chegou a contar por triumphos os sermões que produzio.

Dentro em breve, porém, Climaco volvia a S. Paulo e punha de parte a fama adquirida na cadeira da verdade, para alistar-se entre os estudantes de direito.

Ignacio Bermude, um outro conterraneo que havia professado em uma das ordens religiosas do imperio,

poucos annos depois despia o habito monacal e entrava para o curso profano do Direito.

Espiritos de relativa cultura, porque não puderam nos primeiros instantes do despertar das energias intellectuaes, desviar-se da tendencia latinisante que os levava ao curso theologico?

Por outro lado, qual a razão por que d'entre tantas aptidões, só duas puderam ser victoriosas na lucta contra os preconceitos do tempo?

Simplesmente por que ser padre era ser theologo e ser theologo era a synthese das aspirações dos mais argútos entendimentos.

Não se póde duvidar do grande merito de um Marcellino Duarte, do engenho de um Fraga Loureiro; resta todavia averiguado que apenas foram além da sciencia ecclesiastica do seminario, aquelles dois conterraneos acima destacados [1].

---

[1] Na *Biographia* do Dr. João Climaco, alludi á influencia do latim entre nós, como a de uma disciplina exclusivista que não nos trouxe vantagens sem grandes prejuisos e mostrei que em Portugal, dois seculos antes, o culto da latinidade produzio os mesmos effeitos.

Estudos mais demorados fizeram-me crer que phenomeno egual manifestou-se em outros paizes da Europa, inclusive naquelles em que predominou a raça anglo-saxonica.

Sabe-se que na Allemanha o emprego ou uso do latim não foi geral; quando muito o assimilaram os eruditos, utilisando-o no estudo do Direito Romano e em especial os naturalistas nas classificações que tiveram de fazer, após os fecundos resultados a que chegaram na ampliação dos estudos das sciencias naturaes e da philosophia.

Quanto á Inglaterra, um auctor bem informado assignala a preferencia que teve a lingua das gentes do Lacio, justificando-a por estas observações:

«A dependencia a Roma, em materia de sciencias e artes, durou muito tempo para o resto da Europa.

A outra classe de conterraneos obrigados ao estudo do latim, era composta de moços sem aspirações definidas, de estudantes cuja revelação mental, longe de ser espontanea, era provocada pelo estudo incessante e continuo. Manoel Ferreira das Neves, Ignacio dos Santos Pinto, d'entre os principaes e para não alongar a citação de nomes proprios, que, no entender de um espirituoso escriptor, «constituem o amago da historia patria», não podem ser equiparados a Antunes de Sequeira, no tocante ao valor intellectual.

Para os deste segundo grupo, que alem do mais tinham de arcar com a pobreza extrema, com a escassez de recursos quasi absoluta, restavam abertos os dois unicos caminhos: ou o emprego publico mal remunerado, ou

---

O latim era a lingua exclusivamente empregada e não podia deixar de ser então assim, visto exprimir o pensamento em ordem de coisas elevadas.

Hoje ainda, a mocidade anda impregnada de latim.

Estas circumstancias mantiveram entre os povos da Europa, o costume constante de irem buscar na lingua latina, o que lhes faltava nas patrias.

Convêm notar que na Inglaterra, os homens de saber procuravam antes no latim do que no anglo-saxonico as palavras especiaes para o seo uso»; WHITNEY, *La Vie du Laugage*, 98.

A primeira razão não me parece procedente; paizes como a Allemanha e a Hollanda, que desde a Reforma de Luthero tinham a maioria da população protestante, que dependencia podiam manter com a Cidade Eterna a respeito de sciencias e artes, já então muito mais cultivadas ao norte do que ao sul da Europa?

A segunda tambem improcede, a menos que o auctor provasse que o arabe, o sanskrito, o hebraico, as demais linguas, em summa, não fossem capazes de exprimir o pensamento sobre assumptos grandiosos ou elevados.

A tendencia universalista do latim, creio bem que originou-se das preoccupações dos eruditos e propagou-se mais por imitação do que por effeito de um reclamo consciente.

as artes triviaes, como a typographica e a pintura, ainda em mais precarias condições.

Por estas ligeiras considerações tenho provado a conveniencia de estudar o *homem* independentemente da *obra*, ou segundo os ethnologos—o *factor* antes do *producto*.

Explicada como ficou a tendencia dos nossos conterraneos para o presbyterado, preferentemente a qualquer outra iniciação, não maravilha que os nossos melhores poetas, politicos, oradores e docentes, fossem ecclesiasticos.

O mais antigo poema descriptivo que possuimos, foi devido á penna de um padre.

Foram de padres as primeiras poesias esparsas nos jornaes da provincia, a começar de Marcellino Duarte.

O padre Fraga Loureiro, foi o maior satyrico que tivemos.

Os sermões de Climaco; os versos humoristicos de Antonio Castro; os improvisos de Ovidio Goulart, e d'entre os escriptos de feição comica—a farça *D. Minhóca* de Antunes de Sequeira, resumem a vida intellectual, os costumes, as crenças e as maneiras simples e folgasãs dos conterraneos que nos antecederam.

Os *bandos*, comedias e *entremezes*, como as quadras de amôr e os polidos sonetos, cujas bellezas artisticas chegaram ao nosso conhecimento tradicionalmente, fizeram as delicias do tempo.

Si melhor orientada fosse a corrente das idéas da epoca, muitos desses trabalhos opulentariam o nosso acervo intellectual, pois somos no paiz quasi desconhecidos nessa esphera da actividade.

As producções disseminadas arbitrariamente, sujeitar-se-iam a uma coordenação conveniente.

A mór parte dos nossos intellectuaes ter-se-ia destacado, si houvesse uma reacção contra os preconceitos que então tinham forçado curso, e, em vez de escriptos ligeiros, de espasmos intellectuaes, ter-nos-iam legado abundante material para a construcção da historia de nossos surtos litterarios.

Antunes de Sequeira fazia parte da legião de brincalhões intelligentes que se foram e da qual é hoje o unico documento authentico.

Depois de ter feito na provincia os preliminares estudos, entrou para o Seminario de S. José, na Côrte, e dahi, depois de ordenado e de recommendado como emerito latinista, pregador e cantor, veio para a terra natal onde deixára os paes.

Voltava cheio de aspirações; tinha contornado o escolho que era para a gente moça de então a causa unica de suas desditas: a falta de um titulo passado por instituto de instrucção superior, alguma coisa de sciencia e arte e não somente latim e musica.

Ganhou em desprender-se do berço; foi sem duvida esta a causa da saliencia que teve entre os homens de lettras.

Regressando á sua terra, suppunha-se em bom direito de sahir victorioso na porfia pela vida, porque possuia a coragem dos que desejam elevar-se contando com o exclusivo esforço.

Foi então quando começou a experimentar o effeito das amargas desillusões; de um lado o seo temperamento facilmente impressionavel e de outro o meio deleterio em que tinha de actuar no sentido das aspirações e aptidões

de que era portador, lhe prepararam os primeiros dissabores.

D'elle proprio soube, que poucos dias decorridos do seo regresso ao lar, uns sorriam maliciosamente quando o ouviam alludir aos seos anhelos e sonhos de moço e outros, que si nunca tiveram o goso espiritual da leitura de uma pagina delicada, conservavam apurado o gosto epicurista pela galhofa vilã, diziam-lhe:

— Que mais quereis, vós, homem? Sois padre, agora é cuidar de *sermões* e... *manjubas.*

Esse trôço de homens que formavam o partido dos banaes e frivolos, cuja representação ainda não vagou nem é possivel prever quando vagará, fez immenso damno ao joven Antunes.

É ainda elle quem canta a dôr da primeira setta que o ferio na sua primeira vigararia (Carapina):

«Ahi principiei minha carreira,
Tão cheia de virentes esperanças!
Vida tive doce e prasenteira,
No convivio das aves e creanças.
Subito m'aterrou atra viseira,
Fugi para evitar suas vinganças...
Por uma providencia ou cégo fado,
Quiz antes dos meos ser maltratado.»

(Canto VI, Est. 35).

Devera ter-se retirado; João Climaco e Ignacio Bermude, curtiram no retiro da vida privada, os desgostos causados pela tyrannia dos parvos que se altearam deprimindo-os.

Já então não se dava apreço aos bons e honrados talentos; uma onda de maledicencia e de inveja cobria

da planura ao monte, quem quer que não raiasse pela vulgaridade.

Impossibilitado de viver na parochia, Antunes retirou-se para a Victoria e entrelaçou-se no convivio de seos collegas.

O joven cura ainda descrêra não; pedia animação e conforto e avigorava o espirito nas vigilias do estudo; regatearam-lhe os applausos uns e amesquinharam-n'o outros, quando perceberam que a projecção de luz do astro, contrastava com a opacidade em que elles, os satellites, moirejavam. Comtudo, quiz luctar mais um pouco; de novo estadiou por S. Matheos e Santa Cruz no exercicio de suas funcções sacerdotaes.

Mas o padre não tinha a couraça que forra as energias aos luctadores selectos; sua sensibilidade não lhe permittia prolongado dispendio de forças em repellir ultrajes.

Na pequena *Aldeia Velha* (Santa Cruz) o moço sacerdote passou por novas e tão rudes provações, que do logar e dos habitantes fala-nos assim:

....

«Não pude conseguir como vigario
Mudar a sina má do povo vario.»

E mais adiante:

«*Agua-Bôa, Sahy* e *Guaxindiba*
Pobres, mas lindissimos logares,
Paraisos seriam si guarida,
Preguiça não fosse; aos seos altares
Immola a ociosidade, amôr e vida,
Como os pagãos aos deuses tutelares.
O homem por *carnal* e descuidado,
De mil seducções vê-se tentado.»

de que era portador, lhe prepararam os primeiros dissabores.

D'elle proprio soube, que poucos dias decorridos do seo regresso ao lar, uns sorriam maliciosamente quando o ouviam alludir aos seos anhelos e sonhos de moço e outros, que si nunca tiveram o goso espiritual da leitura de uma pagina delicada, conservavam apurado o gosto epicurista pela galhofa vilã, diziam-lhe:

— Que mais quereis, vós, homem? Sois padre, agora é cuidar de *sermões* e... *manjubas*.

Esse trôço de homens que formavam o partido dos banaes e frivolos, cuja representação ainda não vagou nem é possivel prever quando vagará, fez immenso damno ao joven Antunes.

É ainda elle quem canta a dôr da primeira setta que o ferio na sua primeira vigararia (Carapina):

«Ahi principiei minha carreira,
Tão cheia de virentes esperanças!
Vida tive doce e prasenteira,
No convivio das aves e creanças.
Subito m'aterrou atra viseira,
Fugi para evitar suas vinganças...
Por uma providencia ou cégo fado,
Quiz antes dos meos ser maltratado.»

(Canto VI, Est. 35).

Devera ter-se retirado; João Climaco e Ignacio Bermude, curtiram no retiro da vida privada, os desgostos causados pela tyrannia dos parvos que se altearam deprimindo-os.

Já então não se dava apreço aos bons e honrados talentos; uma onda de maledicencia e de inveja cobria

da planura ao monte, quem quer que não raiasse pela vulgaridade.

Impossibilitado de viver na parochia, Antunes retirou-se para a Victoria e entrelaçou-se no convivio de seos collegas.

O joven cura ainda descrêra não; pedia animação e conforto e avigorava o espirito nas vigilias do estudo; regatearam-lhe os applausos uns e amesquinharam-n'o outros, quando perceberam que a projecção de luz do astro, contrastava com a opacidade em que elles, os satellites, moirejavam. Comtudo, quiz luctar mais um pouco; de novo estadiou por S. Matheos e Santa Cruz no exercicio de suas funcções sacerdotaes.

Mas o padre não tinha a couraça que forra as energias aos luctadores selectos; sua sensibilidade não lhe permittia prolongado dispendio de forças em repellir ultrajes.

Na pequena *Aldeia Velha* (Santa Cruz) o moço sacerdote passou por novas e tão rudes provações, que do logar e dos habitantes fala-nos assim:

....

«Não pude conseguir como vigario
Mudar a sina má do povo vario.»

E mais adiante:

«*Agua-Bôa, Sahy* e *Guaxindiba*
Pobres, mas lindissimos logares,
Paraisos seriam si guarida,
Preguiça não fosse; aos seos altares
Immola a ociosidade, amôr e vida,
Como os pagãos aos deuses tutelares.
O homem por *carnal* e descuidado,
De mil seducções vê-se tentado.»

Cedendo ás instancias do meio, abandonado a si mesmo, em pouco tempo o poeta começou a assimilar dos naturaes da parochia, os defeitos e inclinações que lhes notára com repugnancia.

Data dahi a interrupção dos seos dias de successo. De pouco valeo elegerem-n'o deputado á assembléa provinciana, de 1859 a 1862; não era a politica um ideal com a força sufficiente para o fascinar.

Sitiado pelas paixões, ora iracundo, ora compassivo, voluvel nos actos e nos gestos, distendeo-se-lhe a veia ironica e o poeta surge como um complemento do folgasão.

É de vel-o tomar á incultura do populacho os dicterios da moda, os ridiculos e sarcasmos com que revida ás aggressões.

Retornando á Capital, fechado esse cyclo terrivel, o padre poeta fez-se educador da mocidade e ahi, ora com successo ora com contraria sorte, percorreo o largo estadio cujo termino é o momento actual em que estudo-lhe a personalidade. Periodo foi esse de relativa calma, ainda assim interrompida pelas desavenças que teve com o commandante da companhia de aprendizes marinheiros, de que foi capellão, com o capitão do porto e com o bispo diocesano D. Pedro de Lacerda, que o suspendeo por diversas vezes do exercicio das ordens sacras.

Analysando em começo d'este escripto o *Poemêto*, notei que muita vez as descripções das paisagens ficavam suspensas e não raro as exigencias da metrica cortavam a meio o pensamento esboçado.

E assim é.

No canto II, parece que depois da invocação, ou da

segunda estrophe, a immediata faz imaginar um salto extenso.

Tendo promettido descrever o aspecto da Capital, a narração das minucias e particularidades vindo como vêm na terceira estrophe, destôa do plano preconcebido.

De quando em quando ha nas descripções inverosimilhanças sensiveis.

O canto VI, estrophe 21, nos ultimos dois versos, é exemplo frisante.

No canto VII, estrophe 9.ª, o poeta empresta á cidade serrana um movimento extraordinariamente imaginoso.

No canto I, estrophe 4.ª, a descripção é falha de decoração.

Cedendo ás exigencias da rima, chega a forçar o pensamento e a desnaturar a cadencia harmonica do verso.

É uma das mais felizes descripções, a narrativa historica que o auctor do *Poemêto* faz dos nossos feitos nos tempos coloniaes; apenas admira que a menção do nome de *Domingos Martins*, não lhe despertasse uma nota plangente.

Patriota entre os que mais o foram, o heróe espiritosantense tem a vida envolta em uma das mais nobres paginas da historia nacional; razão de sobra para não ser excusavel a omissão do vate seo conterraneo.

No canto IV, o padre cantor diz a direcção philosophica a que obedece o seo espirito

Neste ponto os hexametros são medidos a compasso; a cadencia pode ser marcada com a precisão da batuta.

A sua philosophia a COUSIN, sente-se bem glosando os mottes da immortalidade e da separação da alma do respectivo envolucro.

É que em 1884, o auctor do *Poemêto*, não conhecia estas observações publicadas por um philosopho inglez, seis annos antes:

«Em uma questão tal como a das relações entre o espirito e o corpo, não se deve recorrer ao methodo potente da suppressão da causa.

Não se póde tomar o homem, este ser duplo, e pôr de um lado o seo corpo, de outro o seo espirito.

Não se póde supprimir o espirito para verificar se o corpo tambem desapparecerá.

Si se supprime o corpo, verifica-se que em verdade o espirito desappareceo; mas esta experiencia não é concludente, porque, supprimindo o corpo supprimimos tambem as indicações do espirito, isto é, as manifestações corporaes: isto seria o mesmo que si no estudo do magnetismo, quisessemos eliminar a agulha imantada e os outros corpos nos quaes a acção magnetica se manifesta.» (1)

Isto no que respeita á questão da materialidade ou immaterialidade do espirito; quanto á da immortalidade da alma, tambem ao tempo em que veio á luz o *Poemêto*, já era sabido que esse postulado nem proveio da razão humana, nem jamais foi admittido universalmente.

Um sabio allemão escreveo o seguinte, que é muito para ser meditado:

É um facto estabelecido pela ethnologia comparada que alguns povos primitivos, no gráo de cultura mais rudimentar, não tiveram a minima idéa da immortalidade da alma, menos ainda a da existencia de Deos. E o caso, em particular, dos Weddas de Ceylão, dos Pygmêos primitivos, que podemos considerar um resto dos primeiros «homens primitivos da India». É ainda o caso dos mais antigos ramos entre os quaes se acham os Dravidianos, parentes proximos dos Weddas, dos Seelongs indianos e de alguns outros povos, como os negros da Australia.

---

(1) Alex. Bain, *L'Esprit et Le Corp*, 19-20.

Do mesmo modo, alguns povos primitivos da raça americana, como os indios do interior do Brasil, habitantes do alto curso dos rios, não conhecem nem deuses nem a immortalidade attribuida á alma.

Esta ausencia *original* da crença em Deos, e na immortalidade, é um facto dos mais importantes; convem distinguil-a naturalmente da ausencia *secundaria* das mesmas crenças, alcançada pelo homem que chegou ao maior gráo de civilisação, tardia e penosamente, em consequencia de estudos feitos no espirito da philosophia criticista.» [1]

Para o poeta, a psychologia do phenomeno da materialidade em um caso e da immaterialidade no outro, é assim feita:

«Tomba o corpo, a alma se sublima
Nas azas do aligero pensamento;
Alem, em fulgôr eterno prima,
Olhando o maior dos céos—portento!
Separada do corpo a que se arrima,
Ás idéas conserva luzimento.
Por causa dessa crença tão subida,
Torna-se immortal a nossa vida.»

A expressão potencial da idéa, nos phenomenos da intelligencia e da sensibilidade, o poeta define d'este modo:

«Por vias, ao pensamento conhecidas,
Sóbe ás nuvens e ao céo ond'astro gyra,
Alem iria de suas avenidas,
Si extranho poder lh'o não prohibira.

---

[1] E. Haeckel, Les *Énigmes de l'Univers*, 223.

As ingratas deidades faz queridas,
Por geitos que a todos admira;
Muito póde a seiva do talento,
Caminha apezar de rijo o vento!»

As estrophes satyricas nem sempre são felizes; nota-se-lhes ausencia de intencionalidade.

Fraga Loureiro é nisto superior a Antunes; o velho trovador tinha a *vis* causticante admiravelmente exercitada. No começo da phrase do verso, o leitor subentendia o alvo visado.

A melhor, escripta por Antunes, é a relativa á obra para aquartelamento da Companhia de Aprendizes Marinheiros, construcção morosa e ruim, que por vezes foi desmanchada e afinal veio a servir para o edificio da Alfandega.

Alludindo a certas circumstancias da construcção, disse o poeta muito bem:

«Composta de infecto sangue vario,
Veio a dar em resultado um dromedario!»

Como ultima nota deste estudo, creio poder conferir ao padre poeta estas duas qualidades que resultam do seo *Poemêto:*

Doçura lyrica nativista e certa naturalidade graciosa na interpretação dos assumptos de feição peculiar ao seo temperamento.

Veja-se este esboço *d'après nature*, da villa de Guarapary e de seos habitantes:

«Longa praça, melhor rua direita,
Casas mui asseiadas, bonitinhas,

Gente mansa, leal, não contrafeita,
Com seo bello rapásio e mulatinhas,
Com quem louco amôr tanto suspeita,
Nas formas e olhar, engraçadinhas:
Eis aqui os esmaltes do logar,
Que uma coisa é ver, outra gosar.

India, a grande mó dos habitantes,
Se extende por suas possessões,
Antigas familias são restantes,
Cheias de crendices e visões;
Eclypses da lua tão constantes,
Pôem afflictas aquellas multidões
Bradando: — Vôvó está dormindo,
Sem ver que o mundo está cahindo?
....
Crusam o rio centenas de canôas,
Transportando cereaes, mercadorias,
Remadores entôam suas lôas
No calor dos descantes e porfias;
E em noites de luar, suaves, bôas,
Que gósos d'intensas alegrias!
Deitado na *peroba* ou posto ao lado,
O homem fita o azul d'ouro tocado.»

Depois de se ter lido versos assim, perde-se da lembrança um ou outro mal feito, como:

«Nos manejos torpes do maior ardil.»

(Canto III, Estr. 19.ª)

As demais producções do padre Antunes, conservam apenas interesse e valor didacticos ou o occasional que lhes justificou a publicidade.

Por serviços prestados ao paiz, o governo do imperio condecorou-o com o habito de cavalleiro da Ordem de Christo.

O vate finou-se na cidade do Espirito Santo (Villa Velha), em 29 de novembro de 1897. [1]

---

[1] O vate foi tambem em moço um improvisador insigne, notavelmente nas festas com que em outro tempo eram celebradas as datas historicas sob o imperio.

De um dos seos improvisos felizes guardo a mais grata recordação.

A noticia da conclusão da guerra contra o Paraguay, chegára á Victoria á noite, em hora adeantada e um grupo de populares enthusiastas, organisou ao raiar do dia uma passeiata pelas ruas da cidade, saudando o grande feito das armas nacionaes.

Á porta do poeta, o prestito acompanhado de bandas de musica estrugindo marchas alegres, deteve-se, até vel-o assomar á janella, em o desalinho proprio da hora matinal.

Após a execução da banda, soaram os brados da turba: — Fala, padre Antunes! Viva o Brasil!

Antunes relanceou o olhar por sobre a multidão ali reunida e as hastes das bandeiras e proferio este soneto:

«Nunca Phebo surgio tão radiante
Nem rubra jamais vio formosa Aurora!
Tão ricos festões mimos de Flóra,
Enflóram a Patria de brilho rutilante.

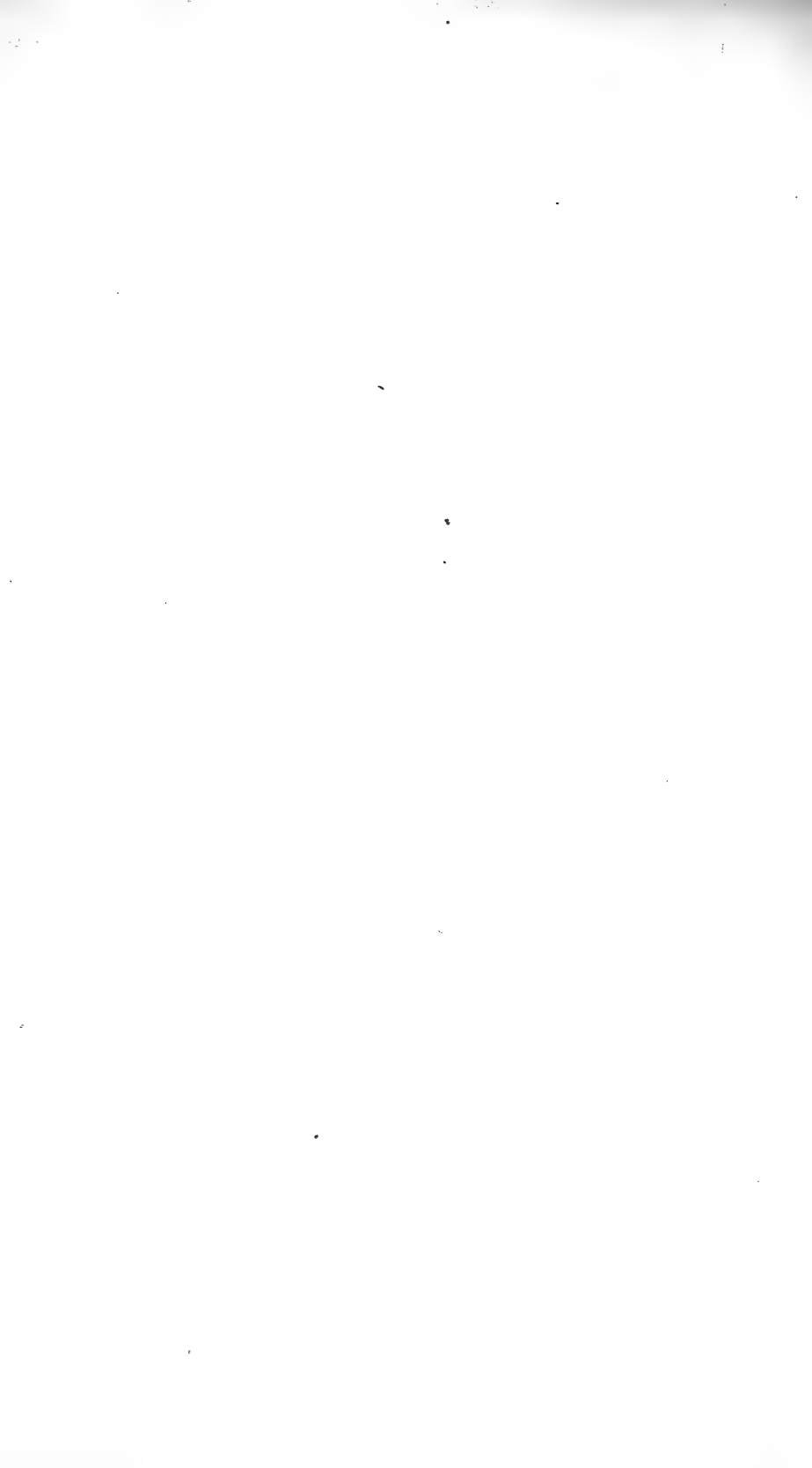
Oh Musas! não sei como decante,
Em doce metro, em tuba bem canóra,
O triumpho que o povo commemora,
Em plectro divinal, altisonante!

De guerreiros o bando, forte, bravo,
Em Solano punio a rebeldia,
Partindo os grilhões a um povo escravo.

Por terra baqueou a tyrannia,
O vencido sentio no prélio o travo,
O Brasil provou, emfim, quanto valia!»

Este facto que reproduzo de um outro livro meo, vinha seguido de uma nota ou commentario que tambem transcrevo:

«Nota vibrante de patriotismo, hymno de amor de um coração accessivel a sentimentos elevados, fundio-se nas acclamações populares, que guardaram-n'o com o mesmo desvelo que eu, para o recordar em parciaes audições, em nossos dias, áquelles que desesperaram de assistir a manifestações viris de nossa nacionalidade»; *Biographia do* Dr. João Climaco, 30-31.

SEGUNDA PARTE

Os novos narradores e poetas

CAPITULO III

O romantismo na Historia e na Politica. A arte scenica. O lyrismo naturalistico e o romantismo na poesia. A comprehensão da Politica moderna em suas applicações.

(Periodo de expansão litteraria consciente) (1871-1908).

N'este curto espaço de tempo, as lettras provincianas começam a desfazer-se da herança que lhes transmittio o periodo anterior.

A estreiteza de vistas na ponderação das creações humanas, é substituida por uma comprehensão mais larga e por uma intuição mais exacta dos phenomenos sociaes e intellectuaes.

Si na Historia perdura o anachronismo de se considerar a existencia do Brasil a datar do descobrimento pelos portuguezes; si os elementos que entraram na

composição da nação deixam de ser contemplados, nóta-se comtudo que os historiadores surgem apparelhados de melhores provisões de idéas no tocante ao alcance de alguns movimentos que imprimiram celeridade á independencia da patria e á constituição do seo governo.

Bem pouco é isso, mas já é um progresso para o quadro mesquinho dos historiographos do cyclo anterior.

Esse avanço é representado pelos Drs. Miguel Pessôa e Misael Penna.

O segundo distingue-se ainda como escriptor politico, como pamphletario e humorista, em opusculos que fizeram epoca.

A arte scenica encontra em Aristides Freire o seo verdadeiro iniciador e em Candido Costa, Affonso Magalhães, Amancio Pereira e Ubaldo Rodrigues, os seos interpretes mais salientes no drama, na comedia e na farça de costumes.

A poesia veste outras galas e a prosa correntia depura-se em moldes congruentes com as idéas de que é portadôra.

A Politica, por seo turno, desenvincilhando-se do prurido revolucionario de tudo confundir, assume a seriedade de cogitação scientifica.

Emfim, em quasi todos os surtos do pensamento, no periodo que estudo, ha sempre um avanço que não é de desprezar.

Nas linhas a seguir, ver-se-á que não exaggero as proporções do progresso realisado.

Dr. Miguel Thomaz Pessôa (1846-1876)

Era natural da Victoria, onde nascêo a 21 de setembro de 1846.

Fez o curso de humanidades no Rio de Janeiro, e o juridico em S. Paulo, vindo a receber o gráo academico, em 27 de fevereiro de 1872.

Voltando a residir na provincia, ahi começou como advogado, tendo sido nomeado em 26 de março de 1872, procurador fiscal da fazenda provincial.

Entre os annos de 1874 a 1875, foi despachado juiz municipal do termo de Itajahy, na provincia de Santa Catharina, vindo a fallecer no anno seguinte.

Entretanto, alem do que escreveo em varios jornaes litterarios e politicos, publicou as seguintes obras de processualistica:

Manual do Elemento Servil, segundo a lei de 28 de setembro de 1871; *Manual dos Delegados e Subdelega-*

dos de Policia; Manual dos Juizes de Paz; Formulario dos trabalhos das juntas parochiaes e municipaes; Roteiro dos Juizes Municipaes; Regulamento (annotado) *das Relações* e um outro trabalho de doutrina juridica sobre o Codigo Civil, com esse titulo.

Ainda á sua penna devem as lettras patrias o manuscripto—*Historia da provincia do Espirito Santo*, que jamais foi publicado, mas que servio ao Dr. Cezar Marques na confecção do seo *Diccionario Historico*, como o proprio auctor declara á pag. 34, sob a epigraphe—*Chronica* e *chronista*.

De Miguel Pessôa não conheço senão os cinco primeiros livros que, francamente, não formam base para um juizo definitivo sobre as suas qualidades de jurista.

Parente e amigo de Pereira de Vasconcellos, com este aprendeo a dedicar-se a trabalhos forenses e ainda delle herdou o gosto pela imprensa e pelos estudos das coisas da provincia; pena foi, porem, que nem um nem outro, tivesse o preparo indispensavel para qualquer das emprezas.

Os *Manuaes* e *Roteiros*, do Dr. Miguel Pessôa, são reproducções de textos de leis e regulamentos, aqui e ali intercallados de decisões do governo (avisos) sobre triviaes duvidas de juizes togados e leigos e mais de alguns arestos assentando um ou outro ponto doutrinario mal esclarecido pelas disposições legaes.

Em nem-um delles o auctor revela profundeza de vistas, nem tão pouco o cabedal de aptidões que lhe attribuem os seos biographos.

Não me foi possivel encontrar um exemplar do *Codigo Civil*, nem consultar o manuscripto de Historia local a que allude Cezar Marques; mas pelo que li do joven escriptor, penso que não fico arredio da verdade affirmando que elle não se distinguia por um alto espirito de penetração, não era um investigador capaz de impri-

mir ás suas pesquizas o interesse que desperta o debate encetado por uma penna adextrada e, si em verdade tinha todos esses predicados, certo que os exgottou nas duas producções que, com pezar confesso ainda uma vez, não me foi possivel obter.

Segundo B. Dœmon, *(Hist. cit.*, 437) «de uma memoria invejavel, Miguel Pessôa tinha a faculdade excessiva de guardar em memoria tudo aquillo que lia e estudava, inclusive datas, artigos, paragraphos e numeros de paginas de obras sobre qualquer materia. (1)

Moço ainda, Miguel Pessôa promettia um futuro escriptor de nomeada e já o era em suas publicações de artigos politicos e historicos no jornal—*O Espirito-Santense*—e nas obras que deixára.»

Não obstante o que ahi fica transcripto, creio bem que o Dr. Miguel Pessôa, foi apenas um estudioso, paciente e perseverante, que não deo mostras de largo des-

---

(1) Quero suppôr que os factos a que allude o historiographo, aliás com o louvavel intuito de recommendar os dotes do mallogrado escriptor, provam que elle não os possuia em gráo tão subido.

Decorar datas, artigos e paragraphos de leis, é uma operação da *memoria inconsciente,* no dizer de Haeckel.

Este sabio philosopho adeanta:

«Entre o homem como entre os animaes superiores, aos quaes somos obrigados a attribuir consciencia, as funcções quotidianas da *memoria inconsciente* são incomparavelmente mais numerosas e variadas que as da *memoria consciente* e para convencermo-nos disso, bastará que examinemos imparcialmente mil acções inconscientes que praticamos quotidianamente quando caminhamos, escrevemos, comemos» etc.; *Enygm. de l'Univ.*, 140.

Ora, pois, si a apprehensão do alimento com o garfo ou da tinta com a penna, é um phenomeno da vontade inconsciente de quem come ou escreve, como não sel-o-á o da apprehensão de datas, numero de paginas, etc., por parte de quem lê e se deixa absorver pela leitura?

cortino mental, quer por que vivesse pouco, quer por que se deslocasse do genero de estudos para os quaes tinha em verdade particular aptidão.

De sua permanencia na ex-provincia — que então se assignalava por um certo progredir intellectual, após a reforma da instrucção secundaria e a creação do Atheneo Provincial, com exames validos para a matricula nos cursos superiores do paiz — reforma e creação realisadas por um esclarecido espirito que honrou o magisterio na Faculdade do Recife, o Dr. João Thomé da Silva; nessa quadra de 1871 a 1875, em que os saráus litterarios das festas abolicionistas na Victoria, organisados pela benemerita *Associação Libertadôra Primeiro de Janeiro*, eram illuminados pelo estro de Godofredo Antran e pela palavra elequente de Corrêa de Jesus e Misael Penna; no cyclo que abrira uma das maiores pelejas sociaes travadas contra o escravismo e outra não menos consideravel contra a centralisação do ensino; em todo esse movimento que parcialmente recapitulo, para não alludir ao que se operava na politica e nas lides forenses, o joven escriptor não tomou parte, de sorte que o historiador actual sente-se embaraçado para dar a justa medida de sua contribuição intellectual no meio em que vivêo, sem as reservas que em outro logar deste estudo manifestei e ás quaes me reporto.

O Dr. Miguel Pessôa falleceo em Itajahy, a 19 de dezembro de 1876.

Dr. Misael Ferreira Penna (pae) (1848-1881)

Nasceo em Minas-Geraes, a 23 de março de 1848, mas desde 1850 vivêo na provincia do Espirito Santo, para onde o trouxera o pae, então abastado fazendeiro da comarca do Alegre.

Formou-se em direito em S. Paulo e voltando á provincia que adoptou por berço, exerceó cargos de magistratura e de eleição popular, de 1872 a 1875.

Em 1878 transferio a residencia para o Rio de Janeiro, dedicando-se a principio á advocacia e depois ao commercio.

No Espirito Santo foi deputado provincial no biennio de 1874-1875.

Seos escriptos publicados, são:

Discurso proferido na Libertadôra Primeiro de Janeiro, em prol dos escravos, 1874 (Victoria).

Discurso proferido na Assemblea Provincial, em favor da moção ao gabinete 7 de março, (1873, Victoria).

Conferencia nas Escolas da Gloria, realisada em 12 de novembro de 1874, com assistencia do imperador, so-

bre o thema: — Presente e futuro da provincia do Espirito Santo. 1875, Rio.

Historia da provincia do Espirito Santo, 1878, Rio.

Ainda publicou um opusculo contendo annotações á *Reforma Judiciaria* de 1871, em data que não me foi possivel verificar.

Sob o pseudonymo *Philemon*, tambem estampou na imprensa duas satyras que por muito tempo fizeram ruido na provincia e eram repetidas de cór por alguns dos espiritos causticos da Victoria; versavam sobre o séstro do vituperio e o abuso das melhorias de aposentadorias.

Ambas escriptas com muita *verve*, a que tinha por titulo — *Capitão Azafama*, era em verso e a outra — *Livro Negro* — em prosa; formavam, porem, uma espirituosissima *charge* contra mal entendidos interesses, que nos partidos politicos vingam pelo escandalo que encerram.

Uma torrente de doestos desencadeou-se sobre o moço humorista, para desviar o espirito publico da influencia a que o sujeitaram os pamphletos; mas a impressão da leitura ficou e de algum modo contribuio para a repressão dos abusos profligados.

O *Discurso* em favor do gabinete Rio Branco, só tem o merito de revelar os enthusiasmos do orador pela politica iniciada por este estadista, em moldes conservadores, abrangendo no emtanto um programma ultra liberal.

Foi essa realmente a historia dos partidos politicos, durante a monarchia; mas é tambem claro que nem-um interesse devo ter em relembral-a nestas paginas, consagradas a objectivo differente.

O outro, proferido na *Libertadôra*, têm por thema: *Deos, Patria e Liberdade.*

É um discurso academico, solemnisando a entrega de cartas de alforria a alguns escravos redimidos pelos respectivos senhores.

Bem feito, bem recitado, muito applaudido, teve o merito occasional do feito que celebrava; não é peça que sirva de medida para aferição de um moço intelligente ou de sua capacidade productiva.

A *Conferencia*, é sem duvida joia de melhor quilate, de quantas lapidou Misael Penna.

Em 1874, elle expunha perante selecto auditorio, informações preciosas sobre a provincia do Espirito Santo, onde vivera, constituira familia e exercitára a sua actividade em elevados cargos, supprindo dest'arte o acaso do nascimento, por uma serie de actos significativos da adopção feita, que, não será ocioso asseveral-o — esse trabalho valerá sempre como um brado de patriotismo de um brasileiro, contra o descaso com que sob o imperio, eram olhadas as pequenas circumscripções do paiz, simplesmente por que tinham exigua representação politica.

A *Conferencia* devia ter sido recebida com surpreza na ex-Côrte, que, com certeza naquelle tempo, nada conhecia do territorio, da população, da uberdade, da agricultura e das riquezas da provincia que lhe ficava a 24 horas de distancia!

E como, tendo-se em conta a abundancia de dados e documentos exhibidos pelo moço orador, cause extranheza o desaproveitamento de territorio tão proximo ao de irradiação do maior fóco da vida nacional, convêm que lhe ouçamos a explicação, em suas proprias palavras, retocada de adoraveis ironias:

« Por uma fatalidade, porem, dessas que não se explicam, por uma circumstancia que não tem razão de ser, o Espirito Santo, que se acha proximo desta Côrte, e, portanto, da luz, da civilisação e vitalidade que daqui se irradiam, parece ter visto passar essa luz sobre o seo céo para ir illuminar as provincias mais distantes do norte, deixando-a na sombra do abatimento.

Para arredar este inconveniente uma só coisa é ne-

cessaria: o concurso decidido dos homens sinceros e dedicados, que, convencidos dos poderosos elementos de prosperidade de que dispõe a provincia, saibam collocar-se fóra do estreito circulo da mesquinha politica, para, com ardor, trabalharem em favor do territorio a que tanto beneficiou a natureza.

E si porventura, Senhores, este meo ardente voto não se tornar uma realidade, á mim, que me alisto entre esses homens sinceros e dedicados, restará ao menos a consolação de haver nesta tribuna proclamado o muito que vale e o muito que póde esperar do futuro, a provincia em que tenho o lar, a familia e as mais caras affeições e de haver solicitado para ella os esforços dos poderes publicos, falando perante o primeiro cidadão e chefe do grande imperio de Santa Cruz! »

Nobre esforço de uma alma nobre, esse appello de Misael Penna parece que ainda não foi ouvido, pois a urze damninha da politica continúa a empecer a realisação das mais justas aspirações espirito-santenses, sem que o paiz se tome de apprehensões que o mais rudimentar sentimento patriotico aconselha!

....

A ultima producção de Misael Penna, é a *Historia da provincia do Espirito Santo.*

Quarto historiographo, como é de prever, seguio a róta dos antecessores, tendo por consequencia muitos dos defeitos já apontados, quando estudei os trabalhos de Rubim, de Vasconcellos, de Dœmon e outros.

A *Historia* é dividida em duas epocas: a primeira, do governo dos donatarios, de 1534 a 1718; a segunda, dos capitães-móres, de 1718 a 1743.

A primeira censura que provoca essa divisão, é não comprehender as phases varias por que passou o governo do Brasil.

Assim, deixando de lado o periodo colonial e a occupação primitiva pelos autochthones, verifica-se que realisada a independencia do paiz, desappareceo a intervenção da metropole portugueza, provendo o imperio ás proprias necessidades; dahi a necessidade de intercallar na divisão uma terceira epoca, que vem a ser: a das administrações provinciaes, começando em 25 de novembro de 1823, com a nomeação do primeiro presidente, sob o regimen Constitucional-imperial, o que aliás o auctor indicou em quadro synoptico, mas impropriamente, fóra do logar adequado que seria o começo do livro.

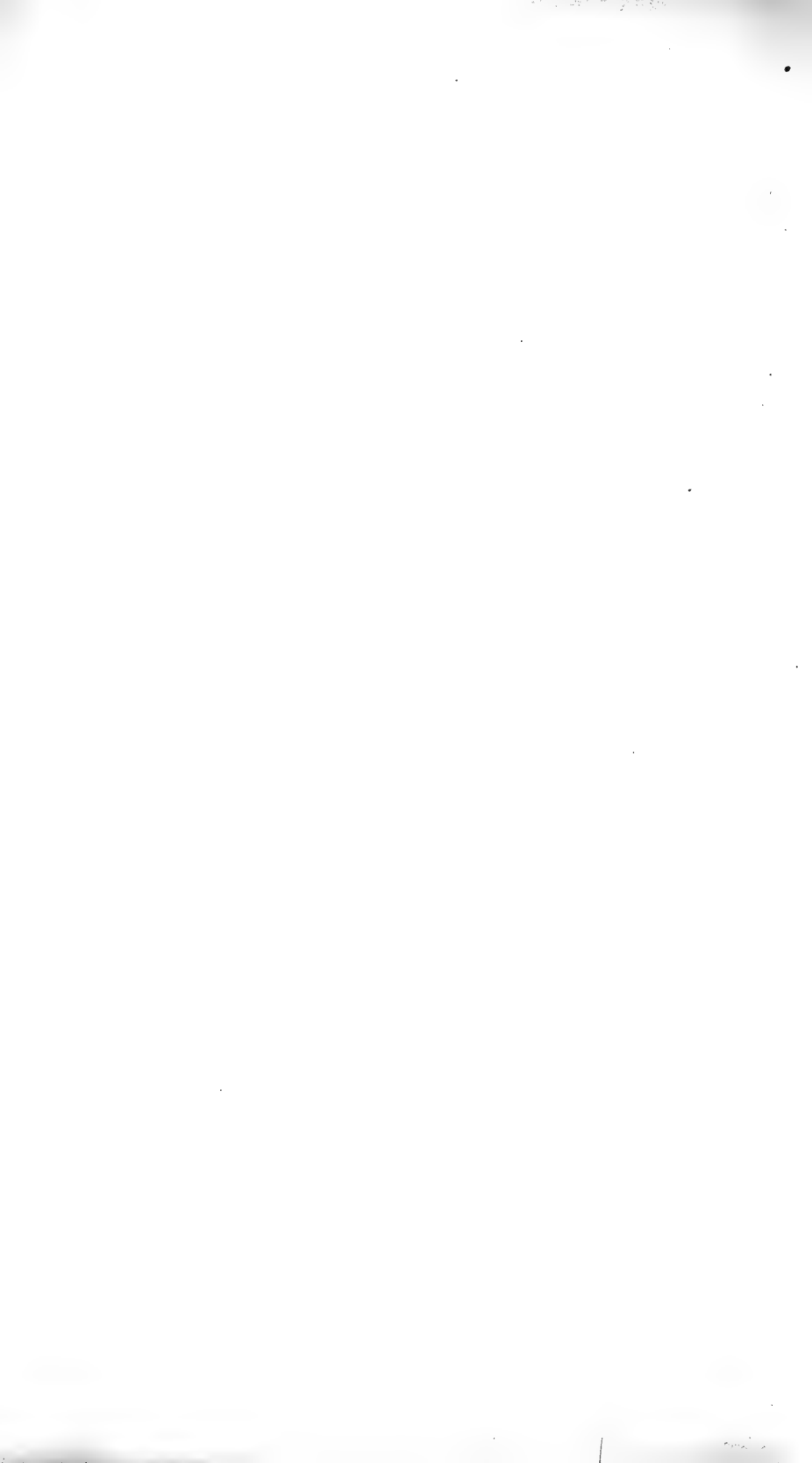
A terceira parte encerra em appendices, documentos comprobatorios da narração historica.

Si, porem, faltou ao auctor da intuição da Historia illuminada pela sciencia de nossos dias, por sabios como Gervinus, Buckle e Draper, comparado o seo livro com os que tomou por modelo, levou-lhes vantagem na clareza da exposição, no aproveitamento discreto das informações, na concisão do escrever e na veracidade da indicação das fontes.

Toda a obra levada á publicidade por Misael Penna, fica devidamente ponderada e póde ser resumida neste conceito: é um subsidio que evidencia o temperamento de um combatente, em vez de ser a prova de uma aptidão reflectida.

Em varias direcções o escriptor encaminhou os passos; em nem-uma pôde fixar-se resolutamente.

Foi mais que uma esperança e menos que um exemplo.

Tragico foi o seo termo de peregrinação terrena; deixou de existir a 19 de outubro de 1881, com pouco mais de 33 annos de edade.

Aristides Braziliano de Barcellos Freire

Nasceo na Victoria, a 18 de dezembro de 1850.

Como a mór parte dos seos patricios de tal ou qual merecimento, muito cedo teve de ceder ás attracções do funccionalismo publico, deixando em meio o curso de humanidades.

Frequentando o lycêo de estudos secundarios da capital da provincia, adquirio com o Dr. Urtiz, o nosso maior grammatico e com Santos Pinto, o nosso maior philologo, o gosto pelo ensino e essa inclinação manifestou-se tão intensamente no animo do joven Aristides, que em 1871 foi nomeado para reger uma das escolas primarias da capital, passando tres annos depois á effectividade da regencia da mesma, mediante exame em que revelou notavel aptidão para o magisterio.

Desse primeiro posto subio por legitimo accesso a cathedratico de portuguez e litteratura nacional no Collegio N. S. da Penha e no Atheneo Provincial, institutos

de educação secundaria para ambos os sexos, mantidos pelo Governo.

A partir de 1870, iniciou-se na politica, alistando-se nas fileiras do partido conservador, collaborando então assiduamente no *Espirito-Santense*, até 1883, epoca em que fundou a — *A Folha da Victoria* — redigindo-a até 1890.

Em 1891 fundou o diario — *Commercio do Espirito Santo*, orgão da União Republicana Espirito-Santense, um dos partidos constituidos no Estado após o advento da Republica, sendo seo redactor até 1895.

Applicando a actividade simultanea e repartidamente pelo magisterio e pela imprensa politica; experimentando de quando em quando o impeto da violencia das paixões partidarias, manifestado por demissões e remoções injustificaveis, pouco a pouco sentio-se tomado de tédio pela politica, e á medida que abandonava as cadeiras do ensino publico, abria os seos cursos particulares que não tardavam a ficar repletos de alumnos, muitos dos quaes, por singular contraste, eram filhos dos seos mais temiveis adversarios!

A imprensa em breve deixou tambem de o preoccupar, quando o estudo das questões sociaes absorveo-o, indicando-lhe nova direcção á actividade.

Temperamento impressionavel e por natureza artistico, iniciou-se nos segredos do palco, a principio como amador e depois como auctor e actor.

Foi essa a epoca em que as representações theatraes familiares constituiram a unica diversão agradavel da classe culta, quasi sempre honradas com a presença e assistencia das primeiras auctoridades da provincia.

Dando á scena theatral o seo concurso espontaneo e familiarisado com o drama moderno, principiou Aristides Freire a enscenar producções originaes e extranhas, compondo de 1876 a 1904 as seguintes peças:

Surprezas de um Tio, comedia em 1 acto (1876); *A Caridade*, o *Egoismo Social* e *Sempre a Caridade*, dramas e monologo dramatico (1877); *A Ferida Invisivel*, drama (1878); *Amôr de Perdição*, drama (1880); *A Rosa da Montanha*, drama phantastico em tres actos (1882); *O Reprobo*, drama phantastico (1883); *Condessa de Randal*, drama (1884); *A Penitente*, drama em tres actos (1885); *A Força do Destino*, drama phantastico e a *Republica na Roça*, comedia em um acto (1890); *O Engeitado*, drama (1903); *O Dominó Preto*, drama (1904).

Para um escriptor desgarrado em um dos menores e dos mais pobres Estados da Republica; para um litterato cujos trabalhos não têm a divulgação que proporcionam as platéas e palcos dos theatros das grandes capitaes, por que não póde imprimil-os, nem encontra editores que os façam circular por entre o grande publico, mediante qualquer ajuste rasoavel; para um productor intellectual desajudado de incitamentos e louvores, de estimulos e compensações, um reportorio de 14 peças originaes, representadas todas com applausos, quer na provincia quer na Capital Federal, deve ao menos valer como nm exemplo de fecundidade espiritual não vulgar entre nós e por isso mesmo digno de destaque.

E Aristides Freire tem direito a esta homenagem, por que incontestavelmente foi elle o creador do theatro em sua terra.

A mais antiga composição theatral sahida de penna espirito-santense, foi a farça *D. Minhóca*, de Antunes de Sequeira, impressa em 1860. Algumas outras tivemos do genero sacro, como o entremez—*Calastrazes*—representado nos celebres tablados da praça de Palacio em remoto tempo, de auctor ignorado, anterior áquella.

Na comedia, ha noticia de uma producção sob o titulo—*Galathéa*—attribuida ao professor Lellis Horta, ignorando eu si foi ou não enscenada. O que porem é

verdade, é que taes peças não devem servir de ponto de partida á fundação e desenvolvimento da litteratura theatral.

Foram ensaios que não assignalaram tendencias, nem de uma epoca nem de uma escola; com os trabalhos do auctor da *Caridade* e da *Ferida Invisivel*, o caso é outro.

Antes delle o drama e a alta comedia eram conhecidos na provincia, quando alguma companhia das que jornadeam em dadas estações pelo Brasil, ali iam ter; com elle é que surgem as primeiras composições no genero; com elle e por elle são interpretadas e depois delle é que apparecem trabalhos scenicos de algum relevo, como os dramas de Candido Costa, e Affonso Magalhães, as comedias de Amancio Pereira e a revista *Hontem e Hoje*, de Ubaldo Rodrigues.

Cabe-lhe, pois, indisputavelmente a iniciativa de haver inaugurado o theatro no Espirito-Santo, como o primeiro escriptor interprete deste genero litterario.

Em linhas anteriores, referi-me ao theatro moderno para caracterisar os escriptos de Aristides; confesso que a expressão não foi tomada no sentido de—theatro da *moda* ou do *tom*, ao gosto actual dos despropositos scenicos ou ainda para exprimir a mania *nacionalisante*.

Considero-o cultor do theatro moderno, sob o ponto de vista do gosto naturalistico, e da introspecção social, terra a terra com o verosimil, com a realidade da vida no mundo physico e no mundo moral, mais proximo das coisas palpaveis do que das presumiveis, emfim, esboçando a vida humana em scenario humano, com os seos equilibrios e arrebatamentos, prejuizos e susceptibilidades, verdades e contradicções.

Claro é que assim pensando, reconheço no auctor um escriptor commedido, infenso ao prurido das apotheoses inadequadas ao movimento da acção, observador da naturalidade na dicção, simples e verdadeiramente ar-

tista, por que não o é quem procura dar á verdade as colorações e toques da phantasia desregrada, mas sim quem a surprehende no viver social e a reflecte na obra d'arte.

E realmente é n'isso que a arte de Aristides Freire avulta; em vez das affectações de FEUILLET, dos exaggeros de DUMAS FILHO, do scepticismo de PAILLERON, o culto esthetico da realidade sensivel de que AUGIER, SARDOU e E. ZOLA foram em França os maiores levitas.

N'uma epoca em que, no dizer de um auctor competente, não conseguimos desembaraçar-nos da arte habil e insincera do *toc* e do *truc;* em que nos offerecem burlêtas pretenciosamente disfarçadas em dramas e comedias ridiculamente romanticas, com partes eguaes de symbolismo e mysticismo, identicamente falsos; é justo applaudir quem nos mostra a vida, a vida verdadeira, tomada em sua profundeza, desprendendo essa essencia de poesia que aromatisa os acontecimentos humanos no rapido decorrer dos dias e das noites, illuminados pelo calor do successo ou obscurecidos pelo denso véo do desalento ([1]).

Têm inteira applicação essas nobres palavras ao dramaturgo espirito-santense; o drama e a comedia da vida elle soube adaptar ao proscenio sem desnatural-os na contextura e na trama da successão dos factos; si este não fôr o seo melhor elogio, é com certeza a sua maior recommendação.

Alludi em anterior trecho deste livro á mania da intuição *nacionalisante* no theatro e preciso é que me explique.

A arte como a sciencia não póde ter predilecções;

([1]) G. LANSON, *Hist. de la litt. franc.*, 1.101-1.012.

ou conserva a feição universalista que lhe é peculiar, ou perde a significação do seo conteúdo como phenomeno espiritual.

Tanto assim é, que, si dizemos a *sabedoria* de um homem, quando queremos significar a complexidade e a amplitude dessa virtude, não dizemos: — a *civilisação* de um homem, mas de um povo, de uma nação.

Ora, que significação devem ter as expressões: *arte nacional*, applicadas ao theatro?

Certo que a de uma *creação*, de uma nacionalidade ou povo, distincta da de qualquer outro ou outra, no departamento artistico.

Em tal accepção, tivemos algum dia ou temos presentemente, o supposto *nacionalismo* artistico theatral?

Supponho que nunca o tivemos nem teremos e como em outro escripto já expuz as minhas idéas sobre esse ponto, abro-lhes aqui espaço para a reproducção:

«Porque não teve exito o theatro *nacional*, quando a litteratura dramatica contou representantes do valor de Martins Penna, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Manoel de Macedo, Agrario de Menezes, França Junior, do mesmo modo que não o logrou com Arthur Azevedo, Coelho Netto, Goulart de Andrade e vinte outros?

Simplesmente por que todo o producto artistico para ser duradoiro, para poder entrar no conceito de obra d'arte, precisa tambem ser um resultado da cultura caracteristica de dado tempo.

Foi assim na Grecia com *Eschylo*, *Sophocles* e *Aristophanes*, no seculo de *Pericles;* na Inglaterra com *Shakespeare;* na Allemanha com *Göethe;* na França com *Molière;* na Italia com *Ariosto* e na Hespanha com *Cervantes* e *Lope de Vega*.

Ora, nós, os brasileiros, ainda não alcançámos a cultura intensa dos supramencionados paizes ou das respectivas civilisações, na epoca do maior florescimento de

cada uma dellas; os nossos melhores escriptores, ainda não lograram viver exclusivamente de suas lettras, sem o estipendio do Estado em qualquer emprego publico; os nossos actores, longe de terem o theatro por um complemento da educação artistica, apenas o conhecem como uma industria possivel de explorar e de prover á subsistencia, cheia de difficuldades como qualquer outra; o nosso publico, de ordinario, mais se impressiona com o contôrno das fórma, a belleza plastica das figuras femininas, do que com a obra que ellas interpretam.

Em taes condições desfavoraveis, não é verdade que o theatro nacional não póde ser como aspiração tomada ao serio?

Ponto é esse que não me parece susceptivel de discussão ou contestação e si alguma nol-a fizessem, contraporiamos que a unica manifestação de vigor que elle já deo de si, foi quando enscenou o que ha de mais trivial e menos *nacional:* o genero das burlêtas e revistas, mais ou menos copiadas das obscenidades similares do *Mabile* de Paris».

Poderia ainda, si as dimensões deste livro m'o permittissem, destacar uma a uma as qualidades superiores que resumbram dos trabalhos de Aristides Freire como escriptor theatral; deter-me-ei apenas nas fundamentaes.

Servindo a um ideal superior na arte, comprehende-se que o entrecho de suas peças suggerido pela observação de quantos phenomenos moraes e sociaes todos nós somos ora protagonistas, ora espectadores, seja sempre o menos complexo possivel; dahi, porem, para o encaminhamento da acção, dividida proporcionalmente pelos personagens; para a conducção do assumpto da primeira á ultima scena, com observancia rigorosa da construcção artistica, em suas linhas de contôrno e de detalhe, de

modo a evitar superabundancias de gestos e de palavras, vae uma differença tão grande e tão difficil de vencer, que não raro o drama e a comedia têm sido escolhos fataes a muitas compleições litterarias das de melhor feitio.

Ainda sob esse particular o dramaturgo espirito-santense conserva a attitude discreta que o distingue de muitos dos seos contemporaneos nacionaes e extrangeiros e de todos os seos discipulos.

Para só alludir a estes ultimos, bastará comparar a sobriedade de seos dialogos precisos, expressivos e breves, com as apostrophes interminaveis dos de C. Costa, a *verve* inteiriça de suas comedias, com a facecia espalhafatosa das composições similares de Amancio Pereira.

Das considerações até aqui feitas, parece-me que, dar a Aristides Freire o logar que lhe compete no theatro, não é colmal-o de um preito dictado por sympathica affeição, mas traduzir a impressão resultante do estudo de sua obra.

Aristides Freire representou sua terra no Congresso local, nas legislaturas de 1876 e 1891.

Foi seo biographo o snr. Amancio Pereira, nos *Traços*, 56-61.

Manoel da Silva Borges, «o poeta prata» (1851-1896)

Nasceo na Villa de Vianna em 1851.

Desde cedo deixou o lugar do seo nascimento e passou a residir na cidade da Serra.

Foi ahi que por longo tempo viveo e que se revelou repentista.

Puzeram-lhe a alcunha de *poeta prata*, pelo uso frequente que fazia desta ultima expressão, nas suas modestas allocuções em solemnidades publicas locaes.

Mal tivera recursos para aprender a ler e escrever; a vida do infeliz improvisador foi accidentada desde o berço até o tumulo por successivos revezes.

Em extremo pobre, casou-se e com o apparecimento dos filhos vio-se na maior miseria; em breve a enfermidade e consecutiva morte da esposa, destruio-lhe o socego do lar e augmentou-lhe a affiicção forçando-o a trabalhar em excesso para prover á subsistencia da numerosa prole que lhe deixára o enlace desfeito.

Para esse fim, nas horas em que folgava dos trabalhos de escripta, dedicava-se aos labores campestres, afim de assegurar o pão quotidiano.

No meio dessas privações, conheci-o, quando contava mais ou menos vinte annos, habitando uma casinha de palha, no caminho de Jacarehype, desprotegido, ignorado, pouco accessivel ao convivio social, por um motivo que lhe abonava os sentimentos:—o pudor da indigencia.

Durante o dia ou servia nas pequenas casas commerciaes onde o encarregavam de correspondencia, graças á belleza de sua calligraphia, ou entregava-se aos rudes trabalhos de lavoura, ao sol e á chuva.

A' noite, é que por solicitações de um ou outro intimo, consentia em vir á cidade recitar a limitado numero de apreciadores seos versos, vestido com as suas roupas caseiras.

Desconfiado e suspeitoso como todos os homens que vivem a luctar contra os caprichos da adversidade, era por temperamento de uma susceptibilidade pasmosa.

Não raro acontecia interpretar o applauso generoso por zombaria e então tornava-se quasi aggressivo.

De seos versos conservo dois especimens, que reputo os unicos sobreviventes á sua memoria, por que os demais nunca foram impressos e naturalmente por falta de cuidado desappareceram das mãos dos amadores a quem erão dedicados pelo desventurado bardo.

Era Manoel Borges um poeta mimoso, espontaneo, um pintor da natureza no que ella tem de mais impressionante e da vida no que ella tem de mais intimo, singelo e gracioso.

Sem talvez poder alar-se á descripção dos quadros sumptuosos que animam o estro de Marcellino Duarte, Manoel Borges excede-o na delicadeza da observação e na graciosidade da descripção.

Aquelle era um espirito analytico; este nimiamente synthetico.

Eminentemente bucolico, nunca sahio da sua maneira predilecta; ahi deve ser estudado.

Traduzindo seos versos invariavelmente impressões pessoaes, elle proprio construia como themas os mottes que glosava immediatamente, sem precisar que terceiros tivessem essa iniciativa.

A rudeza do viver parece que punha-lhe o espirito em continuas inquirições; effeito de sua compleição psychica ou resultado da miseria material que o conturbava, difficil é dizer qual dos moveis explica sufficientemente o phenomeno.

Entre os muitos episodios interessantes de sua vida, ha este:

Em certa occasião Manoel Borges, á noite, conduzia ao hombro um feixe de lenha que ia vender a um dos seos freguezes e isso excitára motejos a pessôa que lhe era desaffeiçoada. Tobias, um seo visinho, que assim se chamava o zombeteiro, por entre chocarrices extranhou que o poeta vivesse a vender lenha.

Borges que percebera a risóta que aos circumstantes causára a facecia do seo *cabrion*, arriou a lenha, caminhou para a porta onde estava postada a companhia e subito, recordando-se do facto de haver sido o alludido Tobias processado, por ter alienado bens em prejuiso de menores seos tutelados, sem ordem judicial, lançou o motte:

«Já muitos fazem desdem,
Do que não devem fazer;
Como de mim pela lenha,
Que de noite vou vender.»

E glosou sem demora:

«Não sei por que ironia
Cruel do nosso destino,
O qu'é forte e o qu'é franzino,
Têm egual serventia.
Limita a dor a alegria,
No mais infrene vae-vêm;
Si, porem, procura alguem,
Razão achar na mudança,
Embala vã esperança,
Já muitos fazem desdem.

Não é por negligencia,
Nem por fraco entendimento,
Que lenha faço e invento,
Para alargar minh'agencia.
Os que sem essa influencia,
Não trabalham a se valer
Para mantença ter
Ou qualquer outra precisão,
Talvez venham a lançar mão (1)
Do que não devem fazer.

Neste mundo a sorte vária
De todos por Deos traçada,
Uns a têm d'oiro banhada,
Outros com sina contraria;
Mas si a lousa funeraria,
É das virtudes resenha,
O viver não se detenha,
Nem zombaria se faça,
De quem seguir qualquer traça,
Como de mim pela lenha.

Adão — o homem primeiro,
Foi na graça alimentado,
Emquanto humano peccado,
Não o pôz em captiveiro.

(1) Allusão á fraude do tutor Tobias.

Vencido e prisioneiro,
Buscou da terra viver;
Eu tambem para occorrer,
Ás urgentes precisões,
De lenha faço montões
Que de noite vou vender.»

De outra feita o poeta ficou sem um gatinho de estimação, que se chamava familiarmente, em casa—*Pixoninho.* Era o companheiro predilecto, o brinco dos seos pequeninos filhos e Manoel Borges, nos versos a seguir, diz com muita verdade e muita arte, como tantas vezes na vida, a falta de um pequenino objecto, sem valor intrinseco, mas de subido apreço em nossa affeição, póde despertar tão intensas e contradictorias emoções.

MOTTE

«Hoje fazem sete dias,
Que sumio-se-me o Pixoninho,
Si elle não me apparece,
Queixo-me do meo visinho.»

GLOSA

«Busco o meo gato querido,
Como o pastor a ovelha,
Ou o perfume a abelha,
Qu'extráe do prado florído;
Por mais que queira o sentido,
Desviar das insomnias,
Não posso; nas manhãs frias,
Mal desperto piso o orvalho
Perco o gato e meo trabalho
Hoje fazem sete dias.

Sondo todos os telhados,
Que a lua incende em clarões,

Sinto vagas impressões,
Dos demais enamorados;
Uns fôscos, outros rajados,
De pello fino de arminho,
Nos beiraes fazendo ninho,
Trocam caricias no escuro,
Em quanto eu só murmuro,
Que sumio-se-me o *Pixoninho.*

Que fazer em ancia tanta,
Si meo mal ninguem repára?
Para ti, gato, sonhára,
Quanto ás creanças encanta!
Mas, si a mente me quebranta,
Pensar que alguem t'extremece,
Justos céos! faria prece,
Para pôr termo ao desgosto,
Já que a dôr m'invade o rosto,
Si elle não me apparece.

Quando a sós, tento dormir,
E a noite já vae alta,
Á mente a idéa me assalta
Que ha um crime a punir.
É a mim qu'elle faz falta,
Pois destruia o damninho
Rato vil; deserto está o cantinho
D'onde formava o seo surto;
Sumido está, houve furto,
Queixo-me do meo visinho.»

Do que se acaba de ler, deduz-se que, não obstante a obscuridade em que esteve envolto o nome do repentista Manoel Borges, é de justiça contemplal-o neste livro, reivindicando para a sua memoria o laurel que em vida lhe coubera si tão grande não fosse o seo infortunio.

Manoel da Silva Borges, falleceo na cidade serrana, a 30 de dezembro de 1896.

Manoel Jorge Rodrigues (1862-1886)

Nasceo este poeta na cidade da Victoria, a 29 de maio de 1863, quando seo pae o dezembargador Antonio Joaquim Rodrigues, ali servia como magistrado.

Não teve a existencia calma o moço poeta; a vida não se lhe escoou por entre illusões sem desenganos esmagadores.

Ao contrario, teve-a accidentada por transes afflictivos e isto logo nos primeiros dias de sua mocidade.

Seos primeiros versos, feitos em 1876, quando Jorge Rodrigues contava quatorze annos, foram publicados na comarca de Taubaté, para onde se transportaram seos paes, ao deixarem a primitiva paragem. Esses versos vieram á luz, na *Gazeta de Taubaté*, de que foi um dos redactores.

Mudando-se para a provincia de Minas Geraes e localisando-se em Juiz de Fóra, redigio em começo o *Pharól* e em seguida fundou a *Gazeta de Juiz de Fóra*.

Casando-se ahi pouco depois, transferio a residencia para S. José do Rio Preto, onde estabeleceo um collegio, mas que não pôde continuar a dirigir, em razão dos soffrimentos de sua consorte, que o obrigaram a mudar-se para S. João d'El-Rei.

Nessa cidade redigio o *Arauto de Minas* e fundou o jornal litterario — *O Domingo* — applicando o resto do tempo no ensino de linguas.

Por esse tempo collaborava tambem n'*O Domingo*, de Lisbôa e n'*O Cruzeiro*, da Côrte.

A perda da esposa legára-lhe pertinaz enfermidade que o victimou em 1886, quando de regresso á provincia onde tinha o berço, havendo ainda assim collaborado activamente na imprensa local.

Suas poesias constam de dois pequenos volumes, que são:

Fugitivas, edição de 1883, Rio, com um prefacio pelo jornalista Reinaldo Montóro;

Manhãs de Estio, edição de 1886, Victoria.

Os versos das *Fugitivas*, são mais paginas intimas sagrando affectos pessoaes, do que notas vibrantes de um temperamento definido.

Constituem o livro de estréa e não é de bom aviso julgar uma tendencia que desponta, pelos seos incertos adejos; mas, a despeito de toda indulgencia que se tenha com o vate, não é possivel deixal-o no altar que lhe erigiram seos biographos.

No ultimo livro de Jorge Rodrigues, que devo ter pela manifestação reflectida de seos ideaes, nas *Manhãs de Estio*, não é tão alentada como se tem querido fazer crer, a messe de producções de relevo.

Dos sonetos, o unico que me pareceo excepcional

pelo brilho, é o que se lê a pag. 25, sob o titulo— *Terribilis*, que transcrevo:

«Si vens—subjugas—e implacavel, rindo,
segues, deixando um rastro fulgurante,
—Esplendida e cruel, vaes—triumphante—
da crença, do ideal, do amôr fugindo...

Queimam-se á luz dos olhos teos, bacchante,
almas e corações, quando, fulgindo,
surges na rampa—e o corpo deslumbrante
Cravos e rosas mil te vão cobrindo.

E, então, quer um ser luz—para beijar-te
outro flôr, para sorrir-te, e—para amar-te
quer outro ser um Deos sublime e forte...

E tu zombas, vaidosa entre as vaidosas,
calcando aos pés e condemnando á morte
almas e bravos, corações e rosas.»

Bello, sem duvida, o pensamento, bellissima a forma que o engasta; mas infelizmente, é o unico primôr do lapidario!

Contrastando com o colorido brilhante, a vivacidade e a harmonia dos versos lidos, seguem-se as poesias melancolicas, sentimentaes, espasmodicas, diluidas em tanta tristeza que causa um máo-estar indefinivel.

É exactamente quando o poeta cede ás tentações romanticas; é então quando começa a falsificar a natureza das coisas, transportando para as cordas da lyra convencionalismos e contradicções que entorpecem.

Comparece-se o *Viver* com *Um mez depois* e ter-se-á a prova.

Em *Viver*, diz o poeta:

«A vida com amôr — é a tréva immensa,
profundo abysmo aterrador, maldito,
como o sonhar escuro de um precito
que soffre as ancias de fatal descrença.

É triste como a vida atróz, sombria,
do Ashaverus da lenda; amargurada
como o queixume d'alma desgraçada
nas lentas convulsões de uma agonia.»

Ora, para quem quer que alguma coisa conheça do coração e dos affectos humanos, não póde haver maior paradoxo do que o que encerram as linhas reproduzidas acima sobre o velho thema e o proprio poeta implicitamente o confessa neste soneto:

Á MINHA ESPOSA

(UM MEZ DEPOIS)

«De dia em dia eu sinto a chamma sacrosanta
do meo profundo amôr a crepitar mais fórte;
o fogo recrudesce... e a minha crença é tanta
é tanto o meo prazer — que zombo até da morte.

Ha vida na alegria! ha luz que nos encanta
nos olhos divinaes e meigos da consorte,
— vibrante de emoção, contente, a lyra canta
sem outra inspiração buscar, que lhe conforte.

Eu todo m'expandindo em jubilos felizes,
contemplo envolto em sóes e fulgidos matizes
o meo porvir — qual flôr abrindo-se em fulgores.

Oh minha doce esposa! —amante e extremecida—
do meo viver a estrada em tremedaes perdida
—illuminaste a rir, cobriste-m'a de flôres...»

Eis ahi o que se póde ter por exacto na vida com amor, em opposição ao que o moço romantico escreveo em outro ponto, para enganar enganando-se, sem perceber que os artificios da escola, não tinham prestimo para operar a inversão do sentimento, para alterar a emoção recebida ou para tocar a apparencia com os matizes da realidade.

É bem certo que foi essa a contínua preoccupação do romantismo; não menos o é tambem, que desappareceo sem poder vel-a satisfeita.

Algumas vezes o moço cantor procura reagir contra a tyrannia dos preconceitos da escola e busca o contacto da natureza para imprimir ás scenas que descreve um pouco da realidade sentida e vivida; é quando, como em *Andalusa*, diz:

«Foi ao piano. Uns tremulos descantes
da seguidilha as molles vibrações,
elevaram-me aos sonhos rutilantes
e ao delirio de extranhas sensações.

Era o raro primor das creações,
—maravilha de formas deslumbrantes—
sorrir lascivo, olhares faiscantes,
e o perigo das grandes seducções.»
....

Mas, essa auscultação da vida verdadeira não é duradoira ou não encontra sympathia no poeta; d'ahi o desequilibrio dos tercettos:

«Cantava a rir, e o negro olhar volvendo,
em minh'alma absôrta ia embebendo
o estylete cruel de uma ironia,

que se unindo ás volatas langurosas,
mais me excitava as ambições nervosas,...
Rosa de carne, ó flôr da Andalusia»!

Outras ou quasi todas, põe-se a repetir nos quartettos e tercettos, uma phrase qualquer, de modo que o soneto, em vez de conservar a expressão que lhe é propria, degenera em recitativo.

É o caso de

AQUELLA MULHER

«Era um todo de deusa ou de heroina,
teria um mago encanto irresistivel,
o primor divinal da Fornarina,
—si não fosse a expressão do olhar terrivel.

Na voz sonóra—um timbre indescriptivel;
no gesto altivo—a graça que domina,
—*era um todo de deusa ou de heroina*
si não fosse a expressão do olhar terrivel.

Todos fugiam.—Na belleza ingente
teria o fogo da attracção potente
si não fosse a expressão do olhar terrivel.»

Em *Travessa* e *Triste* nota-se o mesmo defeito das repetições de um verso predilecto, o que prova que o

joven poeta não tinha a espontaneidade da rima, nem a opulencia de imaginativa que destaca da bitola commum os verdadeiros estros, embora seos versos sejam impeccaveis no rhythmo.

Ainda outras vezes, finalmente, os versos de Jorge Rodrigues são tão tristes que compungem; sirva de exemplo o — *Ultimo Asylo* — (visita a um cemiterio).

Conhecido o poeta em suas producções de maior vulto, que juiso permitte a critica formular sobre a sua individualidade?

Penso que o mesmo de Lanson acerca de Volney: «Os caracteres proprios do romantismo, o infinito das aspirações e das lamentações, o gosto pelas lagrimas, pela tristeza e pela morte, a procura dos contrastes tocantes ou terriveis, tudo isso apparece no auctor que estudo». (1)

Jorge Rodrigues, foi pois, um romantico, um desses hypocondriacos do molde de Casemiro de Abreo, sem jamais poder chegar á esphera em que pairou Alvares de Azevedo.

O poeta espirito-santense, finou-se na Victoria, a 16 de agosto de 1886.

(1) *Cit. Hist. de la litt. franc.*, 824.

Dr. José de Mello Carvalho Moniz Freire

Nasceo na cidade da Victoria, a 13 de julho de 1861.

Fez os estudos de humanidades no Atheneo Provincial, em 1877 matriculou-se no curso juridico da faculdade do Recife, passando em 1880 para o de S. Paulo, onde formou-se a 5 de novembro de 1881.

Tornando ao berço, exerceo cargos de eleição popular, entre os quaes, o de vereador e presidente da municipalidade da Victoria, deputado provincial nas legislaturas de 1884-1889 e deputado geral, nesta ultima data.

Em 15 de março de 1882, fundou com o concurso do senador Cleto Nunes a — *A Provincia do Espirito Santo*, primeiro diario que teve a ex-provincia e que ainda hoje circula com o titulo — *Estado do Espirito Santo*.

Á vida da imprensa dedicou-se desde os bancos de preparatorios; foi assim que fundou e redigio com João

Monteiro Peixoto e o auctor deste trabalho, o periodico litterario—*Aurora*—em 1875 e com Candido Costa, em 1876, a—*A Liberdade.*

No Recife redigio, em 1878, com João Peixoto, Arthur Leal e Clovis Bevilaqua, a *Gazeta Academica;* em S. Paulo redigio como redactor-chefe, o—*O Liberal*, orgão academico dos estudantes filiados ao partido liberal, collaborando tambem na *Opinião Liberal* de Campinas.

Em 1890 foi eleito deputado ao Congresso Constituinte da Republica e em 1892, presidente do Estado.

De 1896 a 1899, esteve na Europa, em commissão do Governo e em 1900, foi pela segunda vez eleito presidente.

Em 1904 representou o Estado no Senado, tendo sido reeleito em 1906.

Comquanto a partir dos tempos academicos se tivesse devotado ás cogitações da Politica, preciso é dizer que o moço espirito-santense tambem foi escriptor, orador e homem de governo, attestando esta sua ultima qualidade os trabalhos que elaborou, os serviços que organisou e as providencias de ordem economica e financeira que adoptou, de modo a conseguir que desde 1892 o Estado encetasse sob a Republica, a sua vida constitucional, inicialmente assegurada pela Constituição de 2 de maio do mesmo anno, que tambem sahio de sua penna.

Entre os relevantes serviços prestados ao seo berço, um ha que sobreleva os demais: a communicação por via-ferrea entre o Espirito Santo e Minas Geraes.

Essa velha aspiração, tantas vezes contrariada no imperio, mereceo-lhe especial cuidado, tendo logrado a fortuna de tornal-a praticavel em 1893, com a assignatura do Convenio de 30 de agosto do referido anno, firmado com este ultimo Estado, então sob a presidencia do conselheiro Affonso Penna.

Neste sentido, o ultimo esforço de Moniz Freire, foi evitar a caducidade da concessão feita ao Banco Constructor para a realisação do traçado do Peçanha, podendo assim a actual Companhia Victoria a Minas, operar a ligação que constitúe o anhelo commum de mineiros e espirito-santenses.

Não é meo intuito neste passo abrir uma larga inquirição sobre os actos do politico e do administrador; interessa-me apenas o perfil do homem de lettras, no ponto de vista da influencia que exerceo intellectualmente no seo paiz e em particular na terra do seo berço.

Cumpre-me, pois balancear a bagagem litteraria do conterraneo, bem pouco volumosa porque anda esparsa até hoje pelos jornaes e revistas, sem que o seo portador a tenha querido reunir em livro.

Nas paginas d'*A Provincia* (1882-1889), do *Estado do Espirito-Santo* (1889-1906), do *Jornal do Commercio* (1896-1897), do *Diario do Congresso* (1890-1891) e do *Correio da Manhã* (1907) existe farta copia de estudos sobre politica, finanças, direito constitucional, questões economicas e sociaes, que o denunciam um espirito investigador, de invejavel preparo.

É ahi que se póde melhor conhecer o pensamento, infelizmente tão prodigo em produzir, quão descuidado em conservar os melhores especimens da fertilidade do seo engenho.

Dos escriptos que foram editados em livros, é esta a lista, guardada a ordem de precedencia:

Discurso proferido no theatro S. Izabel, (Recife) como orador do primeiro anno academico (1877).

Discurso pronunciado na inauguração da Bibliotheca Publica da Victoria, 1879.

Cartas ao Imperador, Victoria, 1885.

Discurso proferido na inauguração da estrada de ferro Sul do Espirito Santo, Victoria, 1895.

A Existencia Politica dos Estados, conferencia, Rio, 1908.

A Caixa de Conversão, (estudo financeiro), Rio, 1910.

O Voto Secreto, (conferencia), Rio, 1910.

Deixando de parte os dois primeiros escriptos, por não poderem entrar como documentos nesta apreciação, examinemos os tres seguintes, que são os mais recentes.

Nas *Cartas ao Imperador*, Moniz Freire, magoado com o desfecho imprevisto que acabava de ter o contrato celebrado com o Governo Imperial por *Waring-Brothers*, para a construcção da via ferrea da Victoria á Natividade (Minas) aproveitou a occasião para expôr á sua magestade as inqualificaveis injustiças e preterições que o seo governo commettia repetidamente contra o progresso da terra espirito-santense, região de que o imperio só se lembrava, para arrecadar os tributos destinados a manter os ocios dos magnates da Côrte.

Essas *Cartas*, que foram sete, são um nobilissimo desabafo, melhor direi—um protesto vehemente de um coração patriota, de um espirito que fecha-se ás conveniencias de qualquer ordem, para obedecer sómente ás injuncções da verdade e da justiça duplamente revoltadas pela conducta despudorada e criminosa de um governo absorvente e máo.

Valeram-lhe, é verdade, a suspeita de infeccionar o *partido liberal* a que então pertencia, com idéas que não se accommodavam ao programma, por demasiado *livres* e a preterição até 1889 na escolha para a deputação geral; mas o auctor, a despeito disso, preferio manter as *inconveniencias* que lhe exprobravam, a trahir a causa que pleiteava e honra lhe seja essa bella teimosia!

Em estylo correntio, linguagem a um tempo cortez

e incisiva, algumas vezes vehemente, mas não excedendo nunca as raias do respeito devido ao chefe da nação, o fogoso jornalista exprimia-se assim:

« Senhor!

Nós os brasileiros, temos-nos acostumado a appellar em ultima instancia para vós, quando todos os outros poderes faltam-nos com a justiça e só fica-nos a esperança de vossa clemencia e patriotismo.

A analyse do vosso extenso reinado, induz-nos a crer convencidamente que todos os nossos grandes melhoramentos, assim como as melhores reformas, têm tido na Corôa o mais ardente propugnador e verdadeiro iniciador, quando chegam a converter-se em leis ou em decretos de vossos conselhos.

A actualidade politica do imperio ainda agora é disso um frisante exemplo, e ai do paiz si o espirito progressista de vossa magestade, não contivesse os excessos vorazes da reacção obscurantista, contra os quaes tudo seria impotente, si as prerogativas magestaticas não fossem aptas para resistir-lhes, como tendes resistido, collocando o unico throno da America, como um compensador na balança da liberdade, demonstrando assim que na joven America, até o throno é o povo, quando a pseudo plutocracia quer empolgar o paiz.

A provincia do Espirito Santo, Senhor, partilha tambem docemente essa confiança arraigada, que a Nação deposita em vosso alto criterio e em vosso amôr á patria; tambem somos uns engeitados dos poderes publicos e tambem contamos hoje como taboa unica de salvação, com a influencia inspirada que vossa paternal solicitude possa exercer em nosso favor.

Ha perto de quatro annos, que um ministro de vossa Corôa, á cuja memoria saudosa esta provincia tributa uma veneração que é quasi um culto, abrio nos destinos d'esta terra uma fenda de luz e de auspicios, que por momen-

tos encheram-nos de idéas de progressos extraordinarios e de um futuro semeado de risonhas esperanças.

Datava de remotas eras o appello que o Espirito Santo fazia ao Estado, a respeito de uma estrada de ferro que tornasse francamente accessiveis os nossos opulentos sertões e communicasse a provincia com o portentoso valle do Rio Doce, onde viria desaguar naturalmente a producção das zonas confins do sólo mineiro.

Foi Buarque de Macedo, o immortal cidadão que, na pasta da agricultura, com o elevado zelo que tanto recommenda á estima publica seo nome immaculado, sellou a aspiração da provincia, reduzindo-a a um compromisso solemne dos poderes do Estado, para cujo pagamento foram, durante esse espaço de tempo, envidados esforços que pareciam-nos de plena efficacia, quando um recente acto do vosso governo, veio mostrar-nos a que baixezas são levados os nossos homens publicos, pelo prurido de interesses pessoaes.

A via ferrea da Victoria á Natividade, que de promessa aquelle eminente brasileiro convertera em realidade, foi sacrificada não ha muitos dias aos planos da alta advocacia administrativa, que jogou contra o futuro de uma provincia brasileira, na carteira do Thesouro, ganhando airosamente a sua partida, pela imbecilidade ou complicidade de um alto funccionario.

Os anhelos de duas centenas de mil brasileiros foram vendidos a alto preço a especuladores audazes, decidindo-se da sorte de uma provincia, a troco dos dinheiros do Estado, sagrado penhor das nossas contribuições para o engrandecimento deste imperio.

Não é possivel, Senhor, nem quizeramos traduzir aqui a antipathia profunda, o desgosto amargo, o desespero enorme que veio causar a todas as classes da sociedade espirito-santense, a noticia dessa infame traficancia do seo futuro, protrahido em refêm á ganancia e aos lu-

cros administrativos das propostas de emprezas potentadas.

A desconfiança que no organismo provincial se géra contra as bases do equilibrio commum, é fatal á solidariedade que deve existir entre os membros de uma communhão social; mas, ou por que a nossa representação seja minguada ou por que os representantes sejam pouco influentes, a verdade é que os interesses provinciaes os mais caros e palpaveis, são sempre deixados á margem por outros de menor monta, porem, que são advogados por pessôas que obstruem a marcha dos negocios com suas posições e empenhos. »

Continuando a enumerar os esbulhos feitos pelo governo imperial á sua terra, o moço escriptor, em palavras repassadas de dôr, lembra a queda do projecto de 1856, que concedia uma modesta subvenção á navegação do Rio Doce; a exclusão do porto da Victoria das escalas obrigatorias dos paquetes da Companhia Brasileira; a suppressão das bancas de preparatorios, da companhia de aprendizes marinheiros, da Caixa Economica; o desprezo votado á questão dos limites da provincia e o adiamento indefinido da construcção do edificio da Alfandega.

Para salientar que a provincia fornecia ao imperio renda sufficiente para o custeio dos serviços que reclamava, sem levar em conta a renda a esperar desses mesmos serviços, traça o quadro da renda geral espirito-santense, que verifica ser de 1.848:092$160, compara-a com a despeza fixada em 656:428$997 e demonstra ainda assim haver um saldo que attinge a 10.191:663$163.

Na ultima *Carta* que se vae ler, aponta os meios de sanar em parte esse estado de coisas, avisando com prudente conselho o governo imperial, do máo trilho por onde enveredára:

« Senhor!

É para vós o nosso ultimo appello.

A longa prova que temos produzido, deve inspirar-vos por nós as sympathias que merecem os opprimidos.

Dizem os que gosam o favor de privar com vossa magestade—que favoneaes com empenho o magestoso plano de ligar por uma extensa rêde de vias-ferreas, todas as provincias do imperio, em quanto que a maioria dos vossos ministros só cuida de reduzir cada vez mais o imperio a uma grande nação eleitoral, que lhes secunde com vantagens as ambições de toda a especie e as vaidades as mais burlescas.

Para execução deste vasto plano, Senhor, poderá sobrar-vos patriotismo; mas o vosso reinado carecerá de tempo e de recursos.

Entretanto, não será pequena a vossa gloria, si conseguirdes deixar em meio a ingente tarefa, que outros poderão concluir, mas nunca disputar-vos o merito de haver iniciado.

Não é das de grande folego, a empreza ferrea que ha dezenas de annos esta provincia solicita, como ponto de partida de todos os seos progressos.

O celebre orçamento Hunt, que *untou* a rescisão do Sr. Carneiro da Rocha, e servio de pretexto para o novo adiamento dessa estrada, não póde certamente ter peso em vosso illustrado espirito, maximé existindo na secretaria da agricultura, uma peça official organisada por profissional distincto, onde um traçado mais penoso e mais dispendioso, é orçado em quantia quatro vezes menor.

O Sr. conselheiro Costa Pereira, teve occasião de demonstrar lucidamente no parlamento—que nem-uma estrada ainda no Brasil alcançou o preço kilometrico do orçamento que dissipou os bons direitos da provincia, calculando cada kilometro da nossa projectada estrada, que é de bitola estreita e não carece de grandes obras d'arte, por preço duas vezes maior do que a media do custo da estrada de ferro Pedro II, onde, até a Barra do

Pirahy, havia a transpôr montanhas collossaes e immensos tunneis a construir.

Esse orçamento não é, pois, um documento honesto e nem ao menos é decente; todo o seo prestimo foi illudir um bom arranjo administrativo, com o qual se consumio em um instante uma somma fabulosa, que corresponde a uma decima quinta parte do custo total da estrada, ou melhor—quantia superior á que o Thesouro teria de pagar pela garantia de juros nos dois primeiros annos dos trabalhos, caso a garantia fosse proporcional aos capitaes realisados na empreza.

Talvez antes de dez annos, Senhor, essa estrada futurosa livrasse o Estado do onus dessa garantia, e certo é que muito antes desse praso o paiz começaria a colher vantagens reaes da sua construcção com o mercado dos productos da uberrrima zona do oeste da provincia e norte da de Minas, que pelas difficuldades de transporte, os cultivadores não beneficiam na quantidade possivel. Alem de que começariam logo a desenvolver-se importantes fazendas, estabelecidas no Guandú e Santa Joanna, que aguardam apenas para extender suas culturas, o annuncio definitivo desse progresso.

A immigração viria logo engrossar a população extrangeira das antigas colonias avisinhadas dessas regiões, que prospéra apezar de todas as contrariedades e que seria solicita em estimular a vinda de parentes e amigos d'alem mar.

E por sobre tudo isso, Senhor, deve operar em vosso espirito a consideração de que, mesmo no seu abatimento actual, as nossas contribuições directas e indirectas, como demonstramol-o, compensam sufficientemente o encargo do Thesouro com a breve duração dessa garantia, sem desequilibrio dos favores que o Estado deve conceder a cada uma das provincias, proporcionaes ás rendas que dellas

aufere para a manutenção geral das necessidades publicas.

Seja, portanto, Senhor, o vosso throno — é o que os espirito-santenses anhelam — o abrigo dos seos instantes reclamos, a que os outros poderes costumam ficar surdos e indifferentes.

Despreoccupado das frivolas pretenções que perseguem os nossos politicos, tendes mais tempo do que elles de olhar para a patria commum.

O engrandecimento d'esta provincia depende da concentração de suas forças, da convergencia completa de todos os elementos prosperos para esta Capital com a emancipação do commercio da Côrte, que será logo o primeiro resultado desta centralisação da producção provincial.

Para obtel-o, são urgentes os seguintes incitamentos:

A) subvenção a uma bôa navegação do Rio Doce até porto do Souza, como um meio efficaz de derivar os productos do norte de Minas e acoroçoar o progresso agricola das zonas visinhas e das marginaes do rio;

B) subvenção a uma linha de navegação regularisada e semanal entre todos os portos da provincia até os do sul da Bahia;

C) prolongamento da estrada de ferro do Carangola até o Cachoeiro de Itapemirim, como meio de trazer ao baixo Itapemirim e dahi para a Victoria, toda a producção do sul, com o qual tambem a Capital ficaria em contacto mais facil do que a Corte, para a sua importação;

D) cessação do auxilio ou estipendio dado actualmente á Companhia Espirito Santo e Caravellas, afim de libertar os portos intermediarios da attracção do monopolio fluminense, e fazer a passagem dessa subvenção á Companhia Brasileira de Navegação, obrigando-a a fazer tres escalas mensaes pelo porto da Victoria, e assim sup-

prir a falta da outra companhia que nos proporciona communicações com o grande centro commum;

E) para complemento de tudo isto—subvenção temporaria a uma ou duas companhias extrangeiras de vapores transatlanticos, que abram-nos o commercio directo das praças européas ou norte-americanas;

F) auxilios a immigrantes que se internarem no oeste da provincia, e bôa viação para esse centro.»

. . . .

Como se está a ver, o moço estadista, aos 24 annos de idade, (note-se bem que as *Cartas ao Imperador* são de 1885) tinha incontestavelmente uma intuição superior do que devia ser um governo de vistas largas e apontava soluções de ordem economica, administrativa e financeira aos problemas momentosos da viação, da expansão commercial e da immigração a repartir pela provincia, merecedôras de francos applausos.

Por outro lado, o polemista ahi exhibe-se como uma alma franca e desprendida, sem calculos e sem convenções, ao serviço exclusivo do seo patriotismo, atacando a peito descoberto um ministro da corôa e de um gabinete a que o seo partido prestigiava.

Isso, já o disse, valeo-lhe a preterição de suas aspirações politicas; as idéas do publicista pareceram aos proceres do *liberalismo* tocadas de exaggerado republicanismo e punham em sitio as chamadas—*conveniencias politicas*... Mas o resultado não podia ser outro; em todos os tempos sempre foi perigoso dar bons conselhos aos grandes.

Em uma de suas *Cartas* a C. CEZAR, escrevia SALLUSTIO: «*Scio ego, quam difficile atque asperum factu sit, consilium dare regi aut imperatori, postremo cuiquam mortali, cujus opes in excelso sunt; quippe quum et illis*

consultorum copiæ adsint; neque de futuro quisquam satis callidus, satisque prudens sit. Quin etiam sope prava magis, quam bona consilia prospere eveniunt: quia plerasque ses fortuna ex lubidine sua agitat.»

Felizmente dessa vez a fortuna nos foi propicia e o brado de indignação de Moniz Freire calou tão fundo, que a curto trecho foram reparadas as injustiças denunciadas em suas formidaveis *Cartas.*

Tempo é de submetter a julgamento as qualidades espirituaes desse intellectual e nem-uma de suas producções melhor se presta a esse exame, do que o discurso feito na inauguração da segunda via-ferrea do Estado, obra devida á sua iniciativa exclusiva.

Si a um orador academico seria rigor demasiado, exigir no entrecho da oração, além da vivacidade da forma, da fluencia do estylo e da sobriedade dos conceitos, explanações de graves theses scientificas, não é justo que se fique á espera de originalidades em assumpto tão arido, sómente por ter sido tratado por um homem de superior aptidão.

Vezes sem conta o velho thema da applicação da actividade e das forças mechanicas como especialisação do trabalho, tem sido batido na incude da palavra em posições varias; a idéa continúa a ser a mesma, variando apenas o feitio, com a capacidade potencial do forjador que lhe imprime a sua maneira artistica.

Ainda assim, creio que podem ser acolhidos sem reserva estes excerptos:

«Em uma das extremidades septentrionaes do mundo conhecido pelos antigos, existiu outr'ora uma tribu semi-selvagem, da grande raça dos Germanos, habitando um pedaço de terra ingrato e mal seguro, exposta a uma lu-

cta tremenda e interminavel contra a furia das tempestades boreaes, contra a sanha invasôra do oceano germanico e contra as correntes incertas de rios collossaes, que abriam cada dia novas passagens para o mar, sepultando nas mesmas areias os troncos dos grandes carvalhos e os esforços de gerações successivas.

Quando as aguias romanas, levadas pelo instincto da conquista, plainaram seo vôo avassallador sobre esse céo nevoento e borrascoso, um sentimento de piedade e de horror invadio as legiões de Cezar, ao contemplar esses homens infelizes, que ellas suppuzeram amaldiçoados pelos céos, condemnados a se defenderem do mar com as dunas das praias, a mudarem as suas tendas de comôro em comôro, a disputarem a vida ao Firmamento, ao Oceano e á Terra.

Seculos se passaram para a Historia e para a Humanidade, sem que essa lucta mortificante lograsse um dia de tregoa; mais tenaz do que o pelago immutavel, mais robusta do que os pinheiros das suas florestas, mais irresistivel do que as massas d'agua arremessadas pela terra contra seos peitos, essa raça de athletas, fundida no bronze da resignação a mais estupenda e da perseverança a mais heroica, conseguio subjugar a natureza esmagadôra e dar um testemunho incomparavel do que valem a energia e o engenho humanos, effectuando a maior das transformações que a superficie do planeta tem soffrido sob o imperio de um poder consciente.

A pobre tribu erradia que os romanos encontraram ás portas de suas barracas, espreitando as intenções sinistras das vagas revôltas, sempre dispostas a alargar o seo patrimonio sobre o leito da terra firme, ou fugindo diante das torrentes impetuosas que mudavam quotidianamente a geographia do paiz, transportando lagos, formando ou retirando canaes, fazendo e desfazendo ilhas, augmentando e diminuindo o continente, semeando pan-

tanos, esterilisando ou fecundando grandes extensões de territorio, veio por fim a fundar sobre esse sólo inconstante, a patria encantadôra e invejada de um dos povos mais felizes da terra, o berço de onde o industrialismo alçou na edade media o seo vôo imperioso para a conquista definitiva do futuro da humanidade.

O inimigo a que os hollandezes tiveram de arrancar as suas terras, diz um illustre escriptor, apresentava-se sob tres formas: — o mar, os rios e os lagos.

Elles dissecaram os lagos, repelliram o mar e prenderam os rios; dissecaram os lagos, servindo-se do ar; prenderam os rios, canalisando-os para o mar e protegendo-lhes a embocadura por meio de formidaveis comportos; repelliram o mar, offerecendo uma linha insuperavel de diques, ao dorso herculeo do salso elemento.

A historia dos nossos insuccessos e das nossas desillusões, veio-me inteira ao espirito, diante da pagina eloquente de Edmundo de Amicis, sobre os primeiros dias d'essa nação predestinada; e ao celebrarmos hoje esta festa de progresso, quando tudo faz-se de alegria nos corações e no ambiente, é justo relembrarmol-a para conforto e para estimulo.

Nós nunca tivemos o mar, nem os rios, nem os lagos por inimigos; nunca precisámos de assistir a nossa coragem physica contra as violencias da natureza; mas si esta nunca nos ameaçou o lar nem o tecto, nem por isso foi menos desapiedada para os nossos instinctos de civilisação e de aperfeiçoamento.

Thomaz Buckle, disse na sua obra monumental sobre a civilisação da Inglaterra, que, no meio das pompas da natureza, no Brasil não tinha ficado logar para o homem.

O conceito, aliás injusto, do illustre escriptor, em parte alguma poderia ter uma verificação mais approximada do que em nosso cáro Estado.

Em nem-uma outra paragem do mundo, os elementos de prosperidade palpitarão mais vivamente da terra, mas em compensação será difficil encontrar algures um conjuncto mais caprichoso de accidentes temerosos.

O que sobra em riquezas a explorar, em thesouros a apprehender, corresponde de muito a lucta necessaria para a sua apropriação; parece que tambem aqui houve uma conspiração latente das forças physicas para contornar de vallos profundos todas as jasidas do progresso, e onde ficou pela natureza depositada uma seducção que desafia a posse, encontra-se bem ao pé um obstaculo que tolhe o passo.

O acontecimento grandioso que festejamos, offerece campo para a apreciação desse contraste.

Já os roteiros dos navegantes luzitanos, que primeiro visitaram as nossas costas, affirmavam á velha Corôa portugueza, que nós possuiamos aqui uma gemma de precioso quilate, na belleza encantadora de um porto eternamente sereno, onde não sabemos o que mais admirar — si o abrigo suave das suas aguas tranquillas, si o requinte dessas linhas pittorescas que parecem ter sido apuradas pela palheta amiga de um grande genio creador; mas o luso que aportou a estas plagas, pelo attractivo dessa descoberta interessante ainda não sonhava de certo que valor poderia ter esta joia do Atlantico, cravada no engaste prodigioso da fecundissima terra americana.

Ha largos annos, porém, que esse destino pôde ser comprehendido; ha longos annos, e ha duas gerações que luctamos para que esse sonho se encarne numa imagem viva de opulencia e de bem estar.

Baldados esforços sempre!

A cada tentativa seguia-se uma desillusão; a cada abordagem do ideal elle vingava-se em recuar para mais longe.

Innumeras vezes o enthusiasmo infatigavel do publico,

acolheo com palavras de contentamento profundo, a nóva promissôra de algum novo impulso auspicioso; innumeras vezes o clamor das nossas decepções chegou a abalar os poderes publicos da nação; innumeras vezes os fogos de nossa paixão patriotica, fizeram-nos crer na posse definitiva da grande aspiração.

Ella procrastinou-se sempre até exgottar a nossa credulidade.

Chegou porem o momento de corporifical-a em uma realidade incontestavel.

Perseverança, fé, uma coragem indefessa, e quiçá uma audacia que só o culto da Patria poderia communicar, tudo accumulámos para podermos hoje, vir gosar comvosco deste primeiro instante de fundadas esperanças.

Poucos sabem entretanto quanto nos tem custado vencer estes primeiros passos.

Até agora não temos a registrar sinão grandes momentos de confiança alternados com largos dias de desanimo; onde a natureza não nos oppôz um obice, tem vindo o homem collocal-o; onde o sólo não offerece o peito de granito para ser rasgado, a cobiça arma inesperadamente uma surpreza; onde não se encontra uma serra a galgar, um massiço a perfurar, uma garganta a transpôr, um pantano a aterrar, um accidente qualquer a vencer, deve-se contar por seguro com a resistencia passiva da indifferença ou da má vontade; e é difficil dizer, resumindo as nossas luctas quotidianas, quem tem sido mais feroz e impotente: — si a natureza avára, recatando na couraça de suas montanhas portentosas, os seios das riquezas que nós pretendemos devassar ou si o homem por cujo amor nós porfiamos nesse combate, detendo o braço que o sustenta.»

. . . .

O trecho acima, apanhado ao acaso, serve para documentar sufficientemente a proposição que emitti: temos em frente um homem de idéas, acostumado a assimilar as bôas doutrinas e a beber nas bôas fontes.

Nota-se-lhe, é certo, ainda aqui uma regular dóse de optimismo na enumeração das nossas riquezas e o inolvidavel philosopho Tobias Barretto, em escripto celebre, fez ver que essa tendencia era inseparavel do brasileiro.

Estudos conscienciosos de Sylvio Roméro, Tobias Barreto, Euclydes da Cunha e de varios outros homens competentes, fazem suppôr que a opinião de Buckle que o nosso illustrado patricio acoima de injusta em seo *Discurso*, encerra uma verdade profunda. O Brasil é um paiz em que as condições da natureza physica, contrastam flagrantemente com as do mundo animal sem exceptuar o homem. Possuimos tres dos maiores rios tributarios do Atlantico e no emtanto a região que vem do Piauhy ao Espirito Santo, não obstante as aguas comprehendidos nas bacias do Amazonas e do São Francisco, é periodicamente assaltada pelas seccas!

Possuimos em desvairados pontos do territorio florestas extensas, vegetação abundante e variada, adequadas ao desenvolvimento e propagação das maiores especies animaes e no emtanto não contamos na nossa fauna os productos similares da Asia e da Africa!

E que dizer das rugas da superficie do sólo, com um desenvolvimento montanhoso para o sul e oeste cada vez mais irregular?

Foi sem duvida pesando estes factos, que o genial auctor da *Historia da Civilisação na Inglaterra* asseverou que no concerto das opulencias da natureza americana, o homem não foi tido por conviva obrigado e parece-me que disse uma profundissima verdade, susceptivel de ser ampliada aos demais notaveis componentes da escala zoologica.

Exprimindo-me assim, não censuro infundadamente a opinião contraria externada no *Discurso;* apenas noto que ao illustre patricinio impressionaram muito as narrativas fabulosas de Fernão Cardim, Gandavo e Caminha, adubadas pelo nosso Rocha Pitta.

Uma justiça é devida ao moço orador e vem a ser que a sua oração nada tendo de commum com as peças do mesmo genero no tocante á sensatez das idéas, brilhantemente contrasta com o palavreado incolor e futil das nossas assembléas politicas.

Emquanto para estas a belleza da eloquencia e o *savoir faire* da obra, repousam na maneira de encaminhar uma discussão sobre successos de Chique-Chique ou Botucatú em quadras eleitoraes, para o orador espirito-santense vale muito mais a illação a tirar do exemplo de coragem e perseverança de um povo historico, que, em peleja constante contra as forças da natureza, conseguio submettel-as e iniciar uma civilisação que faz honra á Europa e á cultura universal.

Supponho que bastaria essa differença para recommendar-lhe á estima publica o trabalho, si outro merito elle não contivesse.

A conferencia sobre a — *Existencia politica dos Estados*, é um estudo de interesse actual cheio de revelações importantes e impressionantes.

O publicista começa asseverando que o regimen republicano não encontrou no Brasil as resistencias que o contrariaram em outros paizes, porque entre nós a monarchia não correspondia de ha muito ás necessidades e aspirações nacionaes.

A seguir estuda as causas que concorreram para a implantação do mesmo regimen no paiz e na America do Norte, traçando uma distincção que reputa capital entre

os dois factos e problemas historicos, até chegar á actualidade.

Preciso é que lhe conheçamos as idéas no tocante ás virtudes e aos vicios que afeiam o systema republicano federativo em nossa patria.

«A Republica, diz elle, não tinha sómente a seo cargo transformar cidades em paraisos, desenvolver communicações de toda a ordem, accelerar transportes, encurtar distancias, povoar sertões, augmentar riquezas. Os seos compromissos resavam capitulos de outra natureza. Ella é sociologicamente a expressão concreta da liberdade, da justiça, da lei, da auctoridade responsavel, sob a guarda effectiva da opinião. O que a distingue substancialmente dos reinos e dos imperios civilisados, é que nestes todas essas forças sociaes, são ou se presume serem, accionadas por uma vontade tutelar immanente, pairando como uma influencia externa em plano superior; nella os apparelhos governativos devem ser dotados da necessaria energia para prescindir do accionamento protector que lhes fallece, ter os seos movimentos proprios, produzir os mesmos resultados pelas suas virtudes ingenitas.

Nós somos, entretanto, um povo pobre e profundamente ignorante: escasseiam-nos, por consequencia, logo duas condições poderosas para praticar e saber defender a liberdade em suas complexas modalidades. Uma dessas condições representa a riqueza e a outra o numero, que são os elementos impulsores essenciaes da ordem social. Aquella é a independencia material, a substancia garantida, a fonte onde o commando se retempera; esta é a opinião, o consenso, o manancial de todas as escolhas e de toda approvação. Póde-se sem ellas, guardadas as proporções devidas, possuir a forma republicana de governo, mas nunca o regimen republicano.

O que cumpre, neste caso, é utilisar as vantagens

compensadôras dessa forma e actual-a energicamente, não só para fundar a riqueza, como para convocar paulatinamente a opinião ao exercicio normal da sua funcção, promovendo-lhe pelos meios educativos o augmento da capacidade correspondente e abrigando as primicias dos seos vôos contra quaesquer obstaculos eventuaes.

. . . .

Peza-me dizel-o, senhores, mas não posso occultar: nesse particular, tão transcendente e tão capital, a federação, como ella é concebida e interpretada em nossa patria, tem sido o mais deploravel trambôlho á formação da consciencia republicana do paiz: e longe de facilitar os ensaios systematicos de um regimen livre, quaes os que referi como mais consentaneos com a forma de governo constituido, tornou-se até incompativel com os seos proprios ensaios espontaneos. Mas não é só isso: ella tem ido dando caça, dia por dia, a todas as virtudes que compõem o patrimonio moral de uma nação, e sem as quaes a Republica se torna uma chimera e uma hypocrisia.

. . . .

Todos os dias se clama contra as oligarchias, os excessos de auctoridade, o abastardamento institucional em que estamos encharcados e se grita contra os homens, contra os seos defeitos e os seos crimes.

. . . .

O que porem, não tem logica, não tem cabimento nem bom senso, é esperar que elles se conduzam de outro modo para que as coisas melhorem e fiar a sorte de instituições que respondem pela vida, pela liberdade, pela tranquillidade de um povo, da longanimidade dos que as estão explorando em seo proveito.

E é isso o que se tem feito até hoje. Entende-se

que não ha o que reparar nem retocar nessa situação, da qual ninguem ousa entretanto fazer francamente a apologia.

A exegese constitucional em vigor doutrina, que seria ferir de morte a Republica, atacar de frente esse mostrengo de organisação politica.

Singular e desnaturada Republica esta, em que, por vastas extensões do seo territorio, a liberdade é uma palavra vã, a justiça o regalo e a arma dos fortes, o poder discrecionario e irresponsavel, o voto, que representa o consenso publico na delegação da auctoridade, uma simples ficção ridicula.

Mas o facto é que com o favor de semelhante exegese, os governantes sabem que não ha correctivo para a sua vontade omnipotente e que em suas mãos se concentra todo o poder, cuja expressão unica é a força material sob suas ordens.

Que violem as leis, que reduzam as Constituições a rebotalhos, que annullem os demais poderes convertendo-os em peças incommodas de mero apparato, pouco importa: a solidez e o encanto do regimen consistem em deixal-os agir impunemente, garantir-lhes o apoio incondicional dos orgãos superiores da nação, afim de que nas suas jurisdicções sejam abafadas quaesquer velleidades de resistencia. O que ha de admirar, pois, em procurarem elles tirar o melhor partido possivel de todas essas vantagens pessoaes?

. . . .

Ha quem sustente que toda a intervenção neste caso se deve limitar a uma espectativa sympathica, confiando na reacção lenta dos costumes e da educação. Admittamos que essa reacção seja fatal: é evidente, entretanto, que o processo será longo e laborioso.

Mas isso importaria, em termos positivos, a conde-

mnação da propria Republica: o que significaria o seo advento, sem a base plastica de costumes capazes de amparar a liberdade contra as incursões do poder? O que é ella em um paiz onde se confessa que o principio representativo é uma burla, o mandato politico uma graça dos que commandam, a delegação eleitoral das funcções simples apparencia de uma apregoada soberania irrisoria?

Si esta fosse a situação legada pelo imperio, não teria a Republica o direito de se declarar impotente para corrigil-a: era seo dever fazel-o sob pena de se reconhecer fallida.

. . . .

Diz-se tambem que o principal dos nossos males, é a falta de partidos, organisados em torno de idéas e programmas definidos.

Quanta heresia nesta hypothese tão ingenua!

Eu pergunto, senhores, quaes seriam, ao cabo de algum tempo, os soldados do partido que não tivesse o que dar, e de que serviria toda a sua propaganda, em face das intolerancias universaes que conduzem fatalmente á existencia de um partido unico — o partido do governo — e em face da hermeneutica constitucional, cujos evangelhos condemnam summariamente por hereticos, á proscripção e ao anniquilamento, todos os credos perturbadores desta unanimidade patriotica.

. . . .

Ha, com effeito, idéas capazes de levantar partidos, mas para isso é preciso que ellas provoquem paixões, firam ou despertem interesses. As massas humanas só se deixam arrastar pelo sentimento; o que forma os partidos é a confiança nos homens que os dirigem, são os vinculos de sympathia, de affeição e de dependencia, os

exemplos de valor e de virtude, as dedicações de pessôa a pessôa, de familia a familia, de grupo a grupo, e a par disso, não raro, o interesse que se alimenta nas esperanças da victoria mais ou menos proxima. Mas todos esses élos estão hoje quasi destruidos em nossa Patria.

O que se cultiva entre nós, é o endeosamento dos poderosos e o envilecimento dos fracos.

A veneração pelos bons servidores, a confiança no merito, estão substituidos pelo agachamento incondicional diante dos que governam, sem a menor discussão dos seos titulos.

As affeições, o devotamento, a lealdade, a constancia, o reconhecimento, são especies desmonetizadas que ninguem mais dá nem recebe, pelo pavôr de se arruinar decahindo das graças dos que as distribuem ou ter de ficar ao lado de mãos vasias de beneficios e recompensas. Só quem paga tem o direito de ser servido e amado.

Altar desfeito, crentes da outra banda.»

Até aqui vemos feita a diagnóse, em traços magistraes, pela symptomatologia do morbo; vejamos agora quaes são as indicações do therapeuta para combatel-o e depois digamos si parecem adequadas ou rasoaveis.

Continúa o prelector: «O nosso mal é politico e resulta de vicios na installação, como de hesitações no impulsionamento, dos apparelhos institucionaes.

. . . .

Que se inspirem os nossos estadistas, os orgãos da opinião, o sacerdocio mental do paiz, no justo sentimento da realidade, estudem, deliberem, ajam em commum, e verão como desse mesmo plasma social onde só se moldam hoje figuras de cêra, ventoinhas, tyrannetes de feira, espinhos flexiveis, thuribularios, surge afinal um povo de constituição sadia, banhado na luz das altas aspirações, dos impulsos mais nobilitantes, do trato mais affe-

ctivo, e das reivindicações illuminadas pelo amor do bem.

Abramos os olhos, e ponhamos diante delles o problema brasileiro, despido das affectações de uma erudição dispersiva, que tacteia na casa alheia para achar os caminhos da sua, e levanta castellos no ar quando pensa ter construido monumentos seculares».

Não me parece que o publicista fosse preciso no receituario.

Si o mal politico é o resultado:

a) *de vicios na installação dos apparelhos institucionaes;*

b) *de hesitações no impulsionamento dos mesmos*, convinha que o nosso illustrado conterraneo dissesse com franqueza, si os julga capazes de funcção com os lubrificantes que lembra ou ao contrario, carentes de reforma ou de substituição.

Estes é que se me antolham os termos do debate; fóra dahi estamos no vago das declamações.

Tenho fundadas razões para suppôr que o regimen republicano inaugurado com a Constituição de 1891, póde ter sido falseado e realmente o tem sido, mas não é uma peça que esteja reclamando substituição, por provada imprestabilidade de servir ás aspirações nacionaes.

É claro que exprimindo-me assim, estou longe de enfileirar-me entre os revisionistas e quantos outros schismaticos por ahi perambulam.

Não; a impericia do machinista, não implica o reconhecimento de vicio intrinseco do apparelho que elle movimenta.

Os vicios que provieram da installação do regimen podem muito bem ser corrigidos por uma serie complexa de agentes.

Os costumes publicos se aperfeiçoam com as bôas normas educativas e moralisadôras; a ignorancia e a po-

bresa podem ser dissipadas com a disseminação crescente do ensino ou da instrucção technica e profissional, com a melhor applicação da actividade a trabalhos proporcionalmente remuneradores e infeliz do Estado civilisado, embora mediocremente, que não tivesse força para curar desses deveres elementares.

Convenho que a perfeição dos costumes deve preceder á organisação legal do regimen politico, porque as leis nada mais são do que a regulamentação de praticas, que, com se tornarem obrigatorias, nem por isso perdem a origem de onde decorrem; convenho ainda que das más praticas não é licito esperar que surjam preceitos salutares, do mesmo modo que do pantano não é possivel aguardar emanações vivificadôras.

Já o poeta latino perguntava:

Quid leges sine moribus,
Vanæ proficiunt?

Mas prover sobretudo isso é incumbencia do Estado, é attribuição que a mais ninguem pertence, e, ou elle a executa para fazer certo que existe como unidade politica ou se a não pratíca considera-se virtualmente dissolvido.

Ouso suppôr que os chamados vicios de installação, não são propriamente taes, e sim falhas provenientes do esquecimento—proposital ou inconsciente pouco importa—de medidas, umas auxiliares ou complementares e outras suppletorias dos apparelhos institucionaes.

Na hypothese, não é a installação que se resente de vicios, mas o apparelho installado que não póde produzir na razão de sua capacidade.

A segunda causa do mal—*hesitação no impulsionamento dos apparelhos institucionaes*—é uma concessão generosa que o senador Moniz Freire faz aos responsa-

veis pelos destinos da Patria nestes desenove annos de governo republicano.

A verdade unica, toda a verdade sem refolhos teria S. Ex.ª dito, si affirmasse um facto mais geral, qual a frouxidão e não raro a inepcia dos encarregados da movimentação alludida.

Ha nada mais irrisorio entre nós, do que a applicação que se tem feito do dispositivo do artigo 6.º n.º 3, da Const. Federal?

E de quem a culpa, sinão dos que representam a nação, que ainda não tiveram a coragem de pôr a disposição citada de accordo com o bom senso, ensinando ou compellindo o executivo a pratical-a por meio de uma interpretação que corresponda ao pensamento do legislador constituinte?

Alludi linhas acima ás contrariedades e abusos que tem auctorisado, a intelligencia dada ao texto indicado, no ponto em que faz depender a intervenção do Governo Federal para restabelecimento da ordem e tranquillidade nos Estados, da requisição dos governos locaes.

A leitura desprevenida do dispositivo, faz crer que o legislador constituinte, partindo do principio de que organisados os Estados, regendo-se em negocios de sua economia por leis compativeis com o regimen federativo, cabia-lhes prover inicial e privativamente sobre a manutenção da paz publica, de modo que mal surgissem possiveis tumultos e conflictos, a auctoridade regional os suffocasse por medidas efficazes, tanto mais quanto é esse o dever primordial de quem exerce o poder publico. Dahi a these constitucional que faz depender a intervenção federal da solicitação do Governo regional; mas isso não significa que por mais graves que sejam as perturbações internas de um Estado, oriundas já da impotencia do respectivo Governo para dominal-as, já do proveito que para fins inconfessaveis elle possa auferir

de semelhante estado de coisas, deva o Governo Federal conservar-se espectador indifferente á subversão da ordem, por não lhe ter sido impetrada a providencia constitucional, quando os factos occorridos claramente estiverem indicando que jamais sel-o-á.

Aqui deve a intervenção operar-se espontaneamente, pois a ausencia de requisição nada mais é do que a prova provada da cumplicidade do Governo, desorientado com a situação que lhe favorece os calculos e ardis.

E si assim não fôra, confessemos que creámos um regimen federativo capaz de fazer figura na Hottentotia, uma vez que os attentados á vida e á liberdade dos cidadãos só encontram desaggravo quando quem os realisa ou contempla, arvora-se em piedoso juiz da sua propria perversidade!

A regulamentação do preceito constitucional, dado que o Poder Executivo não quizesse comprehendel-o nos termos expostos, praticando-o lisamente, portanto, entrava na esphera das attribuições legislativas, o que equivale dizer que remediado estava o mal.

Nos paizes onde os preconceitos e superstições constitucionaes não têm valor axiomatico, a interpretação das leis conduz á práxe, á uniformidade da jurisprudencia, que TOBIAS BARRETO definia — a parte dramatica do Direito.

O alvo da interpretação, diz VANDER EYCKEN, é descobrir com ajuda das prescripções escriptas, a solução de especies dadas, desconhecidas inteiramente e não previstas em lei alguma; esta é a maior recommendação do *processus* interpretativo.

Nos Estados Unidos da America do Norte, é de vulgar noticia, foi por esse meio que a Côrte Suprema e as Jurisdicções dos Estados, chamaram a si a faculdade de verificar si os actos legislativos oriundos do Congresso Nacional ou do dos Estados, são ou não compa-

tiveis com a Constituição e quando oppostos, de declaral-os nullos e sem efficacia.

Existia conferida em lei expressa e terminante essa competencia ao judiciario? Não.

E como pôde elle obtel-a?

Pela interpretação dos art. 3.º secç. 2.ª clausula 1.ª e 6.º clausula 2.ª da Constituição.

Entre nós, emquanto lei positiva não investio a Justiça Federal dessa attribuição, os despropositos legislativos não soffreram contraste. Do mesmo modo, para que os direitos individuaes lesados por actos arbitrarios de auctoridades administrativas da União e dos Estados, incidissem na competencia daquella magistratura, foi preciso que leis posteriores á Constituição de 1891 o declarassem clara e extensamente, sem embargo de haver a Lei Institucional creado a referida judicatura para velar na guarda e observancia de seos dispositivos, entre os quaes não poucos são destinados a assegurar o livre exercicio dos direitos individuaes!

Vem dahi a resignação ou o fatalismo com que esperamos todas as providencias da inspiração legislativa, rompendo o equilibrio constitucional que na organisação dos poderes resultantes da delegação da soberania nacional, creou-os harmonicos e independentes entre si!

Vem dahi ainda o facto caracteristico de cada um delles desejar ter a sua esphera de acção cada vez mais limitada pela dos outros, de modo que em frente de um desses phenomenos sociaes que pesam sobre um povo com a furia de uma calamidade, a nem-um caiba a iniciativa de curar do mal sem que lhe solicitem a assistencia!

Vem dahi, finalmente, a situação de inseguridade em que todos nós, os da communhão brasileira, temos os nossos direitos, nas cidades e villas ao alcance da mão dos corrilhos que as empreitadas eleitoraes geram

e a capangagem aleita e nos sertões, á mercê do trabuco do banditismo de um Antonio Silvino, de um Liberato, de um Santa Cruz, ou dos bandos de cangaceiros que do Ceará á Bahia expoliam, trucidam, assassinam e deshonram lares, certos de que os seos maleficios escapam á alçada dos poderes publicos do paiz!

Ora, em casos semelhantes, quando a reiteração de attentados tão graves é a melhor prova da impotencia ou da solidariedade do governo local com os seos factores, não raro aproveitados para perseguir adversarios e viciar a manifestação das urnas, está claro que o restabelecimento da ordem deve ser feito por iniciativa do Poder Federal, independentemente de requisição qualquer, sem se lhe dar dos arreganhos da chamada—*autonomia* dos Estados—que, se invocada fôra, seria um decisivo argumento para evidenciar que em quasi todos elles, os principios cardeaes do regimen estão de tal arte subvertidos, que só á custa de abusos, crimes e vexações, se mantêm os respectivos governichos!

De onde provêm o mal: das instituições ou de quem lhes movimenta a engrenagem?

A resposta não é difficil, dadas a curta existencia e a plasticidade do systema.

A culpa não é imputavel ao regimen, que não póde ser melhor; mas por ella respondem os que tem sido chamados a pratical-o, sem o preparo necessario e por infelicidade deste paiz e nossa—levando para o novo Governo os preconceitos, táras e antagonismos justificativos do desamor com que serviram ao throno extincto, mal o sentiram abalado!

Tornarei, porem, á materia do exame que vinha fazendo, pondo remate á digressão a que levou-me o topico constitucional.

Será hesitação a procrastinação de aspirações quasi seculares, como a modificação da legislação civil?

Não sei se será perigosa a intervenção directa da massa popular para por qualquer fórma dar execução á lei institucional do regimen republicano, que deve ser accorde com o bom senso; o que sei como toda a gente, é que só por esse meio ella tem conseguido manifestar aos seos representantes nos Congressos e nos Governos, que a Republica não foi feita para servir á oppressão, ao esbulho e á violencia, sim, porem, á liberdade, á paz e ao progresso das nações, inclusive a nossa.

O opusculo sobre a *Caixa de Conversão*, encerra as idéas do nosso compatriota, relativas ás vantagens desse apparelho, a fixação da taxa cambial e outras que lhes são complementares, convindo additar que, quando se discutio no Senado o assumpto, o auctor apresentou um projecto estabelecendo um banco emissor que representava na entrosagem da valorisação da moeda importantissima funcção.

Esse banco, suppunha elle com excellentes razões, era uma consequencia natural do surto financeiro adoptado; não o entendeo assim o Governo a quem apoiava aliás sem reservas e dahi a rapida amputação do principal orgão do apparelho.

Dito isto, passarei á mais recente e ultima producção do Dr. Moniz Freire:—*O Voto Secreto*.

São 86 paginas da Historia Politica deste paiz, que precisam ter ingresso em todas as estantes e ser devidamente absorvidas por uma leitura attenta.

Bem poucas vezes em tão curto trecho de um opusculo, encontraremos alinhadas tão formosas verdades.

Para não entediar o leitor, transcreverei as que se contêm nas paginas 9-12:

«Mas que contraste entre a acção material gigantesca da politica republicana, e a sua acção moral interna!

Os productos se desassemelham tanto que parece não terem o mesmo theatro de gestação.

Tivemos a fortuna de ver adoptada pela mais memoravel, mais altiva e independente de quantas assembléas registra a nossa historia, a Constituição mais bella e homogenea de todas quantas commandam os destinos politicos do mundo,—mas infelizmente ainda não soubemos fazer dessa lei magna, sinão o valhacouto de tyrannias, o ventre de continuadas deliquescencias.

Fundámos nella a Republica em sua expressão mais elevada: com um chefe de Estado dotado de uma esphera ampla de poder, e pessoalmente responsavel por todos os seos actos; com um corpo legislativo incumbido de trazel-o attento ao sentimento dessa responsabilidade, de dirigir e promover com os seos mandamentos todos os altos interesses nacionaes; com uma judicatura federal, em cujos cimos instituimos um tribunal encarregado de ministrar as garantias supremas da justiça, e de corrigir, em certos casos, os excessos e as demasias dos outros poderes, quando attentatorios da ordem fundamental ou dos direitos individuaes; com Estados senhores dos seos destinos, para conduzil-os segundo os seus interesses e os seos recursos, e habilitados a se organisarem, sob o imperio de suas leis proprias, em toda a amplitude da vida politica, sem outra restricção alem do respeito aos principios organicos da Patria.

Entretanto, ninguem mais tem illusões sobre os resultados praticos da acção dynamica desses apparelhos. A solidez e o successo de tal organisação dependiam essencialmente do concurso livre e intelligente da nação na escolha dos seos orgãos, na mutua independencia e reciproca limitação destes entre si.

O legislador brasileiro, como o americano, foi tão cioso do principio electivo, que fel-o até funccionar, embora dynamisadamente, na composição do supremo orgão da magistratura, exigindo a collaboração do Senado na investidura dos seos membros.

Destruida aquella base, toda a construcção teria de ficar á mercê dos ventos da sorte, com a essencia profundamente sacrificada, guardando embora os rotulos sagrativos.

E' o que infelizmente tem acontecido.

Está na consciencia publica e ninguem mais tenta dissimulal-o, que as eleições no Brasil não passam hoje de uma pura convenção.

Os grandes avanços que haviamos feito, nos ultimos tempos do imperio, para dar á nação a posse effectiva dos seos destinos, concitando-a a intervir nos pleitos, e assegurando a seriedade delles, foram inteiramente perdidos.

Não sei mesmo a que epoca retrogradámos, da nossa historia, si é que jámais se deturpou entre nós um systema com tamanha impavidez.

Graças á cultura desta Capital, e dos outros grandes centros civilisados do paiz, como á fortuna de havermos tido, na alta direcção politica, homens geralmente ciosos de seos nomes, e desejosos de se recommendarem á estima publica, é que pudemos realisar grandes coisas, atravez do despotismo pratico que existe organisado.

E' esse mixto de forte intellectualidade, de nobres intuitos, de elevação pessoal, e de uma opinião publica nascente, que devemos a salvação dos nossos creditos de povo civilisado e as resistencias que ainda temos podido oppôr á completa desnaturação do regimen.

Mas, desgraçadamente, essas resistencias não dispõem por toda a parte dos mesmos elementos.

Para alem das culminancias onde ellas se exercem com exito, extende-se a vasta massa de nossa nacionalidade, minada por uma funda ignorancia, inexperta na defeza de suas garantias, disseminada pelos infindos sertões, sequestrada á influencia benefica da civilisação central; e é exactamente ahi que, sob a invocação sacrilega das regalias federativas, a tyrannia soube fazer socegadamente o seo ninho, de onde impera sem contraste.

Este é o pantano das actas falsas, fonte dos apoios incondicionaes e do servilismo abjecto, a porta infernal contra a qual se quebram, dia por dia, todas as virtudes do nosso caracter.

. . . .

Por ora limitar-me-ei a indicar a fraude eleitoral como o pollen dessa fecundação retrospectiva.

E' preciso distinguir nessas fraudes o que ellas têm de irritante, provocador, escandaloso e pugnaz, do que têm de consensual, costumeiro, bonacheirão e até patriarchal.

Esta ultima feição é a que vae viçosamente prevalecendo,

para a commodidade dos seos fabricantes, e desencargo de con sciencia dos enthusiastas, pouco exigentes da liberdade das urnas.

Com um jogo de livros baratos, um boião de tinta e umas duas pennas de aço, faz-se funccionar a soberania nacional em toda sua garbosidade, com o concurso subjectivo de vivos e mortos, presentes quantos bastem para figurar como delegados, tambem subjectivos, de uns e outros, na manipulação da escriptura em que a soberania faz as suas investiduras.

Os manipuladores mais escrupulosos, ainda se dão á canceira de fazer circular os livros para tornar menos duvidosa a collaboração, impondo, porem, aos recalcitrantes a pena de se fazerem representar á revelia, e mesmo a contragosto.»

Para pôr côbro a taes anomalias, propugna o senador Moniz Freire a reforma constitucional e a adopção do voto secreto por um systema seo, cujos detalhes desenvolve minuciosamente.

Bastarão, porem, esses dois remedios? Terão elles a precisa efficacia para debellar o mal ou males que se deseja corrigir?

Ainda aqui declaro-me em divergencia com as idéas do emerito publicista.

Supponhamos que a reforma constitucional alargue a esphera de acção politica do Governo da União, de fórma a refrear nos Estados as desenvolturas tyrannicas dos Governos regionaes, como em plano parallelo vae succedendo com a benefica dilatação da competencia da justiça federal em relação aos actos arbitrarios desses mesmos Governos; concedamos ainda que o voto secreto, garantidas as liberdades civicas por aquella chegue a exprimir o sonhado ideal da verdade da escolha eleitoral.

Ter-se-á regenerado politicamente a Nação?

A resposta não é difficil.

A Escola de Sciencia Social de Le Play, hoje sob a direcção na Europa de seos eminentes discipulos e con-

tinuadores, que são EDMOND DEMOLINS, ROUSIERS, POINSARD, TOURVILLE, para só citar os principaes e cujos ensinamentos foram entre nós vulgarisados, ha mais ou menos 15 annos, por Sylvio Roméro e Arthur Guimarães, dividindo as sociedades humanas em sociedades de *formação communaria* e sociedades de *formação particularista*, attribúe ás primeiras, segundo DEMOLINS, o pendor de solver as difficuldades da vida, arrimando-se na *collectividade*, seja *familia*, seja *Estado*, ao passo que as segundas alcançam o mesmo alvo, confiadas na iniciativa e nos estimulos individuaes e consequentemente não abdicam em relação ao todo a independencia de seos membros.

Esta divisão que tem por si a sancção da Historia e da Sociologia dos povos em todos os tempos e logares, fez lucida a prova de que nas sociedades communarias, as funcções basicas não offerecem garantias de estabilidade; em vez de equilibrio ha uma oscillação constante na representação de suas forças vivas e é dessa fluctuação que se aproveitam os Governos para a manipulação dos Congressos unanimes e do apoio incondicional, porque afinal são elles o supremo arbitro na composição das assembléas deliberantes.

Nas sociedades particularistas, ao contrario; como a representação social em vez de constituir um meio de vida, uma profissão, é apenas um *munus* imposto á cidadania, o representante social não é uma feitura dos Governos e sim um transmissor independente e consciencioso do sentir dos seus mandatarios, que dest'arte o forram de uma couraça contra os acessos do poder.

Daqui vem que emquanto nas formações communarias, os destinos de um paiz ficam á mercê das classes sociaes parasitarias, nas particularistas são guiados e regidos pelas classes productoras, pelas forças conservadoras da Nação.

Demolins, em seo lapidar livro — *A Quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons?* — demonstrou maravilhosamente por um quadro comparativo, que, ao passo que na Camara franceza, em uma representação de 551 membros, a maioria é fornecida pelas *profissões liberaes* e pelo *funccionalismo*, na Camara ingleza, em uma representação de 583 membros, a maioria emerge da agricultura, da industria e do commercio, restando ás *profissões liberaes*, ao *exercito* e ao *funccionalismo publico*, apenas 220 logares!

Em seo recente livro — *Estudos Sociaes* — publicado em collaboração com Sylvio Roméro, o illustrado publicista e financista Arthur Guimarães, fez certo por dados irrecusaveis, que a Camara brasileira, em uma representação de 212 membros, tinha a maioria nas *profissões liberaes*, como a franceza, não cabendo á agricultura, á industria e ao commercio, mais de 28 logares, apezar de nos terem conferido desde 1878 o *brevet* de *paiz essencialmente agricola!*

De quanto acabo de expender, verifica-se que nem a reforma da Constituição nem o novo apparelho eleitoral propostos, podem mudar a ordem de coisas existente, baseada na *politica alimentaria*, na politica do *ganha-pão*, como causticamente denomina o auctor das — *Provocações e Debates* — a politica brasileira.

Mas não é no pertinente á Politica, que um grupo ethnico caracteristicamente particularista, se differencia de outro nas mesmas condições communario: quanto á capacidade economica, financeira e administrativa, subsiste a superioridade do primeiro sobre o segundo.

Assim, os inglezes particularistas, fundaram e mantiveram por dilatado tempo colonias na America do Norte, na Africa, na Azia e na Oceania, que ainda hoje fazem honra á metropole, por suas riquezas, seo espirito de iniciativa, sua pujança agricola, commercial e indus-

trial, pelo desenvolvimento crescente de sua civilisação, pela estabilidade das instituições e leis que adoptaram.

Na Azia, pertence-lhes o maior imperio das Indias e é ahi que se nota o valor das energias moraes que servem de estructura ao caracter desse povo: o alludido imperio indiano cuja população é de tresentos milhões de subditos, tem a ordem assegurada por uma guarnição que não vae alem de 60:000 homens armados.

Os portuguezes e hespanhóes, communarios, não conseguiram manter seos dominios coloniaes nesses paizes por mais de duas ou tres centenas de annos e hoje constituem as duas nações mais pobres e mais fracas da Europa, de sorte que o lustre de suas glorias nas conquistas e navegações do seculo XVI, subito extinguio-se, em contraste com o dos hollandezes e inglezes, que, revigora-se nas paragens por onde quer que elles tenham penetrado.

Estes deram origem aos grandes fócos de população que se chamam a União norte-americana, o Canadá, a Australia, cuja actividade e expansão economo-politica, agricola e industrial, fazem o pasmo do mundo; aquelles deram origem aos povos irrequietos das costas do Pacifico e das margens do Prata, entregues ás preoccupações continuas do caudilhismo e das aventuras financeiras e ás gentes da costa do Atlantico do sul a que pertencemos, arruinadas pela politica dos esbanjamentos, dos emprestimos, dos excessos tributarios, dos delirios de grandezas, a braços com as mais graves crises, sem preparar-lhes a solução!

O confronto que ahi fica, mostra bem quanto dista a formação de uma sociedade particularista de outra de formação communaria.

É um absurdo suppôr que só o braço de ferro dos

Governos póde dar cabo das oligarchias, exterminar os governichos locaes e sanear o ambiente politico, como absurdo não menor é receitar medicamentos anodynos de reformas, a organismos que precisam de ser reconstruidos totalmente, desviando-os da direcção de uma formação nociva para outra de fecundos surtos [1].

Só uma bem cuidada educação nos moldes dos estabelecimentos que a *Escola de Sciencia Social* mantêm na Escocia e na França, poderá valorisar as energias de um povo communario, encaminhando-o pelas idéas e pelos costumes á formação opposta, de modo que a representação politica das diversas classes de actividades que o compõem, em vez de ser um passa-tempo dos governantes, seja antes de tudo a expressão consciente e reflectida de cada uma dellas.

Tempo é de fechar este capitulo sobre a individualidade de Moniz Freire.

As suas idéas philosophicas, em começo, obedeceram á doutrina do positivismo heterodoxo sob a direcção de Littré; mais tarde á orthodoxia de Comte, quer na philosophia quer na politica.

Por suas idéas e cultura, o Dr. Moniz Freire foi um factor de progresso intellectual e material do seo berço.

Em attenção aos serviços prestados ao Estado, tem o seo nome ligado a uma das ruas da capital e a uma das cidades do sul.

Foi seo biographo o Snr. Amancio Pereira, no livro muitas vezes por mim citado.

---

[1] Quando isto foi escripto, os movimentos anti-oligarchicos do Pará, Pernambuco e Alagôas, não tinham tido logar. São argumento favoravel á minha these.

TERCEIRA PARTE

Novos narradores e poetas

CAPITULO IV

—

Ultima manifestação do romantismo: a lenda. Naturalismo e materialismo na poesia. A poesia religiosa e o satanismo. A sermonatica e o theatro. Novellistica: os contos e as narrativas.

É uma phase differente que atravessa a litteratura espirito-santense em seo desenvolvimento consciente, a em que sob o influxo do materialismo e do naturalismo, parece revelar alguma coisa de homogeneo e estavel.

Não quero com isto dizer que as duas escolas tenham tido a mirifica propriedade de dar formulas definitivas á expressão do pensamento; apenas quero significar que os espiritos disciplinados pelos referidos systemas, mostram-se mais coherentes e mais autonomos.

Quanto á fixação definitiva e ultima da formula imposta ao pensamento, supponho que é temeridade desejal-a e impossivel realisal-a.

A successão dos systemas e methodos, os renovamentos das escolas feitos em cada seculo, bem demonstram que no mundo physico como no intellectual, a idéa de lucta continua e constante, trabalhará o homem emquanto viver e o planeta que lhe serve de abrigo, emquanto perdurar o equilibrio que o mantêm em accordo com os outros corpos.

Succedendo ao romantismo, o naturalismo não póde ser tambem a expressão ultima do pensamento litterario; mas uma interpretação mais approximada da verdade, uma feição mais adequada da arte, um novo aspecto do evoluir incessante.

Estude-se a materia na sua plasticidade ou na força resultante de suas leis, a solução será sempre a mesma; não ha motivo, pois, para darmos ás creações humanas valor differente.

Hoje, sabemos como verdades adquiridas para a sciencia, que a «somma de materia que occupa o espaço infinito, é constante» e que a «somma de força que opera no espaço infinito e produz todos os phenomenos tambem o é», principios fundamentaes de cosmologia que o genio de HAECKEL resumio na *lei de substancia;* acceita por necessidade logica a hypothese de que «o *movimento* é uma propriedade da substancia tão immanente e *original* como a *sensação*», parece que em these, tudo quanto existe, producto da natureza ou do homem, deve gyrar entre os pólos do *movimento* e do *sentimento*, ainda quando se trate de phenomenos de caracter casual ou de phenomenos sem alvo, como bem adverte o auctor das *Questões Vigentes*.

Consequentemente, convem não exaggerar o valor das escolas nem dar ás suas formulas a fixidez que a muitos se antolha indispensavel; fazel-o, importaria reconhecer que a lei da evolução póde soffrer excepções arbitrarias.

Mister é que retome o fio das idéas interrompido por essa curta digressão.

Na phase ora estudada, o naturalismo iusurgindo-se contra os dois anteriores methodos já examinados, adstringe-se á interpretação do homem pela natureza, no que ella tem de mais geral e mais sensivel; essa corrente avolumou-se em grandeza e resultados, quando sob o influxo do criticismo de um SAINTE-BEUVE, de um RENAN, de um SCHERER, de um NOIRÉ, teve predominio na litteratura e na sciencia em geral; não assim quando desvirtuou-se no realismo crú ou degenerou nas convenções mais ou menos ridiculas do satanismo, do symbolismo e de outras equivalentes colorações.

Nota-se tambem o despontar da poesia religiosa, como um novo veio a sondar entre nós, não obstante desde STRAUSS e CONRAD terem sido seos segredos conhecidos na Europa e ahi estudada com brilho por pensadores da ordem de RENAN e ADOLPHO JELLINEK, o que bem mostra quão retardados andamos em tudo que se refere á dilatação da cultura!

O pensamento na phase ora compulsada parece mais alentado.

A scena theatral, os contos e as narrativas, absorvem a actividade de novos cultores, que, si não exhibem amplos dotes de intelligencia e perspicacia, poderão tornar-se promissôras de melhores e maiores commettimentos.

A ultima manifestação do romantismo encerra-se na lenda romanesca do *Judeo pescador*.

Como os antepassados de todos os povos, os nossos não deixaram sem consumo esse genero de litteratura.

Applicando-lhes um conceito feliz de LANSON, delles posso tambem dizer, que, «verdadeiras creanças que

nada sabiam e em nada pensavam, tinham a maior predilecção por quem quer que lhes contasse historias maravilhosas».

O *Judeo pescador* é uma dessas lendas do cyclo da antiguidade espirito-santense (quasi inteiramente desconhecido no Brasil), que só muito tarde circularam na imprensa.

Já uma vez desenvolvi em demorado estudo a critica d'esta lenda, limitando-me por agora a reproduzir as observações então feitas, á mingua de melhores esclarecimentos:

A LENDA DE BRAZ GOMES

O JUDEO PESCADOR

«Sob o modesto titulo — *Um Facto da Inquisição no Brasil e Heroismo de uma Capixaba* (tradição popular da provincia do Espirito Santo) editaram em 1876, os livreiros Eduardo e H. Laemmert, do Rio de Janeiro, um opusculo de 31 paginas, de auctor ignorado, dando conta de um episodio do seculo XVII, succedido na Capitania do Espirito Santo, acontecimento cuja authenticidade historica não é facil de verificar.

Foi o caso da prisão e confisco dos bens de um certo Braz Gomes, pescador, natural, segundo uns do Algarve, segundo outros de S. Paulo e ainda segundo uma terceira versão — do Espirito Santo — residente nesta Capitania, havia longos annos, que em 1670 fôra deportado para Lisboa, por ordem da Inquisição, por suspeito de heresia.

O Santo Officio avocou-o á sua jurisdicção penal, pelo facto de conservar o accusado, conforme denuncia que lhe foi presente, um crucifixo encerrado em uma caixa de madeira, da qual fazia tamborete para assentar-se.

O auctor do opusculo supra alludido, adita que esse fôra simplesmente o pretexto; mas a causa real da perseguição movida contra o *impio*, provinha da inveja que excitara sua relativa abastança.

Braz Gomes havia edificado tres casas de pedra e cal, de certa elegancia, na outr'ora rua da Praia, na Villa da Victoria, quando ou-

tros individuos mais abonados, apenas possuiam palhoças cobertas de sapê.

Além disso, a vida do mar dera-lhe conhecimento dos melhores pontos de pesca na costa da Capitania, succedendo que de onde outros pescadores nada recolhiam, elle fazia tão farta provisão de peixe, que chegava para o consumo da Villa.

Ora, esta singularidade ou capricho da sorte, que favorecia o hereje em detrimento de outros companheiros, *officiaes do mesmo officio,* mas que estavam em *cheiro de santidade,* devia forçosamente ter uma causa e o vulgo, que quando a não encontra consubstanciada em alguma verdade demonstrada, sabe derival-a da fé e dos mysterios, para logo pôz-se a clamar que o judeo tinha feito pacto secreto com o diabo; veio d'ahi a denuncia que teve o Santo Officio, encadeando-se, como consequencia dessa preliminar deligencia, a devassa aberta pelo tribunal de consciencia, que ultimou pela condemnação á fogueira, do hereje e de seus filhos, Cecilia, de 17 annos e José, de 16.

Duas outras filhas do condemnado, foram transportadas em canoa por um escravo morphetico para o continente fronteiro á Victoria, (Pedra d'Agua) e tiveram de palmilhar o littoral do sul da Capitania occupado pelos indigenas, por entre mil privações, pois ninguem os agasalhava para evitar as iras da Inquisição, até que alcançaram a Villa de Campos dos Goytacazes.

Das duas excommungadas nunca mais houve noticia, ignorando-se qual foi o seu ultimo paradeiro; quanto aos tres primeiros, refere o opusculo, que enviados para Lisboa, ao alcançar o veleiro que os conduzia, a altura das costas da Hespanha, um tufão de noroeste atirou-o á Gibraltar, onde foi abordado por um chavéco tunisino que o rebocou a Marrocos.

Ahi Cecilia é vendida a uns eunucos que a encaminham ao harem do Soberano.

Braz e José, não tendo achado logo senhor, são com os demais captivos da equipagem aprisionados, conduzidos á feira.

O Sultão marroquino recebeu a escrava que lhe trouxeram com visivel agrado, pois Cecilia era uma creança formosa, e sómente em obediencia á lei do Propheta, que lhe vedava o emprego da violencia para obter a affeição da christã, não fêl-a desde logo uma de suas odaliscas.

Por seu turno Cecilia, sem de modo algum render-se aos galanteios do Senhor, resistindo sempre aos seus lascivos intentos, conseguiu obter por intermedio e mercê da sultana, a collocação

de seu pae (Braz) como jardineiro do Palacio, cuidando alcançar identico favor para o irmão

As tentativas do Sultão para ganhar o coração da serva redobraram de vehemencia; Cecilia, porém, defendia-se com o escudo da sua fé, embora reconhecesse que manter o seu proposito até o fim, era incorrer no desagrado do regio amo e angustiar a vida já tão cortada de amarguras do pae e do irmão.

E não enganou-se.

Desilludido o Sultão de fazel-a sua, ordenou que a vendessem.

Passa então Cecilia ao captiveiro do Estribeiro Mór de Palacio, o moço arabe *Majedib*, que apenas contava de idade 22 annos.

Sob o novo captiveiro, aggravado pela paixão subita que sua belleza provocára, Cecilia é quotidianamente solicitada por *Majedib* a abjurar para com elle casar-se.

A christã chega a amal-o e não faz duvida em dar-lhe a mão, contanto que o moço arabe se converta ao christianismo.

Essa contra-proposta da escrava,, pôz em sitio o coração do mancebo enamorado e um acaso feliz assegurou-lhe o exito da capitulação.

Majedib adoece e a febre que o devora resiste ás energias da medicina que afinal abandona o enfermo.

Cecilia, vendo-o perdido e desenganado, lança-lhe umas gottas d'agua fria sobre o rosto desfallecido e eis que pouco a pouco reanima o arabe e o restitue com o favor de suas preces á vida.

Preso agora pelo amor e pela gratidão, *Majedib* entrega-se rendido á discreção da moça escrava; esta, que soubera do fallecimento do velho jardineiro, pede-lhe a graça de acolher José (o irmão) que servia o mesmo mister, occultando, porém, ao Senhor, o vinculo do parentesco que a ligava áquelle.

José, como é de prever, foi admittido no jardim do Estribeiro Mór; mas num dia em que este ao som da guitarra recitava uns versos na alameda sombria do seo parque, lobrigou por entre a folhagem Cecilia em intimo colloquio com o novo servo.

Afflue indomito o ciume ao coração do arabe, que se persuade de ter no jardineiro um rival temeroso.

Cecilia chamada a explicações, allega perante *Majedib* ter nascido em terras do Brasil, na Capitania do Espirito Santo, assim como os seos irmãos; relata-lhe os factos que deram logar á perseguição dos seos e por ultimo fala do seu parentesco com o suspeitado jardineiro

Mas, *Majedib* não cede ás razões que lhe são expostas; era do

seu temperamento ardente recalcar os impulsos generosos e cumprir os deveres que lhe impunham o Alkorão

Foi o que fez, ordenando a José que, sob pena de perder a vida, obtivesse da irmã a renuncia das crenças dos seos antepassados pelas do Islam.

Cecilia, entretanto, não se rende e, ao contrario, exprobra ao irmão não a secundar no empenho de converter á fé christã o moço Estribeiro Mór.

Coincidio com esta scena de mutuas recriminações no solar de *Majedib*, a ameaça feita pela Hespanha de se apoderar de Tanger, e, o soberano de Marrocos envia *Majedib* ao Egypto para fazer provisão de tropas e cavallos.

O delegado do Sultão, aproveitando-se da occasião, separa o jardineiro da irmã, na supposição de vencer-lhe a resistencia durante a viagem, pois levando-a para o Egypto lhe scientificaria a resolução tomada de vencel-a no Cairo, se ainda persistisse em não renegar a fé baptismal.

Embarcados em um navio mourisco, ao quarto dia de navegação, desencadêa-se do Atlas uma tempestade que arrojou a embarcação para as costas da França e dahi entregue á mercê dos ventos, vae naufragar em uma ilha italiana.

Cecilia, na conjunctura em que se vê, salva-se á nado e comsigo leva *Majedib*, a quem poupa da morte quando debatia-se nas ondas prestes a submergir-se; ainda por elle fica em refens até chegarem de Marrocos escravos christãos e dinheiro para o resgate do arabe e consegue que as auctoridades italianas o tratem com a maior benevolencia.

Majedib, afinal, vencido por tão reiteradas provas de amor, abnegação e valor, faz-se christão e casa-se com Cecilia, celebrando o consorcio o arcebispo de Sassaro e sendo paranymphos os Duques de Asinara.

José regressou á companhia do novo casal e desde então começa para todos elles a quadra de suprema felicidade.

Eis o desfecho que nos dá o opusculo referido em começo, ácerca da familia Braz Gomes, escripto que não deixa de ser attrahente.

Ha entretanto aqui logar para uma pergunta e vem a ser:

Esta lenda conservada pela tradição popular, é a reconstrucção de um facto verdadeiro?

No caso affirmativo, até onde vae a veracidade e onde começa o maravilhoso?

Os depoimentos dos chronistas á respeito não são contestes.

Houve sem duvida com o mesmo nome, uma victima da Inquisição que foi condemnada á fogueira; Braz Gomes existio; ninguem sabe ao certo a época em que viveu, sua naturalidade, tão pouco si teve descendencia e si esta peregrinou de Marrocos á costa italiana.

Está, porém, averiguado que viveo na Capitania do Espirito Santo e que o seo martyrio proveio da suspeita de heresia, conforme asseveram os narradores, neste ponto perfeitamente accordes.

Em um dos chronistas que escreveo em 1879, lê-se:

—Em fins d'este seculo (1799), consta ter desapparecido da sachristia da Egreja Matriz um quadro, que pela Inquisição fôra enviado de Portugal para esta Capitania e no qual se achava pintado o *auto de fé* de Braz Gomes, que em 1720 embarcara para ahi, a responder perante o Tribunal do Santo Officio pelas heresias de que era accusado por alguns inimigos seos e pelos padres da Companhia de Jesus; para que melhor se conheça este facto, o vamos narrar:

Braz Gomes tinha sido um pescador um pouco abastado, tendo ganho alguns haveres por ser muito feliz em suas pescarias.

Tendo vindo de Portugal com duas irmãs, se estabeleceo na então Villa da Victoria, e trabalhador e afortunado, pudera juntar algum peculio, construindo duas casas de telha no logar chamado então—*Pedra*—e onde os pescadores vendiam os seus effeitos.

Uma dessas casas ainda hoje existe e é onde está a officina e fôrno de fazer pão, pertencente ao snr. Manoel Gomes das Neves Pereira, e a outra onde está hoje construido um sobrado de moradia do mesmo, tendo ainda uma outra casa no logar chamado—Buraco—perto e ao lado de cima, na qual eram recolhidas suas canoas e apetrechos de pescaria.

Suas duas irmãs moravam em uma pequena casa de sobrado, ainda hoje existente e em frente á porta principal da Egreja Matriz, sendo todas muito devotas e havendo em a casa das ditas suas irmãs um oratorio com grandes imagens de S. Thiago e Santa Martha.

Ali, em todos os sabbados vinha Braz Gomes com seos filhos resar a ladainha.

Braz Gomes tinha muitos inimigos do seo officio, unicamente por possuir duas casas feitas de pedra e cal quando outros as tinham cobertas de palha e por ser muito feliz na pesca e, emquanto ou-

tros pescadores voltavam do mar sem ter pescado, elle sempre trazia á *Pedra*, grande porção de peixe que expunha á venda.

Tambem os padres jesuitas estavam com elle divergidos em consequencia de se haver negado a certas exigencias ou pretenções, dando tudo isso causa a que na primeira occasião que se apresentou, elles a aproveitassem para se vingarem delle, como com effeito succedeu.

Tinha Braz Gomes mandado vir da Bahia uma grande imagem do Crucificado, e, como não tivesse onde collocal-a ou quizesse primeiro preparar-lhe logar apropriado, a tinha dentro de uma grande caixa em sua propria casa; e isso foi bastante para que seos inimigos o accusassem de ser hereje, de ter alliança com o diabo, de fazer sortilegios que lhe davam felicidade na pesca e mais do que tudo, por sentar-se em cima da caixa em que estava a imagem do Senhor.

Accusado, foi immediatamente preso afim de ser remettido para Lisbôa ao tribunal do Santo Officio e logo confiscados os seos bens.

Suas irmãs temerosas sahiram á rua a proclamar em altos gritos serem innocentes, o que de nada lhes serviu, obtendo por muito favor que fossem postas do outro lado da Villa, no logar chamado — Pedra d'Agua — com mais dois filhos do mesmo Braz Gomes, seguindo todos d'ali, á pé, para Campos, pois com medo da Inquisição ninguem lhes queria dar agasalho, não havendo delles mais noticias.

Diversas versões no emtanto existem desse facto: uma é que Braz Gomes fôra enviado com dois filhos para Lisboa, mas que fugira do carcere; outra, que fôra feito prisioneiro dos piratas; outra ainda, que fôra queimado; mas a verdade é que veio de Lisbôa o dito quadro demonstrando o seo supplicio, o qual existio por muitos annos na sachristia da Egreja Matriz e já bastante usado, desapparecendo afinal, mas consta-nos que se acha na Matriz de N. S. do Desterro, em a provincia de Santa Catharina.

A imagem do Senhor Crucificado é a que existe na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia e que serve em occasião da Via-Sacra». (1)

Onde porém, constituiu familia? E' de crer que na Capitania do Espirito Santo, porque ahi permanecera por dilatado tempo; porque ahi tivera a séde dos seos negocios; porque ahi exercera a

(1) *B. C. Dœmon, Historia da Provincia do Espirito Santo*, 201 — 203.

sua profissão e angariara bens de fortuna natural. E' pois, que, nesse logar fizesse relações e tambem tivesse seos affectos.

Quanto aos chronistas, aliás minuciosos em detalhes dispensaveis si não de todo inuteis, essa pesquiza não interessou nem impressionou; parece-me que não será ocioso repetir que a consigno como uma illação logica dos factos, embora sem documento ou argumento irrefragavel que a apoie.

Na *Revista* do Instituto Historico e Geographico, do Rio de Janeiro, volume VII, paginas 60 e 62, lê-se que no *auto de fé* de 18 de outubro de 1726 e sob epigraphe — «Pessoa defuncta nos carceres, relaxada em estatua» — figura sob o numero 14 o dito Braz, com a seguinte nota:

Braz Gomes de Siqueira, parte de christão novo mercador, natural da Villa de Santos e morador na Capitania do Espirito Santo, Bispado do Rio de Janeiro: convicto, negativo e pertinaz.

Segundo o auctor do opusculo, Braz Gomes foi remettido para Lisbôa em 1670, naufragando em Gibraltar, de onde foi ter a Marrocos; conforme opina o auctor da *Historia da Provincia do Espirito Santo,* o hereje teve a morte na fogueira em 1720 e em abono do seu asserto invoca o quadro que lhe perpetuava o duro transe; de accordo com o *auto de fé* registrado na *Revista* do Instituto Historico e Geographico, Braz se finára no carcere da Inquisição, em 13 de outubro de 1729.

Acceita a primeira versão, é crivel que da prisão á execução do *christão novo* decorressem 50 annos?

Prevalecendo a segunda, como explicar a differença de datas?

Do que hei exposto, parece que o Braz Gomes, supposto algarvio, é o mesmo Braz Gomes de Siqueira, natural de Santos, portanto paulista, mencionado no *auto de fé,* do Instituto Historico.

A approximação das datas e a semelhança sinão identidade do nome; a natureza do crime, os antecedentes da vida do *impio* e as demais circumstancias que lhes são concomitantes, auctorisam a conclusão a que cheguei.

Como quer que seja, o que é certo é que Braz Gomes habitou a Capitania do Espirito Santo e ahi esteve sob a alçada do Santo Officio, proceda ou não o motivo declarado pelos chronistas; que, porém, tivesse vivido em Marrocos graças a um providencial naufragio que o livrou da fogueira inquisitorial e mais ainda, com dois filhos, exposto aos revézes da boa e má fortuna, caso é a que se

não póde dar maior credito, attenta a falta de indicações de fontes insuspeitas ou de provas irrecusaveis.

De resto, convém accrescentar que ainda hoje é conservada no Estado do Espirito Santo, a tradição sobre a victima do Santo Officio, referindo-m'a em 1906, um dos velhos habitantes da Victoria, o conhecido espirito-santense coronel Francisco da Rocha Tagarro».

Virgilio Vidigal (1866-1907)

Nasceo no Cachoeiro de Itapemirim, provincia do Espirito Santo, a 4 de setembro de 1866.

Dos seos livros de versos publicados, o primeiro foi o dos— *Cantos e Prantos*, impresso na Victoria em 1886 e o segundo o das—*Irideas*—em 1891.

No Rio de Janeiro collaborou em diversas revistas litterarias, de 1900 a 1904, periodo em que produzio os seos melhores trabalhos avulsos e em que mais se accentuaram as suas qualidades de artista do verso.

Os livros de V. Vidigal foram por mim apreciados na imprensa provinciana e escusado é dizer que mantenho o juiso externado ácerca de seos meritos e defeitos.

Em 1886, data do apparecimento dos *Cantos*, escrevi na—*A Provincia do Espirito Santo* as linhas a seguir:

«Desta capital recebemos, por extrema gentileza do

seo auctor — *Cantos e Prantos* — versos publicados em brochura editada pelas officinas deste jornal.

Não pretendemos fazer do livro do Snr. V. Vidigal uma critica severa, mas simplesmente tomal-o para assumpto de uma nota bibliographica.

Servirá esta observação preliminar para assegurar, que não temos ante os olhos um livro de arte, capaz de ser estudado á luz demorada da analyse.

A brochura de estréa do Snr. Vidigal, é demasiado franzina para ser apurada em tão rigoroso cadinho; nestas condições, examinal-a-emos pela rama.

Em todo o livro ha duas poesias escriptas com arte: a *Ave-Maria* e a necrologia dedicada ao cantor das *Fugitivas*, inserta á pagina 23 dos *Cantos*.

A *Ave-Maria*, tem muita expressão e sentimento e a outra alem da correcção, revela habilidade no tracto do verso solto rimado.

São dois quadros que, parece-nos, valem por toda a brochura.

As poesias restantes, achamol-as incorrectas, sem sentimento e mais ainda — defeituosissimas na forma.

Na poesia a forma é tudo e com inteira procedencia observou um critico nacional, que, o predominio da forma é tão decisivo que, por mais brilhante que possa ser a concepção, o defeito da forma basta para desnatural-a, por uma acção reflexa egual á da moldura inadequada ao painél».

Em 1891, quando o mesmo poeta publicou o volume das *Irideas*, escrevi no alludido jornal:

«De Virgilio Vidigal, já conhecido no nosso meio litterario pelo volume dos *Cantos e Prantos*, acabamos de receber outra producção sob o titulo — *Irideas*.

A impressão que tivemos da leitura dos seos segun-

dos e mais meditados versos, quanto á forma e quanto ao fundo, é favoravel ao auctor, queremos dizer—o trabalho que analysamos recommenda-o, por traços que, é de prever, concorrerão mais tarde para lhe assegurar destaque na liça das musas.

Entre os nossos conterraneos, já ia desapparecendo aos poucos o renome que os velhos trovadores patrios nos transmittiram e de que é uma bella tradição o padre Antunes de Sequeira; seja bemvindo o livro de Virgilio Vidigal como um protesto contra a indifferença da geração actual.

Applausos receba, pois, o auctor de um livro como o das *Irideas*, que revela o despontar de mais um estro capaz de vestir a clamyde inconsutil da poesia.

No novo livro de V. Vidigal, ha ainda defeitos que cumpre corrigir em as ulteriores edições; entre elles avulta o da trivialidade de assumptos, como acontece com os da ultima parte, que designaremos por epigrammaticos, parecendo-nos descabida a denominação—*Lyrios Cardinos*—que lhes deo o poeta.

Lyrios Cardinos, porque?

Que affinidade artistica ou scientifica póde ter o emblema da candura com a urze inexpressiva e esteril?

Floresce o cardo, sem duvida; mas de que valem flôres sem significação alguma?

Si possuirem a ponta acerada da cactacea que a produz, valem menos do que flôres; si a não tiverem, valem menos do que o tronco agreste de que brotam.

Porque, pois, *Lyrios Cardinos?*

Mas, reatemos.

As poesias—*Ciumes*, *Isso*..., *Será*, são concepções falhas de vigor e riqueza no dizer; comparadas com as outras do livro, não parecem ter sahido do mesmo engenho.

Outras ha, porem—e são em maior numero—que

merecem ser lidas, como a dedicada á memoria de FAGUNDES VARELLA.

Na poesia — *A Deusa da Verdade* — ha estrophes felizes e ella toda é uma apostophe original.

Começa assim:

«Fatigado sentio-se em certa occasião
O tinteiro, por ver que em golpes reiterados,
A penna o esvasiava e um tanto exasperado
Assim recriminou: — Não sei porque razão.

Inclemente e sem dó me maltratas assim,
Quando p'ra nada, vês, tu servirás sem mim.
Sorrio-se então a penna e erguendo-se orgulhosa
Bem cheia de desdem, replicou-lhe vaidosa:
— Que has de valer tu, de que has de valer
O miseravel negro, ó filho da Ethiopia?
Tu condemnado estás a não dar luz e a ser
Derramador da treva. A tua immensa inopia
Symbolisa a ignorancia, o obscurantismo emfim».
. . . .

Esta poesia é demasiado extensa para ser aqui transcripta; para documentação do nosso juizo, basta o extracto feito.

Felicitando o auctor das *Irideas*, fazemos votos para que o seo livro vença o tedio do nosso publico, em geral, muito pouco educado para o que diz respeito ás lettras».

O que ficou escripto podia dispensar-me de melhores argumentos para affirmar que V. Vidigal é, dos poetas da actual geração de sua terra, um dos de maior realce; mas este estudo não é um trabalho de indole apologetica, nem se limita a fazer conhecida a feição do seo poetar, sinão tambem o seo viver, o mundo de suas

illusões e descrenças, os páramos por onde vagueia, ora alegre e confiante, ora triste e reservado.

Virgilio Vidigal, irmão do conceituado clinico Dr. Ernesto Vidigal, em tenra idade, localisando-se com seos paes na capital da provincia, cedo iniciou-se na aprendizagem do ensino primario, cursando em seguida o secundario do Atheneo Provincial.

Affeiçoado por temperamento ás musas e compenetrado dos sacrificios que os seos faziam para conserval-o naquelle instituto, abandonou em meio o curso, casando-se tempos depois, com uma filha de outro poeta—o padre Antunes de Sequeira.

Com o novo estado cresceram as difficuldades que o acompanhavam de longa data.

Em 1891, quando contava 21 annos de idade, já era pae de umas creanças, que, si constituiam o encanto do seo pobre lar, forçavam-n'o a luctar pela vida em uma terra pauperrima, como era Villa-Velha.

Attonito entre o ideal e a realidade, o poeta descreve com felicidade as apuradas conjuncturas em que o collocaram o temperamento e o coração, no soneto sob o titulo—*Realismo*—cuja leitura vale uma psychologia:

«É ridiculo, não é? viver rimando,
Quem não tem cobre e sim mulher e filhos?
Quem pretende escrever uns dois idyllios
E vê que a véla vae já se acabando?

Muitas vezes me ponho figurando,
Que sou rico e sou livre d'empecilhos;
Imagino um namôro—e os bellos cilios
Da minha loira amante canto, quando

Diz-me a filha: *Papae eu quelo pão!*
Accrescenta a mulher: — *Deixe o versinho*
Falta carne, farinha, alho e feijão.

E eis que ia dizendo: — é como arminho
O teo rosto, divina... Em confusão,
Conclúo: *Arroz, manteiga, alho e toucinho*».

O que se acaba de lêr é uma scena tão naturalmente verdadeira, tão possivel de realisar-se na vida intima de um artista, que, parece-me, seria mister falsificar a natureza humana para acoimal-a de improvavel.

Quanto á impressão de movimento ao quadro, o poeta deo-a, como si o fizera um pincél amestrado na arte de fixar tonalidades a idéas que se chocam e se crusam em oppostas direcções.

É que em V. Vidigal o poeta e o artista completam-se ou melhor — humanisam-se; dahi o idealismo de suas creações e o naturalismo de seos quadros.

Em seguida ao casamento, o poeta foi professor primario, solicitador e industrial até 1895 no Estado, percorrendo depois desta data alguns outros do norte do paiz, sempre desprotegido, acompanhado de insuccesso sempre, naturalmente porque o seo temperamento maior relevo dava á incompatibilidade das funcções accumuladas.

Possivel é que desconhecesse, (e em verdade desconhecia) o segredo de conciliar tão desvairados misteres e tornar-lhes congruente o simultaneo exercicio, segredo que a não poucos tem proporcionado commodida-

des e vantagens; o que é certo é que nelle tudo desappareceo, para subsistir sómente o bohemio, a musa a si propria abandonada.

Em 1900, passando a residir no Rio de Janeiro, preoccupou-se muito com o theatro, frequentando entre outras casas do genero, o *Gremio João Caetano*, de Nictheroy.

Pertence a essa phase o improviso que recitou em homenagem a distincta amadôra do mesmo theatro, na noite de sua festa artistica.

Não é uma obra de arte retocada na calma do gabinete, depurada de imperfeições que só o estudo ensina a escoimar; é um brado momentaneo que lhe irrompe do coração e o poeta expressa-o como lh'o dicta a inspiração:

«Vós, Senhora, que entrastes no proscenio
Como si artista fosseis, consummada;
Vós que plainaes onde plaina o genio,
Vós que fostes de palmas corôada;

Permitti que vos renda esta homenagem
A tantos, bellos dotes naturaes,
Talvez o mais humilde dos mortaes,
Mas que vos rende fida vassalagem.

Suba o condôr aos páramos azúes,
Dê-lhe a brisa o perfume de mil flores;
Tenha a donzella candidos amôres,
Expanda o genio em toda parte luz;

Seja a mulher o astro fulgurante,
Seja a artista, deusa idolatrada,
Que do vosso talento rutilante,
Minha musa será illuminada.

Sois grande e muito grande. Eu sou pequeno
Para julgar os dótes d'uma artista;
Mas, haverá acaso, quem resista
Á voz do coração? É sempre ameno
Ao pequenino procurar os grandes;
O cégo só quer luz... a nevoa, os Andes.»

Em Virgilio Vidigal a riqueza da imaginativa ostenta-se em quadros multicôres; o pensamento acode-lhe em ondulações ora serenas, ora marulhosas, como os sons de uma orchestra, ora cadenciados, ora crescentes.

É da primeira especie o soneto traduzido do hespanhol e accommodado pelo poeta ao vernaculo; é uma mimosa inspiração a que CAMPOAMOR deo o baptismo de

BUSTO DE GELO

«De amôr tentado um penitente, um dia,
Com gelo um busto de mulher formava,
E o busto ao corpo com fervor juntava,
Dando-lhe o fogo que em seu peito ardia.

E quanto mais com o busto o corpo unia,
Mais o gelo com o fogo misturava;
Daquelle pobre o coração gelava
E o busto da mulher se derretia.

Assim és tu, amor! Eu te renego!
Sempre se une o inverno ao quente estio
E si um ama sem fé, quer outro cégo!

Assim és tu, meo coração doentio,
Que unindo o fogo ao gelo a que me entrego,
Por matar de calor, morres de frio!»

É da segunda especie, o que se vae lêr, assim como que uma cavatina entoada após a surdina precedentemente ouvida:

SONHA, QUE EU SONHO...

«Pouco importa saber que murmurando
Vivem de nós creaturas invejosas;
Si n'um mundo de luz pisando em rosas,
Nós nos vamos de ha muito acastellando.

Quanta ventura a nossa! Quão ditosas
São nossas almas! Vamos, pois, gosando
A nosso modo, as horas deliciosas,
Que o nosso amor nos vae proporcionando.

Sonha, que eu sonho! Sonha, e assim sonhando
Canta, que eu canto! Canta, e assim cantando
Passaremos da vida á eternidade.

E as nossas almas juntas, radiosas,
Como duas scentelhas luminosas,
Voarão para o azul da imensidade.»

O poeta não raro enflóra o verso em tão delicada e expressiva fórma, que não se lê—experimenta-se a mesma emoção que o inspirou.

Sirva de exemplo o soneto

CHORAVAS?

«Sim, choravas! No teo mimoso rôsto,
Vi o signal da lagrima vertida,
E em teo olhar, a sombra de um desgosto
Ou de uma dôr no intimo contida.

Ai! quem me dera a perola cahida
Desses teos olhos languidos? que gôsto
Eu não teria—o unico da vida—
Si nos meos labios a tivesses pôsto?

Pois, si é bastante a lagrima do orvalho,
P'ra que rebente em flôr annoso galho
Murcho e pendido ao rispido calor;

Uma gotta, sómente, do teo pranto,
Tanto poder teria em mim, mas tanto,
Que nunca mais tu chorarias, flôr!

E ainda:

TRESE DE MAIO

(A dona Carmen Souto Maior).

«Si pudesse roubar, eu roubaria
Da *Via lactea* as placidas, brilhantes
Estrellas, pequeninas;
E fazendo um collar só de diamantes
E raras pedras finas,
Teo cóllo alabastrino
Com elle cingiria.

Si pudesse do céo roubar os hymnos
Harmoniosos, suaves,
Entoados por anjos peregrinos,
E fazel-os cantar por bellas aves,
No dia dos teos annos;
Si pudesse roubar... o mais ditoso
Me julgaria assim d'entre os humanos.

Fôsse eu um Josué audacioso
Pudesse descobrir os seos arcanos,
Que imitando esse santo portentoso,
Quando pôz o astro rei sem movimento,
Faria num momento
Em sua rotação parar a Terra,
E prolongando o dia venturoso
Do teu anniversario;
Viveria num mundo imaginario
Onde a Graça reside e em ti se encerra.»

Mas, a musa bohemia do vate espirito-santense, não fica por ahi estacionaria, adejando sómente nas direcções apontadas; ao contrario, dos seos contemporaneos, a a quem a exterioridade das palavras chega a comprimir as expansões da alma, elle imprime á lyra accentos que são primores de naturalidade, ainda quando descreve contrastes.

Na phase em que o estudo, isto é, no periodo em que os seos trabalhos avulsos tiveram publicidade em jornaes e revistas (1899-1905), os versos de V. Vidigal, eminentemente lyricos, resentem-se de tal ou qual mysticismo que não attinge á nostalgia, mas amenisa o colorido dos painéis, conciliando a impressão pessoal do artista, com a verdade da natureza.

Suas ultimas composições de caracter religioso, foram: *Nascimento de Jesus* e *Resurreição de Lazaro*, dois formosos trabalhos que valem mais que uma promessa, porque revelam uma aptidão talhada para esse genero artistico, tão notavel quão difficil de ser manejado.

A primeira poesia é extensa para ser transplantada para estas paginas; bastará a leitura do excerpto a seguir, para se avaliar a perfeição do quadro que o artista esboçou em versos alexandrinos:

JESUS DE NAZARETH

NATALICIO

I

«Vão-se cumprir, emfim, as grandes prophecias.
A Estrella de Jacob, a Estrella do Messias,
Em Bethlem de Judá brilhante despontou
No firmamento azul. Pelo espaço soou
Uma voz que espancando o silencio da noite,
Fez-se ouvir claramente ao farfalhar do açoite
Da brisa — e que echoou nos valles e na serra:
Gloria a Deos lá no céo! Paz aos homens na Terra!
De Jano se fechou do templo a bronzea porta
Enferrujou-se a lança, a espada já não córta.
Desde os confins do mar ao fim da Mauritania
Desde a margem do Euphrates, á bella Lusitania,
Triumphantemente, em paz, tremulam pavilhões
Com a insignia de Roma — rainha das Nações.
E como a verde palma, após a tempestade
Molhada se levanta e bebe a claridade
Do sól, que pelo azul olympico apparece
E gloriosamente, illuminando aquece;
Assim se levantou depois da guerra, exangue,
Um povo que tombou com as mãos tintas de sangue.
Quem fôra noutro tempo o soldado homicida,
Agora acha na lavra o balsamo da vida.
Bellicósos corséis as charruas puxando,
Fazem o trigo florir — e a Patria prosperando
Em riquezas, deslumbra. É tanto e tanto o ouro,
Que mal podem contel-o as arcas do Thesouro.
Não se fala em traição, não se fala em punhal,
E um Romano qualquer dispõe de um lyrial.
O Cezar não mantendo intrigas no seo sólio,
A Musa foi pairar, emfim, no Capitolio.
Ovidio fez soar a sonorosa lyra;
Cornelio uma epopéa ao lado seo desfira,

E o mantuano cysne, a Patria vendo em paz,
Expande docemente os cantos immortaes.

. . . .

De espectaculos farto e lhe sobrando o pão,
Que mais o povo quer? O que lhe falta então?
(E entretanto se diz mysteriosamente
Que um caso singular assombra toda gente!)
É que brilha no céo, segundo as prophecias
A Estrella de Jacob, a Estrella do Messias.

. . . .

Correi léstos, correi replétos de alegria
Pastores; ide ver o Filho de Maria!
Pascer livre deixae as timidas ovelhas,
Que o céo se lembrará de lhes encher as cêlhas!
Ide ó Magos e Reis! Levae vosso thesouro —
Offertas orientaes: a myrrha, o nardo, o ouro;
A estrella que brilhar com mais intensa luz
Vos ha de encaminhar ao berço de Jesus!»

Com a mesma comprehensão foi escripto o episodio que fecha este despretencioso estudo, adiante apontado:

RESURREIÇÃO DE LAZARO

(A monsenhor Frei João Costa).

«Nesse tempo, Jesus, dos lados do Jordão
Pregava a caridade e veio a Bethania
Curar um seo amigo — o que era de Maria
E de Martha, feliz e dedicado irmão.

E ouvindo-as soluçar no meio dos judeos,
Tambem deixou cahir o seo sagrado pranto,
E tanto commoveo-se e perturbou-se tanto
Que faria chorar aos proprios pharisêos.

— Si estivesseis aqui, Senhor, não morreria,
Diz-lhe Martha a chorar — elle era vosso amigo;
— Ha quatro dias jaz no fundo de um jazigo! —
Lacrimante conclúe a pallida Maria.

— Lazaro não morrêo! lhes diz o Nazareno,
E vê-se irradiar a luz dos olhos garços;
Seo rôsto toma a côr dos descorados tarsos
E o olhar se eleva ao céo. Jesus sempre sereno,

vae falando e seguindo em busca á sepultura,
E Martha lhe observou: — O corpo ha de cheirar...
— Ó filha! si tens fé, duvidas por ventura
Que meo Pae me permitta a um morto despertar?

E continúa: — A fé tem um poder enorme...
Póde elevar o mar, transpôr uma montanha...
É atomo de Deos, uma scentelha extranha,
E si crêdes, vereis que apenas elle dorme.
— Onde o puzestes vós? pergunta-lhes Jesus.
— Ali, Senhor, ali! Maria lhe apontou;
O Rabbi se approxima e brada envôlto em luz:
— Ó Lazaro, desperta! e o morto despertou!»

Virgilio Vidigal finou-se no alto Amazonas, em fins de 1907, tendo antes feito parte da redacção do *Commercio do Amazonas*, que se edita em Manáos.

Ulysses Sarmento

Nasceo na Victoria a 30 de junho de 1875.

Educado a principio por seo pae, o conhecido professor Miguel Sarmento, matriculou-se depois na Escola Militar e ahi fez o curso de uma das tres armas.

É actualmente capitão do Exercito.

Official distincto, Ulysses Sarmento é tambem o que se póde denominar com justa propriedade do vocabulo, um artista da palavra, não menos insigne.

A essas eminentes qualidades, juntem-se as peculiares a um observador sincero da natureza; a um espirito acostumado á disciplina do estudo e a emittir opiniões proprias sem preoccupações de qualquer ordem; a uma intelligencia tão limpida quão pundonorosa e modesta, e ter-se-á o perfil do moço escriptor.

Alem de muitos trabalhos que fez imprimir em jornaes e revistas, publicou dois volumes de versos, sendo o primeiro, sob o titulo — *Clamydes*, em 1894, no Ceará e o segundo — *Torturas do Ideal* — em 1900, no Rio de

Janeiro, devendo em breve sahir do prélo o terceiro, o das — *Contemplações*.

Com o seo conterraneo Collatino Barroso, dirigio a *Revista de Arte e Philosophia*, em 1902 e dahi por diante emquanto esse apreciado orgão da imprensa teve curso franco.

A proposito do merito artistico de Ulysses Sarmento, na revista — *A Lanterna* — de 15 de março de 1904, publicou o Sr. Annibal Amorim uma apreciação critica, cujos conceitos iniciaes precisam — uns de rectificação e outros de contestação formal.

Para o critico d'*A Lanterna*, o auctor das *Clamydes*, até 1894, teve o espirito sujeito á influencia da direcção poetica seguida por Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, e só mais tarde, quando privou com Alberto de Oliveira e Luiz Marat, pôde o moço poeta adquirir uma outra feição, admirando no terceiro nomeado o pantheismo e no ultimo, o humanismo, ficando dest'arte explicada a intuição philosophica do auctor das *Torturas do Ideal*.

Sem dar ao criterio *trino*, da *raça*, do *meio* e do *momento*, a extensão que lhe conferio H. Taine, para explicar a genése artistica, por que não o reputo seguro, não deixarei de ponderar que essas condições ou requisitos prevaleceram na hypothese em debate.

Ulysses Sarmento teve o berço em uma natureza de per si artistica por que é bella; descende de uma raça em que as manifestações de vitalidade intellectual são espontaneas e finalmente em suas producções interveio o terceiro factor, vindo assim a obra do artista a ser livre, democratica e harmoniosa, consoante as instituições ao *tempo* em que ella appareceo, pacificos e nobres os ideaes da nação e da sociedade que o cantor representava, no *momento* em que fez circular as *Clamydes*.

Mas não é este o ponto de vista do critico; ao contrario, parece-lhe que o primeiro livro de U. Sarmento

teria um caracter essencialmente philosophico, si não houvesse o auctor estreado com um volume, cujas producções são, na sua quasi totalidade, de um aspecto accentuadamente lyrico. (São as suas proprias asserções que transcrevo).

Impressionado pela leitura dos versos de Bilac e R. Corrêa — do primeiro principalmente — acceitou-lhes a direcção lyrica na poesia.

Para o critico referido «são por demais visiveis as suas predilecções a esse respeito.»

Onde a prova?

Eu supponho que o phenomeno tem outra explicação mais rasoavel.

A approximação ou filiação artistica que se argúe, a não provir da circumstancia de terem os dois artistas applicado a mesma *maneira* sobre determinados themas, não se nos depara em nem-um outro logar.

Ambos imaginaram e transportaram para o verso, o *Sonho de Cleopatra* e provavelmente mais algum assumpto trataram em commum; vem dahi a affinidade que o critico lobrigou sem maior exame.

Ha, porem, uma consideração ponderosa que ao critico passou despercebida: a feição caracteristica da individualidade poetica, o sainete artistico do temperamento litterario, não são coisas que se possa adquirir imitando, mas sim uma qualidade inherente á vida do proprio artista.

Ellas constituem a expressão nitida de suas emoções, crenças, impressões e sentimentos, obedecendo á corrente das idéas do tempo, alentada por um ideal que quanto mais proximo parece de ser alcançado, tanto mais se distancia e se alonga; trata-se, pois, antes de uma nota original, personalissima, do que de um conhecimento ministrado pela aprendizagem.

Em segundo logar, do facto de revelar U. Sarmento

a mesma tendencia observada nos dois insignes contemporaneos, não se póde derivar a conclusão de que com elles aprendeo a ser lyrista.

Factores mais decisivos terão tido—e realmente tiveram—directa influencia na formação do temperamento do cantor das *Clamydes* e esses servirão para explicar a sua intuição artistica.

O sabio auctor da—*Origem das Especies*—provou lucidamente que todas as que existem e as que se extinguiram, descendem por transformações successivas de tres ou quatro typos originaes e provavelmente de um architypo primitivo, unico.

Essas transformações, subordinadas á lei da *selecção natural*, produziram um primeiro resultado:—a extincção dos individuos mais imperfeitos, menos adaptados ás condições do meio ambiente, em proveito dos outros sobreviventes.

Estes por sua vez, tiveram de modificar seos orgãos segundo as necessidades da lucta pela vida e a lei de *hereditariedade* transmittio taes modificações de geração em geração, ao passo que a lei de *caracterisação* não permittio que ellas se afastassem essencialmente do typo dos seos antecedentes, uma vez determinado, até chegarem ao que são em nossos dias.

Pois, nos dominios da arte, verifica-se mais ou menos o que vem de ser notado no terreno da historia natural; identico é o jogo das leis, identico é o conflicto que tende á producção do equilibrio final.

No berço de Ulysses Sarmento, assignala a tradição que desde o seculo XVII surgiram os poemas lyricos com o vate SOARES DA FRANÇA e a phase historica nol-os attesta existentes no immediato com DOMINGOS DE CALDAS; essa tendencia poetica accentuou-se em 1817 com MARCELLINO DUARTE e desde então nem-um estro de relevo produzio sinão poesias lyricas.

O ultimo poema de Antunes de Sequeira, publicado em 1884, é eminentemente lyrico, como foram lyricos os versos de Fraga Loureiro, de Manoel Borges, de Jorge Rodrigues e Virgilio Vidigal, emfim, de todos os melhores poetas espirito-santenses.

Estudados esses auctores em suas producções, verificariamos que Ulysses Sarmento, si alguma influencia cedeo, não foi á que lhe reconheceo o Sr. Amorim, mas á das leis de *hereditariedade* e de *caracterisação*, que lhe não consentiram pôr fóra as transformações e as qualidades essenciaes do typo poetico de seos antepassados, na lucta pela *selecção artistica*.

Dado, porem, que pudesse prevalecer o arbitrario processo das filiações por *predilecção*, ainda assim, a feição lyrica do poeta das *Clamydes*, se explicaria pela semelhança que o approxima do estro do cantar das—*Irideas*—(1891) e dos *Cantos* e *Prantos*, (1886) livros anteriores ao primeiro.

Compare-se o bello soneto de Virgilio Vidigal, *Sonha, que eu sonho!*—com o que se lê á pag. 35 das *Clamydes*, sob o titulo—*Canta!* e ter-se-á a prova do que affirmei, sem querer com isso dar fóros de cidade a um criterio que julgo falho.

O lyrismo observado no primeiro livro de U. Sarmento não lhe deslustra, pois, a intuição; a menos que essa notação da poesia, em vez de significar ora o sentimento, ora o enthusiasmo, ora as dubiedades dos estados d'alma, descaia para o sentimentalismo banal das choradeiras sem termo.

Não devo ser injusto para com o escriptor d'*A Lanterna;* preciso é, entretanto, que restituindo ás *Clamydes* o logar que lhes compete, diga do seo auctor o que convenha ser sabido.

Si alguma vez um livro de estréa pôde fornecer estalão seguro para justa aferição do merito do seu auctor, as *Clamydes* realisaram vantajosamente esse ideal e U. Sarmento deve ter a consagração que sua obra merece, tanto mais quanto na epoca em que a deo a lume, não se tinha familiarisado com os excelsos predicados que distinguem dos demais poetas brasileiros os nomes laureados de A. de Oliveira e L. Murat, no dizer do Sr. Annibal Amorim.

Não acredito que o pantheismo realise na philosophia e na poesia ou na sciencia e na arte, uma missão que deva ser havida por definitiva aspiração do pensamento humano; quando muito, será um passo ensaiado da velha metaphysica para terreno que lhe fica muito alem.

De Spinoza, a quem aliás a sciencia deve o conhecimento da noção de substancia com o significado *monista* que ainda hoje tem—para os dias que correm ou do seculo XVII para o XX, em quasi tresentos annos, temos assistido a tantos debates de systemas philosophicos, que, positivamente não é um titulo invejavel declarar-se alguem sectario da philosophia do velho israelita de Amsterdam.

Da influencia do pantheismo na arte não encontro documentos abonadores em nem-um paiz e a acreditar nas palavras de um escriptor moderno, em França o resultado foi este:

«Pullulam os versos e os versificadores; não houve mais poesia nem poetas.

Não é necessario insistir: essa parte de nossa litteratura é uma parte morta.

A razão domina em toda essa producção versificada, mas a razão de um seculo analysta, abstracto, argumentador: não se encontra um lance de paixão, uma impres-

são, uma imagem; não ha, emfim, um traço fresco da natureza ou da vida.» [1]

Quanto ao *humanismo*, si por este vocabulo exprime-se a idéa de sympathia affectiva pelos destinos do individuo como componente da humanidade, o sentimento altruistico que desperta a pratica de uma assignalada virtude que lhe é peculiar, em vez de ser um traço particular da feitura do artista, é bem ao contrario, uma caracteristica geral: quero dizer que o poeta para sel-o em verdade, mister é que tambem seja humano.

Nas *Clamydes* encontram-se em superior destaque as qualidades essenciaes do estylo lyrista: riqueza das imagens, delicadeza na sonoridade do verso, vigor de imaginativa e os elementos concretos, sensiveis e pittorescos que dão plasticidade á expressão.

Si em *Homo* o poeta define o desenvolvimento da vida animal no planeta, tem uma nota especial para assignalar cada tendencia.

D'entre os seos sonetos que se dilatam por 129 paginas do livro, todos bellos, todos irreprehensiveis, um ha que equivale a uma pintura, pela precisão, pela verdade, pela correcção e pela naturalidade.

---

(1) G. Lanson, *Hist. de la Litt. Franc.*, 633. Do valor do pantheismo em philosophia, já Buchner havia dito que não valia mais que o systema do deus pessoal dos deïstas; *Force et Matière*, 263.

É o

POETA

«Este, que a lyra de ouro modulando
Passa sereno pela estrada em fóra,
Que aos astros fala e vive interrogando
A natureza vivida e sonóra;

Este, que como as aves vae cantando
Ao bafejo purissimo da aurora,
Que vive as flores tremulo beijando,
E algumas vezes se enternece e chora;

Este, repito, ha de cantar emquanto
Sentir na idéa a rithmica do verso,
Emquanto aos olhos borbulhar-lhe o pranto.

Ha de cantar a crença, a luz, a flôr,
Emquanto houver a vida no universo,
Emquanto houver nos corações o amôr.»

Sim, comprehendo que seja esse o campo da poesia no que ella tem de mais intimo e encantador; mas o que admira no moço conterraneo, é a maestria das syntheses, é a maneira de auscultar a vida no mundo organico e do inorganico, assignalando coincidencias e contrastes.

Raras vezes hei tido o ensejo agradavel de salientar tantas bellezas em um poeta brasileiro de incontestavel valor, por que tão notavel pelo estro quanto pela modestia, em tudo que produz ha sempre um quê de pudico que elle tanto mais recata, quanto mais se aguça a curiosidade do observador.

Temperamento commedido, desconhece o valor con-

vencional que tantos outros artistas ligam tolamente, á vestidura talhada ao rigor do ultimo figurino, ao aspecto elegante que se decóra com uma flôr ao peito.

Fal-o-ia enrubescer da cabeça aos pés, quem lhe propuzesse uma exhibição dessas, em troca da singeleza que tão bem diz no seo trajo habitual.

Da opulencia de imaginação do moço cantor, penso não se poder dar prova mais completa, do que folhear ao acaso o livro das *Clamydes* e trasladar uma de suas paginas.

Deleite-se o leitor com uma creação magnifica, como a que vae ouvir:

O SONHO DE CLEOPATRA

«Noite. Por toda a vastidão doirada
Do céo do Egypto, a musica sonóra
Dos anjos passa, e pelo espaço em fóra,
Saúda a esphera de ouro illuminada.

Treme o luar. Do vento a compassada
Voz, adormece a natureza agora.
Soluça uma harpa, e, junto della chora,
Uma mulher olympica e sagrada.

Sonha a Rainha. Tremula suspira,
De um lado a escrava Charmion, velando
O leito adormecido; e emquanto a lyra

Do amor, desfere um hymno que se evóla,
No espaço, pura a via-lactea entrando,
A cabelleira esparsa desenróla.»

É difficil encontrar nos novos bardos uma descripção tão bella, tão suavemente lyrica, como o ultimo soneto das *Clamydes*.

Reproduzo ainda esse trecho para fazer um confronto que será ao mesmo tempo uma reivindicação de precedencia na concepção e na execução, em favor do vate conterraneo.

É a

GALERA DE CLEOPATRA

—

«Sobre as aguas do rio, mansamente
Vae a galera rutila passando,
E os remos batem compassadamente
As puras vagas, soffregos deixando.

Rumo do Egypto segue. Que silente
Musica dentro della vae soando!
Silencio! É a voz da escrava que cantando
Passa, e tudo adormece, de repente!

Ouvindo-a assim, Cleopatra suspira,
E ao som da enamorada e flébil aria
Entre soluços pallida delira.

E Charmion, qual deusa imaginaria,
Concerta o canto ao som de extranha lyra,
E o rio desce, triste e solitaria.»

Sob o titulo—*O Sonho de Cleopatra*, li no *Commercio do Espirito Santo*, de 30 de maio de 1905, o seguinte soneto de *M. Faria Correia*, datado de 23-5-905, sem indicação do logar:

«Rasgando a flôr do Nilo a impavida galera
de Cleopatra, vae o Egypto demandando,
e canta Charmion, a escrava, procurando,
solicita, alegrar aquella que venera.

A formosa rainha, os olhos descerrando
fita as margens do rio, e distrahida espéra
que venha um sonho bom de amor a sua anthéra
abrir por sobre quem de amor vive penando.

E canta Charmion. Cleopatra dormida
soluça e ri por fim! emquanto a humedecida
fronte vem lhe beijar, subtil, brando favonio.

Sonha agora a rainha, e vê que destemido
lhe vem cahir aos pés um grande general vencido
prisioneiro de amor—o grande Marco-Antonio.»

Sem querer de modo algum adeantar juiso sobre a producção do Sr. Faria Correia, direi apenas que a sua composição foi pelo menos *inspirada* na de U. Sarmento, por um raciocinio logico e peremptorio: Ulysses escreveo em 1894, (data do apparecimento do livro que contêm á pag. 131 o soneto—*A Galera de Cleopatra*, sendo provavel que anteriormente o tivesse impresso em jornal ou revista) e o Sr. Correia deo á estampa o seo *Sonho*... imitativo, em 1905. O primeiro figura a formosa dama tomada de commoção pelo canto da escrava que lhe desperta extranhas e veladas emoções; o segundo idealisa-a no sonho, vendo aos seos pés o amante rendido; si não ha, pois, ahi um caso caracteristico de contrafacção, não é que lhe faltem os requisitos determinantes, mas porque a nota pessoal do lyrista das *Clamydes* é inimitavel, é uma força ou propriedade immanente do seo estro.

Para o critico a quem venho alludindo, as notas predominantes do segundo livro do vate — *Torturas do Ideal* — são: a sua intuição philosophica e as indagações mais elevadas da vida humana, vindo a significar o suggestivo do titulo, as luctas de espirito entre o Sentimento e a Forma. Não me parece exacta a apreciação em nem-uma das partes do enunciado.

O dominio da arte é independente do da philosophia, quer considerada synthese das sciencias particulares, quer como fonte do conhecimento.

A arte é o torneio em que a imaginação desenvolve e despende todas as suas energias e em que prepondera sem contraste; seo intuito é a realisação do *bello*.

Na philosophia outro é o alvo, diverso o processo; aqui predomina o raciocinio para por meio de investigações e experiencias demonstrar principios que repousam em leis irreductiveis: seo intuito é a *verdade*.

Quanto aos meios, processos e fins, são creações que jamais se confundem ou se substituem.

A poesia para ser bella basta que se revele imaginosa; terá preenchido o ideal artistico, si houver conseguido a suprema condição do seo alvo.

Na philosophia, toda a generalisação que não fôr rigorosamente exacta, todo o raciocinio que não conduzir á verdade por demonstrar, deixam de ser philosophicos, por que perdem a precisão scientifica.

Uma *poesia philosophica*, seria um phenomeno tão curioso, como uma *philosophia poetica*.

Assim pensando, não quero affirmar que as investigações sobre o destino do homem no planeta, sobre os phenomenos do *Kosmos*, deixem de interessar ao poeta; uma coisa é a extensão cultural de um espirito e outra a direcção em que se accentúe.

Não raro, eximios philosophos foram não menos insignes poetas; é o caso de um LEIBNITZ, na Allemanha,

de um TOBIAS BARRETO, entre nós; mas o que não se poderá dizer em tempo algum, é que em qualquer das obras poeticas de um ou de outro, se encontre ao menos resumida a doutrina philosophica, o fundo das idéas philosophicas de qualquer delles.

Poder-se-ia objectar com o exemplo de GOETHE.

Nada de mais complexo na organisação de uma individualidade póde haver, do que na deste genial espirito. Sabio, philosopho, jurista, romancista e poeta, tudo isso elle foi em gráo incomparavel; parece, porem, que si sob o aspecto philosophico ninguem ha que lhe desconheça o influxo pantheista, no tocante á poesia, não poucos escriptores o classificam entre os sectarios do romantismo.

A excepção lembrada, ainda quando extreme fosse de duvidas, corroboraria a regra; eu, porem, preciso, para tornar mais ampla a demonstração na ordem de idéas que expendo, dar a palavra a um auctor bem informado e que a respeito do *scientificismo poetico*, é desivo:

«Por que é que a reforma prosperou no romance e tem quasi sempre abortado na poesia?

A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica: o romance é um producto *sui generis*, que póde vacillar entre a sciencia e a fantasia, entre a demonstração de um facto e a improvisação imaginosa; a poesia, ao contrario, tem um terreno especial e seo; quando entra a transformar-se em sciencia, perde-se na prosa e na vulgaridade.

O romance póde-se dizer um producto recente, quasi do XIX seculo; a poesia é uma filha das éras primitivas, que se vae tornando cada vez mais rara e vendo cada vez mais restricto o seo terreno.

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjectivo, intimo; o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes.

A poesia é como a musica; é vaga e não deve ser submettida ás exigencias demonstrativas.

Eis por que todos os formuladores de theses, quando passam

á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de *arrière-pensée* premeditada, vestida em umas japonas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma coisa terrivel em summa.» (1)

Nas *Torturas do Ideal* não descubro «accentuado o lado philosophico» do auctor; descubro apenas uma mais larga comprehensão artistica das coisas.

Os problemas do universo, da vida animal sujeita ao inconsciente dos tres momentos biologicos do apparecimento, crescimento e extincção, tem seos correspondentes no mundo e na vida da poesia.

Na vida os contrastes, a alegria, a dôr, o estuar de paixões contradictorias, todas as infinitas emoções da alma e do coração, podem ser fontes de inspiração á poesia, como os phenomenos da natureza, a successão da noite ao dia, os crepusculos, as catastrophes, emfim, todos os successos de que o homem, ora é espectador ora é actor, no tempo e no espaço.

O genial auctor dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, escreveo sobre o problema estes bellos assertos:

«Não existe realmente analogia alguma entre os factos da percepção interna e os que dizem respeito ao corpo, observados pelos sentidos. Mas isto nada infirma nem confirma. A questão fica em pé.

O ser que pensa, e tem consciencia, é um todo organico, onde se exercem innumeras funcções. O pensamento é uma dellas: a mais nobre, a mais sublime, por certo.

Não acho razão de maior pasmo em julgar a materia organisada, de modo a produzir os phenomenos intellectuaes, do que em vel-a dotada de outras capacidades.

---

(1) Sylvio Roméro, *Hist. da Litt.*, II, 147-148.

De ordinario, o que nos faz repellir essa doutrina, é um effeito de imaginação grosseira. Quando se fala na materia, occorre-nos de prompto uma serie de objectos physicos, os mais rudes e baixos, que se possa imaginar. Esta meza em que escrevo; esta penna que manejo; aquella pedra em que tropecei; a poeira que levanto de meos pés... tudo isto é material; quem poderá admittir que o pensamento brotasse de semelhante argila?! Ninguem de certo. Porem não fica ahi. Sim, a materia é aquella pedra bruta; é a poeira que suspendo; é a lama em que piso; mas a materia tambem é aquella flôr que se embala aos anhélitos da noite, e, a trinta passos de mim, derrama no ambiente perfumes deliciosos; a materia tambem é o rubro labio feminino, o seio alvo e palpitante, provocador de affectos e paixões; sim, a materia tambem é aquella estrella que brilha; é o sol que flammeja; e porque não póde ser a cabeça que pensa?

O pensamento, costuma-se dizer, só póde residir em um espirito. A razão desta sentença?

É o que não se nos dá a conhecer, de modo satisfactorio. Pelo contrario, todos os argumentos adversos são frivolos, erroneos, incapazes de produzir o minimo abalo»; TOBIAS BARRETO, obra citada, 42-43.

Por um dos muitos prejuizos que depõem contra a nossa cultura, epoca houve em que o requinte artistico parecia estacionar na exclusiva região do amor, assim considerado como uma manifestação mais celeste que terrena, inteiramente alheia á contingencia da vida humana e do planeta onde ella se desenvolve.

Não houve sentimento que egualasse o velho motte sempre variamente glozado.

Esta obsessão determinou uma revolta em sentido contrario; começou-se a inquirir a razão por que só ás coisas infimas da natureza convinha a denominação de *materia*, quando na realidade por via della é que se manifestam as mais nobres e elevadas expansões do sentimento humano, inclusive o amor.

Dahi a conclusão: ou generalisar o vocabulo, tor-

nando-o comprehensivo da causa e do effeito, ou reconhecer-lhe a impropriedade de applicação.

Desde então entrou a desfazer-se a cegueira da *immaterialidade* do amor e dos sentimentos em geral; desde então principiou a ter voga uma grande verdade que LEIBNITZ seculos atrás formulára, acerca da *continuidade* que existe no pensamento da intelligencia directa do Universo e que eu inclui no conceito de mais larga comprehensão das coisas.

Constancia da materia e constancia da energia, formam um todo indissoluvel que vem a ser a unidade da lei cosmologica de *substancia*, á qual, no dizer de HAECKEL, por toda a eternidade o Universo infinito esteve, está e estará submettido. [1]

É esse avanço nas idéas que dá a feição artistica das *Torturas do Ideal;* a esthetica, bem entendido, que quanto á scientifica, continúo a ter por inapplicavel á poesia.

O soneto — *Excelsa Materia* — é um exemplo que dissipa duvidas:

«Quando penso que toda a formosura
Que te cerca, te envolve e nos domina,
E esta apparencia magestosa e pura
Que dá-te uns ares de mulher divina,

Hão de baixar um dia á sepultura,
E então ficares como um fructo em ruina;
Não sei por que, mas subito, a amargura,
Meo coração miserrima assassina!

---

(1) A critica de OLIVER LODGE *(A Vida e a Materia)* á lei supra, é de todo o ponto destituida de fundamento, esteril e apaixonada; não vale a despeza de impressão da reduzida brochura.

Tu pagarás á Terra este tributo!
Tu tambem morrerás! Mas altaneira,
Quando o teo corpo immáculo, impolluto,

Descer á extranha região funérea,
A Natureza ha de saudar-te inteira
Como a gloria suprema da materia.»

Eis ahi como U. Sarmento imagina a consagração posthuma da belleza da materia: uma saudação da Natureza, que, como mãe abre o regaço para recolher o fructo que lhe é revertido.

Fere-o a objectividade de tudo quanto o cerca; surprehende-o em cada objecto a sua condição existencial: o movimento.

Não ha trecho mais relevante para confirmação do que digo, do que este:

EXISTENCIA DAS COISAS

«Não é sómente ao coração humano
Que a dôr cruel e barbara excrucia;
Si não, digam-me: que rumor insano
É esse, que oiço em tudo noite e dia?

O furioso e intérmino oceano
Que cospe a vaga indomita e bravia,
No seo rugir feroz e deshumano,
Não terá sulcos de melancolia?

Para mim, desde o cimo do rochedo
Á selva, ha lucto, ha contracções de medo;
Paira em tudo um gemido impenitente.

Tanto que o humano espirito perscruta,
E até na propria natureza bruta
Como que ausculta um coração que sente.»

Como os transcriptos, são todos os versos do segundo volume de U. Sarmento, com a differença de surgir aqui um esboço analytico e ali um outro synthetico.

Para exemplo do ultimo caso, transplantarei para esta pagina

AS PHASES DA LAGRIMA

«Nasce a creança, e a lagrima no instante
Em que ella pura e feiticeira nasce,
Annuvia-lhe subito o semblante,
E humedece-lhe a face...

Cresce. Eil-a emfim na venturosa edade
Em que a alegria vivida se apura;
Fulgura o sol do amor na mocidade,
E a lagrima fulgura...

Chega afinal ao termo da velhice!
Toda a su'alma de pezar se banha...
E como na primeira meninice
A lagrima a acompanha...

Assim, da infancia á mocidade, e desta
Á velhice, que tras o lucto e a magua,
Eternamente a dôr se manifesta
Na mesma gotta d'agua.»

Discordo ainda do Sr. Amorim no ponto de vista em que colloca o vate, quando addita que a escolha do titulo da segunda obra de U. Sarmento, exprime as luctas do espirito entre a Forma e o Sentimento.

É um golpe de comprehensão restricto e acanhado; não é poesia sómente o que o *Sentimento* transporta e a *Forma* apura.

As luctas do espirito podem provir e provêm não raro, de sentimentos que se contradizem, consistindo a difficuldade, não em vehicular-os pela *Forma*, mas em interpretal-os pela discordancia das emoções que definem.

Supponho que o proprio poeta melhor justificou o titulo do seo livro, quando escreveo:

> «Este anciar desesperado e errante
> De quem, lançando para os céos a vista,
> Busca sondar o fundo e penetrante
> Mysterio vil, que dentro em nós se enrista;
>
> . . . .
>
> Tudo isto—esforço, anciar, sombras escuras,
> Que são mais do que barbaras torturas,
> Torturas de um ideal nunca attingido?»

É este precisamente o caso: que sentimento exprime esta synthese?

Certo que nem-um; o espirito do poeta paira na duvida que resulta de toda a inquirição a que se propôz.

A ultima nota do critico d'*A Lanterna*, é tendente a apontar a irreverencia grammatical do poeta, para com os pronomes e adjectivos, sem esquecer os adverbios.

Eu penso a esse respeito como o Sr. Amorim, isto é, que pequenos defeitos não alteram o valor de uma producção que tem merecimento intellectual; mas em materia grammatical tenho por acertado não lobrigar senões

de qualquer volume em quem quer que seja, por que o evital-os, é quasi sempre

«Tortura de um ideal nunca attingido.»

E a prova tem-n'a o censor, quando, por um descuido qualquer, sacrificou a parte da disciplina da lingua que ensina as regras de concordancia, escrevendo: «Ha ainda em algumas de suas producções adjectivos mal empregados, que não qualificam com a precisão desejada o substantivo de que É satellite.»

As preoccupações grammaticaes são sempre inconvenientes, quando se tem em mira a aferição de algum outro merito; algumas vezes absorvem por tal maneira o espirito que as cultiva, ao ponto de o inutilisarem a cargas de ridiculo.

Em um dos seos livros de estylo e critica, BALZAC assim troçava, traçando este retrato de MALHERBE:

«Acaso vos lembraes do velho pedagôgo da Côrte, a quem outr'ora se appellidava — o tyranno das palavras e das syllabas — e que quando em bom humor, a si mesmo chamava-se — o grammatico de lunetas e cabellos pardos?

Tenho piedade de um homem que faz questão da differença entre *pas* e *point*, que trata o assumpto dos *gerundios* e dos *participios,* como si fosse negocio de dois povos visinhos, ciumentos de suas fronteiras.

Este doutor em lingua vulgar, estava acostumado a dizer que havia muitos annos que elle trabalhava para *desgasconhar* a Côrte e que não podia chegar ao fim da sua missão.

De facto, a morte colheo-o arredondando um *periodo* e o anno climaterico o surprehendera quando discutia si *faute et doute* eram masculinos ou femininos.

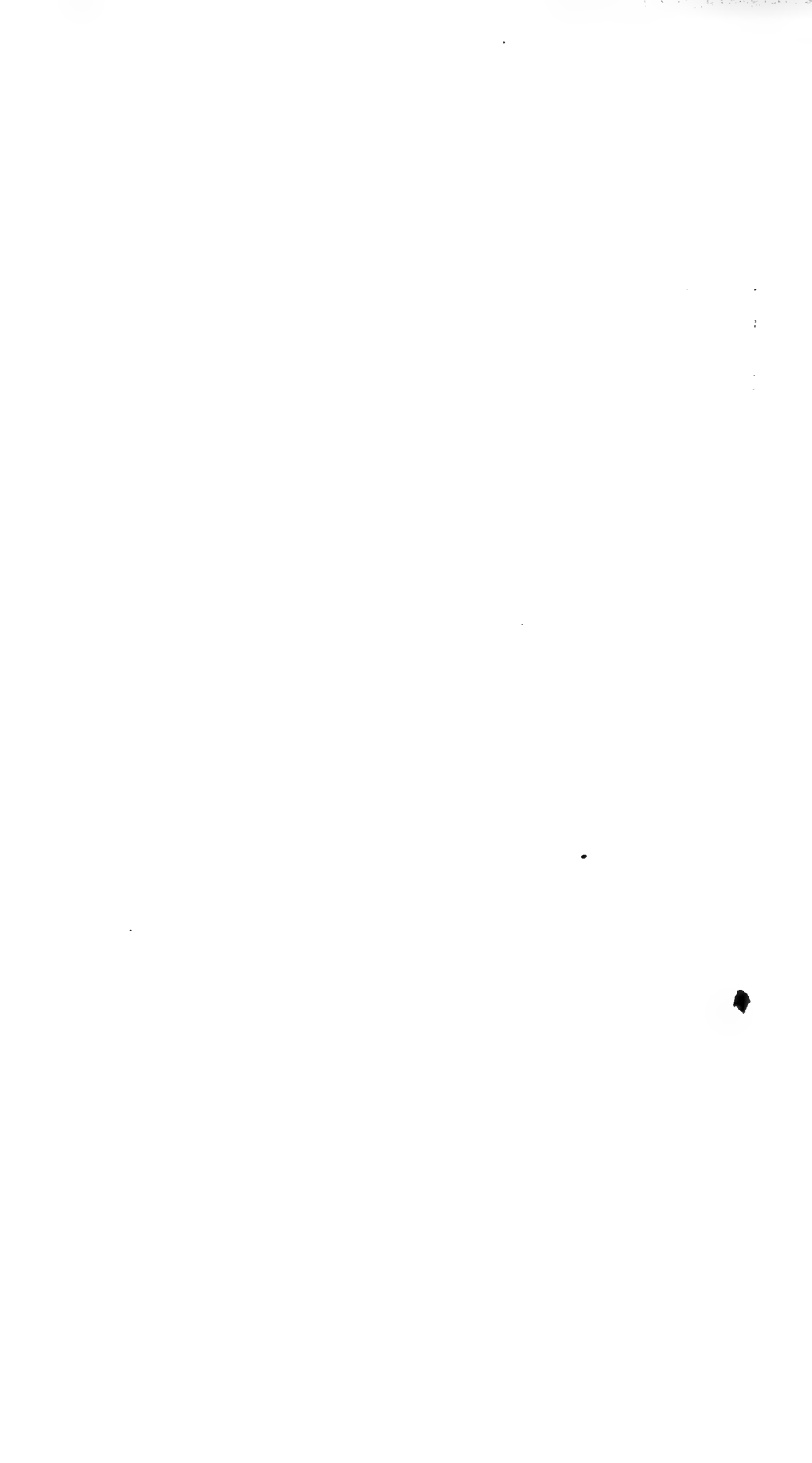
Com que attenção queria elle ser escutado, quando dogmatisava acerca do uso e virtudes dos *participios?*» (1)

---

(1) G. LANSON, *Oper. cit.,* 356-357.

Conhecidas as producções de U. Sarmento, preciso é algo dizer do logar que lhe deve caber neste estudo.

Acredito poder com propriedade definil-o — um lyrista com pronunciadas tendencias para o naturalismo materialistico.

Tanto quanto é dado a quem estuda, formular juisos baseados em observações imparciaes, ouso dizer que na pleiade dos poetas conterraneos, o auctor das *Clamydes* e o auctor da *Resurreição de Lazaro*, occupam a primeira linha e na litteratura do paiz podem tomar assento junto aos confrades, justamente aureolados com a fama de buriladores do verso.

Collatino Barroso

Nasceo na Victoria, em 18 de novembro de 1873.

Depois de ter estudado preparatorios no Estado que lhe deo o berço, seguio para o Recife em cuja faculdade juridica matriculou-se.

Uma enfermidade grave e persistente, obrigou-o a interromper o curso e a regressar ao seo Estado, onde, passou a occupar um modesto logar na Delegacia Fiscal, logrando mais tarde remoção para a capital da Republica.

Sem dispôr de recursos de fortuna, tendo de prover aos encargos da familia, por que bem cedo lhe fallecera o pae, o moço funccionario guiou os passos do seo irmão mais novo até fazel-o engenheiro civil, em prejuiso de suas proprias aspirações, pois não mais reencetou o curso juridico nem outro qualquer.

Funccionario publico, com a mesma serenidade posta no cumprimento de seos deveres, recebeo as preterições

que lhe fizeram os superiores na distribuição das promoções, rindo-se interiormente do criterio da supposta justiça egualitaria, tão altamente apregoada nas democracias temperadas...

Na Alfandega do Rio de Janeiro, é simples segundo escripturario ainda hoje, não obstante a correcção impeccavel da sua conducta publica e a vivacidade intellectual de que é dotado.

No Rio de Janeiro foi que Collatino Barroso revelou decidida inclinação pelas luctas da palavra escripta.

Em 1895, fundou e dirigio a *Thebaida* e publicou um volume de contos sob o titulo — *Anathemas*.

Em 1896, outro volume — *Jerusa* — poema em prosa.

Em 1902, fundou e redigio com Ulysses Sarmento, a *Revista de Arte e Philosophia*, tendo antes e depois dessa ultima data, publicado em diversas revistas estudos criticos e humoristicos bem cuidados, como entre outros, os referentes á obra de Raul Pompeia e sobre Antonio Nobre.

Sectario do *satanismo* em litteratura, o moço escriptor não deixa de possuir uma certa dóse da velha romantica, o que aliás não é de admirar, por que a sua escola predilecta entrou como systema, na disputa da successão daquella abandonada herança.

Em regra, não satisfazem as doutrinas litterarias exclusivistas ou para dizer melhor — as que estudam o problema humano por um só dos seos aspectos e dahi a razão de perder todo o prestimo o systema litterario que se reduz a estreitezas de epitome.

Si o romantismo desfez-se no culto do vago, nas exhibições fastidiosas de maguas e desillusões, obedecendo a um ideal optimista impossivel de ser alcançado, os systemas seos successores foram ao extremo opposto, ao pessimismo, que é como uma especie de pintura de uma só côr.

É essa a falha que accusa o *parnasismo*, quando tenta descrever a vida humana pintando-a convencionalmente e dando por preenchido o ideal na arte, com a objectividade da inspiração; o *symbolismo*, com a suspirada realisação da *belleza pelo sonho* e pelos *mysterios;* o *scientificismo*, com a dosagem em partes eguaes de uma *sciencia* que se *poetisa* e de uma *arte* que se *scientifica;* o *naturalismo*, com as suas visões estrabicas e finalmente o *satanismo*, com os seos esconjuros, odios e imprecações.

De que especie é o *satanismo* de C. Barroso?

Elle proprio nol-o diz, assim:

«Para o que fôr um producto de raffinamento de nervos, a apuar o cerebro, a fazel-o vibrar na sua gamma de sensações fortes, até á duvida e ao desespero, não faltarão criticos mellifluos, assucarados, que o mandem curar da sua loucura, a causticos na nuca, num manicomio qualquer».

E ainda: «Sou accorde em que o escriptor terá conseguido o seo ideal, quando, por um prisma seguro, tiver visto o mundo externo em toda a sua naturalidade ou descer á analyse profunda do seo intimo.

Balzac, Zola e Flaubert, são os rios manentes desta caudal.

Eça de Queiróz é na litteratura portugueza um veio crystallino.

O *naturalismo* é o *terminus* de uma litteratura.

Como diz o auctor das *Cartas de Fradique Mendes* — a verdadeira arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação»; (*Anathemas*, 71-74).

Comprehendo a *maneira* do *satanismo* como o interpreta o auctor e concordo que o systema possa ter o merito que lhe confere, isto é, fazer o cerebro vibrar sensações de duvida e de desespero; mas dahi para fazer dessas duas notas as cordas unicas de vibração, no sen-

tido de chegar á demonstração de que o entendimento humano só é accessivel a essas modalidades ou só ellas serem capazes de impressional-o, é o que não tenho por exacto, quer no campo da sciencia quer no da arte.

Não houve contribuição mais fecunda para o descredito do naturalismo, do que a predilecção pela deliquescencia na natureza.

Foi invertendo a successão natural das coisas, transformando as anomalias em phenomenos regulares, ensombrando de escuro o que era nitidamente diaphono, que os dois corypheos do naturalismo nomeados por C. Barroso, chegaram ás creações extravagantes e obscenas de *Naná*, do *Regabofe*, do *Primo Bazilio* e *Crime do Padre Amaro.*

Mas, poder-se-á ver na *cocotte* parisiense, no pelintra depravado e no sacrilego padre de Leiria, a reproducção da humanidade, ou ao menos um traço exacto da vida de uma parcella de qualquer sociedade rudimentarmente polida?

Certo que não.

Quanto a Zola, supponho que resgatou as suas culpas escrevendo após aquellas obras, os brilhantes estudos que são *La Fécondité*, *Le Germinal*, *Le Travail* e *La Vérité,* e creio que o proprio Eça de Queiróz abandonou a litteratura de lupanar traçando ou impondo-se uma nova orientação nos seos ultimos escriptos.

Pensa Collatino Barroso, que a noção de Arte ministrada por Eça de Queiroz — «um resumo da Natureza feito pela imaginação» — é um conceito axiomatico.

Parece-me que o talentoso escriptor equivocou-se e que á famosa definição, tem perfeita applicação a critica de SYLVIO ROMÉRO, a uma outra não menos famosa de E. Zola.

Para este a Arte, «é um pedaço da ***natureza*** visto atravez de um temperamento.»

E Sylvio, a proposito, adverte:

«Tenho impetos de corrigir a formula e dizer: «a arte é um canto da *sociedade* visto atravez de um temperamento.»

A theoria de Zola fere o principio fundamental de ser a evolução, o desenvolvimento, o *fieri* perpetuo da humanidade, o resultado justamente de uma lucta contra a estreiteza, contra a esterilidade da natureza; desconhece o combate da *cultura* contra a *natura*.

Tudo quanto de elevado e grandioso tem a humanidade produzido, é um resultado dessa lucta, desse combate diuturno. A civilisação é o coefficiente desse esforço.

O homem *natural* é o homem das cavernas, o coevo do megatherio e do mammuth.

O homem póde ser definido o animal que faz estatuas, musicas, edificios e poemas. É o animal que faz livros.

A natureza não tem a menor idéa dessas coisas; uma *arte natural* implica contradicção; arte e natureza são dois conceitos que se repellem.

A definição, pois, está errada. A *natureza* não tem arte; a arte é um producto da *cultura* humana.» [1].

Si, portanto, a natureza não tem arte, como poderá a imaginação humana *resumil-a?*

Preciso é, porem, retomar a questão das escolas litterarias nos termos em que a enunciei, fechado o incidente da comprehensão da Arte.

O *satanismo* incorre na mesma censura; reconhece

---

(1) *Novos Estudos de Litterat. Contemp.*, 120.

os dois pólos magneticos — o amôr e o odio — e faz obra só na direcção do segundo.

A construcção artistica assim architectada, não tem consistencia e a prova penso encontrar nos *Anathemas*.

No quadro das — *Virgens* — escreve o auctor:

«Vejo-as passar, virgens do corpo, rameiras da alma.... Com que insolito desdem olham essa rebeldia da Natureza — a minha fealdade?

E não veem que tenho para ellas um rictus de sarcasmo, que lhes cuspo na face um laivo de ironia, o babaréo desta bocca que a dôr torcicolou?

Os meos olhos são estrabicos, vesgos, de não poderem encarar esses cartazes da vaidade impressos em carmim.

Nessa corcunda ignobil, cavalguei mulheres, que depois, entediado, arrastei á lama e ao despreso ignáro.

Riem-se: ellas, que têm uma nuvem de aromas a encobrir o cheiro putrido dos menstruos.

— Feio.... feio.... dizem. E eu, num impulso de vaidade e de egoismo; eu, que sou forte, blindado pela Dôr — cobarde, apavorado, chego-me ao espelho para recuar aterrado, supplice, esmagado por esse desprezo ignobil, perguntando a mim mesmo: — Porque sou tão feio? E uma voz intima, crystallinamente, responde: Para saberes odiar: morde com o teo bico de milhafre todas as consciencias, espicaça-as e com esse sangue lava a vaidade das virgens de cheiro putrido dos menstruos»; *Anathemas*, 59 — 60.

Eis aqui a obsessão!

Riem-se umas meninas de um corcunda que passa; acham-n'o feio e riem-se.

Que são ellas? *Rameiras* da alma.

O corcunda vae para casa reflectir na sua fealdade diante de um espelho e assenta, para vingança do ultraje de que foi victima, *morder todas as consciencias, espicaçal-as, para com esse sangue lavar a vaidade das virgens do cheiro putrido dos menstruos....*

Ha belleza, ha naturalidade, ha arte, nesse referver de más paixões?

Ha sómente odio, mas tão intenso que chega ao extremo de punir na mulher a fluxão sanguinea periodica, como si culpa tivesse pela contingencia de sua natureza organica!

A mesma nota encontra-se em *Tumulos*, em *Iscariote*, em quasi todos os quadros restantes do livro.

Nas linhas em outro logar transcriptas, assevera o eximio estylista, que «*o naturalismo* é o *terminus de uma litteratura*».

Não sei si desse systema ou de qualquer outro conhecido ou por conhecer, se poderá dizer que seja a ultima expressão do pensamento litterario.

Como o classicismo, como o romantismo, o naturalismo terá sem duvida essa velleidade; não ha factos, entretanto, que conduzam á desejada conclusão.

Simples formula, simples *processus* aferidor das idéas correntes, não haverá na vida da humanidade nem um momento em que ella estacione; si a lei da evolução não é um mytho, a marcha da civilisação, será sempre ascendente e tanto mais accelerada, quanto maior fôr o numero de descobertas e verdades que vier avolumar o patrimonio commum.

Si, pois, o progresso na ordem scientifica como na artistica, é que fornece a medida exacta da civilisação, como ficar estacionaria a litteratura encurralada no seo *terminus*, ella que é o padrão assignalador da distancia percorrida?

A marcha evolutiva da civilisação implica a da litteratura; fixar formulas, traçar limites a um *criterium* susceptivel de modificações radicaes, é desconhecer profundamente o valor do factor humano em ambos os dominios.

O poema — *Jerusa* — parece-me a melhor creação do infatigavel litterato.

É um poema de amôr que fina-se com a perda do objecto amado.

Jerusa tudo nega a Vulturno: a benção do olhar, a complacencia e até o rancôr.

Fallece invulneravel á paixão do poeta; este continúa a amal-a depois ainda da morte.

Ha trechos que recordam o *Fausto*.

O da impressão causada pela noticia da morte de *Jerusa*, é um dos de mais vivo colorido.

Fala Vulturno:

— «Morta! (com rancôr satisfeito). Ah! Ao menos ninguem n'a possuirá. (Supplice). Eu peço... Não n'a sepultem, não n'a sepultem! Tenho ciumes dos vermes... Vão-n'a beijar! Vão-n'a beijar!

Que ella se transforme á luz, em podridão.

(Com terror). Póde vir osculal-a o moscardo do Sol, de antenas jaldes! (Abatido) Oh miseria, humana fragilidade! Que a podridão faça-se ether sonoroso, palpito de luz — o azul — que elle faça-me vibrar como o marmore de Meurnon ao toque de um sol glorioso!

Que ella palpite na minha Arte, que esta seja para mim uma theurgia!

Que mulher eu poderia amar mais alto do que a minha Arte? Protegei-me, Santa Jerusa!»

. . . .

Todavia, que distancia vae do hymno de C. Barroso ao do *Requiem* de *Dranmor*, na apreciação do phenomeno negativo da morte!

Para facilitar o confronto, bastará este pedaço:

«Ó morte! tu a quem apezar da promessa de celestiaes felicidades, eu só contemplava e apalpava com um sentimento de horror, e que não pude amar, porque o habito da existencia pesa sobre os meus hombros, assim como sobre os dos outros; tu que eu aguardo com resignação, porque o fim não é mais que um ultimo somno sem

pesadelos e sem despertar, porque a dolorosa fabula da resurreição não saberia mais enganar-me nem assustar-me; Senhora soberana de tudo quanto os sóes fazem desabrochar, de tudo quanto rasteja e de tudo quanto vôa, escuta minha invocação: — quero ser teo cantor e teo propheta, mas só quero sel-o para cobrir-te de rosas»....

Eis aqui a obra diversissima de um pessimista como *Dranmor*, que estuda os phenomenos com a vestidura que trazem e os explica sem prevenções, com uma elevada intuição artistica que delicia o ouvinte.

Para C. Barroso a morte é a podridão; para *Dranmor*, simples transição que apenas significa o cansaço da vida, o exacto acabamento da missão animal no globo.

E eis porque, emquanto este no seo *Requiem* a enflóra nas galas da apotheose, placido e sereno, aquelle lança-lhe imprecacões, sobresalta-se e irrita-se.

Na *Revista de Arte e Philosophia*, de novembro de 1902, o auctor dos *Anathemas* publicou um magnifico estudo sobre o Conde de Ostia — *Rinaldo Donatello.*

É a meo ver a sua melhor obra d'arte, como concepção e como estylo; é um trabalho em que o notavel escriptor não se revela tão preoccupado com as formulas satanistas e que por isso mesmo revela o poder creador do seo talento.

Descrevendo uma scena de amor de Donatello, C. Barroso rememóra a conhecida lenda da profanação do cadaver da rainha Stella, a quem o Conde de Ostia tanto adorou em vida como depois de finada e conta o seguinte:

«Certa vez — noite alta — eram as estrellas como pharolins de barcos de oiro que ondulassem no céo — passando para a montaria,

tremulos de raiva se fizeram os fidalgos: a mão no punho das espadas, a voz convulsa, mostravam o palacio illuminado de Donatello, o qual por aquella alta hora resoava como em rumor de festa.

Por uma janella aberta, viram elles, com espanto, o vulto de uma mulher—Stella—condessa de Donatello, por esse hymenêo da Morte que desliga os corpos para os unir de novo com o pesado grilhão de uma saudade immortal.

Poderiam tolerar—clamavam—que aquelle libertino, que trocava o combate aspero e a caça corajosa ás féras bravas por uma orgia nocturna, talvez com a plebe infrene, abraçado com a amante á janella, viesse ferir o orgulho de uma raça de nobres, quando elle os sabia ali em seos dominios, pois os annunciaram o ruido da atrelagem das matilhas e a voz bem clara dos cornetins lançada aos ares como um desafio?!

E o rumor foi grande quando alguem notou que aquelle vulto de mulher que tinham visto, tinha extrema semelhança com a rainha que lhes morrera mezes antes.

Não a reconheceram elles, pois para lhe render vassallagem suas espadas se abateriam.

Foram brandidas ao alto naquella noite em que a viram e tiveram no brilho sereno do luar uma unica resposta ao seo insulto—o despreso solemne e grandiloquo de um silencio de céo.

E uma ronda se fez em torno do palacio: muitas vezes adormeceram sobre o punho dos gladios, a cabeça pendida em cogitações, sem que ouvido tivessem o rumor que ouvido tinham quando passaram para a montaria.

Certa noite a figura de Stella—a rainha morta—assomou ao balcão do palacio de Donatello.

Um luar algido, como que feito da pulverisação do marmore dos campos, lavava os altos céos.

Na terra illuminada, as arvores verde-negras, áquella claridade, tinham apparencias monstruosas de Poliphemos: claros abertos nas ramagens, varados pelo luar, pareciam os seos olhos.

A rainha na sua veste fulgente de lhama d'oiro, tinha a irradiação de um sol e no luar de prata, frio, aquelle calor do oiro accendia um clarão.

Nos seos dedos afilados de morta, as gemmas rutilas dos anneis tinham reverberos de escamas de serpentes.

E o seo corpo floral e esguio como uma tulipa, corpo de soberano porte, dobrou-se: sua cabeça pendeo ao receber o osculo de Donatello, como um hastil se dobra ao osculo do vento.

E aquellas duas boccas presas uma na outra, como duas bor-

boletas noivando, faziam cantar no luar de prata, a sonoridade crystallina dos beijos.

E toda uma harmonia de suspiros, de tremolos d'alma, de ancias, de ais, errava no ar.

Como um bysso distendia-se pela terra o clarão da lua, como uma escumilha cingia os dois amantes.

Elles eram como que lubricamente despidos pela claridade.

Áquelle luar, como que feito do pó dos ossuarios, branco e triste, tinham a volupia faminta de vermes devorando de beijos o cadaver daquelle amôr.

No céo limpido, como uma charamella de oiro, cantava o brilho de uma estrella, que, de desmaio em desmaio, talvez de ciúme, se foi apagando no azul.

—Donatello!—rugiram cem boccas flammejantes de raiva e o écho murmurou como que num amavio, no brando rumor de um beijo: Donatello!

Fôra bem a voz da rainha Stella que lhes respondera, elles o sentiram.

Uma nuvem negra, velando a lua, fez mergulhar na sombra o palacio do conde moço».

. . . .

Para quem já uma vez leo o *Elixir do Diabo*, ou os *Contos Phantasticos* de WILHEIM HOFFMANN, o trecho acima mencionado é uma pagina ao sabor dos que se affeiçoaram á *maneira* do insigne novellista allemão.

Do que hei adduzido, ouso concluir que o moço escriptor dos *Anathemas* e de *Jerusa*, terá o destaque que lhe asseguram os seos dotes de fino estylista e analysta, quando se desfizer das convenções do seo systema favorito, isto é, quando fôr mais humano.

Aos *satanistas*, têm inteira applicação estas sinceras palavras endereçadas aos *parnasistas* e *symbolistas*, por um critico consciencioso, que em 1903 brilhava nas columnas do *Figaro*—FERNAND FREGH; dizia elle e eu adopto sem reserva as suas observações:

«Que faltou quasi sempre aos parnasianos e aos symbolistas para nos satisfazerem plenamente?

Elles só quizeram ser artistas e taes foram.

Não ponderaram que o que nos interessa no artista é o homem, porque a humanidade é que é a medida commum entre elle e nós outros.

Nós que chegamos depois, conhecedores destes factos, sonhamos com uma arte ao mesmo tempo mais enthusiasta e mais terna, mais intima e mais larga, uma arte directa, viva, e, numa palavra que tudo resume—humana.

Tempo é, pois, de constituirmos a escola da *belleza pela vida*».

Monsenhor Euripides Pedrinha

Nasceo na villa do Riacho, do Estado do Espirito Santo, em 17 de julho de 1864, o monsenhor Euripides Calmon Nogueira da Gama Pedrinha.

Deixando o lar em 1881, fez os estudos preparatorios nos seminarios do Rio Comprido e de S. José, do Rio de Janeiro, e em 14 de dezembro de 1890, das mãos de D. João Esberard, recebeo as ordens de presbytero secular.

De então para cá, tem occupado diversas vigararias nos Estados do Rio e do Espirito Santo, havendo prestado inolvidaveis serviços á causa da egreja; por occasião da installação do bispado deste ultimo Estado, a sua cooperação junto a D. João Nery foi tão efficaz, que o Summo Pontifice, apreciando-a devidamente, conferio ao padre Pedrinha a dignidade de monsenhor.

Em rapidos traços, taes foram os primeiros passos do ex-vigario de Santo Antonio dos Pobres, ao iniciar o exercicio do seo sacerdocio.

Diversos são os trabalhos devidos á penna do distincto prégador e escriptor, que andam impressos pelos jornaes, prologos de livros e revistas didacticas; d'entre todos, o de maior vulto foi publicado na typographia

d'*O Apostolo*, em 1896, sob a denominação de — *Timidos Ensaios*.

É um forte volume de 559 paginas, dividido em duas partes, contendo a primeira os escriptos da epoca preparatoriana e a segunda, as producções do moço ecclesiastico, ora de caracter doutrinario e religioso, ora de feição litteraria profana, umas vezes em prosa, outras em verso.

A primeira parte do livro, por isso mesmo que encerra as impressões da juventude de Euripides Pedrinha, não deve servir para base de julgamento critico; n'essa quadra despreoccupada do tirocinio de humanidades, quem já póde attenuar pela reflexão os impulsos d'alma?

Poucos e bem raros.

Mas, ainda assim, ha alguma coisa que revéla no moço estudioso um certo culto pela natureza no que ella tem de mais impressionante, ou seja, a tonalidade de um lyrismo suave na descripção, exacto no colorido.

No começo do anno em que devia vestir o habito de S. Pedro, Pedrinha fazia versos como os do soneto

O CANARIO DO PARAISO [1]

(Á Ex.ma Snr.a D. Maria Brandão)

«Tu assim solitario e tão contente,
Ó canario feliz! O bosque umbroso,
O fresco prado, o corrego relvoso,
O ninho, a companhia sorridente,

---

[1] Tinha o nome de Paraiso uma fazenda do Estado do Rio, onde estadiava o poeta e em uma das salas da casa, existia um desses cantores de nossas mattas, detido em uma gaiola.

O brando cipósinho, onde ridente
A brisa te embalava, e, gracioso,
Ternamente cantavas mavioso...
Tudo p'ra ti finou-se! E tu contente?

Chora, meo canario! e tem saudades
Da vida que passaste entre beldades!
Mas ah! reparo em tempo: canta e canta!

Estes sitios mitigam toda a dôr,
Estas flores se animam;—bello cantor!
Estás num *paraiso*—a voz levanta.»

Na segunda parte, além de uma noticia succinta sobre o torrão natal, correspondencia epistolar, questões de imprensa, saudações, etc., o escriptor fez inserir algumas das suas predicas mais estimadas e cuidadas.

O proemio que se lê a pag. 217, sobre o thema dos *Canticos dos Canticos: tota pulchra est amica mea et macula non est in te*—é um trecho capaz de firmar os fóros de um orador ecclesiastico, si é que a velha theologia ainda tem seiva para os suscitar nos dias de hoje.

Em outra predica sobre o texto: *Charitas Christi urget nos*—o panegyrico de S. Sebastião é feito de fórma tão imaginosa, que faz recordar ANTONIO VIEIRA no sermão sobre *S. João Baptista.*

Um traço do seo estylo e de suas qualidades de pregador, encontrará o leitor na oração que vae ler sobre o versiculo do Evangelho de S. Matheos:—*vos estis lux mundi:*

«Antes da luz material, a terra era um abysmo povoado de trevas.

O espirito de Deos, o espirito vivificador passeiava por sobre essa creação informe, qual artista preoccupado em dar ao esboço do seu genio, as fórmas e os brilhos conforme ao seo sublime ideal.

Diante daquellas grossas trévas, que afogavam no berço a creação divina, Deos parece reflectir: revolve na riqueza de sua sabedoria, aparta com sua omnipotencia e pronuncia aquelle primeiro e solemnissimo *Fiat*, que foi a morte das trevas, a vida da luz e o mais jucundo sorriso da creação.

Fiat lux et lux facta est.

Desperta-se então a natureza e sobre os escombros das trevas e dos abysmos, corre, aos acenos do Creador, a mostrar ao homem as grandezas de Deos e as maravilhas pasmosas de sua omnipotencia.

Essa luz material, foi o mais formoso e delicado adorno com que se vestio a terra, para se mostrar e apresentar ao rei da creação.» *Timidos Ensaios*, 324-325.

Espirito disciplinado nos ensinamentos da fé religiosa, o monsenhor E. Pedrinha não é um obscurantista, nem do numero dos que julgam incompativeis as funcções do ecclesiastico com as do cidadão.

Tão pouco é homem facil de obedecer ás injuncções desarrasoadas do poder.

Da primeira vez que visitou o berço depois de ordenado, em 1891, a auctoridade civil entendeo de o mandar summariar criminalmente, pelo facto de effectuar casamentos sem precedencia da solemnidade civil, por supposta infracção do *canon* contido no art. 284 do Codigo Penal.

Fui do numero dos que então no Estado esposaram a defeza da causa do padre rebelde e relembro este caso, não para avivar louros amortecidos ou armar á gratidão, mas, para ainda uma vez repetir, que tão legal foi o acto do sacerdote, quão arbitraria e subversiva das instituições republicanas, a interpretação dada em sentido contrario pelo Governo, ao preceito do § 4.º do art. 72 da Const. Federal, combinado com os §§ 3.º e 7.º do mesmo artigo, sem a menor duvida derogatorio daquelle texto penal.

Nem-um absurdo póde attentar tão directamente contra a integridade da liberdade de consciencia dos cidadãos, do que a famosa precedencia do instituto civil ao religioso, sabido como é que não cabe á instituição secular direito de estabelecel-a, desde que para a lei civil mui diversa é a natureza da relação obrigacional que o casamento vem firmar.

Praticando a cerimonia religiosa antes da civil. o crente de qualquer confissão nada mais ha feito, do que *publica e livremente exercer o seo culto* e si esse direito a Lei Primordial do paiz lhe assegura, como transformal-o em delicto?

Folgo de ver de accordo com a intelligencia que dei e mantenho, ao dispositivo constitucional, em 1891, o illustrado auctor e commentador do Codigo Penal, Sr. Dr. Oscar Macedo Soares, e o erudito mestre Dr. João Vieira; o primeiro em nota á pag. 582 do seo *Commentario* e o segundo em seo *Codigo Pen. Interp.*, pag. 414 e seguintes, doutrina que o proprio Governo Federal afinal veio a abraçar, por Aviso de 31 de agosto de 1893.

. . . .

Militante na fé republicana, Euripides Pedrinha não se esquiva de dar ás idéas generosas, o concurso do seo applauso e de sua adhesão.

Estão ainda na memoria de todos, os échos da brilhante allocução com que a 20 de novembro de 1898, saúdou a vinda ao Brasil do crusador *Adamastor*, nas festas promovidas em homenagem ao velho Portugal, na basilica da Candelaria, bem como os da oração proferida nas solemnes exequias de FELIX FAURE, em 23 de fevereiro de 1899.

O Monsenhor Pedrinha, a partir de 1897 até hoje, tem feito parte do Congresso Legislativo do seo Estado.

Amancio Pereira

Nasceo na Victoria, a 8 de abril de 1862.

Obscuro por nascimento, este nome é o de um moço exemplo vivo do trabalho e da perseverança.

Vivendo em um meio refractario á cultura do espirito, é um estudioso modesto cujos trabalhos excitam sympathia, já porque são productos de uma intelligencia não disciplinada por superior preparo, já pelo louvavel intuito que os recommenda: — não deixar em olvido os homens e coisas assignalaveis da região espirito-santense.

A essas circumstancias ponderosas, accrescente-se a de tratar-se de um homem pauperrimo, onerado de familia, sem encontrar emprego á actividade que lhe resta das folgas do seo sacerdocio e comprehender-se-á a benevolencia com que devem ser julgadas as suas producções.

Amancio Pereira é um professor primario na Capi-

tal do Espirito Santo, continuador das tradições de Manoel Ferreira das Neves e Aristides Freire e como elles pouco conhecido no paiz, apezar de educadores de tantas gerações.

Ha, porem, uma differença entre os tres: Ferreira das Neves, espirito talhado para resistir com vantagem ás vicissitudes da vida, pôde desprender-se do berço e vir continuar a sua missão pedagogica na Côrte do imperio, dirigindo os dois institutos que fundou: — o *Collegio Neves* e o *S. Manoel*, de cujo ambito sahiram homens que fizeram reputação nas lettras.

Graças ao seo temperamento combativo e ao fulgor de seo talento, pôde illustrar-se e adquirir renome e recursos que lhe asseguraram no fim da vida commodidades e abastança.

Aristides Freire e Amancio Pereira, continuaram a viver no torrão natal, exercendo o magisterio, ora confiantes ora desilludidos de compensações, mais ou menos alheios ás oscillações do pendulo da politica, sem nem-uma esperança de obterem commodidades em qualquer etape da jornada.

Possuem o mesmo scepticismo do grande latinista Ignacio dos Santos Pinto, de quem foram discipulos e com quem aprenderam a desconfiar das proprias forças; homens do seo tempo, porem, delle se distinguem por uma particular propriedade, que eu não sei si bem exprimo chamando — productividade.

Os dois Santos Pinto, pois que pae e filho foram eximios latinistas e professores, nem-um escripto deixaram que lhes perpetuasse a memoria.

Effeitos de exagerada modestia ou prejuisos da escola stoica que elles adoptaram com a leitura de Seneca e demais classicos da latinidade, nada transmittiram aos vindouros do opulento acervo da sua erudição; seos dois discipulos, ao contrario, fizeram-se recommendaveis pelos

trabalhos litterarios que correm impressos uns, ineditos outros.

Sobre Aristides Freire, em outra parte deste escorço historico deixei escripto o sufficiente para ser comprehendida a sua posição em nossas lettras.

Quanto a Amancio Pereira, direi agora que appareceo annos depois, sem ter completado os estudos secundarios do curso do Atheneo Provincial, á mingua de recursos.

Seos primeiros escriptos surgiram nos jornaes em que collaborava, principalmente n'*O Espirito-Santense* e nos periodicos que veio a redigir: o *Sete de Setembro* e o *Baluarte*.

Depois de haver feito a peregrinação a que está sujeito o professorado primario em nosso paiz, por effeito de remoções nem sempre justificaveis quando não provêm directamente de mal entendidos caprichos partidarios, passou a exercer o magisterio na Victoria, onde fundou aquelles dois ultimos orgãos e publicou os seguintes trabalhos:

Folhas Avulsas, Beatriz ou a *Cruz do Juramento, Jorge* ou *Perdição de Mulher* (Novellas).

Folhas Dispersas, Humorismos e *Homens e Coisas* (Contos).

Na Lua de Mél, O tio Mendes, Virou-se o feitiço e o *Compasso Musical* (Comedias).

Em 1894 publicou as *Noções Abreviadas de Geographia e Historia do Estado do Espirito Santo*, livro que está na quarta edição e foi adoptado pela Directoria da Instrucção Publica local.

Em 1897, os *Traços Biographicos* (1.ª serie).

Alem dos escriptos apontados, é auctor dos seguintes, que se conservam ineditos:

Licia, Sentimentos de educação (Romances).

Noemia, Beatriz e Deomar (Dramas).
Quem muito escolhe..., O Penedo, O Engrossa, Coió e Engrossa (Comedias e revistas).
Traços Biographicos (2.ª serie).

Pela resenha supra, vê-se que Amancio Pereira é um escriptor infatigavel, um exemplo de coragem no ambiente em que age e que deverá ter contribuido para o cultivo das lettras em seo Estado, de qualquer modo.

Seos dramas, comedias e revistas, embora não impressos, tiveram indubitavel exito quando enscenados na Victoria; seos romances, contos e novellas, foram impressos nos folhetins da imprensa local e comtudo, a falta de tiragem em livros, desses trabalhos, é tão sensivel, que não me julgo habilitado a dizer qual delles é o resumo abreviado das qualidades do escriptor ou do preceptor.

De mais de vinte producções, apenas logrei ler duas: — *Noções de Geographia* e 1.ª serie dos *Traços biographicos*, ensaios valiosos como fontes de informação, como peculiaridades regionaes, mas que não fornecem a medida do valor exacto de quem os elaborou.

E seria ao menos rasoavel, bitolar por tão estreito padrão, aptidão que se tem manifestado em direcções tão varias e tão assiduamente?

Quero crêr que não.

Entretanto, nem-uma culpa deve recahir sobre o moço estudioso.

Em seos apontamentos, que me foram gentilmente fornecidos para a confecção deste estudo, alludindo á interrupção da publicidade do *Almanack do Estado* e segunda serie dos *Traços*, elle proprio escreveo:

«Deixei de continuar a publicação, por falta de recursos mo-

netarios, tão cára é entre nós a impressão para quem tiver de a fazer á sua custa exclusivamente.»

A explicação que ahi fica, não é só uma justificativa, mas uma excusa peremptoria.

Vivemos em um paiz em que não póde ser mais positivo o conflicto entre o capital intellectual e o capital industrial.

O capital de idéas, em regra, não conduz á acquisição do antidoto contra a pobreza.

Em opposição, o capital industrial ou monetario, susceptivel de applicação immediata, póde viver e vive sem servir de vehiculo a idéas.

Dahi o contraste: auctores com obras, sem recursos para imprimil-as, expostos a morrer na penumbra da obscuridade, execrados ainda como aváros, si possuem intelligencia em gráo subido; para estes—irreductivel pobreza; auctores sem obras—pois que outra significação não tem o capital em mãos de quem o possúe sem gasto da propria actividade—alheios a tudo quanto se passa em derredor do progresso das idéas, certos de que mais dia menos dia, terão tocado a méta de suas aspirações: a effectiva posse da fortuna.

Doloroso isso, mas insophismavel como facto de observação diurna!

A explicação, portanto, embora não seja nova, vale, dizia eu, como uma razão excludente de culpabilidade do auctor.

Quando affirmo que não é nova, quero dizer que entre nós, os espirito-santenses, mais do que entre os brasileiros restantes, a pobreza engendrou males que nos têm desalentado, tanto na esphera do progresso material como do intellectual, e nesta muito mais que naquella.

Ha dois irretorquiveis argumentos sobre o que acabei de enunciar, por mim assignalados no capitulo pri-

meiro d'este livro e que agora repito: o primeiro poema sacro que iniciou historicamente a vossa vida litteraria, foi composto em 1770 e divulgado pela imprensa sómente em 1854; o primeiro poema lyrico profano, feito em 1817, só em 1856 vio a luz da publicidade!

A clareza deslumbra e tanto basta para não insistir na demonstração da these.

Comprehendo agora quanta razão tinha o egregio auctor do livro—*Elements of Social Science*, quando asseverou com a sabedoria de sua experiencia:

«A pobreza é o mais terrivel de todos os males que affligem a humanidade.

Comparados com este flagello, os outros grandes males, taes como a peste e a guerra, são relativamente de pouca importancia.

Estes ultimos passam e só apparecem a largos intervallos; são como as poucas gottas que de vez em quando fazem transbordar a funda taça das miserias humanas.

Demais, não são em geral senão os effeitos da pobreza em que, com a sua inseparavel miseria social, com o descontentamento e com as paixões irritadas, está engolphada a maioria do genero humano, e que é a raiz principal dos mais damnosos males a que estamos sujeitos presentemente.

E todavia a humanidade não tem ainda bastante consciencia da grandeza enorme e incomparavel dos males da pobreza.

Si nos ameaça uma guerra ou uma peste, a perspectiva dos soffrimentos que dahi podem resultar, abala cada um de nós; fazem-se preces e despertam-se todos os sentimentos graves e tristes; mas estes males, em comparação das miserias originarias daquella fonte, não são mais do que um grão de areia no deserto:—são como pequenas ondas que levemente encrespam a superficie dum tenebroso mar de desespero.

As guerras vêm e passam; as pestes duram determinado tempo e depois deixam-nos; mas a pobreza, o tyranno feróz da nossa raça, permanece no meio de nós atravez dos seculos e em todas as circumstancias.»

. . . .

Como quer que seja, parece-me que é de justiça

conferir a Amancio Pereira o merito de haver iniciado em sua terra a acclimação do romance e da novella e continuado a desenvolver a cultura da arte theatral pelo drama e pela comedia.

De sua aptidão profissional, nem-uma attestação mais solemne póde haver, do que a acceitação das obras didacticas que tem editado e os numerosos discipulos que encaminhou aos cursos superiores da Republica e ás altas regiões do funccionalismo.

Dr. Oswaldo Poggi de Figueiredo

Nasceo na Victoria, a 3 de janeiro de 1875.

Filho de magistrado, fez os estudos preparatorios nos Estados onde seo pae exerceo a judicatura, isto é, no Amazonas, no Maranhão e em Pernambuco, vindo ultimal-os na Capital Federal.

Em 1896, nesta ultima paragem, matriculou-se na Faculdade Livre de Direito.

Em 1900 recebeo o respectivo gráo.

Em seo Estado natal dedicou-se á magistratura, occupando successivamente os cargos de Promotor Publico, e o de Procurador Seccional da Republica, em que se conserva.

De norte a sul do paiz, tem collaborado na imprensa, a saber: No *Volcão* (de Manáos), no *Fluminense* (de Nictheroy), n'*A Rua do Ouvidor* e *Revista Academica* (da Capital Federal), na *Gazeta da Tarde*, no *Meteóro*, na *Revista de Lettras e Artes*, na *Republica* e *Reforma*

(de Porto-Alegre), na *Sentinella* e no *Mimo* (de Minas-Geraes) no *Estado* e *Commercio do Espirito Santo*, (Victoria).

Durante o tirocinio juridico, publicou em Porto-Alegre, em 1899, um livro de versos sob a designação de — *Rebentos* — e na mesma cidade, em 1900, um outro contendo contos e novellas a que denominou — *Taça de Fél;* são essas duas producções as suas credenciaes litterarias, bem exiguas por certo.

Livro das primeiras confidencias da juventude, o dos *Rebentos* não deve ser exposto á critica.

Contendo perto de uma centena de poesias, apenas em uma — *Culto Duplo* — encontro vestigios da habilidade do auctor ou a direcção artistica do seo estro.

É um caso de reproducção espontanea ou melhor, uma averiguação da transmissão de exuberancia de formas e belleza, que vem de mãe a filha e que o poeta relata no seguinte soneto:

«Tua mãe era um anjo. Eu era pequenino
Quando ella florescia entre mocinhas bellas;
Tinha um semblante honesto, um nobre olhar divino,
Candido como a luz fagueira das estrellas.

Veio um joven gentil — um luctador genuino,
De uma grande batalha, e, conhecendo aquellas
Seducções de mulher, num rasgo repentino,
Com sacrosanto amôr, logo elle quiz prendel-as.

Não tardou que os humbraes de um templo magestoso
Dessem logar á entrada d'um joven par mimoso ...
E nasceste afinal, minha excelsa candura.

E quando hoje captivo ao lado teo me apanho
Eu penso em tua mãe que foi o typo extranho
Da belleza infantil, de nobre formosura».

Em todo o livro não ha outra producção semelhante á que fica registrada ou que ao menos della se avisinhe. Nota-se ainda nos versos de Oswaldo, pobreza de vocabulario denunciada por seguidas repetições de um mesmo termo em mais de um verso e ausencia de expressão.

Os versos dos *Rebentos* não têm o rhythmo cantante que é o sainête musical da poesia; não percorrem a escala do sentimento do *allegro* ao *moderato* ou vice-versa e na poesia, a variedade dos tons pondo em exercicio os recursos da imaginativa, assignala o vigor da inspiração que os apurou.

Não quiz deliberadamente alludir á poesia — *Confissão* — dedicada ao torrão natal.

Creio não errar julgando-a um bem acabado mimo de sentimento; para ella reservei esta especial consignação, porque é uma expansão intima, um quadro de muita significação pelo que exprime e pelo que faz subentender.

E um bello preito que o poeta de envolta com sacratissimas recordações, presta á terra do seo berço e eu penso que o appello gentil endereçado ás suas patricias.

«Não me fecheis os vossos corações»,

teve correspondencia não menos gentil, pois em breve sua lyra alacre, desferia accordes reveladores de outros anceios, traduzidos neste soneto:

«Para adorar-te, os dias vou vivendo
Só feitos de alvoradas e de luares,
Emquanto sinto que me vaes prendendo
A alma, na tua graça e em teos pezares.

Havemos de imperar nos mesmos lares,
Uma só dôr felizes padecendo;
Havemos de beber os mesmos ares,
N'uma ventura só juntos morrendo.

Iremos juntos sobre os mesmos cardos,
Revendo brancas noites, dias pardos,
Na dôr felizes, na alegria irmãos.

E noutros mundos, novamente unidos,
Viveremos os dias já vividos
No mesmo affecto e pensamentos vãos».

. . . .

Mais promissôra e feliz, parece-me a estréa do joven escriptor nos contos e novellas da — *Taça de Fél.*

Estudos de trechos da vida social, feitos á *la minute*, narrativas de episodios que não raro se reproduzem na scena do mundo, o auctor fêl-os com sobriedade, com observação, procurando derivar de cada temperamento a correspondente idiosyncrasia.

Comparada com os *Rebentos*, a *Taça* equivale a um contraste.

É que seguramente o escriptor neste ultimo terreno pisa com mais firmeza e si o cultivar, poderá de certo resgatar as imperfeições que porventura surgiram na sua primeira obra de prosa.

Oswaldo Paggi, é pois, uma aptidão litteraria em espectativa, uma promessa que tende a accentuar-se na communhão das lettras.

Si estudar, si tiver coragem para resistir ao enervamento do meio, poderá vir a influir beneficamente na direcção mental de sua terra.

Padre Thomaz Aristoteles Guizan (1864-1905)

Nasceu no Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo, a 20 de dezembro de 1864.

Iniciado nos estudos elementares na provincia, pelo reputado educador Eugenio Aurelio Brandão do Valle, fez os preparatorios no seminario do Rio Comprido e o curso superior ecclesiastico, no de S. José, tendo recebido as ordens sacras em 1888.

Apenas ordenado, foi distinguido pelo bispo do Rio de Janeiro com a capellania do Asylo do Amparo, em Petropolis; mais tarde, na cidade do Rio de Janeiro, onde fixou residencia, occupou successivamente na Candelaria os cargos de sachristão-mór e vigario, que accumulou com os de capellão e professor de religião do Asylo da Piedade.

Em 1904, foi elevado a conego da cathedral.

Do curso de humanidades e do superior, que fez com distincção do primeiro ao ultimo anno, não deixou Guizan outra prova por onde se reconhecesse o seo valor

intellectual, senão o conceito em que o tinham os mestres e collegas.

Em 1899 foi que começou a imprimir alguns escriptos, que aliás não deixou completos.

Tendo viajado a Europa em companhia de outro sacerdote de familia allemã, o padre Ricardo Drewitz, seo amigo e collega, dedicou-lhe Guizan as notas e impressões de sua excursão ao velho mundo, trabalho que constitue as suas—*Viagens na Europa*.

O primeiro volume é referente á Hollanda, á Allemanha e á França e veio á lume em 1899; o segundo, tambem editado no Rio de Janeiro, contêm narrações sobre a Suissa, Baviera, Austria e Italia, foi impresso em 1904.

O livro das *Viagens* não é um trabalho de merito artistico, que se recommende pelas fulgurações de um estylo brilhante, como o de Lopes de Mendonça—*Na Italia*—ou o de H. Taine sobre o mesmo assumpto; é apenas um escripto curioso, um livro de utilidade.

E a razão é simples; o primeiro viajou para recrear o espirito fatigado na monotonia dos seos encargos sacerdotaes e na contemplação das scenas da natureza tropical; o segundo para desfazer-se da nostalgia que o empolgára na phase da maior actividade litteraria de sua patria e o ultimo pelo devotamento ao estudo, por exigencias do seo temperamento fino de indagador e de artista.

Thomaz Guizan não tem a sciencia de articular o enunciado dando-lhe o contorno e a precisão, o realce e a brevidade, que tanto distinguiram o auctor das—*Cartas de Inglaterra*.

Eça de Queiroz possuia o especial talento de reproduzir os quadros na proporção convinhavel ao assumpto, ao grado de sua imaginação, naturalmente, como si o fizesse em palestra descuidosa.

Para não sahir do livro alludido, bastará recordar a descripção de Alexandria:

«Todavia, tal qual era, Alexandria—com a sua bahia atulhada de paquetes, de navios mercantes e de navios de guerra, com os seos cáes, cheios de fardos e de gritaria, os seos grandes hoteis, as suas bandeiras fluctuando sobre os consulados, os seos enormes armazens, os seos centenares de tipoias descobertas, os seos mil cafés concertos e os seos mil lupanares; com as suas ruas, onde os soldados egypcios, de fardêta de linho branco davam o braço á marujada de Marselha e Liverpool, onde as filas de camellos, conduzidos por um beduino de lança ao hombro, embaraçavam a passagem dos *tramways* americanos, onde os *Aheiks,* de turbante verde, trotando no seo burro branco, se crusavam com as caleches francezas dos negociantes, governadas por cocheiros de libré—Alexandria realisava o mais completo typo que o mundo possuia de uma cidade levantina, e não fazia má figura, sob o seo céo azul ferrete, como a capital commercial do Egypto, e uma Liverpool do Mediterreneo.

Isto era assim, ha cinco ou seis semanas. Hoje, á hora em que escrevo, Alexandria é apenas um immenso montão de ruinas».

Não é realmente dom de um engenho, poder tão bem dar exacta idéa de uma paisagem qualquer, em cincoenta como em tres linhas?

Pois tal era o de E. de Queiroz.

Si, porem, faltam ao honrado escriptor patrio, de saudosa memoria, esses excelsos dótes, sobram-lhe outros predicados de estylo, entre os quaes avultam a simplicidade e a modestia.

Acostumado a medir o valor das coisas pela utilidade que ellas encerram, Guizan tem esta affinidade com o auctor das *Cartas Americanas:* só se impressiona com tudo quanto póde ter uma applicação immediata ou ex-

prime em definitiva uma vantagem, uma commodidade, para a vida social ou para a do individuo.

Dahi resulta o cuidado especial que põe na narrativa do que observou nas grandes cidades, os seos aspectos de estudos predilectos, o movimento das grandes arterias povoadas, como os incidentes dos fócos menos densos, a vida collectiva e a isolada das populações, seos costumes, etc., etc.

Para quem tiver conhecimento do que são os Estados Unidos do Norte, pelas *Cartas Americanas* de J. Carlos Rodrigues e da Hollanda, pelo livro de R. Ortigão, é uma leitura complementar o das *Viagens* do padre Guizan.

Despreoccupado com preconceitos ethnographicos, procurou relatar quanto observou, sem o proposito de submetter a um criterio acanhado os productos da civilisação do velho mundo, embora algumas vezes seja injusto na apreciação dos antagonistas do catholicismo, como adiante notarei.

Prova da isenção do seo espirito sob aquelle primeiro aspecto e de suas qualidades pessoaes de escriptor, abonadas pela comprehensão de um justo cosmopolitismo, que em particular o recommenda, é o excerpto a seguir sobre Berlim:

«Berlim é.... não sei que diga.

Um colôsso amavel, um gigante com as graças infantis.

Tudo methodico, tudo regular, tudo disciplinado, tudo attrahente.

As ruas muito largas, muito abertas e muito bem calçadas de parallelipipedos unidos e pequeninos; bastantes dellas submettidas ao modernissimo systema de asphalto: os carros deslisam por esse calçamento sem ruido algum, como se fosse de cortiça ou borracha, e quem está dentro da carruagem não sabe dizer si ella está parada ou andando — tal a commodidade.

Os passeios das ruas, folgadamente espaçosos, são em geral de

asphalto tambem, e muito planos e lisos; não se concebe a hypothese de serem sequer maculados pela suja roda de algum carro ou carroça.

Todos ahi encontram garantido e franco o caminho que desejarem tomar.

As ruas têm, distinctos e separados, espaços para os *pietons*, (pedestres) para carros e para carroças; e ainda especial nesga para os bondes.

Os trilhos destes são assentados no centro das ruas mais largas, combinando todos em parallelos regulares e engenhosos.

As praças e os largos — são muitos! — têm no centro umas areasinhas circulares, não raro enfeitadas com virentes massiços de apreciado vegetal: nellas descansam os transeuntes e, abrigados dos encontrões de carros ou de atropellamento de povo, esperam os bondes e omnibus que lhes servem.

As casas que bordam as ruas são enormes, são verdadeiros palacios, e rarissimas casas pequenas se encontram; as de commercio, muito extensas.

Uma rua, sobre todas, é esplendida pela riqueza dos vitrinas, grandiosidade dos seos edificios, luxo dos seos restaurantes, affluencia de distinctas familias, e um horror pelo comprimento: é a *Fredrichstrasse.*

A avenida *Lindenstrasse* é brilhante e folgazã desde a porta de *Brandeburg* até a soberba estatua do Eleitor; dahi para o fim é grave e magestosa.

O governo imperial e a municipalidade cuidam do povo, como a mais solicita e carinhosa mãe brasileira cuida do seo filhinho.

Ha grandes parques, grande numero de jardins e praças ajardinadas, onde o filho do povo, o homem do trabalho, o pobre, encontra vida para os pulmões, onde os proprietarios podem respirar á vontade.

As creanças têm ahi á sua disposição, montões de areia, (é baratissima a areia na Allemanha) que ellas — as buliçosas, perfuram fazendo tunneis, rasgando estradas, levantando casas e abrindo ruas. Mas nesse trabalho não as vereis sujas; antes guardam limpinhos os seos aventáes.

As mães, as amas, as creadas, estas repousam nos bancos com as respectivas cestinhas no cóllo, a fazer meias pretas, com os olhos fitos no relogio publico, que em geral se vê em quasi todas as praças, para que não passem da hora marcada pela patrôa ou imposta pela propria regra de vida.

Em um desses jardins veio a mim uma menina de perto talvez

de onze annos, a perguntar qualquer coisa que eu não entendi, pelo pouco conhecimento que tinha da lingua allemã.

Julgando que ella queria uma dadiva em dinheiro, abri a bolsa para tirar alguns *fennigs* e lh'os dar; ella, porem, recusou immediatamente a contribuição, com branda altivez e delicada extranheza, e se explicou de modo a fazer-se entendida.

Comprehendi então que eram as horas que a creança desejava saber; sua mãe não lhe havia dado licença para brincar senão sob promessa de seguir o horario, o regulamento da vida domestica.

Os jardins tinham flôres em profusão e graciosos eram no seo traçado geometrico.

A illuminação em geral é a gaz, mas ficam os postes a curta distancia uns dos outros e cada lampeão tem quatro bicos grossos, de tal modo que do dia para a noite não ha grande differença na claridade.

De noite não se usa cobrir as vitrinas com portas ou taboas; ficam expostas assim como si fôra claro dia: tal é a confiança que merece a policia!

Nada se vende pelas ruas ou se expõe na rua; o logar para esse fim apropriado, é o mercado.

Não ha pregoeiros, nem de jornaes.

Silencio completo em toda a cidade, quer de dia quer de noite.

Nem fructas, nem hortaliças, nem leite, nem doces, se vendem nas ruas; e nem podem estar expostos como reclamos, objectos, sejam quaes forem, pelos passeios ou pelos humbraes das portas de casas commerciaes.

E o asseio? A limpeza publica?

Duvido da existencia de uma cidade grande tão asseiada, tão limpa e tão hygienicamente cuidada e tratada como a exemplar Berlim.

Talvez que devido a existir ahi uma só casta de gente—a sensata gente allemã.

Não se lobriga nas ruas um rato morto, um papel sujo, um pouco d'agua servida, uma fructa deteriorada.

As casas, (o interior e o exterior) todos os dias, pela manhã cedo, são varridas, espanadas, escovadas, lavadas e desinfectadas.

É uma cidade edificada sobre areia; entretanto, o pó raras vezes tem accesso á nossa roupa.

Alta noite, por uns registros mysteriosos, rebentam jorros d'agua limpa que vão impetuosos por subterraneos a lavar os canos de exgôtto.

Pasma pensar em como a consummada hygiene allemã póde trazer essa immensa capital num tal requinte de asseio.

Depois de grandes aguaceiros, não ficam aguas empoçadas, nem em demorado curso; o systema de exgôttos é tão completo, que num abrir e fechar de olhos absorve todas as aguas e todas as impurezas, sem deixar resquicio dos detritos trazidos pela torrente.

Ninguem vê cartazes collados ás paredes, muros e portas; nem-um annuncio.

Os annuncios de theatros, de concertos, de divertimentos, de hoteis, de restaurantes, de casas para alugar, etc etc, são postos em umas tantas columnas grossas, com a altura de tres metros e servem para as enfeitar.

Tambem achei dignos de reparo os mictorios, que ordinariamente se occultam em massiços de verdes arbustos.

São grandes cylindros de ferro, forrados de lousa negra internamente.

A entrada para esses retiros é gyratoria; e podem ficar ao mesmo tempo mais de tres pessôas sem ser vistas umas pelas outras, e sem as extremidades das calças serem vistas pelos que passam, porque vão acima da cabeça do homem mais alto e principiam de muito baixo, quasi rente com o chão.

Está a polida ardosia convidando para nella se rabiscar e traçar lineamentos; não se vê, entretanto, uma só figura, uma lettra, uma gaiatice, um risco, um rabisco.

Não ha o pessimo costume de andar borrando e sujando muros e paredes; parece não haver moleques em Berlim, (moleques brancos, porque negros e mulatos seriam phenomenos).

Muito grande é o respeito mutuo nas ruas e em todos os logares.

Não ha pobres a pedir esmolas; impossivel é apparecer em publico um mendigo.

Berlim, acredito, ignoro o que seja a caridade; generosidade com os pobres, é certo, não existe.

Ninguem vê um aleijado, um defeituoso.

Todos os trinta dias andei e andei muito e vi mulheres, homens e creanças aos milhares; pois nem-uma só creatura humana eu vi, em condições de me excitar compaixão!

O governo recolhe para os asylos o que ha no genero humano de anormal e de desagradavel á vista; o governo faz com justo motivo, monopolio da beneficencia.

As moças têm papel importante no desenvolvimento da vida da cidade.

Nas lojas, nos armasens, nos botequins, nas cervejarias, nos restaurantes, nos kiosques, nas estações das estradas de ferro, nas agencias do correio, ahi se acham ellas cortezmente serviçaes, muito vivazes, asseiadas, modestas, delicadas, amaveis e recatadas.

Não ha indecencias que possam ferir a vista, a não ser nas estatuas copiadas do grego.

Isso mesmo — objectos de arte — não excita sentimentos de animalidade.

São os allemães propensos á uniformidade em tudo, a começar pela côr preta: uniformidade nas casas, no vestuario, nos usos, nos habitos; uniformidade na barba, que os velhos trazem cerrada e aparada e os moços só o bigode, á moda de Guilherme II.

De espaço a espaço, se encontram chaletsinhos bem feitos, com divisões para homens e mulheres, destinados á satisfação de necessidades corporaes. Uns ha que são gratuitos e outros que para serem utilisados obrigam ao pagamento insignificante de quarenta reis.

Nestes, que se póde estar a sós, por tempo indeterminado, encontra-se o indispensavel lavatorio com toalha sempre limpa». (*Viagens na Europa*, 62-68).

Esta transcripção, como o leitor verá, não serve só para proporcionar-lhe ensejo de conhecer o estylo do escriptor, mas para fazer o confronto entre povo e governo disciplinados por preceitos inilludiveis, eivados de *lutheranismo* e povo e governo que vivem dominados por ficções e por irreflectidas imitações, velando prejuisos de raça, *florescendo* em asphixiante *catholicismo!* Tivessemos ao menos, nós, os brasileiros, a intuição do progresso material como a têm e realisam as gentes de alem-Rheno, certo não leriamos na capital do paiz, que se presume o centro mais adeantado de todo elle, as ironias que vemos estampadas, quasi diariamente, á respeito de serviços executados á custa de tremendos impostos, mas que não correspondem ás necessidades das

populações, nem á segurança e commodidade de cada membro da communhão, em particular.

Em 31 de dezembro de 1906, Olavo Bilac editava nas columnas d'*A Noticia* estas causticantes ironias, á proposito da situação afflictiva dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, nos periodos pluviosos:

«Não sei si o velho Noé, depois dos quarenta dias e das quarenta noites do diluvio biblico, ao pôr o pé no monte Ararat, teve a coragem necessaria para se entregar a qualquer trabalho.

O que sei é que nós, os cariocas, depois do diluvio de hontem, e depois das tragicas aventuras a que elle nos submetteo, deviamos estar dormindo somno de pedra, e, entretanto, já por ahi andamos todos nos faina do trabalho, ganhando o pão do dia.

Que aventuras, ó potestades celestes!

Quanta gente passou a noite fóra de casa, sem poder dormir debaixo do tecto legal!

Aqui estou eu para exemplo: morador na famosa rua Christovam Colombo (que ha de passar á posteridade, de par com os directores da Companhia Jardim Botanico) ainda tenho a cabeça aturdida e zonza, depois da horrivel noite de insomnia, que tive de curtir sobre a dura cama de um infame quarto de hotel, por não querer arriscar-me a deixar as pernas, a cabeça ou a vida em um dos buracos que essa abençoada e immortal companhia cavou na rua maldicta.

Emfim, com dôr de cabeça ou sem ella, aqui estou eu trabalhando.

E não me queixo da minha sorte: porque, emfim, um homem que móra na rua Christovam Colombo ha nove annos, e que ainda consegue estar vivo — é incontestavelmente um homem feliz, protegido por uma estrella propicia.

Tambem já estão trabalhando, a esta hora, os moradores de Mangue, de S. Christovam, de Villa-Isabel, de todos esses bairros martyres que as inundações do verão periodicamente assolam.

Extranho, miraculoso, prodigioso paiz, que é esta patria dos sabiás e das palmeiras!

Ha um seculo que temos inundações no Rio de Janeiro! ha um seculo que se sabe que a causa das inundações é a deficiencia e a imperfeição dos exgottos! ha um seculo que nada se faz para evitar essa calamidade periodica! e ha um seculo que este povo se

resigna sem protesto a viver durante o verão numa verdadeira cidade lacustre!

Grande paiz e grande povo!

E, naturalmente, nada se fará. E, como é a funcção que muitas vezes cria o orgão — é possivel que os cariocas, por uma lei fatal de adaptação, já nasçam daqui a um seculo com barbatanas, como os peixes!»....

Um outro topico interessante é o em que o padre Guizan fala da vida recreativa popular de Berlim e da influencia das diversões sobre a cultura das artes.

Diz o nosso auctor:

«O allemão na Allemanha é um homem differente do que encontramos em qualquer outra parte do mundo, com os caracteres germanicos.

Hasenheide é um vastissimo passeio publico e uma esplendida synthese de todos os divertimentos populares e ainda uma soberba amostra de typos e de costumes nacionaes da Prussia.

Uma tarde: o céo risonho e bello, a terra verde e florida. Povo incalculavel se espalha pelo sombreado parque. Um zum-zum de gaitas, realejos, caixas de musica, instrumentos varios, entra-me pelos ouvidos e faz-me saltar de prazer o coração.

Grupos de velhotes deixando pender dos queixos enormes cachimbos, ingerem canecões de grosseira *bier;* rapazes musculosos, de barba raspada e charuto em fumaça, sorvem vagarosamente *glass* de *helles bier*; raparigas modestamente vestidas, sem adornos, sem fitas, sem laços, sem perfumes, mas com a graça e o perfume que a natureza lhes deo, passeiam risonhas e travessas por entre os grupos de pacatos rapazes; creanças innumeras, innumeras sem exaggero, entregam-se aos complicados divertimentos.

Aqui é um grande pavilhão redondo, em roda de cujo grosso mastro, fazem gyro as creanças montadas em cavallos, em cysnes, em patos, em diversos animaes; ali uma grande barraca, onde, em posições as mais exquisitas, se acha posta como alvo uma infinidade de bonecos.

Toma-se a espingarda, dá-se um tiro em qualquer delles, e o boneco põe-se a fazer momices, a guinchar ou tocar modinhas.

Tem o jardim uns trilhos assentados, parte em terreno plano,

parte em elevações; por esses trilhos correm, ao só primeiro impulso de vigorosa mão, carrinhos graciosamente enfeitados de inquietas creanças.

Pelos ares estão suspensos fios de arame por onde transitam acrobatas.

Um salão regorgita de moças, todas dansam desordenadamente entre si, sem cavalheiros. Ha vistosos restaurantes e todos bem sortidos e um complexo de coisas, que penoso seria o enumerar.

Cansado de ver, sentei-me debaixo de frondosas arvores, no meio da multidão immensa, defronte de um theatro aberto.

Nada se paga; a despeza sómente se faz com a inseparavel *bier* e o correspondente salvo-conducto—o biscoutinho salgado provocador da sêde.

Ia já anoitecendo: começaram os clarins das bandas de musica e as representações theatraes.

Consistiam estas em prestidigitações difficeis e scenas excitadôras de gargalhadas: tudo honestissimo.

Não vi em Berlim, á luz do dia, obscenidades, a não ser no realismo das estatuas das pontes e das pinturas da exposição.

Passada uma hora de gargalhadas por entre continuas libações de cerveja, parou a musica instrumental e entrou a cantar aquelle povo immenso.

A commoção que senti é indefinivel.

Não dei nunca um tiro de espingarda; mas naquelle momento eu pegaria em armas e exporia o peito ás balas em defeza da Patria! Eram hymnos marciaes e populares que todos cantavam (homens, mulheres e creanças) com suas vozes guerreiras e educadas.

Em Berlim o povo ama os concertos vocaes e instrumentaes, ama a pintura, a esculptura, as bellas artes e com interesse e bom gosto estuda e acompanha o movimento litterario e artistico.

No ardor do cantico, aquella multidão toda levanta-se em pé, recebe um club que lhe vem ao encontro, todo acceso em archotes e acompanha-o em deslumbrante *marche aux flambeaux*.

Si acontecesse naquelle torvelinho perder-se uma creança, esta seria levada ao palco e apresentada ao publico, por quem a tivesse encontrado; a mãe ou a pessôa interessada facilmente a iria buscar, sem ter andado dando tratos á imaginação para lhe descobrir o paradeiro»; *Idem*, 52-54.

Ha, porem, um ponto no primeiro volume das *Viagens na Europa*, que destôa do pensamento geral da

obra: é quando Thomaz Guizan, lembrando-se de sua qualidade de sacerdote catholico, entra a menoscabar nos adversarios lutheranos, tornando-se algumas vezes inexacto e outras contradictorio.

Referindo-se aos monumentos de Rotterdam, faz menção da estatua levantada em honra de Erasmo, em 1549, considerando-o «o grande precursor da Reforma».

Não me parece acertada a proposição, porquanto, embora o philosopho de Rotterdam tivesse nascido 16 annos antes de Luthero, nem-uma influencia exerceo sobre as idéas que o philosopho de Eisleben converteo em bandeira de combate da fé reformista.

Em assumpto religioso, o papel de Erasmo foi secundario; entretendo correspondencia com Luthero, como com Thomas Morus, com os reis da Escossia, de Inglaterra e com o Papa, elle suggerio ao chefe protestante, o alvitre de ensaiar uma reforma unicamente do clero, evitando em absoluto tocar nos dogmas e porque essa proposta fosse *in limine* recusada, desde então Erasmo passou a considerar o programma lutherano, como a «*verdade sediciosa*», que se esforçou por combater mais demoradamente em o seo *Tratado sobre o Livre Arbitrio*.

Guizan acceitou a interpretação dada por Laurent, ao papel historico de Erasmo, no celebre livro *La Reforme*, 396, esquecido de que o titulo justificativo da estima da Hollanda ao seo sabio, provêm da contribuição que elle trouxe ao renascimento das lettras, á divulgação das obras da antiguidade, os productos da sua erudição, justamente reputada uma das maiores do xv seculo.

Os monges, assegura Laurent na citada obra, inimigos da Renascença e da Reforma, diziam que Erasmo era peior que Luthero, que aquelle tinha posto o ovo que este se encarregára de chocar, e que o reformador tinha sugado todo o veneno nos escriptos do humanista,

Não ha verdade no conteúdo da allegação transcripta.

O pensamento a que obedeceo a Reforma, si alguma explicação póde encontrar na Renascença será tão geral e remota, que não lhe altera a significação; aquella far-se-ia á despeito do trabalho dos humanistas.

A unidade catholica tinha-se partido desde a edade media; a divergencia entre christãos do occidente e do oriente, cada vez mais profunda, acabaria por deslocar como deslocou de Roma a somma de poderes concentrada nas mãos do summo pontifice.

O advento da Reforma, antes de tudo, exprime a seguinte verdade: o papel historico e politico da egreja latina tinha findado nos tempos modernos.

Como religião o catholicismo entrou em concorrencia com outros elementos mais vigorosos e como é natural foi por estes vencido.

Para que, pois, attribuir a Reforma á Renascença?

Tempo é de tornar ao estudo encetado mais longe.

Á proposito do templo protestante de Berlim, a *Croskirch*, affirma Guizan que, quando o visitou, «havia meia duzia de devotos a ouvir o Pastor; que na capital do imperio, não ha religião nem-uma, reina a indifferença ou por outra, ha uma só religião que é a do *Gott-bier* (Deos-Cerveja) a quem fazem libações continuas e prolongadas, em templos magnificos. O mais é exigencia do imperador e material ostentação de edificios religiosos».

Esta narração que se lê á pag. 57, contraría a de pag. 75, em que o auctor referindo-se á *Stephanskirche* de *Helmstadt*, (cidade proxima á capital) declara:

«Entrei por curiosidade, está visto, no templo dos protestantes, á hora do officio dominical, no momento da funcção religiosa.

Repleto de sinceros e fervorosos devotos; o vasto e formoso templo dir-se-ia vasio, tão profundo o respeitoso silencio».

Ora, não é verosimil que na capital do imperio, cidade de maior cultura, o espirito religioso dos habitantes, seja menos sincero que o de uma cidade de segunda ou terceira ordem e que o mesmo *Gott-bier* não tenha egual adoração em ambas.

Sobre os sacerdotes reformistas de Berlim, observa o escriptor á pag. 68:

«Esses taes pastores—no dizer de um dos distinctos moços da cidade e protestante tambem elle—são perigosos lobos que devoram até as pobres ovelhinhas ainda tenras—as creanças das escolas—não tendo no coração sentimento algum religioso: são ganhadores».

Ora, em linhas anteriores, o padre viajante escreveo:

«O governo imperial e a municipalidade de Berlim, cuidam do povo, como a mais solicita e carinhosa mãe brasileira cuida do seo filhinho»; como, pois, explicar a existencia de lôbos devoradores de creanças das escolas, em uma capital tão bem governada?

São idéas que se repellem e levam á seguinte conclusão: ou o facto não é verdadeiro e quem o divulgou foi menos criterioso ou no caso contrario, triste idéa faz da mãe brasileira o reverendo patricio, comparando as suas expansões carinhosas, á degradação de um elemento social que se céva em tão ignobeis sentimentos e actos.

Ha, porem, uma serie de razões, qual mais forte e decisiva para ser averbada de suspeição a narrativa das *Viagens na Europa*.

Corria ao auctor o dever de explicar—dada a veracidade da versão que nos trouxe—o motivo porque trabalhando ha tantos seculos o catholicismo, no sentido de demolir a construcção religiosa que lhe é adversa, no imperio allemão, ainda não alcançou um terço de proselytos, não obstante os seos inexcediveis representantes serem modelos de virtudes, de continencia e moralidade princi-

palmente? Sim, é um caso que não se póde explicar de nem-um modo.

De tudo isso, o que parece verdade é, que no tocante á sobriedade, si veraz é o informante, catholicos e protestantes, na Allemanha, se confundem. Quanto ao mais inclino-me para os ultimos; formam uma communhão tão notavel e reputada, que só factos evidentes, palpaveis, auctorisariam juiso em contrario.

Sobre o assumpto de sobriedade, o que fiz notar encontra apoio no livro de Guizan: é uma prova, portanto, irreductivel.

Á pag. 51, assim traça o escriptor a sua visita ao parocho (catholico) da egreja de S. Miguel:

«Tem comsigo uma irmã sua para cuidar da casa, que é bonita e bem arranjada. É moço; amavel com os padres e delicado.

Entrámos ás 4 horas, o Drewitz e eu.

Com o parocho estava um seo amigo.

Nessa hora entrou tambem o combate allemão, a que não tinha ainda assistido.

Em principio esvasiaram-se quatro garrafas de *Mosel-wein* e *Rhein-wein;* seguio-se a cerveja, consumindo-se, não sei que indefinido numero de litros, até as 9 $^1/_2$ da noite, em que, por fraco e cansado, fui posto fóra de combate. A mesa estava repleta de iguarias puramente nacionaes, entre outras a tal muito saborosa carne crúa ralada».

O trecho vale por uma demonstração a que não devo additar commentarios.

Evidentemente o escriptor não comprehendeo o alcance nem a significação do protestantismo, como factor da civilisação e certo desconhecia quanto á Reforma deveo, o desenvolvimento intellectual da Europa.

Esses ensinamentos lh'os ministraria o incomparavel Thomas Buckle, quando em sua obra genial assevera:

«A auctoridade espiritual da Egreja, com a condemnação pre-

via das auctoridades esclarecidas, tinha entravado a marcha do progresso das idéas.

É por essa razão que o protestantismo, longe de ser como dizem os seus implacaveis inimigos, uma aberração proveniente de causas accidentaes, foi essencialmente um movimento normal, e a expressão legitima das necessidades de intelligencia européa.

No caso de que tratamos, a Reforma deve o seo successo, não ao desejo de purificar a Egreja, mas ao de tornar sua oppressão menos pesada; e póde-se sem hesitação dizer que ella foi adoptada em todos os paizes civilisados, excepto naquelles em que os acontecimentos anteriores tinham augmentado a influencia da ordem ecclesiastica, seja entre o povo seja entre os governos.

Foi o caso da França, infelizmente, onde o clero não só predominou sobre o protestantismo, como ainda pareceo por algum tempo ter ganho uma nova auctoridade com a derrota de inimigo tão perigoso». ([1])

No segundo livro de suas *Viagens*, Thomaz Guizan descreve os monumentos que visitou, notadamente os da Italia:

«Em Verona, o amphitheatro de Trajano, com capacidade para conter 60:000 pessoas, com as jaulas para as féras e outras para as victimas, no tempo dos espectaculos romanos, com as camaras dos gladiadores e demais dependencias do famoso circo.

Em Veneza, a praça de S. Marcos e a respectiva basilica, com todas as suas opulencias de marmores, bronzes e bizarras construcções.

Em Bolonha, as primorosas télas da *Madona della Pietá*, de Guido Reni, do *Martyrio de Santa Ignez*, de Dominichino, de *Santa Cecilia*, de Raphel e ainda outros de Perugino e Carrache; mas, tudo isso que invariavelmente é assignalado pelos itinerantes de todos os tempos e que com ser repetido não enfastia a quem lê, parece-me não ter o interesse da noticia que o auctor nos transmitte das ruinas de Pompeia.

([1]) *Hist. de la civilisat. en Aug.*, II, 199-200.

Pondera o nosso viajante:

«Á porta da cidade de Pompeia está o musêo de curiosidades singulares.

Ahi eu pude ver cadaveres, pães, fructas, cereaes, tintas, banha, frascos, garrafas, objectos todos que já contavam a bagatella de 1800 annos!

Vi deitados mãe e filho menor, dormindo o somno eterno; com ares de mui dolorosa tortura, um corpo de homem que tinha largo cinto, onde guardava moedas, segundo os vestigios que apresenta.

Esse corpo guardava bem definidos todos os traços physionomicos.

Um menino, um rapasóte, apenas com os pés carcomidos.

Um cão de colleira e argola, extorcendo-se em terrivel agonia, que o faz arreganhar os brancos dentes»; (*Viagens na Europa*), 175-176.

Cortando com egual rumo, as aguas do grande canal de Veneza, disse Taine, em presença de S. Marcos, que o que os olhos veem, não se póde descrever; é preciso ver estampas, mas de que valem estampas sem côr?

Ha ahi uma vastissima accumulação de obras d'arte, de obras primas, uma enorme prodigalidade de invenção; contemplando-as, não se tem meio de achar uma comparação feliz que as exprima, vagamente sequer; tudo quanto vem á mente do espectador seria tão mesquinho, como, si querendo dar idéa de uma arvore deslumbrante pelo aspecto, elle se recordasse de um bastão. [1]

Egual impressão teve o padre Guizan.

Elle nol-o declara: «Fiquei maravilhado! Os palacios de puro marmore, de lindo colorido, sua bellissima architectura—nem ha que dizer».

---

[1] *Voyage en Italie*, II, 254.

É incontestavelmente instructiva a obra do mallogrado escriptor espirito-santense; si defeitos possúe e alguns deixei de leve apontados em outro logar, podendo neste ainda notar — o do abuso dos diminutivos que tanto lhe prejudica a contextura — recommenda-se á leitura pelo despretencioso da narrativa e pela simplicidade com que são traçados os quadros e scenas que o observador photographou a penna.

Thomaz Aristoteles Guizan, falleceo em Mendes, (Estado do Rio) em 19 de setembro de 1905.

QUARTA PARTE

Os ultimos escriptores e pensadores

CAPITULO V

Ainda o theatro. A anthropologia, a paleontologia e as raças americanas, apreciadas pelo criterio moderno. Uma formula de Sociologia humoristica.

O desenvolvimento artistico continúa a manifestar-se sob a feição exclusiva das composições scenicas, nesta altura ou estadio da litteratura.

Uma outra ordem de idéas, porem, abre campo á discussão; são questões de interesse scientifico, como: as relativas ao apparecimento do homem, ao monogenismo ou polygenismo das especies, á prehistoricidade do homem americano e ao indigenismo ou exotismo das raças da America, que vêm á tona da discussão.

É de um modo geral que as estudo, pois que fóra do ponto de vista da critica das doutrinas expostas, ellas escapam do quadro da litteratura para o das sciencias particulares a que se prendem.

É esse o primeiro momento em que a litteratura local recebe uma contribuição de maior ponderação, não obstante estar muito longe de ser opulenta.

Como fructo de estudo de costumes sociaes, tambem contemplei a especialissima theoria a que um dos distinctos representantes da actual geração espirito-santense, deo fóros de doutrina.

Qualquer que seja o juiso que se formúle sobre este ultimo trabalho, é innegavel que no caso ha alguma coisa de verdade nas apreciações do moço publicista, sobre a vida social do paiz e tanto basta para não ser omittida a sua contribuição, que ainda tem a recommendação da elegancia da fórma e da vivacidade do estylo, quando outras se lhe não confiram.

Encerro esta ultima parte do presente trabalho, com um estudo sobre o desenvolvimento da imprensa local e o valor dos subsidios que ella trouxe á cultura litteraria.

Candido Vieira da Costa

Nasceo na Victoria, a 24 de setembro de 1855.

Descendente de paes pobres, feita a aprendizagem das primeiras lettras, estudou parte do curso de humanidades nos antigos collegios Espirito Santo e Atheneo Provincial, interrompendo esses estudos para occupar cargos da Fazenda Geral, pouco depois de 1870.

Actualmente estadia na Alfandega de Manáos, onde serve como Chefe de Secção.

De sua convivencia na Victoria com Misael Penna, Godofredo Autran, B. Dæmon e Aristides Freire, alem de outros, veio a adquirir uma certa inclinação para as lides da imprensa e da litteratura, redigindo alguns jornaes puramente litterarios, como a *Liberdade*, e collaborando em outros accentuadamente politicos, como *O Espirito-Santense*, *A Folha da Victoria*, *A Passagem de Venus* e o *Commercio do Espirito-Santo*.

Com Aristides Freire aprendeo a escrever para o

theatro, compondo a principio scenas dramaticas e mais tarde, em collaboração com o mestre, o drama—*A Caridade.*

Alem deste, escreveu Candido Costa:

—*Rosa Branca*, drama em 3 actos.

—*A Politica na Roça*, comedia em um acto.

Essas peças foram representadas na Victoria, mas não tiveram divulgação pela imprensa.

No Maranhão, começou o moço escriptor a revelar predilecção pelos estudos de historia patria, publicando a these: *Quem descobrio o Brasil?* em 1895, no Pará, seguida da obra—*O descobrimento da America e do Brasil*, que, em segunda publicação editada em Lisbôa, em 1900, como homenagem ao 4.º centenario do Descobrimento, tomou a denominação de—*As Duas Americas.*

Simultaneamente com este trabalho historico, no mesmo anno fez imprimir na capital portugueza, o drama em quatro actos—*Pedro Alvares Cabral.*

Dos dramas, como ficou dito, o unico impresso é o *Pedro Alvares;* mas este comparado com os anteriores, nem-um lustre traz ao nome do auctor.

O conhecidissimo successo do descobrimento, romantisado em quatro actos e que, segundo interessante e final nota do dramatista, a pag. 102, póde ser representado nos tres primeiros, sem prejuizo da acção com a exclusão do ultimo—o que equivale confessar que o acto final é perfeitamente inutil—não tem só este peccado. É uma peça que no fundo outro merito não possúe, a não ser a apotheose ás armas luzitanas—expediente que perdeo o effeito e a seriedade, depois que as burletas e revistas o utilisaram para recommendação de seos desconchavos; é um livro afinal, que não attráe pela forma, porque os dialogos não têm vida, são longos e fatigantes, e quando não se tornam emphaticamente palavrosos, descambam para a trivialidade.

Possivel é que enscenado o drama, differente seja a impressão do espectador; a que, porem, fica da leitura despreoccupada, resume-se n'isto: de um lado Pedro Alvares dando vivas ao seo rei e de outro — indios nús lançando interjeições ante o madeiro erecto pela equipagem do descobridor, cuja significação para elles devera ser nem-uma!

A apreciação que venho fazendo, note-se, é dando por inexistente o ultimo acto; neste, o que accresce é uma inverosimil paixão do degredado Affonso Ribeiro pela india *Jatahy* com quem por fim de contas vem a casar-se, depois de a ter convertido á fé catholica, ficando o portuguez relapso, por espontanea deliberação dos aymorés, investido nas funcções de chefe da tribu.

Neste passo as coisas não melhoram: o degredado entrega-se ás nostalgicas recordações da patria que deixou, entrecortando-as de lamentações piégas e a india *Jatahy* e outros aymorés que por elle bebiam os ares, despresam um parente, guerreiro valente chamado *Açú*, por não se ter querido converter á religião e o forçam á loucura e ao suicidio.

Dahi por diante, não se póde entender o drama sem um diccionario tupy aberto.

Tomado de *indianismo*, vae o auctor adornando os dialogos com *guanumby*, *oitibó*, *timbuyba*, *abáangaturama*, *Anhaugá*, que eu duvido, que uma platéa por muito condescendente e cortez que fosse, lhe ouvisse a peça sem manifestar hilaridade, ainda mesmo nos lances mais tocantes.

Tal é o *Pedro Alvares Cabral* dramatisado.

O livro — *As Duas Americas* — supponho que é a

producção mais valiosa do auctor, feitas algumas reducções necessarias, que aliás não lhe trazem desprimôr.

O trabalho referido, publicado em edição illustrada com gravuras, parece-me que melhor corresponderia ás vistas do operoso escriptor, si se limitasse ao objectivo da commemoração civica: o navegador e o seo assignalado successo ou o descobrimento de 1500.

Assim não o entendeo o moço escriptor e em vez de depôr no altar da consagração patriotica, os lauréis que o sentimento commum julgava de direito deverem caber ao marinheiro lusitano, lança-se ao estudo das primeiras navegações em busca da America, a começar pelas hypotheses do conhecimento dos antigos acerca da Atlantida, do homem americano prehistorico, do autochthonismo ou exotismo dos primeiros habitantes do continente e por fim aborda a gravissima questão das raças primitivas e das tentativas feitas desde a alta antiguidade até o seculo XV, por povos da Europa e Azia, quasi sempre com successo, para assignalar a existencia do Novo Mundo, que, no espirito do leitor, a convicção que fica, é que Cabral foi o ultimo dos navegantes a dar pelo precioso achado!

Não só. De paginas 105 a 128 da obra de C. Costa, vem intercalada uma memoria de ONFROY DE THORON, mandada imprimir pela camara municipal de Manáos, em 1876, sob a denominação de — *Viagens de Salomão ao Rio das Amazonas*.

É verdade que para attenuar o effeito negativo da *Memoria*, o escriptor d'*As Duas Americas* fez a seguinte nota: «Só a titulo de curiosidade é que publico o presente trabalho, pois, por motivos considerados em nota posterior, não acceito a possibilidade dessa navegação, que entretanto podia ter sido feita para o Brasil, mas para logar differente». Supponho eu que isto não o desobriga de responder á pergunta: E que filiação historica,

que nexo causal, tem a navegação portugueza do XVI seculo, com a do rei israelita, entre os annos 1016-976 antes de Christo?

Após, segue-se um estudo sobre Colombo, que vem de pag. 129 a 168, um outro sobre Cabral, de pag. 169 a 217, (unico apropositado á celebração festiva do 4.º centenario) e mais outro sobre João Ramalho, de pag. 221 a 224, todos elles da penna de C. Costa.

Mas, logo á pag. 225 do seo livro, insere a *Memoria* de Gonçalves Dias sobre a questão de ter sido o descobrimento do Brasil, obra do acaso ou proposito resultante da convicção arraigada no espirito do famoso nauta portuguez, por qualquer ordem de idéas, estudo que vae ter á pag. 263, onde começa um outro do official da marinha lusitana Sr. Baldaque da Silva, vindo a terminar á pag. 274.

Dessa altura por diante seguem-se os originaes dos documentos de Vaz de Caminha e Mestre João, do piloto da expedição, das reaes instrucções dadas a Cabral por D. Manoel, a partir de pag. 275 até 313. Ahi principia o narrador a publicação de dados sobre a vida de Frei Henrique de Coimbra, colhidos na Bahia, encerrando-os á pag. 322. Occorre de pag. 322 a 324, o *auto da verificação da existencia dos restos de Pedro Alvares Cabral.*

Pela resenha feita, verifica-se que sobre o assignalado feito de Pedro Alvares, a commemoração, em rigôr, não excede de 48 paginas e que despido o livro dos subsidios extranhos ao assumpto, suas proporções ficam talvez a um terço ou menos, circumscriptas.

Tomemos, porem o escripto—*As Duas Americas*—em suas idéas precipuas e examinemol-o sob o duplo aspecto do methodo e das doutrinas expendidas pelo infatigavel pesquisador.

No prefacio, discute o conterraneo, o caso de andar em direcção opposta a corrente legal á historica, fixando

aquella a data do descobrimento do Brasil a 3 de maio e esta a 22 de abril.

Como dos proprios termos se reconhece, é essa uma questão de valor muito duvidoso, uma anomalia que deve ser corrigida modestamente por um decreto, já que por outro anterior foi consagrada e nada mais.

No capitulo primeiro, sob a designação—A America—o auctor abre o debate com duas confissões nitidas, solemnes, que vêm a ser: o reconhecimento da unidade da especie humana e a creação do mundo por Deos. *Unus ovile, unus pastor*, isto é logico; mas é bom transcrevel-as, (as confissões) integralmente:

«A argumentação de varios scientistas, uns em opposição á doutrina do autochthonismo e outros á do monogenismo, tem sido acceita de parte a parte, alcançando ambas numerosos adeptos.

Eu sou partidario da de QUATREFAGES e de Victor Hugo, que, em um dos seos elevados pensamentos, proclamou a unidade da especie humana.

O celebre naturalista americano Agassiz, que, por seo amôr á sciencia, percorreo differentes partes da America, apezar de professar o polygenismo, reconhecia que a creação do mundo surgio pela vontade do Omnipotente.

Essa opinião, portanto, vem em apoio de que se deve julgar o mesmo Deos apto para fazer e crear tudo quanto se observa na ordem da natureza, pela simples razão de que quem póde o mais, póde o menos».

As proposições não podem ser mais explicitas e cathegoricas, para tornar patente que o auctor não pisa com firmeza o terreno scientifico dos nossos dias.

A chamada questão da *creação*, que C. Costa suppõe resolvida por Agassiz, e que no dizer de HAECKEL, é uma das de mais difficil solução por que em seos termos comprehende o *problema cosmico universal*, que só de certo modo pôde o seculo XIX resolver, não é caso para ser tratado em duas palhetadas. Ás perguntas: Como o universo appareceo? Teria elle sido *creado* por

processos sobrenaturaes, ou ao contrario, foi *gradualmente produzido* por processos naturaes? Respondem diversamente os philosophos, conforme as doutrinas a que se filiam.

Para a doutrina do *creatismo cosmologico*, locução adoptada por Haeckel, coube a Deos crear o mundo tirando-o do nada. Esta doutrina tem tido suas variantes, sendo uma dellas o *pantheismo* e outra o *deismo* consequente.

Segundo o sabio allemão, o *creatismo* representa o *Deos eterno*, (ser pensante mas immaterial) como existente em toda a eternidade, (no espaço) sem mundo, até que num bello dia lhe veio a idéa de *crear o mundo*.

Alguns partidarios desta crença, continúa Haeckel, restringem em extremo a actividade creadôra de Deos, limitando-a a um acto unico: elles admittem que o Deos extra mundano, (cuja actividade, fóra dahi constitue um enigma!) creou em dado momento a substancia, conferindo-lhe a capacidade de se desenvolver ao infinito e que isto feito, jamais se occupou com ella.

Ao *creatismo cosmologico*, seguio-se o *creatismo ontologico* ou creação das coisas particulares, comprehendidas no mundo que sahio do *nada*.

Esta theoria subdivide-se em *creação dualistica*, segundo a qual após a creação do mundo inorganico Deos adquirio a intelligencia e a communicou ás forças que produzem e dirigem o desenvolvimento dos organismos; *creação trialistica*, que resume tudo nos actos principaes da creação do céo, da da terra e da do homem; *creação heptameral* ou creação moysaica em sete dias; *creação periodica* que fazia crêr, que no começo de cada periodo geologico, toda a população animal e vegetal tinha de ser creada de novo, porque ao findar esse tempo era anniquilada por uma catastrophe geral, theoria a que se filiaram Cuvier em 1818 e Agassiz, em 1858; finalmente a

theoria da *creação* que o auctor citado chama *individual* e eu chamarei da *graça divina*, por isso que ella longe de attribuir a proveniencia dos homens e das plantas ao acto natural de reproducção, a deriva da divina longanimidade.

A theoria que explica a existencia do universo por processos naturaes ou a apparição natural do Cosmos, da Terra, dos organismos vivos e do homem, é a da *evolução*, tambem chamada *genetismo*, *evolutismo* e *evolucionismo*. (*Enigmas do Universo*, 269, 274).

Como se está a ver, a questão proposta tem offerecido ensejo a um debate amplissimo, que não recebeo a ultima palavra com a solução dada por Agassiz, como acredita o escriptor d'*As Duas Americas*.

Bem ao contrario, pondera o eximio professor de Iena, no livro que invoquei, «a paleontologia que parecia prestar apoio á theoria das creações successivas do mundo organico, acabou refutando-a completamente».

Appellar para Deos afim de alcançar resposta para o caso, não é procurar explical-o e sim complical-o, porque afinal a propria divindade devia tambem dizer inicialmente quem a creou ou de onde provêm e como um Deos só de outro póde ter sahido, certo que não seria facil subirmos aos ancestraes do Padre, que é a primeira pessôa da triade divinal do catholicismo.

Contando com essas difficuldades da theoria *creatista*, disse bem o inimitavel auctor da «*Vie de Jésus*», que o deismo é uma mythologia abstracta, mas sempre é mythologia. Seo Deos intervindo providencialmente no mundo, no fundo não differe do de Josué detendo o sol no seo curso. (1)

---

(1) E. RENAN, *L'Avenir religieux des sociétés modernes, Revue des Deux Mondes*, 1860, v, 791.

Já por estes dados vemos que Candido Costa tenta elucidar uma hypothese por outra, valendo-se de uma formula aprioristica que não é de se receber na discussão. Passemos a outro ponto.

Elle enuncia que em torno das questões sobre o autochtonismo, sobre o monogenismo, como sobre o polygenismo da especie humana, tem-se aberto largo debate; mas, sem ponderar os argumentos produzidos pelas opiniões divergentes, decide-se pelo monogenismo, julgando-se isento de censuras com a invocação dos nomes de QUATREFAGES e VICTOR HUGO!

Sempre desejaria poder ler com os proprios olhos, os arrasoados do auctor das *Contemplações*, relativos á these figurada, para lhe conferir a honra de anthropologo, parecendo-me que é a primeira vez que um poeta é chamado a depôr sobre assumpto que não lhe póde ser familiar.

Já em certa occasião, tendo ROUSSEAU affirmado no seo *Émile*, «que não temos a medida desta Machina Immensa; que não podemos calcular-lhe as relações; que não conhecemos nem as leis primarias nem as causas finaes, nem a nossa natureza, menos ainda o nosso principio activo», fizeram d'este trecho argumento reversivo contra a amplitude das investigações scientificas.

Ouvindo-o, o sabio a quem elle foi endereçado, respondeo simples e ironicamente: «Quando se trata de anthropologia, ROUSSEAU não é para nós maior auctoridade, que qualquer ecclesiastico.» (1)

Não é muito, portanto, que do auctor dos *Châtiments*, paraphraseando o douto professor de Strasbourg, eu diga o que ficou acima consignado.

Quanto a QUATREFAGES, o que talvez não saiba o es-

---

(1) OSCAR SCHMIDT, *Desc. et Darw.*, 251.

criptor nacional, foi a definição de *especie*, por elle formulada, que deo aos adversarios do monogenismo os melhores argumentos.

Em seo livro de propaganda monogenista, escreveo o eminente professor do Museo de Historia Natural de Paris: «Para mim a especie é o conjuncto dos individuos mais ou menos semelhantes entre si, que podem ser considerados como descendendo de um casal primitivo unico, por uma successão ininterrupta e natural de familias». [1]

Obrigado a explicar as differenças visiveis que apresentam os typos ou exemplares de uma mesma especie, começou QUATREFAGES de fazer concessões.

A principio asseverou que a sua definição attenuava a *noção de semelhança*, subordinando-a á de *filiação*. São suas proprias expressões:

«É que com effeito, *de individuo a individuo, não ha jamais identidade de caracteres*. Deixando de parte as *variações resultantes do sexo ou da edade: é facil de verificar que todos os representantes de um mesmo typo especifico, delle differem alguma coisa.*

Tanto que *essas differenças são pouco sensiveis,* ellas constituem segundo IZIDORO GEOFFROY, *traços individuaes, nuanças,* que permittem não haver confusão entre dois individuos da mesma especie. Mas as *differenças* não só se restringem *a esse limite.* Os *typos especificos são variaveis,* isto é, os *caracteres physicos* em geral, se *modificam* em seos *derivados,* dadas certas condições, a *tal ponto que é muitas vezes difficil reconhecer* a *communhão* de *origem: é isto um facto sobre o qual estão de accordo os naturalistas*».

Ora, pela noção que o naturalista expõe, *a especie* é caracterisada pela *semelhança* e pela *filiação;* mas, si em vez de fixa, um terceiro caracteristico vem modifical-a — *a variabilidade* — de modo que os caracteres physicos dos *typos* primitivos ou *especificos*, não são reproduzidos intei-

---

[1] *L'Espèce Humaine,* 26, edição de 1879.

ramente em seos *derivados*, á conclusão que se impõe, é que a especie é variavel e quanto mais se propague, tanto menos provavel é que reproduza a *semelhança* do typo que a originou.

E afinal, si entre os typos *derivados* que vão na classificação do sabio determinar o caracteristico da *variedade*, «o individuo ou o conjuncto de individuos pertencendo á mesma geração sexual, que se distingue dos outros representantes da mesma especie por um ou alguns caracteres excepcionaes» e fazem consistir a *raça*, «no conjuncto de individuos semelhantes, pertencendo a uma mesma especie, tendo recebido e transmittido, por via de geração sexual os caracteres de uma variedade primitiva», as modificações que elles soffrem, chegam a difficultar o reconhecimento da commum origem, como não concluir que taes modificações importam verdadeiras *transformações* dos typos especificos? Onde a verdade da doutrina?

Este raciocinio deteve a theoria da descendencia do auctor referido, em uma posição equivoca; mas a controversia foi alem do campo das sciencias naturaes.

A biologia, a ethnographia e a linguistica, sem mencionar outras, oppuzeram-lhe relevantes embargos, que estão á saciedade provados por factos da maior significação.

A reproducção da especie, na theoria da descendencia monogenica, tem de transportar as qualidades essenciaes pelas quaes os individuos que a ella se prendem se distinguem de quaesquer outros, parecendo que em tal caso, os descendentes devem possuir, por transmissão hereditaria, todos os caracteres morphogenicos e physiologicos dos seos ascendentes.

Mas, si assim é, como explicar, pergunta um philosopho-naturalista, que representantes de grupos animaes muito afastados uns dos outros, viessem mais tarde

aprender a voar, como é o caso das moscas, das abelhas, das libellinhas, das borboletas, dos peixes, (chamados peixes-voadôres) das rãs, (ainda hoje ha rãs que vôam nas ilhas da Sonda, na Oceania) dos lagartos, (lagartos vôadores da Australia) dos passaros e insectos, e entre os mammiferos, dos morcegos e dos esquilos vôadores?

Em todos estes casos, não se póde pretender que um grupo animal tenha *herdado* essa propriedade de um outro grupo; cada um delles a tem por assim dizer *inventado* de novo, sob a pressão das necessidades. [1]

E a pergunta parece seria, porquanto, a superveniencia de asas nos lagartos e nos peixes voadores, permittindo-lhes o exercicio de funcções desconhecidas aos seos ascendentes, prova pelo menos que a especie de animaes de que se trata, não se propagou obedecendo ao typo primitivo, mas transformou-se differenciando-se sempre do tronco, de tal sorte que não se póde encontrar linha visivel de demarcação da transição anatomica do passaro ao mammifero e outros animaes.

A philologia interveio na pendencia e pela voz auctorisada de FRIEDRICH MÜLLER, inutilisou a hypothese em estudo, firmando esta verdade incontestavel: «O homem, na epoca em que só existiam as raças e não os povos, era um ente privado de linguagem; elle achava-se ainda totalmente privado e desprovido desse desenvolvimento intellectual que repousa sobre a actividade linguistica: a consideração das linguas de per si, nos impõe essa hypothese, independentemente das proposições da historia natural que têm sido desenvolvidas.

---

(1) G. BÖLSCHE, *Descend. de l'Homme*, 53.

Com effeito, os diversos troncos linguisticos aos quaes a sciencia póde fazer remontar as linguas, suppôem entre as raças, origens totalmente extranhas umas ás outras, e ainda para uma só e mesma raça, elles indicam pontos de partida independentes uns dos outros». (1)

Comprehende-se de resto a vantagem para QUATREFAGES, de adoptar a theoria a que me hei referido, meio que lhe permittio ficar de accordo com as suas idéas religiosas, a começar pela *creação* da tradição biblica — a especie *una* — e a terminar no respectivo creador — *Deos*.

É bom deixar o egregio anthropólogo no goso paradisiaco de suas *creações* recreativas . . . .

Candido Costa appella tambem para AGASSIZ, á quem confere por berço de nascimento a America e á quem inculca por polygenista; são dois enganos, de facil rectificação.

Para a do primeiro bastará folhear o *Dicc. Univ.* de F. DE ALMEIDA, I, 62, onde encontrará que o citado naturalista era suisso, comquanto professasse a sciencia nos Estados Unidos; para a do segundo bastará abrir o livro do celebre scientista — *De l'Espèce et de la Classification*, onde á pag. 8.ª está escripto:

«Esses systemas designados por nós com os nomes dos grandes mestres da sciencia, que foram os primeiros a propôl-os, não são, na realidade, sinão a traducção dos pensamentos do Creador, na linguagem humana.

Si verdadeiramente assim é, esta faculdade que tem a intelligencia humana de se adaptar aos factos da creação, e em virtude da qual chega instinctivamente, inconscientemente, a interpretar os

---

(1) *Allgem. Ethnog.*, (Vienna, 1873).

pensamentos de Deos, não *basta para prova concludente de nossa affinidade com o espirito divino?*»

Á pag. 10 do mencionado livro, o sabio é ainda mais positivo:

«Si, diz elle, está provado que o homem não inventou, mas sómente reproduzio o arranjo systematico da natureza; que as relações e proporções existentes em todas as partes do mundo organico *têm seo laço intellectual e ideal no espirito do Creador;* que este *plano da creação, diante do qual se abysma nossa mais alta sabedoria, não é o resultado da acção necessaria das leis physicas,* mas sim *foi concebido* pela intelligencia omnipotente e *amadurecido em seo pensamento, antes de ser manifestado por formas exteriores tangiveis;* si, emfim, *está demonstrado que a premeditação precedeo ao acto da creação, uma vez por todas temos acabado com as desoladôras theorias* que nos explicam as maravilhas do universo *pelas leis da materia, e, banindo Deos,* deixam-nos em presença da *acção monotona, invariavel das forças physicas, sujeitando todas as coisas a um inevitavel destino*».

Nada mais claro; para AGASSIZ, no universo não ha sinão uma causa, como não ha sinão um fim: o desenvolvimento do pensamento do Creador.

Como, pois, suppol-o polygenista?

Tudo que nos surprehende á face do planeta, não provêm da acção das leis physicas; não é a actividade do *Kosmos* em suas multiplas manifestações que nos deslumbra, mas o reflexo da acção divina; os seres animados componentes da especie, devem participar por affinidade da natureza do Creador; ora, sendo este *uno* e *indivisivel*, *una* e *indivisivel* é *a especie.*

A theoria polygenista, é portanto, inconciliavel com a demonstração do insigne suisso.

Só lhe faltou, para completar a sua prova, o estafado chavão: «*De quo omnium natura consentit, id verum esse necesse est*» — que aqui lh'o forneço de bôa mente.

Não supponha o estimavel investigador d'*As Duas Americas*, que a phantasiosa creação do neufchatelense passou sem protestos vehementes entre os naturalistas.

Para ver que a singular theoria, recebeo cabal contestação, lhe aponto este trecho de um notavel francez:

«Luiz Agassiz expõe aqui atrevidamente uma doutrina, que mais de uma vez foi a causa secreta das hostilidades que surgiram contra as tentativas as mais sinceras e as mais legitimas, encaminhadas no louvavel intuito de chegar a sciencia a um conhecimento approximado acerca da origem e das leis de evolução dos seres vivos». (1)

E não podia deixar de incorrer em censura uma opinião que suppõe a acção das forças physicas, *monotona* e *invariavel*, quando por SCHOPENHAUER sabemos que si a materia póde cahir, póde tambem pensar; quando por BÜCHNER conhecemos que «si sob a forma de uma pedra ella cáe na terra, sob a forma de um musculo, se contráe; sob a forma de substancia nervosa viva, ella adquire a faculdade de sentir e de pensar ou de tornar-se consciente de si mesma». (2) As forças que operam esses movimentos são invariaveis e monotonas? Certo que não e dizem-n'o eloquentemente a extensão e a variedade dos phenomenos por ellas produzidos.

Uma outra idéa que C. Costa aventa sem critica, é a da origem do homem.

Apenas allude ás intuições de LOUIS FIGUIER, de LAMARCK e DARWIN, concluindo com NADAILLAC, que, as ques-

(1) E. PERRIER, *Philos. zool. avant Darwin*, 202.
(2) *Force et Matiere*, 44.

tões sobre a origem e fim do homem, são insoluveis, pela deficiencia dos nossos conhecimentos.

Para fazer crer inverosimil a doutrina darwinista, insinúa o nosso auctor, que só o homem possúe a palavra e os animaes apenas a voz, parecendo-lhe que isto constitúe uma differença fundamental, que o subtráe do logar que lhe designam os naturalistas na serie zoologica.

Pelas leis do progresso, adverte elle, «os animaes não se modificam como o homem, que cada dia se aperfeiçôa, pelo estimulo, pelo trabalho e pela perseverança; o que não se dá com os outros animaes, que apenas podem dispôr dos instinctos naturaes».

A esta tirada responde bem a seguinte observação do auctor da *Descendance de l'Homme*, feita com uma previsão tão segura, que parece ter sido escripta para o caso:

«Não é motivo para o homem se mostrar tão altivo, o facto de se ter elevado, posto que não por seos unicos esforços, ao ponto superior da escala organica; parece-me que elle, apezar de todas as suas nobres qualidades, as sympathias que experimenta pelos mais grosseiros dos seos semelhantes e pelos seres vivos os mais humildes; apezar da intelligencia que lhe permittio penetrar os movimentos e a constituição do systema solar; apezar de todas essas faculdades de ordem tão elevada, conserva ainda em sua organisação corporal, o cunho indelevel de sua origem inferior». [1]

Mas, a questão da origem do homem, não está envolta em tão profundo mysterio, como pensa o escriptor patrio, repetindo o auctor de *L'Amerique Préhistorique*, que se não possa alimentar a esperança de a ver solvida com precisão scientifica.

Os progressos da paleontologia, da ethnographia, da embryologia, da anthropologia, da biologia e da anatomia,

---

[1] C. Darwin, *Desc. de l'Homme*, II, 440.

physiologia e philologia comparadas, traduzidos em averiguações que são achados definitivos de que a sciencia está de posse, fazem crer que Darwin, enunciando a proposição:—«o homem, assim como outros mammiferos, descende de um ancestral commum», não commetteo nem-uma imprudencia.

Coube ao incomparavel Huxley, assignalar por seos inestimaveis estudos anatomicos, a affinidade existente entre o homem e os seos mais proximos parentes, e elle a resumio nesta despretenciosa conclusão:

«Assim, qualquer que seja o systema de orgãos que se estude, a comparação das variações deste systema na serie dos macacos, conduz sempre ao mesmo resultado, a saber: as differenças de conformação que separam o homem do gorilla e do chimpanzé são menores, que as que existem entre o gorilla e os macacos inferiores».

Dessa averiguação deduzio o sabio inglez, que sob o ponto de vista da zoologia systematica, ninguem tem o direito de fazer do homem uma ordem especial de mammiferos, ou de o destacar da ordem dos macacos falsamente chamados quadrumanos, constituindo uma subclasse distincta; menos ainda a ninguem é dado separal-o, como outr'ora, do resto do mundo, para o exilar em um reino áparte, o *reino humano*, em opposição aos reinos *animal* e *vegetal*.

Ao contrario, para a historia natural o homem deve ser tido por uma familia distincta da primeira ordem dos mammiferos; e para essa ordem, que comprehende o homem, os verdadeiros macacos e os *makis*, a denominação mais conveniente é a de—*primatas*, de que servio-se o celebre legislador da zoologia systematica,—Linnêo—e que significa:—fórmas as mais elevadas do reino, fórmas soberanas. (1)

---

(1) L. Büchner, *L'Homme selon la Science*, 106-107.

Da circumstancia de haver Darwin affirmado, que todas as especies animaes ou vegetaes existentes e extinctas, descendem por successivas transformações, de tres ou quatro typos originaes e provavelmente de um archi-typo primitivo unico, cujas fórmas de transição por que passaram antes de chegar ao que são hoje, a sciencia desconhece, porque as revoluções do globo fizeram-n'as desapparecer, arguiram os adversarias do transformismo, que a explicação da descendencia não deve ser acceita, emquanto não fôr encontrado o anthropoide a que ella se reporta.

A esta objecção respondeo victoriosamente Huxley, allegando que não obstante até hoje não se ter encontrado o ancestral do elephante, nem por isso ficou sendo menos verdadeira a existencia deste grande mammifero em nossos dias.

Outra objecção alvejou a doutrina do transformismo e vinha a ser que, descendendo o homem do simio, como o seo antepassado deveria conservar a estructura anatomica e o appendice — a cauda — e os factos depunham contra a doutrina porque, precisamente, falta ao primeiro o alludido appendice, caracteristico do segundo.

O erudito Büchner, em seo livro apontado, observa com finissimo espirito, «que os homens de cauda têm servido de assumpto de facecia e a ausencia della é perpetuamente invocada como um traço caracteristico do homem, como uma differenciação importante, que separa-o da humanidade. Mas isto é ignorar ou esquecer que, nos mezes de sua vida embryonaria, o homem não vive desprovido do bestial complemento, e que elle o guarda em estado de atrophia por toda a vida.»

Alem disso, deveriam os impugnadores ter em vista, que, não é verdade que todos os macacos ainda conservem cauda, pois, exactamente os grandes simios, os mais visinhos em parentesco com o homem, (o orango e o chim-

panzé) não são nem mais nem menos caudados do que elle.

No entender de HAËCKEL, essa cauda humana atrophiada, é um testemunho irrefutavel, attestando o facto indubitavel de que o homem descende de antepassados providos de cauda e a prova está em que, annexo ao appendice caudal rudimentar do mesmo homem, existem musculos atrophiados, ultimos vestigios de que outr'ora exercitavam a funcção de movimentar a cauda dos avós da nossa especie.

Um desenvolvimento mais forte das vertebras caudaes que algumas vezes se encontra no homem actual, póde, por outro lado, provocar o nascimento de uma cauda, embora curta.

O Dr. ROHLFS, que viajou a Africa, nota um outro naturalista, durante sua permanencia em Dorpat, teve por creado um arabe com essa singular cauda, e QUATREFAGES, na *Revista dos Cursos Scientificos*, annos de 1867-1868, pag. 625, refere outros analogos exemplos».

Quanto ás provas adduzidas em favor do transformismo para evidenciar a procedencia da doutrina darwinica, nem-uma pareceo-me mais decisiva, mais exuberante, do que a tirada por HUXLEY e BROCA, por via da anatomia comparada.

Na impossibilidade de reproduzil-a integralmente, lembrarei sómente as conclusões do ultimo:

«As circumvoluções constantes, communs a todos os cerebros humanos, se mostram tambem no cerebro do orango e do chimpanzé.

Essas circumvoluções se perdem entre os simios, que mais proximos estão dos anthropomorphos, ou melhor, nelles apparecem incompletas; nos *oustitis*, desapparecem de todo.

Mas, a semelhança da superficie cerebral dos dois simios acima lembrados, com a do homem é tal, que torna-se preciso o olho de um anatomista experimentado, para distinguir o cerebro daquelles

do deste, no desenho em que todos elles são representados com as mesmas dimensões, principalmente quando se toma por termos de comparação, cerebros de negros ou de Hottentotes, que são mais simples que os dos brancos.»

Tanto quanto é permittido nos limites de um debate escripto, puramente scientifico, ser franco qualquer dos contendores, parece-me que, ao contrario do que admitte o auctor d'*As Duas Americas*, devo pôr em duvida que o homem possa *dispôr de outros predicados que o collocam acima de todos os seres creados.*

—Por possuir a palavra, diz o oppositor; mas, por minha vez lhe perguntarei:—Tel-a-ia adquirido como uma dadiva divina, como um *predicado de sua origem extra-terrena?*

Quero crer que não, por ponderosos motivos.

Uma primeira observação, mostrará que a vibração que produz a palavra, nada tem de innata; é um acto que depende de aprendizagem, é uma funcção imitativa e tão adquirida, como a locomoção, a natação, a musica e a dansa.

A creança nos primeiros dias de vida, não emitte sons articulados; a alegria e a dôr ella as demonstra pelo sorriso e pelo vagido, mas é incapaz de transportar pela linguagem falada qualquer desses estados emocionaes.

Mais tarde, para dar conta das impressões que lhe ferem os sentidos, os sons que emitte não nos dão idéa das coisas a que se reportam; muitas vezes, é pelo gesto que suppre a inexpressão da palavra, indicando com o dedo o que quer ou o que vê, para se fazer comprehendida.

Com a locomoção acontece o mesmo; emquanto a estructura do corpo não adquire aptidão ou energia para

equilibrar o tronco, a creança roja-se em posição horisontal, ora para um lado, ora para outro, até poder mover-se em sentido vertical, dando os primeiros passos. Tanto, porem, a expressão pela lingua como o movimento pelos pés, constituem propriedades que ella adquire com a edade e com o exemplo, por adaptação ao meio em que se desenvolve, ou o que vem a dar o mesmo resultado — quando os orgãos adequados ao exercicio dessas funcções, tornam-se capazes de exercital-as e a creança aprenda a servir-se delles. «*La langue qu'on parle, on la tient de quelqu'un*». (1)

Dahi a impossibilidade para ella, de poder falar ou andar, ao contrario de outros animaes, antes de um praso mais ou menos longo; o que é certo, é que nem-uma nasceo dotada de qualquer dessas vantagens.

Si estes factos são verdadeiros — e que o são provam os factos da vida quotidiana occorridos em toda parte — porque razão admittir que d'entre os vertebrados que respiram pelos pulmões, só ao homem foi dado falar?

A sciencia não placita semelhante exclusão; ao contrario, considera-os em pé de egualdade.

Um illustre professor de anatomia em Zurich, assim se exprime:

«O poder de emittir sons com a ajuda da corrente de ar respiravel, está longe todavia de pertencer exclusivamente ao homem.

Póde-se affirmar com todo o fundamento, que pertence de uma maneira mais ou menos completa, a todos os vertebrados dotados dos mesmos orgãos respiratorios.

Todos os animaes empregam parallelamente os sons assim formados, ora para exprimir suas sensações, ora para entre si se fazerem entender.

---

(1) Edm. Scherer, *Litt. Contemp.*, IX, 299.

Que serie infinita de sons diversos, com significação differente, não notamos, desde o silvo de colera da serpente até o canto do rouxinól, desde o silvo de alarme do arganaz, até o latido de multiplas expressões do cão?

A superioridade de uso que o homem póde fazer dos sons emittidos, com relação áquella que os animaes restantes pódem tirar de sons eguaes, vem a ser que o homem tem a faculdade de combinar os sons em sons complexos, tornando-os, á titulo de palavras, a expressão de pensamentos diversos.

Entretanto, tudo que está comprehendido n'esta caracteristica da linguagem humana, não póde ser considerado como *propriedade especifica da humanidade.*

No que toca pelo menos á technica da producção desses sons complexos ou palavras, pensamos que certos animaes, notadamente os passaros, são capazes de imitar o homem, embora em certo limite». (1)

O genial L. Büchner, não é menos concludente quando adeanta:

«Outr'ora considerava-se a linguagem como alguma coisa de innata, de inherente ao homem; suppunha-se que desde que elle appareceo á superficie da terra, a linguagem tinha já um certo gráo de perfeição.

A linguistica moderna ensina o contrario; ella nos mostra a linguagem formando-se, como as especies, lentamente, gradualmente, no curso dos seculos, a partir do seo mais humilde esboço. (2)

Com que ardor os sabios de todos os paizes estudam hoje o importante problema da origem da linguagem e cream theorias sobre essa difficil questão.

Certamente é a melhor prova de que foi repudiado o antigo prejuiso; essas indagações provam uma crença instinctiva na origem humilde da linguagem humana, no seo desenvolvimento gradual,

---

(1) De Meyer, *Les Org. de la Parole*, 2.

(2) Sir Messenger Bradley, na *Revue Scientifique* de 15 de novembro de 1873, pag. 473, fala de uma tribu australiana cuja linguagem consistia em gritos comparaveis aos dos animaes. Essa tribu foi pelo viajante visitada.

pois o que se quer explicar é o como, o modo desta evolução e os primeiros ensaios feitos pelo homem para exprimir seos pensamentos e sentimentos, em uma linguagem complexa e ordenada, porquanto, seguramente o homem primitivo era tão incapaz de falar uma tal linguagem, como o são hoje o animal e, em certa medida, o homem selvagem.

Conforme Westropp, (*Sur l'Origine du Langage*) o homem primitivo foi necessariamente um ser mudo, que pouco a pouco aprendeo, á maneira das creanças, a formular por sons determinados, suas impressões e necessidades.

Por longo tempo elle exprimio estas ultimas, sómente por gestos e por sons inarticulados.

Como o corpo, como o espirito humano, a linguagem se desenvolveo necessariamente, segundo leis fixas; teve por origem primeira, esses sons inarticulados, esses gritos de alegria e dôr, de tristeza e contentamento, esses gritos que a necessidade arranca, phenomenos que tambem são observados nos animaes. O mais, já foi obra do progresso.

Qual foi a marcha desse progresso ?

Começou-se talvez por proferir sons inspirados pelos sentimentos, impressões; depois vieram os sons imitativos, (onomatopéas) copiando o ruido da natureza, que assim enriqueciam o thesouro das palavras, tão pobre então. Eis porque em todas as linguas, posto que numerosas e diversas sejam, (contam-se perto de 3:000 no globo) ha um numero consideravel de palavras equivalentes e mais ou menos analogas.

Por exemplo, dando credito a William Bel, (*De L'Origine du Langage*) o monosyllabo *loh*, empregado em muitas linguas para designar a luz, a chama, etc., vem da simples exclamação: —*oh!* que se fez preceder de um *l* ou de uma vibração da lingua.

Por muito tempo a linguagem não se compôz sinão de taes monosyllabos; depois pouco a pouco, os polyssylabos entraram pelo dobramento do som simples, umas vezes, como nas palavras: *ma-mã*, *pá-pá*, e outras por agglutinação ou juxta posição das syllabas.

Dissemos que muitos vocabulos foram introduzidos na linguagem pelo homem, reproduzindo os sons, taes quaes elle os ouvio; são verdadeiros sons imitativos, por exemplo: *cou-cou, coq, bêler*, etc. Estes sons são vozes de animaes domesticos, reproduzindo o cacarejo dos gallinaceos, o balido da ovelha, etc.

Ainda quando adultos, queremos dizer que cantou o gallo, partio a locomotiva, passou o automovel, em conversa com alguem que nos parece distrahido, prendemos-lhe a attenção reproduzindo

mais ou menos o som que qualquer daquelles organismos emittio, em vez de o descrever por partes ou no todo.

O caso ora descripto é de imitação mais ou menos consciente; voltemos agora, ao de imitação inconsciente que originou a linguagem.

Emittido o simples grito, correspondente a um sentimento, foi imitado pelos companheiros de quem o emittio e afinal tornou-se um signal representativo fixo, servindo para designar o proprio sentimento.

Quantas vezes, para darmos idéa do movimento da pendula do relogio ou da celeridade das pulsações do coração, reproduzimos os sons: *tic-tac, tuc-tuc,* que nos parecem bem descrevel-o?

Razão teve J. Bleck, *(De L'Origine du Langage)* para affirmar que a differenciação consciente do som e do sentimento, a imputação de existencia propria a este som, que a vontade apprehendia e desnaturava como um instrumento para seo uso, tal foi o primeiro passo para o estado humano.

Não menos exacto é o auctor citado quando expende que o primeiro gráo de relação mutua entre os homens por via das palavras ou da expressão, teve logar no dia em que um individuo, invadido por uma disposição moral para a qual tinha uma palavra que a representava, proferio essa palavra; e, a primeira phase da existencia real da palavra manifestou-se, quando a expressão vocal do sentimento foi empregada, para exprimir, não esse sentimento, mas arbitrariamente, para excitar entre os companheiros o sentimento ligado á dita palavra ou analogos sentimentos.

Na segunda phase fez-se um uso frequente do som destacado de todo sentimento, empregando-se aquelle como signal convencionado do sentimento que exprimia, desviando-se cada vez mais de sua significação original.

Ao mesmo tempo, da necessidade de exprimir sentimentos complexos, nasceram tambem dons complexos, combinados entre si, misturas vocaes de todo genero. Na terceira e ultima phase desse primeiro periodo, formou-se pela reunião de palavras conhecidas, um bom numero de expressões para outro equivalente de disposições moraes, que outr'ora, nos primeiros estadios, não podiam ser esboçados por palavras, porque não eram acompanhadas de correspondente exclamação.

A fusão de sons isolados, tendo já uma existencia independente, reduzidos portanto já a palavras, deo origem a novas palavras, que, afastando-se pouco a pouco na forma e no sentido da

exteriorisação original do simples sentimento, produziram linguas propriamente taes.

Esta evolução, conclúe Bleck, é já distincta da origem da linguagem; ella faz parte de sua historia. Com o nascimento da palavra, sua separação, quer no ponto de vista do som, quer do sentido, da raiz vocal sensitiva que a produzio, a questão da origem da linguagem fica exgottada.» [1]

Com vigor identico manifestaram-se Gustavo Jäger e A. Whitney.

Após a doutrina expendida contra a immanencia da linguagem como predicamento da especie humana, rasoavel é que por factos faça resaltar a procedencia das idéas que deixei externadas.

Notarei antes do mais, que investigações recentes vieram esclarecer o problema, tornando certo que até os cetaceos, dos mais humildes aos mais avantajados, articulam sons.

Em um dos numeros da *Contemporany Review*, o Sr. Mathias Boon, após longo estudo com que precede a sua revelação, declara o seguinte:

«Descendo em um escaphandro, ao fundo do mar e munido de um microphone especial, consegui distinguir nitidamente sons articulados pelos peixes. Elles annunciavam uns aos outros, a minha presença, por meio de sons perfeitamente distinctos, que variavam conforme a especie de cada peixe»: (noticia transcripta no diario —*Estado do Espirito Santo*, de 3 de junho de 1903, numero 128).

Quanto ao homem, que a linguagem foi uma conquista posterior ao seo apparecimento á superficie do globo; que elle adquirio-a imitando outros animaes e que

---

[1] Obr. cit. 183, 186.

assim como a conserva pelo exercicio, pelo uso, póde perdel-a pelo não uso, por incommunicabilidade, ha tambem documento que comprova o facto com a maior precisão.

Com o titulo—*Uma lóca habitada*—narra o jornal —*Estado de Sergipe* e transcreve a narração aquell'outro já citado, em seo numero 91, de 20 de abril de 1904, sob a epigraphe—*Curiosidades naturaes de Sergipe*, o seguinte:

«Ha no municipio de Laranjeiras, nos arredores da cidade que serve-lhe de séde, uma lóca ha muitos annos habitada por um individuo chamado «Pedro da Lóca».

É um excentrico, um exquisito, que não se sabe a quanto tempo e por que razão segregou-se da sociedade dos homens, preferindo a vida do selvagem, a vida primitiva, familiarisado com as cobras e outros reptis, sem cortar os cabellos, sem aparar as unhas, etc.

Na sua lóca, que está assente numa grande lage, existente em uma margem do rio que banha a cidade de Laranjeiras, dia e noite, supportando pacientemente as cruezas das intemperies, talvez que se considere mais feliz que um nababo em seo palacio, rodeado de todos os confortos e esplendores da vida.

Pouco fala e sua voz imita um grunhido, nada parecendo com a voz humana; veste-se com uma roupa feita de saccos de aniagem.

Raramente deixa o seo esconderijo para vir á cidade vender algum peixe que pesca, e comprar alguma parte do seo escasso alimento.

Pouco demora-se e não troca uma palavra com ninguem, a não ser as necessarias para o seo ligeiro e resumido cemmercio.

Parece que gosou sempre bôa saude, e si alguma vez enfermou, curtio só a febre devoradôra que lhe queimou as entranhas; gemeo só o desespero das dores que lhe acabrunharam o organismo; só, com uma imagem de Santo Antonio, de que não se separa: só, dispensa todo o allivio que lhe queiram prestar por caridade.

Quem sabe o que o levára a viver assim, isolado de todos os homens, sem uma pessôa, ao menos, que delle se condôa, que delle tenha pena?

Algum garoto, quando passa perto da lóca, em que móra o

infeliz Pedro e lhe dirige alguma chacota, não obtem a minima resposta.

Pedro vive na sua lóca ha muitos annos, sem que se saiba o motivo que levou-o a tomar essa terrivel resolução de viver com os bichos, desprezando a companhia de seos semelhantes.

Será simplesmente um idiota ou um grande desgraçado?»

As narrações dos viajantes, por outro lado, relatam caso ainda mais estupendo: a ausencia completa da palavra em exemplares da raça humana, por onde se vê que o postulado biblico que attesta que—*In principio erat Verbum*, carece de prova.

Sob a epigraphe—*Especimens humanos*, transcreveo de uma revista ingleza, o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, na sua edição de 4 de outubro de 1906:

«Um jornal inglez relata a curiosa exposição feita recentemente no Hippodromo de Londres, de tres especimens humanos, chamados «Cabeças estreitas» (*small heads*), que se diz pertencerem a uma raça hoje quasi extincta da America Central.

Eram todos do sexo feminino, variando a sua edade entre 16 e 18 annos, e a altura entre tres pés e seis pollegadas á quatro pés.

Possuiam uma intelligencia pobrissima e nem sequer faziam uso da palavra.

Parecem sorrir sempre e manifestam a sua alegria por um cacarejar analogo ao das gallinhas. Calcula-se o peso do cerebro desses seres em cerca de 250 grammas, ao passo que o peso normal é de 1:285 grammas.

Em summa, assemelham-se immenso a macacos anthropoides, dos quaes, accrescenta o jornal londrino, elles em nada se differençam.»

A iniciativa do transformismo, de entroncar a especie humana á raiz natural commum da animalidade, é uma reivindicação que perpetuará a memoria do seo be-

nemerito auctor e do seculo que o vio nascer, ao mesmo tempo que um protesto largo e bem fundamentado contra preconceitos e crendices, que fizeram do homem uma entidade differente dos demais seres, em pleno goso do monopolio de aptidões e faculdades, que a experiencia não lhe confere nem a sciencia lhe reconhece.

Levados por esses preconceitos, os theologos attribuiram ao homem a *intelligencia*, como faculdade espontanea, susceptivel de raciocinio, reservando para a animalidade em geral, sob a denominação de *instincto*, (palavra derivada do latim *instinguere*, com a significação de excitar) apenas aquellas operações intellectuaes que elles executam excitados por um *agente* sobrenatural, inconsciente e cegamente.

Disso resultou, segundo BUCHNER, que sobre a famosa distincção cahissem nuvens de criticas e de ironias, parecendo ao DR. WEINLAND que o vocabulo *instincto*, «foi uma invenção da humana preguiça para se dispensar do difficil estudo da alma dos animaes», e a LEWES «que é uma dessas expressões por meio das quaes os homens se comprazem em dissimular perante si proprios a ignorancia que os domina.»

Seja uma ou outra coisa ou ambas, o que é verdade, nota o primeiro sabio, é que as melhores auctoridades em physiologia e em psychologia animal, estão de accordo para affirmar que a differença entre a alma dos animaes e a do homem, repousa em uma questão de *quantidade*, de grão, mas não de *qualidade*.

Todas as tentativas feitas por alguns sabios, accrescenta o eximio anatomista e philosopho allemão, até a mais recente epoca para descobrir caracteres distinctivos essenciaes e fundadas nestes, assignar um logar especial ao homem na historia da natureza ou nas classificações, todas essas tentativas têm naufragado completamente.

É uma proposição admittida hoje por todos os psy-

chologos que se guiam pela experiencia, que as mais altas faculdades da alma humana, começam a germinar nas regiões as mais humildes e que as actividades intellectuaes, os sentimentos e as inclinações ou pendores do homem, se acham indicados, em um grão quasi incrivel, na alma dos animaes. O amôr, a fidelidade, o reconhecimento, o sentimento do dever, a religiosidade, a amisade, o amôr do proximo, a compaixão, o devotamento, o sentimento do justo e do injusto, assim tambem a vaidade, o ciume, o odio, a maldade, a perfidia, a vingança, a curiosidade, etc. são tão proprios dos animaes, como a reflexão, a prudencia, a finura, a previdencia.

Ainda outros sentimentos e faculdades, como o da gula e a de realisar o progresso, assignalados por attributos privativos do homem, couberam em partilha aos animaes. (1)

Dentro em pouco veremos que os factos corroboram a theoria büchneriana; por ora voltarei á distincção que se tentou estabelecer entre a *intelligencia* do homem e o *instincto* dos brutos.

Feita a distincção ideada pelos theologos, assentaram elles que pelo raciocinio podia o homem, ao contrario dos brutos, *discernir* o bem do mal e decidir-se a pratica consciente de um ou de outro: a essa faculdade resultante da livre execução dos actos humanos, deram a denominação de *livre arbitrio*.

A sciencia oppôz-se á innovação, demonstrando a biologia que a liberdade volitiva é um mytho; que o homem em vez de poder escolher á sua vontade o que mais lhe convem praticar, sente-se impellido, sente-se determinado por força de influencias moraes a agir no sentido dessas influencias: tal é a significação do *determinismo*.

---

(1) *Force et Matière,* 290-291.

Quanto á vontade, parece-me que bem definio-a MANOUVRIER, fazendo-a consistir «num resultado determinado por componentes organicos e extraorganicos de nem-um modo independentes» e que á liberdade ainda se póde applicar o conceito de SPINOZA, quando a fazia consistir «simplesmente em terem os homens consciencia de sua vontade e não das causas que a determinam».

Coube ao *determinismo* assentar o principio de que o ser humano não possúe a liberdade volitiva, mas apenas a liberdade de proceder, que se verifica sempre que ha possibilidade de converter em acto uma volição, si nem-um obstaculo se interpuser.

Desacreditada a theoria do *livre arbitrio* em consequencia das deducções acima expostas, a construcção theologica desabou, sepultando em suas ruinas o famoso postulado do *instincto*, passando os phenomenos da actividade psychica, tanto do homem como dos brutos, a ter uma só denominação—*intelligencia.*

O estudo detido e aprofundado do reino animal, veio revelar que os brutos tambem são capazes de praticar actos assignalados, tambem são susceptiveis de estimulos e do exercicio de virtudes acrysoladas, com muito maior modestia do que o descendente do typo biblico.

Do *Commercio do Espirito Santo*, de 27 de maio de 1904, extrahi a communicação feita á Academia de Medicina de Pariz, por um dos seos membros titulares e que dou a seguir, conservando a epigraphe:

CURIOSO ESTUDO

«Um sabio francez leo ultimamente perante a Academia de Medicina de Pariz um curioso estudo relativo aos passaros-cirur-

giões. Com effeito, si ha passaros que se revelam notaveis architectos na construcção dos seos ninhos, outros ha que demonstram admiraveis conhecimentos de cirurgia.

Assim, a narceja prática com habilidade essa arte, apenas com o auxilio do bico e das patas.

Faz cuidadosamente um curativo, sabe untar um fermento e mesmo encanar uma perna.

Uma narceja ferida na caça, curou-se por meio da sua pennugem aglutinada com sangue.

Em outra narceja, que foi morta por um caçador, verificou-se que tendo tido outr'ora uma pata quebrada, ella havia collocado, no sentido da fractura, dois pedaços de páo mantidos por uma folha enrolada em espiral e collada por uma especie de resina.

Alem desses casos curiosos, outros do mesmo genero foram relatados á Academia de Medicina».

Não menos instructiva é a observação que reproduzo acerca dos felinos, extrahida do *Correio da Manhã*, edição de 17 de novembro de 1906:

«As gatas, que algumas vezes se mostram irritadas com a filharada, arranhando, os seos petizes, nem por isso deixam de ser umas bôas mães.

O instincto maternal é tão forte nellas, que adoptam toda a especie de pequenos animaes ainda em aleitamento que se colloquem junto d'ellas. Tem-se visto algumas aleitar coelhitos e até... ratinhos.

E um jornal dos caçadores, intitulado *S. Humberto*, conta que, no passado mez de maio, confiaram-se aos cuidados de uma gata os petizes encontrados num ninho de toupeiras.

De mistura com a sua filharada, o animal alimentou os intrusos.

As duas especies occupavam uma unica cesta, e quando as toupeiritas abriram os olhos e principiaram a sahir do ninho, a gata, com um grande cuidado e muita tranquillidade, pegava nellas com a bocca e reconduzia-as para o seu logar, exactamente como fazia aos filhos.

Claro é que causa espanto esse sentimento em um animal que

conseguio alcançar uma tão severa reputação de egoismo, de ingratidão e mesmo de ferocidade.

Entretanto, os naturalistas conciliam todas as opiniões, affirmando que o amor maternal das gatas é originado pelo prazer que ellas têm, como mães, de se desembaraçar o mais rapidamente possivel do seo leite.

Portanto, um petiz a mais para alimentar é bemvindo; a sua adopção uma regra hygienica.»

Acerca da intelligencia e fidelidade do cão, ha quasi uma bibliotheca; supponho no emtanto não ser de mais um exemplo, reproduzido do mesmo jornal, anno e mez, em data de 22:

«Ha dias, grande navio de commercio ancorou no porto de Sassuitz, nas costas do Baltico.

O capitão, um velho lobo do mar, apresentava a particularidade de ter uma perna de páu, e um visitante perguntou-lhe em que circumstancias a perdera, ao que elle respondeo contando o seguinte commovedor episodio, que é uma nova prova da intelligencia e fidelidade do cão: Fugindo a uma tempestade, o capitão refugiou-se num pequeno porto da Finlandia e, como a estadia ahi se prolongasse, teve a idéa de ir caçar numa canôa, simplesmente acompanhado do seo *Fox* TERRIER.

Em consequencia de um falso movimento, a espingarda disparou, indo a carga alojar-se-lhe numa perna, que ficou em gravissimo estado.

A canôa achava-se escondida entre os rochedos e o pobre marinheiro, perdendo sangue em grande abundancia, julgou-se condemnado a uma morte certa. Perdeo então os sentidos, mas, quando voltou a recuperal-os, vio-se á bordo dum barco de pescadores.

Estes explicaram-lhe as condições em que o recolheram: um cão approximára-se do barco em que se achavam, vindo á nado, e elles não vendo perto qualquer navio, içaram o cão para bordo e trataram de remar para terra. Mas a extranha attitude do animal chamou-lhes as attenções.

Depois, de, por algum tempo, ter uivado queixosamente, o cão atirára-se de novo á agua, nadára numa certa direcção e voltára para o barco.

Como repetisse esta manobra, os pescadores acabaram por seguir o animal que, desta vez, nadou mais vigorosamente ainda, ladrando fortemente.

E assim os pescadores foram junto do rochedo onde se encontrava o capitão e o recolheram no barco.»

Até na expressão da jovialidade, do *humour* ou da facecia, como na simulação do embuste, os animaes, ditos *irracionaes*, podem revelar actos de perspicacia, que o homem não desdenharia de imitar...

N'*O Paiz*, do Rio de Janeiro, numero 7.174, de 30 de maio de 1904, vem reproduzida uma communicação de Monsieur Coupin, nestes termos:

OS ANIMAES FACETOS

«E' bem conhecido o typo humano do trocista, do farçola que passa o seo tempo a pregar peças ao seu semelhante e a rir á custa delle. Entre os animaes abundam exemplares em que predomina este estado de espirito. As facecias a que se entregam nem sempre têm por fim a brincadeira pura; servem-lhes tambem para se vingarem ou para tirarem dellas alguma vantagem.

Rochom refere ter trazido para a Allemanha uma macaca, que achava muito divertido excitar um cão de guarda, de genio triste.

Assim que o apanhava estirado na relva, a fazer a sua sésta com toda a commodidade, a travessa macaca approximava-se muito devagar, verificava que elle estava dormindo como um bem aventurado, agarrava-lhe no rabo com toda a prudencia e por meio de um puxão secco, applicado a esse estimavel appendice, arrancava o animal a seos sonhos.

Furioso, o cão saltava, precipitando-se para a macaca, a ladrar como um possesso.

Esta assumia uma attitude de provocação e esperava tranquillamente o inimigo que a não apanhava nunca.

No momento em que a ia morder, a macaca saltava para cima delle, para lhe agarrar outra vez na cauda.

O espirito facecioso dos macacos fôra já observado por Darwin.

«Ha alguns annos, escreveo elle, tinha por costume observar a femea orango-tango do Jardim Zoologico e tenho a convicção de haver reconhecido nella o sentimento do comico.

Entre outras provas em favor desta asserção, via-a em diversas vezes enfiar a cabeça na sua gamella que, assim collocada, apresentava a apparencia de um chapeo: e como ao mesmo tempo favorecia geralmente os espectadores com uma carêta hilare, não deixava de despertar nelles uma explosão de riso, que lisonjeava evidentemente o seo orgulho.»

Outro naturalista, Sir Andocer Smith, vio, no Cabo da Bôa Esperança, um macaco vingar-se de um official que se dirigia para a parada, com o seo bello uniforme de gala.

O macaco tinha aggravos particulares desse official e, assim que o vio, deitou agua num buraco, e com a lama espêssa que obteve, por esse meio, metralhou a sua victima, com grande gaudio dos espectadores.

Outro macaco, que estava atado a uma haste de bambú, ao longo da qual podia subir e descer com toda a facilidade, via com um encanzinamento facil de comprehender, a sua ração devorada pelos corvos das immediações.

Um dia deixou-se escorregar do seo mastro, fingio-se morto e conseguio deitar a mão a um dos seos vorazes larapios.

Uma vez que o teve bem seguro, pôz-se a depennal-o vivo. Quando já não restavam ao infeliz senão as pennas das azas e da cauda, atirou-o ao ar.

Os outros corvos vieram matar o companheiro a bicadas e não voltaram mais.

O cão é tambem grande amigo de brincadeiras e simulador perfeito. Refere o naturalista W. Goos, a esse respeito o seguinte caso muito divertido.

Possuia elle um *Terrier*, que gostava muito de apanhar moscas nas vidraças das janellas, mas que dava serio cavaco si se fazia troça delle quando ellas lhe escapavam.

«Certa occasião, para ver o que elle fazia, puz-me de proposito a rir de um modo exaggerado, a cada tentativa mallograda, e a minha hilaridade fez com que elle se mostrasse particularmente desastrado.

Por fim, a sua contrariedade chegou ao ponto de se resolver a simular uma captura por meio de movimentos apropriados da lin-

gua e dos beiços, esfregando-se no chão como para esmagar a sua victima—depois do que pôz-se a fitar-me com ares de triumpho.

Tão bem representára a sua pequena comedia que me teria illudido, si não tivesse attentado em que a mosca continuava a estar na janella.

Chamei a attenção do *Terrier* para esse facto, assim como para a ausencia do cadaver da mosca no chão, e quando vio que a sua hypocrisia fôra desmascarada, retirou-se envergonhado para debaixo de um canapé.

O mesmo animal aprendera sosinho a fazer certas habilidades para o fim evidentemente de fazer rir.

Si, quando se entregava a esses exercicios, observava que produziam effeito, mostrava-se muito contente; si não faziam caso d'elle, mostrava-se amuado.

Mas o que o vexava acima de tudo era que se rissem delle.

Como specimen de simulação faceciosa, póde ser citado o papagaio que sabe ás maravilhas fingir-se doente, respirando com oppressão, deitando-se de lado ou em cima do ventre no seo poleiro, soltando gemidos, etc. Isto bem entendido, emquanto está diante de gente. Apenas se apanha só, ou se não julga observado, volta logo a ter a apparencia de perfeita saúde.

Uma vez, em que estava verdadeiramente doente, foi tão acariciado e amimado, que o esperto animal raciocinou lá comsigo que valia a pena representar uma pequena comedia para obter os mesmos carinhos e cuidados.

O modo de curar esta mania de impostura, consiste em não fazer caso della.

Logo que vê que o seo estratagema não produz effeito, o nosso amigo papagaio volta sem demora a ser sincero.»

Animaes ha tambem que empregam estratagemas e ardis para aprisionar outros que lhes servem de alimento. Com a designação geral de *guaxinim*, é conhecido no Estado do Espirito Santo, um pequeno quadrupede, das proporções de um cão rateiro que se nutre de crustaceos e que os caça da seguinte engenhosa maneira: approxima-se da cavidade onde habita o caranguejo e introduz-lhe a cauda que pela frequencia do exercicio torna-se callosa, imprimindo á mesma um pequeno e repetido movi-

mento, de modo a despertar a attenção do crustaceo até que este prende-a com o tentaculo *(puan)*. Logo que sente o appendice seguro pela victima, o caçador embusteiro põe-se a gritar tão alto como uma creança, fingindo um soffrimento ou dôr que não experimenta, para o fim de enganar o crustaceo, que por sua vez augmenta a pressão da garra á medida do effeito que julga necessario produzir.

Emquanto isso, vae o *guaxinim*, puxando mansamente o appendice, gritando sempre, cada vez com mais força, até pôr o caranguejo á porta da cavidade, ponto em que, por um movimento rapido que executa, fazendo pião sobre o mesmo appendice, agarra a prêsa com as mãos e com os dentes parte-lhe a dura carcassa.

Relativamente á questão culminante da doutrina transformista, os ultimos trinta annos têm produzido maravilhosos resultados.

As pesquizas sobre os simios, chegaram á verificação positiva de sua linguagem, de sua psychologia, de sua alta penetração e até do apuro do seo gosto artistico.

N'*O Paiz*, de 9 e 27 de novembro de 1903, encontrei a seguinte informação:

A LINGUAGEM DOS MACACOS

«O professor Garner, que ha muitos annos se dedica ao estudo da linguagem simiesca, e cujas curiosas experiencias no Jardim Zoologico de Paris, foram muito commentadas ha tempos, quando elle ahi estudou e procurou comprehender a significação dos diversos gestos dos chimpanzés, diz que o diccionario completo da lin-

gua dos macacos consta apenas de trinta palavras. O illustre e paciente investigador pôde, pois já conhece bem o sentido dessas palavras, estabelecer uma conversação mais ou menos animada com os quadrumanos.

O tom e a modulação desses sons pódem ser dados pela voz humana, com excepção, refere o professor, de dois sons que o homem não póde reproduzir perfeitamente: um é «*ecgk*», que em linguagem simiesca significa «attenção», «cuidado»; o outro é «*chens*», que quer dizer «beber».

O Dr. Garner affirma que a entonação que a essas duas palavras os chimpanzés sabem dar, não poderia ser imitada pela voz humana.

Muitos macacos, diz elle ainda, são dotados de especial perspicacia e de um discernimento notavel, em relação á forma, á côr, ao numero e ás dimensões dos objectos.»

MACACO DE MÁO GENIO

«Parece conto, mas não o é; pois os jornaes de Paris, nos *faits divers* trasem a relação das façanhas de um macaco, irritado por uns tantos garôtos, e que não descobrio outro meio de se vingar delles, sinão atirando do alto de uma saccada os objectos que encontrou á mão, na casa de seo dono e nas dos visinhos, com prejuiso de todos.

O facto deo-se a 10 de setembro, na rua Bolivar, em frente ao numero 125, onde um numeroso grupo de populares estacionava, admirando as façanhas do mono.

O animal estava tranquillamente sentado á janella de um 4.º andar, catando suas pulgas, quando alguns garôtos, na rua, lembraram-se de fazer-lhe acenos.

O macaco continuou a operação hygienica com que se entretinha, até que, farto de ser alvo da chacóta do rapasio, tomou uma resolução energica: tomou com ambas as mãos de um vaso com planta e flores, e sem mais ceremonias, atirou-o á rua.

Felizmente o improvisado projectil não ferio ninguem, reduzindo-se a cacos, com grande prazer da garotada.

O mono enfureceo-se, penetrou em casa, e momentos depois voltou com uma terrina de prata, á qual deo o mesmo destino do

vaso, e, seguidamente, atirou panellas, talheres, espelhos, *bibelots* e tudo o mais que foi apanhando com facilidade.

A policia foi avisada, e subio até o 4.º andar, de onde o mono passou para o quinto, continuando dahi a vingar-se tão terrivelmente.

Foi finalmente agarrado e, como qualquer criminoso, conduzido ao commissariado de policia, de onde sahio com o dono, depois que este indemnisou os prejuisos causados pelo irritado macaco á visinhança.»

Ainda em 2 de novembro do mesmo anno, inseria o *Correio da Manhã* (Rio) est'outra:

UM MACACO CURIOSO

—

«Procedente de New-York, chegou ha dias á Paris, dizem jornaes portuguezes, um chimpanzé com uma intelligencia muito superior á de grande numero de pessôas.

Chama-se *Consul* o famoso macaco, e veio num camaróte de primeira classe, como qualquer potentado.

Como a viagem o tivesse fatigado muito, foi ao cóllo do emprezario, que elle entrou em Paris, onde vae exhibir as suas habilidades.

Já foi, porém, pelo seo pé, para a sala das bagagens, olhando com curiosidade para os volumes, que se iam descarregando, até apparecer a mala, que lhe pertencia e que elle reconheceo.

Consul tem tres pés de altura e geralmente anda vestido com o uniforme de official de marinha americana. A sua residencia habitual, é em Coney-Island, em New-York, num palacio povoado de arvores, que ali possúe Bostock.

Occupa um compartimento composto de uma grande sala, dividida em gymnasio, casa de jantar, dormitorio, salão de recepção e gabinete. Todos estes aposentos são illuminados á luz electrica, tendo as lampadas grandes reflectores de metal.

Falta apenas a casa de banho, por que *Consul* vae todos os dias banhar-se ao mar.

Uma aventura em que elle figurou no consultorio dum dentista de New-York, prova até onde chega a sua civilisação.

Um dia, atacado de grandes dôres, pôz em revolução todo o palacio de Coney-Island.

Interrogado por M. Bostock sobre a causa das dôres, respondeo, como podia, que se tratava dos dentes.

Foi então levado á casa dum dentista, onde se reconheceo que o pobre chimpanzé tinha tres dentes furados.

Como a operação era delicada e dolorosa, julgou-se necessario prender o paciente, para o que foram escolhidos oito homens.

Mas, em vez da crise de furia, que se esperava, apenas lhe foi arrancado o primeiro dente, o macaco atirou-se aos braços do dentista, enchendo-o de caricias, beijando-o e mostrando-lhe os outros dois dentes affectados.

O dentista arrancou-lh'os sem incidente algum.

Consul adora as creanças e, para companheiros de suas diversões, tem um prestito, que vive constantemente com elle.

Alem disso, anda em automovel, guiando-o como o mais habil «*chauffeur*», toca piano e deleita-se extraordinariamente a examinar um livro, que tenha gravuras, operação em que está entretido horas e horas.

Come bem, bebe por copo e fuma magnifico tabaco.

Não gosta de levantar-se cêdo e, em geral, o seo somno é de dez a quatorze horas.

Comprehende perfeitamente tudo que se lhe explica e, quando tenta falar, os sons que emitte parecem mais a linguagem que se ensina aos surdos-mudos, do que grunhidos dum animal.

Em summa: para ser um homem, faltam-lhe apenas algumas noções de pronuncia e ter voto nas eleições.»

Outras revelações fez o mesmo jornal, de muito maior importancia, sob o ponto de vista scientifico, em suas edições de 9 de abril e 4 de outubro de 1904 e 27 de novembro de 1905.

Diz a primeira:

«*O Commercio*, de S. Paulo, publicou hontem a seguinte carta, que lhe foi dirigida de Ribeirão Preto: Sr. Redactor.—Embora não

possuindo dados minuciosos, vou dar-vos hoje a noticia de um phenomeno curiosissimo e que tem despertado a mais viva attenção.

Eil-o em poucas linhas: No districto de Sant'Anna dos Olhos d'Agua, municipio de Naporanga, existem duas creanças que são dois perfeitos macacos, já pelos traços caracteristicos desta raça, já pela agilidade de acção.

Só tem de humanas, a pelle e do macaco só não têm a cauda.

Uma dellas pertence ao sexo masculino e tem cerca de 4 annos; a outra é do sexo feminino e conta pouco mais de um anno.

Este extraordinario caso não se tem divulgado, por que os paes dessas creanças — dois rusticos trabalhadores, aggregados de uma fazenda da localidade, tem-n'o occultado a todo transe, e, depois aquelle districto é um logar atrazado, sem meios faceis de communicação.

Uma circumstancia fortuita desvendou o phenomeno: — Um cavalheiro que por ali passou, vio um dos *meninos* e ficou embasbacado.

Embora os paes lhe pedissem que não divulgasse o facto, elle não resistio ao desejo de tornal-o publico.

D'aqui, de Batataes e de outros logares circumvisinhos, tem sahido uma verdadeira romaria de curiosos, para ver a nova especie de macacos que muitos julgam ser um attestado eloquentissimo em favor da theoria de Darwin.

Os que conseguem vêl-os, ficam estupefactos.

Dizem que essas *creanças* andam de quatro pés e fazem prodigios de equilibrio, subindo e caminhando por cima de serras, pulando d'aqui para ali com a mesma facilidade do macaco.

A menor quando se espanta, sóbe ao pescoço da mãe e fica a fazer gatimanhos.

Nem-uma dellas fala, apenas dão um guincho perfeitamente semelhante ao do macaco.

Não me foi dado ainda ver o phenomeno, mas posso garantir-vos que elle é verdadeiro, pois me foi relatado por pessôa que não mente.

Demais, dentro em pouco elle estará completamente divulgado, e com esta carta quero apenas que o *Commercio* seja o primeiro jornal a noticial-o.»

A segunda e a terceira, que logicamente se prendem, referem o seguinte:

«Um correspondente do *Soir*, de Bruxellas, annuncia que se descobriram pithecantropos vivos em Java.

Um negociante, *Van Beuren*, tendo-se perdido numa floresta d'aquella ilha, vio-se obrigado a passar a noite debaixo de uma arvore.

A certa altura, acordou ouvindo uns sons semelhantes aos que poderão produzir-se, pronunciando as palavras — *kurrhy, kurrhy*.

No dia seguinte, o negociante vio na arvore um ninho gigantesco com uma abertura circular de mais de meio metro de diametro.

Uma cabeça, coroada de pellos ou de cabellos castanhos, appareceo, e um animal desceo da arvore deixando-se escorregar ao longo dos ramos.

Durante o dia, *Van Beuren* encontrou alguns indigenas que lhe ensinaram o caminho.

Mas, intrigado com o que observára, voltou á arvore, em companhia de um sabio americano, o Dr. Werdehouse.

Durante tres mezes, este acampou perto do ninho para estudar os costumes d'aquelles animaes que, segundo affirma, são os verdadeiros *intermediarios* de Haeckel.

Os *asch perrilz*, como lhes chamam os indigenas, são muito pouco fecundos e estão naturalmente em via de desapparecimento completo. São muito asseados e tomam muitos banhos, o que nunca se vio a macacos.

Não usam vestuarios, mas as femeas têm *coquetterie* e enfeitam-se com collares formados de pequeninas bagas. Tratam com grande amôr os filhos. As mães adormecem-n'os, cantando. Possuem linguagem articulada, mas o seo vocabulario é muito pobre. Nutrem-se de fructos, raizes, ovos de aves e de peixes.

Conhecem o fogo e apreciam-n'o muito, mas não o sabem accender.

O Dr. Werdehouse, não trouxe nem-um exemplar, na impossibilidade de o agarrar vivo.

Um grupo de sabios partio para a floresta, com o fim de estudar o homem-macaco. O *Soir* garante a seriedade destas informações.»

«Muito se falou nos mezes passados da aventura de um negociante chamado *Van-Beuren*, que havendo-se perdido em uma floresta de Java, teve de passar uma noite ao pé de uma arvore.

Quando o somno começava a cerrar-lhe as palpebras, ouvio uns gritos que lhe soaram «*quirri*», seguidos do agitar de folhas.

É claro que o bom do hollandez, tranzido de medo, esperou, para verificar o extranho acontecimento, pelo dia seguinte. Este, apezar de lhe parecer que tardava muito, sempre appareceo, e *Von-Beuren* pôde ver do outro lado da arvore, um ninho gigantesco, cuja entrada media cerca de um metro, e lá dentro uma cabeça coberta de cabello preto e depois o corpo de um animal, que não era nem homem nem macaco, mas que participava de ambas as formas.

Aquelle extraordinario animal desceo da arvore e deitou a correr como o homem, soltando «*quirris*».

Os zoologos, ouvindo essa narração, concluiram que se tratava do «*pithecantropus erectus*», animal que Darwin considera o escalão, que faltava, entre o macaco e o homem.

Agora appareceo um outro animal extraordinario, mas desta vez o caso não tem as proporções de sonho ou de romance.

Varios colonos do Gabão, que se haviam internado pelos bosques do sul, até ahi não percorridos pelos homens, encontraram e caçaram uma especie de chimpanzé gigantesco, ainda mais alto que um negociante de gado de Meklenburgo, e cujo craneo apresenta extraordinaria semelhança com o do homem. O rosto é branco e o nariz prolongado.

Uma das mãos deste animal, que foi cortada na lucta, pesava dois kilos.

As revistas scientificas francezas e inglezas trasem minuciosos estudos sobre o animal de que se trata, e n'uma d'ellas o Sr. Luciano Descabis, illustre professor da Sorbonne, exclama:

«Não ha duvida alguma. O homem vae encontrando nos bosques os seos antigos e esquecidos antepassados.»

E por minha vez poderei accrescentar—sem mais nem-uma repugnancia de ter por ancestraes tão humildes representantes, talvez temendo que si por tal motivo tivesse de que envergonhar-se, possivel é que o mesmo raciocinio fizessem os simios acerca do seo descendente, como fez notar um escriptor italiano, cujas palavras reproduzo: « *Se l'uomo può vergognarsi di discendere dalle scimmie non è improbabile che queste, interpellate, non chiarirono a loro volta di sentirsi disonorate di essere le progenitrici dell'uomo*»... [1]

---

[1] *Universo et Umanitá*, II, 157.

Estudada a origem do homem, passa Candido Costa a procurar elementos para fixar a edade da terra e a do apparecimento do homem, consignando opiniões e calculos, e firmando á respeito do homem *americano prehistorico*, a seguinte conclusão:

«Eu acho que o argumento mais consentaneo acerca da existencia do homem na America em epocas prehistoricas, e de certos animaes, hoje extinctos, eguaes aos seos congeneres de outro hemispherio, é admittir-se a ligação dos continentes europêo, asiatico e americano, pelos logares em que se torna evidente essa união, mas que hoje offerecem solução de continuidade»; *(As Duas Americas*, 34, *in fine).*

A idéa da ligação dos continentes, quem primeiro a suggerio, foi EDUARDO FORBES e quem primeiro deo-lhe combate decisivo, foi DARWIN. É uma hypothese hoje completamente posta de lado, depois que melhor conhecidas foram a flora e a fauna marinhas e melhor estudada a distribuição geographica de ambas.

Quanto á desejada ligação dos continentes, diz com elevado criterio o naturalista inglez:

«Parece-me que temos numerosas provas de grandes oscillações do nivel das terras e dos mares, mas não mudanças tão consideraveis na posição e extensão dos nossos continentes que nos deem direito de admittir que todos elles tenham sido ligados uns aos outros, assim como ás diversas ilhas oceanicas.

São factos observados, que apresentam grande differença, as faunas marinhas nas costas oppostas de quasi todos os continentes; que os habitantes de alguns continentes e de alguns oceanos, ainda deixam ver as relações estreitas que os prendem ás formas terciarias; que o gráo de affinidade que se observa entre os mammiferos habitadores das ilhas e os do continente mais proximo, é em parte determinado pela profundidade do mar que os separa — todos estes factos fazem crer que a ligação não se dêo.» (1)

---

(1) C. DARWIN, *L'Origine des Espèces*, 434, 435.

Sobre aquelles dois primeiros pontos, o escriptor nacional não emitte opinião. Entretanto, facil é estabelecer pelo menos a epoca em que a terra teve a sua constituição e o homem o movimento á superficie della.

A geologia divide em epocas os estados intermediarios porque passou o planeta, e a primeira que é a *azoica*, foi assim caracterisada: 1.° por uma *atmosphera* caliginosa, entrecortada de relampagos; 2.° por um *mar* pouco profundo e sem costas; 3.° por uma *crosta* solida, delgada e de pouca resistencia; 4.° por um *nucleo central* ou *pyrosphera*, em estado de fusão ignea.

Nessa epoca appareceram os schistos crystallinos na base dos terrenos sedimentares, aliás chamados—*azoicos*.

Este terreno é o da mais remota antiguidade do planeta e partindo dahi, póde-se delle datar a edade deste e até indicar quaes os pontos em que surgiram as terras firmes sobrepostas aos ditos schistos.

Na Europa, sabe-se que foi na Escossia, na Bretanha, na Vandéa, em diversos logares da França, na Hespanha, na Corsega, na Sardenha e Turquia.

Si, pois, o calculo realisado com os numeros parte de um dado arbitrario, o processo geologico parece ser o mais exacto.

Quanto ao apparecimento do homem, a anthropologia e a paleontologia adoptaram o criterio geologico

Si impossivel é acceitar as tradições de longevidade que cada pessoa attribúe, tomaram aquellas sciencias por base, para fixação da existencia do homem, em falta de dados mais positivos, a contemporaneidade do mesmo com as grandes especies animaes, cujos destroços são encontrados em promiscuidade, ora enterrados nas camadas da terra por effeito das revoluções geologicas, ora no fundo das cavernas que deveriam ter servido de abrigo commum á especie animal, antes que o homem soubesse levantar a choça para resguardar-se das intemperies.

O estudo dos fosseis veio mostrar não só craneos e ossos complementares da estructura humana, como ainda vertebras e fragmentos do systema osseo de mammiferos diversos, uns atravessados por armas offensivas, por instrumentos de silex, outros com gravuras e desenhos representando pachidermes actualmente extinctos, tudo isso amontoado indistinctamente.

Tomado este ponto de partida, verificou-se que a nutrição dos grandes mammiferos deveria ser fornecida por uma vegetação opulenta, variada e abundante, rica de flores e de fructos, e como na epoca anterior — a *mezozoica* — era impossivel encontrar essa feição na natureza, e que se deparava na immediatamente posterior, a esta ultima deo-se a denominação de *neozoica*.

A epoca *neozoica* é dividida em tres periodos, sendo o ultimo, o *terciario*, composto de tres sub-periodos: — o *eocenio* (aurora recente, dos gregos); o *miocenio* (aurora menos recente); e o *pliocenio* (aurora mais recente).

Data, pois, da epoca *neozoica*, o apparecimento dos grandes pachidermes; e como, os maiores d'entre elles, cujas ossadas são encontradas com a do homem — a partir do rhinoceronte — viveram nesta epoca, no periodo *terciario* e sub-periodo *eocenio*, porque é nas camadas correspondentes ao terreno terciario que os despojos fosseis alludidos têm sido achados, por identidade de motivo chegou-se a determinar que remonta á epoca e periodo supra indicados, o apparecimento do homem, coetaneo dos grandes pachidermes e ruminantes.

A precisão dessa data parece ser tanto mais approximada da verdade, quanto é certo que foi nos terrenos do periodo seguinte ou quaternario, que se extinguiram as especies do elephante, do rhinoceronte e do urso primitivos.

Por essa razão diz um eminente professor da Faculdade de Tolosa:

«O homem dessa epoca, assistio ainda ao levantamento dos Alpes e viveo milhares de annos antes de todas as tradições historicas.

A contemporaneidade do homem com os mammiferos extinctos, data do *elephas meridionalis* dos areaes de Saint Prest, ou pelo menos do *elephas antiquus*, anterior ao *primigenius* e achado com silices talhados em algumas cavernas de Inglaterra, associado ao *rhinoceros hemithœcus* e mesmo ao *machairodus latidens*, que é de maior antiguidade ainda.» (1)

O sabio Sir J. Lubbock, que com finissimo tacto investigou em demoradas pesquisas, os documentos e monumentos relativos ao homem primitivo, assim se exprime:

«Sinto-me disposto a acreditar que no subperiodo *miocenio*, o homem foi representado por macacos anthropoides, parecendo-me ainda que no caso, nada adeanta saber si o quadrumano existe.» (2)

Ainda no tocante á questão da edade da terra, opina o professor de Tolosa, anteriormente invocado:

«Quando, no entender dos eruditos os mais distinctos, a sciencia não está em condições de determinar datas precisas no que concerne aos tempos primitivos dos annaes do Egypto; quando esses mesmos eruditos nos dizem que, ha 5o annos, não se sabia uma só palavra de sua historia, não é imprudencia querer reconstituir de improviso, os archivos primitivos do genero humano, na supposição de se estar de posse de todos os documentos indispensaveis á execução de um trabalho tão difficil e tão gigantesco?

Que o homem tenha habitado a terra por 100:000 annos, como pretende um geologo justamente celebre, ou por 100:000 seculos, como outros querem crer, que importa isso?

Do que devemos fazer cabedal, é das pesquisas realisadas, das descobertas registradas por uma sciencia severa; só então e só as-

---

(1) N. Joly, *L'Homme avant les metaux*, 170.

(2) *Prehistoric Times*, II, 101.

sim podemos tirar conclusões de immensa relevancia e de tal evidencia que ninguem ousará contestar»; (cit. JOLY, 169).

Sobre os documentos a que alludi, para fazer a prova da longevidade do homem primitivo, podem ser examinados os trabalhos de JOLY, no livro indicado, pag. 75, onde se vê nitidamente uma vertebra de renna atravessada por uma ponta de lança feita de silex, talhada por mão humana e a obra magnifica de LUBBOCK, de pags. 19 a 21, onde estão feitos desenhos traçados em ossos de renna e mammuth (especies extinctas) representando esses animaes, operação que só poderia ser praticada por quem os vio ou conheceo, attenta a imperfeição artistica que se lhe nota e que bem demonstra que não é reproducção de outra anterior.

Tempo é de abordarmos a questão culminante: — Ha na America vestigios da existencia do homem prehistorico?

Responde C. Costa: Sim, admittida a hypothese da ligação dos continentes europêo, aziatico e americano.

Já demonstrei que a alludida hypothese é contraria á verdade scientifica e portanto, improcedente; concederei, entretanto, para dar logar á discussão, que ella seja possivel, que seja exacta.

Isto posto, perguntarei: da supposta ligação dos continentes enumerados, resulta como illação necessaria, que a America teve o homem prehistorico, como a Europa e a Azia?

Parece-me que não ha base para semelhante raciocinio, pois, assim como actualmente differentes são a fauna e a flora do continente americano, comparadas com as dos dois outros, muito maior devera ter sido a

differença no periodo em questão, attentas as oscillações por que passava o globo e notavelmente a sua crôsta.

É sabido que terremotos e maremótos, frequentes vezes hão operado modificações na superficie da terra, submergindo continentes e ilhas, arrasando cidades, flagellando povos e não raro, propagando a sua acção destruidôra a um raio de distancia consideravel, como ainda recentemente verificou-se com o movimento sismico operado na peninsula italiana, em Reggio, cujos effeitos explicaram a catastrophe de S. Francisco da California.

Haeckel, alludindo ao berço da humanidade, de onde devia ter provindo o homem-macaco, *(homo primigenius, pithecanthropus* ou *alalus)*, menciona o continente a que Sclater chamou *Lemuria*, que demorava ao sul da Azia e que foi submerso pelas ondas do Oceano Pacifico. É um resto desse continente, a ilha de Madagascar. As aguas, a seo turno, por effeito de erosões consideraveis, escôam-se pela acção das correntes a que obedecem em desvairados logares, deixando fluctuar continentes que eram por ellas anteriormente occupados sob a forma de profundos mares, extensos oceanos: tal é o caso do Sahara, segundo Lubbock, com os seos lagos salgados, com os seos interminaveis desertos arenosos, hypothese que Huxley confirma, declarando que, «a distribuição actual da raça negra não póde ser explicada, sinão admittindo-se que depois do apparecimento della, produziram-se immensas mutações geographicas, transformando oceanos em continentes e vice-versa.»

Conhecidos os resultados expostos, supponho que não ha razão para se inferir a existencia prehistorica do homem americano, por ser indubitavel a do europêo ou a do aziatico, quando rasoavelmente semelhante solução importa desde logo a negação do *autochthonismo das raças* da America, que constitue assumpto de outra questão ainda por discutir.

O que parece verdadeiro, é que outras causas, como: a inclemencia ou alteração climaterica, a insufficiencia de alimento, a peste, e não o facto da supposta unificação tri-continental, melhor explicam as migrações das especies animaes, inclusive a humana.

Os grandes animaes primitivos desappareceram do sul da Europa (rhinoceronte, mammuth, e equivalentes) e da Africa, quando a alimentação tornou-se-lhes insufficiente; nelles pouco influio o clima, mas a renna immigrou desde logo para a Finlandia.

Que significação tem este ultimo facto, sinão revelar a influencia do clima como determinante da deslocação do *habitat* desse individuo, impossivel de subsistir nas torridas zonas, por maior que seja a provisão de alimento que ellas lhe proporcionem?

Por toda a parte a presença do homem prehistorico, tem sido denunciada pelos vestigios de sua arte, de suas crenças e conhecimentos rudimentares; ahi ou por esse processo deve ser tambem estudado o homem americano.

Com inteira razão pondera Sir J. Lubbock, na citada obra I, 2, que para estudal-o com proveito, convêm dividir a archeologia em quatro epocas, a saber:

Primeira, a do *diluvium*, epoca em que na Europa o homem primitivo teve por companheiros o mammuth, o urso das cavernas e outros individuos extinctos.

É de crer que na lucta pela vida elle recorresse a instrumentos para se defender dos demais concorrentes á commum nutrição e como preciso fôra que por meio de armas contrastasse o excesso de força, a agilidade, a rapidez de acção que sobrava naquelles, formou-as com a materia que mais á mão encontrou — a pedra — sem idéa de lhe corrigir as asperezas da estructura: é a epoca chamada da *pedra lascada* ou *paleolithica*.

A segunda, a *neolithica*, exprime o uso que o mesmo homem fez de armas ainda de pedra, mas com as corre-

cções que o tempo e a necessidade lhe impuseram: é a epoca da chamada *pedra polida*.

Convem advertir que attenta a facilidade da extracção, o silex foi sempre a pedra preferida para o fabrico de armas e em falta d'elle, a obsidiana. Caracterisa ambas as epocas, o desconhecimento do metal.

A terceira epoca é a do *bronze*, assim chamada, para exprimir o uso que fez o homem desse metal, o primeiro que elle pôde obter pela facil fusão do cobre com o estanho, e por meio do qual modelou os instrumentos cortantes e perfurantes.

A quarta é a do *ferro*, assim chamada pelo emprego feito deste metal como succedaneo do bronze, que desde então ficou reservado á ornamentação complementar dos artefactos em ferro, como: copos de espadas, cabos de punhaes, etc.

Talhando a pedra e fundindo os metaes, adquirio o homem primitivo os instrumentos com que fabricou o arco e a flecha, as pontas de lança, as facas, punhaes, puncções e machados, para offender e defender-se dos animaes terrestres; os anzóes e apparelhos para capturar os aquaticos, de modo que os periodos da caça, da pesca, do pastoreio e da agricultura, elle atravessou-os provido de aptidão especifica para exercer o seo mister civilisador.

Com esses elementos fabricou os seos rudes instrumentos musicaes, seos artefactos de barro, de osso e de chifre mais necessarios, seos utensilios de cobre e de bronze, taes como, os braceletes, collares e brincos, para ornatos corporaes; levantou muros para defender-se dos inimigos; erigio collinas nos logares destinados a cerimonias religiosas, (extendendo tanto quanto é possivel extender a significação deste vocabulo ás superstições grosseiras da primeira edade); formou os seos symbolos e preparou as suas estações funerarias.

«No mundo inteiro, salienta o archeologo inglez supra citado, nos logares onde ainda não foram destruidos pelo arado e pela picarêta, encontramos monumentos dos tempos prehistoricos; muitos d'elles nos infundem, por seo volume, admiração e todos nos excitam o maior interesse pela antiguidade a que se reportam e pelo mysterio que encerram»; obra cit., II, 106.

A proposição do insigne archeologo é tão procedente á respeito dos monumentos megalithicos da Europa, como aos da America.

Ali os *muraghi* da Sardenha, que são construcções feitas de pedra lascada uns, e de pedra polida outros, com a forma de cone troncado, são testemunhos da existencia do homem da edade de pedra e da do bronze.

Visitando essas antiguidades, escreveo MANTEGAZZA, «que ellas são uma pagina da historia que o homem primitivo traçou na superficie da Sardenha».

Quem levantou os *muraghi*, sem duvida habitação de sardo primévo?

Para o abbade G. SPANO, foram migrações de povos vindos das planicies de Sennaar, que se espalharam pela Palestina, Grecia, Italia e Europa septentrional.

Eguaes monumentos nas Baleares têm o nome de *Talayoti;* na ilha de Pontilleria, *sesi* e na Escossia, *burgs* ou *brochs*.

Indigena ou alienigena esse povo, sabe-se comtudo que foi elle quem levantou os referidos monumentos e mais ainda que pertence á edade prehistorica.

Na India, as cerimonias dos funeraes têm por termo a erecção de pedras formando um trapezio, tambem sobrepostas e a esse deposito dos humanos despojos, dão os indigenas a denominação de *menhir;* algumas vezes, columnas de pedras, isoladas, assignalam logares onde foram commemorados importantes acontecimentos, onde

solemnemente foi prestado algum juramento: dahi a significação etymologica das *mausmai* (pedras de juramento) (1).

Perde-se na escuridão das tradições, o povo que levantou-os; mas sabe-se que pertencem á edade da pedra, porque é o silex que lhe attesta a longevidade.

Egual explicação têm os *tumuli* da Dinamarca, os *cromlechs* da Noruega, os *dolmens* da Irlanda, os *tumulos dos gigantes*, os muros de circuito, impropriamente chamados — monumentos druidicos.

Tiveram essas construcções similares na America? Sem duvida que sim.

O destino dado aos mortos não foi sempre o mesmo para todos os povos.

Os esquimós e os habitantes das ilhas *Viti*, enterram vivos os seos parentes chegados a certa edade, para lhes poupar os incommodos e soffrimentos da velhice.

Dumont d'Urville, attesta que os habitantes da Nova Galles, queimam os corpos dos jovens e enterram os dos velhos quando deixam de viver; que os da Australia do sul seccam os cadaveres, aquecendo-os em fogueiras, depois envolvem-n'os em grosseiro lençol e os depositam nas cavidades superiores das mais altas arvores; que os de Gueensland, comem os corpos dos mortos, distribuem os ossos aos parentes dos mesmos e a pelle, depois de secca, conservam-na como reliquia.

É sabido que os egypcios os embalsamavam e que os peruanos tinham seos processos de mumificação.

Na edade *neolithica*, a inhumação foi o costume geralmente adoptado; no fim da edade dos *dolmens*, usava-se a cremação.

Na edade da pedra polida, o ultimo asylo destinado

(1) Youle, *Proc. Soc. Ant. Acotland,* I, 93.

aos mortos, era nas grutas artificiaes ou naturaes, que lhes tinham servido de habitação.

Outras vezes os depositavam em monumentos megalithicos de pedra bruta, de proporções colossaes: no Perú e na Bolivia, essas construcções existem e são chamadas *chulpas*, nos Estados Unidos da Norte America, *mounds*.

Dá-se, aqui, uma analogia com o que se passa na India: o *mound* como o *menhir*, tem diversas significações.

Aquelle algumas vezes designa logares de fortificações, outros, de cerimonias religiosas, outras ainda de observatorios e finalmente de estações funerarias.

Os *mounds* são trabalhos de pedra e terra combinados, formando monticulos artificiaes, que parecem naturaes logo que por sobre elles a vegetação se desenvolve, com portas de entrada á superficie do sólo, ora isolados, ora reunidos, de fórma circular, (alguns ha que são ellipticos).

Segundo Squier e Davis, são de tres especies esses monticulos: 1.ª Collinas artificiaes de feição artistica, representando symbolos animados (*animal mounds*); 2.ª Collinas artificiaes destinadas aos sacrificios humanos e a celebração de ritos (*sacrifical mounds*); 3.ª Collinas artificiaes destinadas a guardar os despojos dos mortos (*burial mounds*).

Os mesmos auctores assertam, que algumas dessas collinas medem 550:000 metros cubicos.

A collina artificial de Calokios, no Illinois, mede, conforme Sir J. Lubbock, 700 pés de extensão, 500 de largura e 99 de altura.

Alguns desses monumentos remontam a um periodo anterior á epoca *neolithica* do Novo Mundo, pois são feites de substancia petrea equivalente ao silex pyromacho e pelo lavor e fórma approximam-se dos machados e pontas de flecha de Abbeville e Amiens.

Entre as collinas artificiaes, que são innumeras na America do Norte, as mais celebres são as symbolicas do — *Alligator's Mound*, no Mississipi e a da — *Great Serpent's Mound*, no Ohio.

A primeira tem de extensão 250 pés, a segunda 1:000.

Esta representa o reptil com a bocca aberta, na occasião em que deglutia um ovo de 100 pés de diametro, curvando-se o seo corpo para o extremo da cauda em graciosas ondulações.

« É uma obra unica no Novo Mundo, sem egual no antigo continente », diz transportado de jubilo, Joly, no citado livro, 156.

Quem construio essas preciosas antiguidades?

Squier e Davis, respondem que no seculo XVI, não havia uma só tribu de indios entre o Atlantico e o Pacifico, com excepção das nações meio civilisadas do Sul, que tivesse meios de subsistencia sufficientes para se poder applicar a taes obras improductivas; nem-uma dellas havia chegado a tal gráo de perfeição social, que pudesse obrigar o povo a construil-as.

Schoolcraft opina que foram os *Alleghans*, ou a tribu de indios mais antiga que se fixou nos valles do *Ohio* e do Mississipi; entretanto, é certo que antes dos *Alleghans*, outras populações viveram na America e que aqui como na Europa, como em toda parte, o homem foi coetaneo de especies ha muito extinctas. Sua existencia, pois, remonta aos tempos geologicos. É ainda sabido, que elle em periodo remotissimo, fez habitações sobre as aguas: são conhecidas as construcções lacustres da Suissa, (*palafittes*) as de Nova Guiné e Celebes, e Virchow descreve as do lago Prasias, na Thracia.

Essas habitações, por occasião do abaixamento maior do nivel das aguas, foram estudadas e opulentaram o acervo da archeologia, as descobertas feitas pelo espirito pesquisador dos sabios.

Rudes edificios sobre estacas, encerram restos preciosos da vida dos seos habitadores, seos costumes, industrias, usanças, etc.

É ponto incontroverso que elles se prendem á infancia da humanidade: pois bem, edificações lacustres sobre estacas, encontraram os hespanhóes no Mexico, feitas pelos *aztecas*, para se defenderem dos inimigos e essas construcções reproduzem os *palafittes* da Suissa e as *cramoges* da Irlanda!

Na laguna de Maracaibo, encontraram os conquistadores, assevera ELYSÉE RÉCLUS, uma *pequena Veneza de madeira*, á qual deve a Republica venezuelana o seo nome.

Que prova isso, sinão que levado pela necessidade, o homem em todos os tempos e logares recorreo ao alvitre que lhe pareceo mais efficaz para remover os obstaculos que se lhe antepunham, guiado pela propria experiencia, em muitos casos sem consciencia do valor do recurso posto em obra?

Finalmente, um outro parallelo é possivel estabelecer entre a existencia das turfeiras da Dinamarca, attestando a sobreposição de tres e quatro florestas, umas ás outras, phenomeno que implica o decurso de seculos para ter realisação, e a existencia de terrenos geologicos em eguaes condições de longevidade na America.

JOLY, que pertence á pleiade dos brilhantes archeologos dos ultimos trinta annos, com eloquente clareza pondera:

«As luxuriantes florestas em que o indio *Pelle-Vermelha* fazia a sua prêsa, não são as *primitivas*, porquanto ellas foram precedidas por algumas outras que a seo turno não são *virgens*, visto terem-n'as pisado o pé do homem, cujos destroços ellas envolvem com os seos.

É assim que em Nova Orleans, ás margens do Mississipi, achou-se um esqueleto humano inteiro, enterrado na *quarta floresta*

sobreposta: este esqueleto foi avaliado pelo Dr. Dowler, como registrando a existencia de 57:000 annos!!...

Mencionarei tambem a recente descoberta de um craneo humano, encontrado em Jacksonville, ás margens do Illinois, a cem pés abaixo do nivel actual do rio, distinguindo-se por impressões musculares muito pronunciadas e arcadas superciliares muito salientes.

Mais recentemente ainda, descobrio-se na formação *pampeana* de Mercedes, (cercanias de Buenos-Ayres), em uma profundidade de tres metros abaixo da superficie do solo, uma ossada, associada a silices grosseiramente talhados e restos de animaes pertencentes a generos extinctos, (generos *Eutatus, Hophlophorus, Reithrodon, Hesperomys,* etc.) e em camadas superiores á precedente, ossos de *Mylodon* e *Glyptodon*.

Ha mais o osso da pelvis, encontrado perto de Natchez, no *loss* do valle do Mississipi, em companhia do *mastodonte* do Ohio, do *megalonyx* de Jefferson e outras especies desde muito extinctas.

Em ultimo logar lembrarei os ossos humanos achados por Agassiz em um conglomerato calcareo, fazendo parte de um recife de coral na Florida, cuja edade elle avaliou em mais de 10:000 annos!

Si essas provas não bastarem, citarei os destroços de nossa especie recolhidos por Lund, nas cavernas do Brazil, encontrados em companhia dos do *glyptodon,* do *megatherium* e de uma multidão de outros animaes fosseis, dos quaes era então o homem contemporaneo»; obra citada, 150-151.

Incidentemente, lembrarei por minha vez que entre os artefactos de pedra, achados nos *mounds* norte-americanos, especialmente nos cachimbos de pedra e fragmentos de louça, ha desenhos de quadrupedes, gravuras e esculpturas de reptis e volateis; ora, reproduzindo esses desenhos, animaes da fauna americana, como declaram os invocados Squier e Davis, Joly e Lubbock, em especial os peculiares ao Ohio e ao Mississipi, é fóra de duvida foram feitos na America, maximé sendo como são encontrados aos milhares os ditos objectos.

Essa industria pelo menos, é evidentemente americana e o seo cunho prehistorico, indubitavel.

Ainda uma consideração.

D'entre as praticas que denunciam a inferioridade de intelligencia das raças desgarradas da civilisação, como são os selvagens, algumas ha que impreterivelmente datam dos primordios da humanidade e persistem ainda hoje nas populações errantes dos continentes e ilhas e que conservam a barbarie primitiva.

Para não referir sinão as mais notaveis, lembrarei o cannibalismo, a producção do fogo pela fricção do lenho, o limitado dos signos representativos das lettras e numeros e finalmente suas superstições religiosas mais communs.

Não ha quem ignore que ainda naturalmente devoram os seos semelhantes, os povos da Polynesia, da Nova Zelandia, da Australia, das ilhas da Sonda, de Sumatra, da Africa Central e Meridional, e algumas populações da India e da America.

Os auctores antigos assignalam que cannibaes foram os germanos, os celtas e os vasconsos; as narrações de STRABÃO, PLINIO e CEZAR, são positivas.

As cavernas rebuscadas pela curiosidade scientifica, deixam ver que outra não é a verdade.

Têm sido encontradas ossadas humanas ora carbonisadas, ora fendidas como as dos quadrupedes, e este facto faz crer que o foram, para extracção da medulla, alimento sempre preferentemente appetecido pela animalidade bruta.

Alguns desses ossos, accrescenta JOLY, trasiam nas extremidades esponjosas, estrias raras, mas bem visiveis, e até signaes de dentes que podem ser considerados impressos pelas maxillas do homem; e taes foram as confirmações que as experiencias feitas na França, na Belgica, na Escossia e na Italia trouxeram ao facto, que a anthropophagia do homem prehistorico passou a ser opi-

nião commum de anthropólogos, como: M. MARION, CAPELLINI, OWEN, SPRING e WORSAE.

Que poderia motivar o cannibalismo entre os humanos?

A fome, o abuso do poder supremo, a vingança, a superstição e o prejuiso, taes são as causas, a meo ver, responde JOLY, additando que, naturalmente, a força do habito gerou a preferencia pela carne humana como alimento, por quanto, de outro modo não são explicaveis certos phenomenos de retrogradação entre povos que vivem em zonas favorecidas pela natureza physica, caso que é o do povo das ilhas Viti.

Ahi, prosegue elle, em um clima admiravel, vive um povo que cultiva o inhame e o *taro*, que sabe fabricar tecidos e louças de notavel lavor e entretanto, ainda em 1854, a anthropophagia perdurava como instituição nacional em *Mbau*, capital da ilha; ahi vendia-se a carne humana publicamente, e em diversos pontos da mesma cidade o olhar do viajante descobria os matadouros, onde, diariamente, eram creaturas humanas sacrificadas.

Na Nova Zelandia e nas ilhas Fidji, os chefes tomam um certo numero de subditos e com os corpos vivos d'estes, celebram o lançamento ao mar de suas grandes pirogas, da seguinte maneira: na terra firme são os infelizes collocados como rôlos e por sobre elles é o lenho impellido para a agua, por outra turma de servos.

Acabada a solemnidade, jaz entre a argilla e os seixos, uma pasta ensanguentada, informe, que é a expressão intraduzivel desse horrivel sacrificio.

Outras vezes, quando vae começar a construcção da casa de um chefe, nas cavidades onde devem principiar os pillares ou esteios, são collocados escravos vivos que assim ficam sepultados debaixo das pedras ou do páo que tem de encher as mesmas cavidades.

Não menos caracteristico é o cannibalismo, quando

determinado pela vingança ou por superstições de qualquer ordem.

Na guerra que os *Maoris*, da Nova Zelandia, sustentaram contra os inglezes para rehaver a independencia de sua terra, em nada influio serem christãos e protestantes, respectivamente cheios de fervor religioso: elles que censuravam os inglezes por terem iniciado o ataque de improviso, em um domingo, violando o *Sabbath*, arrancavam os corações dos soldados bretões mortos no campo de batalha e os devoravam, suppondo herdar do inimigo a coragem e outros dons pelos quaes o reconheciam a todos os respeitos, um ser superior.

Por força do habito de comer carne humana, em muitas ilhas da Oceania, as guerras não têm outro fim sinão o de proporcionar esse appetecido repasto.

Nas ilhas Marquezas, a preferencia é pela carne das mulheres e das creanças. O palladar selvagem tem-n'a por mais tenra e saborosa que a dos homens, a qual, segundo um chefe da tribu dos *Naïkis*, era inferior á do porco...

Na Africa Central, em Dahomey, o proprio monarcha é o primeiro a molhar as mãos no sangue das victimas, sejam estas seos subditos ou prisioneiros.

No tocante ao uso do fogo, o processo primitivo para o produzir, consistio, no dizer de um homem de competencia scientifica, em friccionar dois pedaços de páo secco, um de encontro ao outro.

Este primordial achado foi com a continuação do tempo aperfeiçoado, na proporção do engenho dos povos que o adoptaram; delle se originam os processos de obtenção do fogo pelo trado de páo chamado—*stick-and-*

groone e *fire-drill* e *thong-drill*, na Oceania, China e Africa ([1]).

Em relação á deficiencia de signos, representativos de lettras e numeros, entre os selvagens, informam scientistas do valor de DOBRITZHOFFER, WRONGELL e LUBBOCK, que os *abipones* não possuem vocabulos para exprimir: homem, corpo, logar, tempo.

Elles não têm o verbo ser, de modo que a phrase —eu sou abipone—elles a reduzem a isto: eu abipone.

Os *tasmanios*, não possuem vocabulos para expressar os substantivos e adjectivos; em sua linguagem não ha correspondentes para: arvore, duro, quente, frio, etc.

Os *dammaras*, não contam os numeros sinão até tres, mentalmente; até cinco contam pelos dedos e dahi não passam.

CRAWFURD, que examinou trinta dialectos australianos, testifica que as tribus da Australia, não contam os numeros alem de quatro; dahi por diante a idéa de numero é expressa pela palavra—muitos.

No que respeita ás idéas religiosas, é preciso declarar desde já, que entre os selvagens, a crença na existencia de um ser superior, com os attributos de Deos, não é tão geral como se tem querido fazer crer e parece que no caso, nem-um depoimento deve sobrelevar ao de um sacerdote catholico, embora scientista despreoccupado.

Pois bem, o padre DOBRITZHOFFER, declara que entre os *abipones* não encontrou uma palavra que exprimisse a idéa da Divindade.

Para ensinar-lhes a religião, foi necessario introduzir na linguagem dessa gente um vocabulo castelhano e assim, exprimir a phrase:—Deos creador de todas as coi-

---

([1]) TYLOR, *Researches on the early history of Mandking.*

sas—pela equivalente: *Dios ecnam caogerik;* (cit. LUBBOCK, II, 249).

Certas tribus africanas não acreditam em Deos, nem nos anjos, nem nos demonios; é o que se verifica com os habitantes dos lagos da Africa Central, com os *hottentotes*, *boschismans* e *esquimós*, estes já em região differente.

Mas, parallelamente, quasi todos os selvagens acreditam na feitiçaria, substituindo ou supprindo a religião pela superstição grosseira, que a ignorancia umas vezes engendra e outras desenvolve ao infinito.

Em todos os tempos, salienta JOLY em seo bello livro por vezes citado neste estudo, certas molestias nervosas, como: as convulsões, o delirio, a epilepsia e a loucura, hão sido consideradas, ora sagradas, ora provindas de maleficios de uns quantos espiritos, que se apoderam despoticamente do corpo e da alma de alguem, para exercer crueldades.

Partindo dahi, individuos incapazes de explicar os phenomenos morbidos do corpo ou do espirito, mas não obstante, presumindo conhecel-os melhor que a gente culta, têm chegado á conclusão seguinte: que sagrados ou não taes males, mister era cural-os e o meio mais natural, consistia em abrir no craneo dos enfermos uma porta para sahida da doença: tal foi a origem mystica da *trepanação* sobre a pessôa viva, operação que tambem tinha logar no cadaver, motivada pela crença na vida futura.

O douto anthropólogo L. LARTET, encontrou em *Cro-Magnon*, (França) um craneo de mulher com a incisão em via de cicatrisação, revelando pertencer á alta antiguidade, e o DR. PRUNIÈRES, não só verificou ser usual a trepanação entre os povos primitivos, como ainda, que em vinte craneos trepanados por meio do silex, á despeito da pobreza do arsenal cirurgico do homem da edade de pedra, só um não apresentava indicios positivos de

antiga cicatrisação, de modo que lhe parecia, que entre os selvagens, raros deviam ser os casos de *osteite*, em tão melindrosa operação; (JOLY, citado, 80).

Da apreciação dos factos relatados, concluio P. BROCCA, «que o estudo das trepanações prehistoricas e das cerimonias que lhes eram pertinentes ou concomitantes, prova sem replica que os *homens da edade neolithica, acreditavam em uma outra vida, na qual os mortos conservavam a sua individualidade*». [1]

O estudo dos selvagens americanos leva a conclusão diversa?

Penso que não.

Na epoca do descobrimento da America, com excepção de uma tribu que vivia na embocadura do Prata, os indigenas não conheciam o ferro; as poderosas nações da America Central, estavam em meio do periodo de bronze; os americanos do norte, achavam-se em uma phase que na Europa não tem correspondente: a da edade do cobre.

Quanto ás suas praticas; é sabido que a anthropophagia não lhes era desconhecida; no Brazil, entre as varias tribus cannibaes, conta-se a dos *botocudos* que occupa as margens do Rio Doce; no Mexico, o numero das victimas humanas, ascendia annualmente a 20:000, só na cidade d'este nome.

SAINT-HILAIRE comparou a ferocidade carniceira dos selvagens mexicanos, á dos *Khonds*, das montanhas do Orissa [2].

---

[1] *Revue d'Anthrop.*, II, 1873, 18; VI, 1877, I e 193.

[2] *Journal des Savants*, 1867.

Wilson reconhece que os *mounds-builders* ou constructores dos monumentos do Ohio e do Mississipi, tambem eram anthropophagos, tanto assim que em um dos altares de seos sacrificios, viam-se ossadas humanas carbonisadas e tão numerosas que davam para compôr um esqueleto inteiro.

O uso de produzir fogo pela fricção de páos ou pelo trado gyrante, é peculiar aos selvagens da America como aos da Australia.

Entre os mexicanos era de maior uso o segundo meio; prova-o uma pintura reproduzida por Tylor, representando um indigena manejando o *fire-drill;* egual applicação faziam os *ganchos* da America Meridional, dil-o Joly.

No Brasil subsiste o emprego do processo de fricção da madeira, por parte dos indigenas, affirma-o von Steinen, em uma communicação que adiante transplanto.

Quanto aos signaes para exprimir palavras e numeros, os selvagens mais adeantados, os da America do Norte, só conheciam os hieroglyphos, e o *wampum*. Este ultimo objecto era uma especie de brazão ou sello symbolico, pelo qual a tribu manifestava em actos solemnes ter dado o seo consentimento. Consistia em uma reunião de grãos de diversas côres, presos a uma correia de couro.

Em Philadelphia, conta Sir J. Lubbock, existe o cinto de *wampum* dado pelos *sachems* de Lenni Lenape ao fundador da Pensylvania, na *conclusão do grande tratado sobre o olmo de Schachamox*, em 1682, provando dest'arte estarem de accordo os pactuantes indigenas.

Por Steinen sabemos que os de Matto-Grosso contam até tres; que seo vocabulario é em extremo limitado, obrigando-os a supprir por gestos, as palavras que lhes faltam.

Finalmente, quanto ás superstições, bastará que re-

cordemos que o auctor de *L'Homme avant les Métaux*, faz certo, que as trepanações prehistoricas deixaram vehementes traços de ter sido usadas no Mexico, no Perú e até nos *mounds* norte-americanos do Michigan; (cit. livro, 310).

No que toca ao horror pelos feiticeiros, á crença na vida futura e na metempsychóse, as informações de von Steinen são decisivas.

Sob o titulo suggestivo que se vae ler, publicou o *Estado do Espirito Santo*, de 26 de fevereiro de 1905, o seguinte:

UM POVO PREHISTORICO VIVO

«O infatigavel excursionista allemão von Steinen, acaba de descobrir no Estado quasi inexplorado de Matto-Grosso, na bacia do Xingú, algumas populações vivendo em paz, longe de toda a civilisação e ainda na edade de pedra: o uso dos metaes lhes é completamente desconhecido.

Steinen foi bem acolhido por esses pseudo-selvagens.

São quatro pequenas tribus, distinctas pelo caracter, pelos costumes e mesmo por sua primitiva industria, vivendo pacificamente, lado a lado, commerciando entre si por meio de permutas, conforme as necessidades da vida.

Esses indigenas apresentam alguma semelhança com os *Sioux* dos Estados Unidos; são pequenos, bem proporcionados, traços regulares e em geral mais bellos que os outros indios.

E sua expressão physionomica é intelligente, e a belleza feminina é muito apreciada entre elles.

As mulheres têm grandes olhos negros e brilhantes e os cabellos divididos em largas tranças escuras côr de azeviche. As mãos e pés são accentuadamente pequenos. A côr da pelle é azeitonada e recorda a dos mestiços cubanos.

Vivem quasi nús, sem que a moral venha a soffrer com esse estado de coisas.

As suas casas de architectura assás primitiva, são confortaveis e rigorosamente limpas.

O territorio occupado é propriedade collectiva da tribu. Os homens caçam e pescam com apparelhos ou armadilhas das mais primitivas, que elles proprios fabricam. As mulheres cultivam a terra e fabricam excellentes louças de barro.

A existencia é-lhes ditosa, são mui sociaveis e não têm nada da taciturnidade dos outros indios.

Para fazer fogo friccionam dois pedaços de páo um contra o outro.

A maior parte não sabe contar alem de tres e seo vocabulario é muito limitado: supprem pelo gesto as palavras que lhes faltam.

Sua religião é das mais rudimentares: é uma especie de espiritismo elementar. Acreditam na existencia de um ser supremo e tambem na immortalidade.

Durante a noite, o espirito deixa o corpo e visita outros logares no céo ou na terra, acontecendo, ás vezes, que se afasta para muito longe, e neste caso, pelo maleficio de algum feiticeiro, póde succeder que não mais volte ao corpo, sendo obrigado a procurar outra morada...

Esses indios têm um medo extraordinario dos feiticeiros, aos quaes attribuem as enfermidades e a impossibilidade do espirito voltar ao corpo quando deste se afasta demasiado.

Falam em Deos com respeito e não com temor, por que o seo Deos é bom, é incapaz de praticar crueldades e lhes dá o necessario para a sua felicidade no outro mundo.

Cada uma das aldeias tem um chefe eleito, que exerce auctoridade patriarchal e que véla pela subsistencia de todos e preside ás solemnidades patrias.

Deste modo vivem essas populações livres e em paz, regidas por leis sociaes e moraes muito primitivas e naturaes.

Vigoram entre ellas as mais sublimes maximas do direito natural.

O que são, sempre o foram, em uma antiguidade remotissima, pois está scientificamente provado, segundo von Steinen, que o continente americano foi povoado antes do continente europêo.»

Um outro testemunho que serve para documentar a vida do homem primitivo americano, é o que resulta das

figuras symbolicas de animaes esculpidas em rochedos, por todo o continente.

O viajante allemão ROBERTO SCHOMBURGK, e o não menos notavel naturalista HORTSMANN, que percorreram o extremo norte da America Meridional, declararam ter encontrado a algumas milhas de Encamarada a rocha Tepu-Merema, cuja traducção é—*rocha pintada*, contendo grande numero de figuras e traços symbolicos, semelhantes a outros vistos em Caycara e entre o Casiquiaro e o Atabapo, no deserto de Parima, sem esquecer as que demoram nas rochas proximas do lago Amucu.

SCHOMBURGK, nas margens do Esiquibo, perto da cascata de Waraputa, tornou a encontrar gravadas essas figuras e tentou desprender um pedaço de rocha que continha inscripções, mas não o conseguio attenta a dureza da pedra, á debilidade de seo corpo doentio e á recusa dos indios que negaram-se a fazer a extracção do trecho pedido, não obstante as maiores promessas feitas pelo viajante de remuneral-os fortemente; o alludido viajante adverte, que os indigenas consideram as rochas pintadas como obra do Grande Espirito, ou objecto de culto.

Que significação devem ter esses symbolos que não obedecem a nem-uma ordem symetrica, que não são caracteres regulares lançados em um só plano, que, em summa, não são lettras, apezar dos sonhos e phantasias de muitos escriptores, que os têm querido interpretar á custa de phenicios e chins—bem como essas figuras a que alludem os viajantes?

Parece-me que a que lhes dá o sabio allemão nestas sobrias e exactas palavras:

«Deve ver-se o vestigio de uma civilisação antiga, que data de uma epoca em que não se conhecia ainda nem os homens nem o parentesco das raças que hoje distinguimos. O mesmo respeito que em todos os sitios se mostra para com estas grosseiras esculpturas

dos antepassados, prova que os indios dos nossos dias não formam idéa alguma de como se executam taes cousas. Ainda mais: entre Encaramada e Caycara, nas margens do Orenoco, grande numero de rochas está coberto de figuras hieroglyphicas, de altura consideravel, e só accessiveis em andaimes muito altos. Si se perguntar aos habitantes como puderam ser gravadas estas figuras, respondem rindo, como si dissessem uma coisa que só um branco póde ignorar: «que, no tempo das grandes aguas, seos paes chegaram em canôas aos cumes das montanhas». É isto, sem duvida, um sonho geologico, imaginado para resolver o problema de uma civilisação de ha muito extincta». [1]

As ultimas indagações sobre o homem primitivo, encetadas no Novo Mexico, acabam de trazer á luz uma contribuição de alto valor.

Na *Révue des Deux Mondes*, de 1901, o Dr. L. Treville, insere a seguinte communicação:

«A joven America—é gente muito séria que o affirma—ethnologos, archeologos, sabios, professores de Universidade—a crêr-se nessa gente, seria muito mais antiga do que a velha Europa.

Esta ultima limita o seo orgulho, a fazer apenas remontar o primeiro apparecimento do homem, na prehistoria das raças brancas, negras e amarellas, ao periodo quaternario, á epoca paleolithica, em que elle vivia de mistura com as grandes especies animaes, servindo-se, para combatel-as, de armas de pedras, de osso ou de chifre e disputando, para construir seos abrigos lacustres, as alluviões aos rios, ribeiros e mares [2]. O Novo Mundo, ao contrario, pretende recuar suas origens ancestraes para muito alem: elle não duvida da existencia de seres humanos, em certas regiões dos Estados Unidos, desde o periodo terciario, o qual, segundo Mortillet e Dubris, não poderia ter conhecido mais do que *anthropopithecus*.

As recentes descobertas paleontologicas e principalmente as

---

(1) A. de Humboldt, *Quadros da Natureza*, I, 225-226.

(2) Adiante veremos que Treville desconhece os trabalhos de Perrier e Otto Kauser sobre a antiguidade do homem na Europa.

novas explorações de logares outr'ora habitados pelos *cliff-dwellers*, (troglodytas) trazem ás opiniões que têm sido emittidas á respeito por Morton, d'Orbigny e De Nadaillac, alguns argumentos até agora não suspeitados, que é de interesse resumir.

O professor Fulmer, que em agosto de 1900, em companhia de outros, visitou o *canon* a que denominou—*Darwin*, no meio dos montes Bronco, admira-se de que até hoje tivessem passado completamente desconhecidas aquellas preciosas ruinas.

A aldeia construida pelos aborigenes é construida num alto quasi inaccessivel, onde mal se comprehende como poderiam ter vivido creaturas humanas.

Os exploradores chegaram ao local das habitações, guindando-se por cordas, de rojo pelas escarpas e, é facil imaginar, vencendo quantas difficuldades e perigos.

A floresta secular tomava de todo o caminho de que provavelmente se deviam ter servido os *cliff-dwellers*, para descer á planicie ou para reganhar as moradas.

Em muitos pontos desse trilho, havia apenas passagem para uma pessôa, de sorte que, para evitar o accesso ou repellir uma invasão, por mais forte que fosse, eram bastantes alguns homens armados de pedras.

Reconhece-se ainda por isso, que a escolha de taes elevações, obedecia antes de tudo á necessidade de defeza, a mais imperiosa nos tempos prehistoricos.

Os exploradores gastaram ali perto de dois mezes. Não obstante a insufficiencia das investigações e dos estudos feitos, conseguiram resultados surprehendentes, pois constataram factos e colligiram documentos novos e do mais alto preço para a anthropologia.

Algumas das habitações estavam perfeitamente conservadas, sendo de notar que a maior parte dellas eram de tres andares.

Ali encontraram os exploradores grande copia de objectos proprios da vida naquelles tempos.

Uma das cavernas, ao longo do *canon* Santa Maria, está protegida por um espesso muro de sete pés de altura.

Como é que se tinha podido transportar até ali aquelles enormes blócos de granito, pesando mais de dez toneladas?

Mysterio!

Junto á entrada desta caverna, havia um *mound*.

A cerca de cinco pés de profundidade, as excavações deixaram ver duas grandes lapides, entre as quaes jazia a mumia de um ser humano prehistorico, pernas e braços ligados ao tronco, envolta em tecido de vime.

Esta mumia, segundo a opinião de sabios americanos, pertence indiscutivelmente ao periodo terciario, pois que se distingue bem dos brachycephalos do valle do Colorado e cujo logar, na escala anthropologica, é nos começos do periodo quaternario.

Estabeleceo-se ainda que o typo daquella mumia — já incontestavelmente *homem* — approxima-se bastante do typo do *pithecanthropus erectus* — ainda e visivelmente *macaco*»; (*Rev. de Art. e Phil.* (Rio) dez. de 1902, n.º 3.º).

Occasião é de demonstrar o equivoco do Dr. L. Treville, quando insinúa que a Europa contentou-se em entroncar o apparecimento do homem, ao periodo quaternario.

Sem precisar repetir trabalhos e opiniões em outro logar examinados, referirei em primeiro logar o resultado das excavações feitas por Otto Kauser, na Basiléa, ao sudoeste da França, as quaes lhe proporcionaram a descoberta de um esqueleto de homem da epoca acheulana, um d'aquelles primévos caçadores que viveram na segunda metade do penultimo periodo interglacial, periodo que se eleva a 400 ou 600:000 annos antes da nossa epoca!

O precioso achado de Kauser, é assim descripto por Louis Reinhardt, na *Bibliothéque Universelle:*

«Na parte superior do valle de Vézere encontra-se o famoso jazigo de Monstier, onde se descobriram, nos fins do seculo passado, aquelles instrumentos de pedra que permittiam estabelecer o gráo de cultura do homem no penultimo seculo glacial. Dez metros abaixo do terraço onde se encontraram os utensilios typicos do Musteriano, Kauser começou a abrir cavernas num sitio inaccessivel até ahi ás explorações scientificas, por causa dos edificios modernos que se erguiam por cima delle. Encontrou grande quantidade de instrumentos do periodo acheulano e a 7 de março de 1908 a metros 1,6 de profundidade, descobrio alguns fragmentos de ossos nos quaes reconheceu os restos da extremidade de um esqueleto humano.

As excavações foram interrompidas e dous dias depois, em presença de nove anthropologos convidados para assistir e ajudar a delicada operação, exhumou-se o esqueleto.

Naturalmente não foi possivel conservar inteiros os differentes ossos e sobretudo o craneo, visto que uma grande parte delles cahia em poeira ao serem extrahidos do rochedo: mas os diversos bocadinhos foram recolhidos com escrupuloso cuidado, envoltos em algodão em rama depois de se ter fixado o conjunto por meio da photographia; em seguida foram submettidos a processos de endurecimento, para serem finalmente reunidos de novo num conjunto, pelas destras mãos do professor Hermann Klatsch, de Breslau.

São os restos de um rapaz de cerca de 18 annos, de 1m,48 de altura, que, precursor da raça de Neanderthal, já accusa os seus caracteres anatomicos distinctivos. A especie humana a que pertencia era de estatura média ou pequena, com o tronco exaggeradamente longo e os membros curtos e grossos: os ossos dos membros, como tambem os do craneo, accusam pronunciada analogia com os dos macacos anthropoides.

Este homem ainda caminhava curvado para diante, com os joelhos ligeiramente dobrados: não tinha nem testa nem queixo, que são ambos os signaes especificos do homem moderno. Ainda essencialmente animal, a sua força estava mais nos seus punhos vigorosos, nas suas longas unhas e nos dentes enormes, do que na reflexão e no pensamento.

Pela conformação da maxilla comprehende-se que este selvagem devia esmagar facilmente os mais duros ossos: a ausencia de queixo e outros signaes provam com certeza que a faculdade da palavra era ainda mal desenvolvida. Os seus meios de communicação com os seus semelhantes deviam consistir em gritos inarticulados, acompanhados de uma linguagem mimica.

Graças a estes caracteres anatomicos, podemos imaginar o que era este europeu primitivo, animal ainda bastante inquietador. Devia ser bastante pelludo, queimado pelo sol, com a cabeça recoberta de uma grenha desordenada. As orelhas talvez ainda ponteagudas, os olhos á flor do rosto, escuros e grossos, cobertos no inverno com uma pelle de animal, servindo-se como arma de uma grande clava de madeira, andava através do paiz, mais vezes faminto do que saciado, escoltado por poucos companheiros. É provavel que se alimentasse de caça, e como a velocidade dos seus pés e a potencia das suas armas eram bastante mediocres, apanhava por astucia os animaes um pouco inferiores a elle; matava-os e comia-os crús.

Este nosso antepassado já conhecia a arte de fabricar utensi-

lios de pedra; conhecia o fogo que dá calor e luz e assa a carne para o seu repasto. Possuia tambem os primeiros rudimentos de organisação em commum e de religião; era «animista», isto é, reconhecia em qualquer desgraça que o attingia a obra maligna dos espiritos dos mortos e por isso procurava tornal-os propicios com sepulturas e dadivas de toda a especie.

O rapaz recentemente descoberto—que ainda não tinha o dente do siso—havia sido sepultado pelos seus pais, collocado sobre o lado direito como quem dorme; a cabeça com uma parte da face estava encostada ao cotovello direito; a perna direita extendida, e a esquerda dobrada pelo joelho contra o corpo; algumas armas toscas e ossos de animaes encontrados ao pé delle parecem offerendas funebres; o corpo repousava sobre o chão da caverna, mas debaixo da cabeça haviam sido collocadas pedras umas ao lado das outras.

Suppunha-se ainda ha pouco tempo que o culto dos mortos tivesse vindo para a Europa com a immigração do homem neolithico da Asia Occidental, ha cerca de 10:000 annos; mais tarde provou-se a existencia de algumas sepulturas maddelenianas e até outras mais remotas. Hoje, porém, a descoberta de Kauser mostra-nos que se encontram já sepulturas humanas na segunda metade do periodo interglacial, ha algumas centenas de mil annos; os *eolithos* remontam á epoca terciaria média, isto é, a seis ou oito milhões de annos.»

Em segundo logar lembrarei as pacientes e demoradas investigações do preclaro auctor de *La Philosophie Zoologique avant Darwin*, que é tambem o director do Musêo de Historia Natural, em Paris, Edmond Perrier, sobre os restos de um esqueleto de homem encontrados em uma excavação feita em Corréze (França), e que elle, com o enthusiasmo patriotico peculiar aos sabios de sua nação, chegou a suppôr que «eram os vestigios do homem mais antigo do mundo», como si o alludido achado constituisse a ultima palavra da sciencia que estuda a fossilisação dos animaes, ainda tão vacillante em nossos dias!

A ossada que Perrier examinou foi adquirida pelo Musêo parisiense e o estudo instituido sobre ella pelo na-

turalista, consta da noticia que, de um dos jornaes do Rio, (1) abaixo transcrevo:

«A cadeia ininterrupta, que se suppunha dever ligar as familias simianas á raça humana, parece ter-se fechado com o elo definitivo, que os archeologos ávidamente procuravam. No departamento de Corréze, França, foi descoberto, ao proceder-se a umas excavações, o precioso achado: um craneo completo, posto que ligeiramente fracturado, e os membros superiores inferiores de um homem, mas de um homem a que deveria dar-se especial designação, por não pertencer á especie humana actual e differençando-se, todavia, da especie simiana.

No dizer de M. Perrier, sabio director do Muséo de Historia Natural, de Paris, representam os restos encontrados «os vestigios do homem mais antigo do mundo», segundo elle declarou, ha dias, á Academia das Sciencias, de França.

As ossadas de que se trata foram encontradas no «pleistocenio medio», camada geologica excessivamente remota, pois apparece nos limites da epoca terciaria para a quaternaria. Junto destes restos viam-se dentes de rhinoceronte, e conclue-se que o homem a que pertenceram viveu em um periodo em que o clima que reinava em França era quasi tropical, e eram seus contemporaneos o mammuth de pello eriçado, o rhinoceronte, varias especies de veados, etc. Longos e interminaveis seculos o separavam ainda das epocas glaciarias, do rangifer, do urso das cavernas, contemporaneos do homem quaternario.

Os caracteristicos do esqueleto desse antiquissimo ascendente da actual especie humana bem comprovam a enorme distancia que delle nos separa. Mereceu especial attenção a M. Perrier o estudo daquelle craneo. A maxilla é extremamente alongada e os maxillares são desprovidos de caninos; ainda não era carnivoro esse representante da familia humana, mas frugivoro, quiçá, herbivoro. O nariz é muito largo e separado do osso frontal por uma profunda cavidade. Tudo contribue, pois, a dar ao craneo mais a accentuada apparencia de focinho do que a de rosto humano.

Por todos estes caracteres e pela reducção das apophyses mastoideas, este typo approxima-se muito do simiano. A caixa cranea-

(1) *O Paiz*, de 5 de janeiro de 1909.

na, porém, é muito mais importante, por volumosa, do que a dos exemplares das raças quadrumanas. Trata-se, por conseguinte, á vista de todos estes caracteres, do craneo de um individuo da especie humana, mas de um homem-macaco, que se approxima da physionomia e da organisação dos macacos.

Quanto aos membros locomotores, affectam a fórma arqueada, conformação particular, da qual se póde deduzir com certeza que tal homem se conservava muito menos de pé do que acocorado, ou a quatro mãos, posição intermédia entre a do homem e a do macaco.

Conclue o Sr. Perrier por esse o typo do homem que ha seis mezes foi descoberto no Corréze, deve ser classificado entre o pithecanthropo e o homem actual. É, portanto, este esqueleto muito mais antigo que o fragmento do craneo encontrado no Néanderthal, na Allemanha, em 1867, e que as ossadas descobertas em Spy, na Belgica, um pouco mais tarde.

O precioso achado foi adquirido pelo musêo, que o pagou por 1:500 francos.»

Como do que deixo consignado se deprehende, não são só os americanos que rastejam a pista terciaria e até a interglacial, em busca dos despojos dos ancestraes de nossa especie, a Europa não abrio mão deste direito e a prova ahi está, sem embargo do que em contrario adeantou o Dr. Treville, menos acertadamente.

Tempo é de encerrar esta questão da prehistoricidade do homem americano e supponho licito affirmar que a existencia delle em a epoca de que se trata, não resulta de probabilidades mais ou menos fundadas, de conjecturas e indicios mais ou menos verosimeis, mas decorre de dados positivos irrecusaveis.

Existio o homem primitivo no sólo da America e aqui como na Europa, como na Asia, como em toda parte por onde deixou vestigios de sua passagem, são encontrados os productos fragmentados de sua industria na pe-

dra, nos metaes e na argilla; ligados ou não os continentes, tivemol-o atravessando todas as phases do seo congenere europêo e como este prestando á barbarie o culto grosseiro das superstições e dos sacrificios humanos, caracteristicos communs á especie, que ainda em plena civilisação apparecem disfarçados em symbolos, em religiões por todos nós conhecidas...

Outra these que o auctor d'*As Duas Americas* discute é, a de saber, si a primitiva população occupante da America, era oriunda do continente ou ao contrario, nelle se estabeleceo em consequencia de migrações.

Não posso acompanhar *pari-passu* o desenvolvimento da controversia dado pelo auctor, pela agglomeração de citações, de opiniões e de idéas que lhe são proprias, as quaes, quando não se chocam, formam um amalgama tão compacto, quão difficil de penetrar.

O nosso auctor neste passo lembra o estudante de medicina da rua Mazzarino, visinho e amigo de Taine, e a quem este emprestára as obras de Maine de Biran para lêr, o qual, horas depois lh'as restituia, assim exprimindo as impressões que lhe tinham ficado da leitura da construcção philosophica do velho espiritualista:

— « *Savez-vous ce que c'est que cette philosophie? Un charivari métaphysique, oú les abstractions s'entre-choquent comme des cymbales pour assourdir et hébéter les cerveaux* ». [1]

O escriptor patrio fez o mesmo; acceitando o presupposto erroneo do monogenismo da especie humana

---

[1] H. Taine, *Les Phil. Classiq.*, 54-55.

deduzido do *createismo*, é a prehistoricidade do homem americano explicavel pela ligação dos continentes, acredita que os povos americanos primitivos não eram autochthones e sim provenientes de migrações exoticas e das hypotheses conhecidas para explicação deste phenomeno ethnologico, nem-uma lhe parece mais razoavel que a asiatica.

Vejamos como esses dois pontos, que encerram duas graves questões, são discutidos pelo estudioso escriptor.

Seos argumentos principaes são derivados das migrações realisadas pelos *aryas* da India e pelos *hunos*, para a Europa e pontos desvairados da Asia, parecendo-lhe que desses factos decorrem a existencia da civilisação trazida pelos primeiros ao Mexico e ao Perú e a barbarie trazida pelos segundos e transmittida aos povos nomades da America.

Em seguida lembra as viagens feitas para a America pelos scandinavos e normandos, havendo sido a façanha daquelles assignalada em uma *pedra runica* encontrada na Groenlandia em 1824, mencionando os nomes dos viajantes, por extenso e a data: — 25 de abril de 1135.

Recorda mais as viagens dos italianos e em especial as dos phenicios, rememorada pela celebre *pedra* com inscripções encontrada na Parahyba do Norte; outras inscripções que são attribuidas aos chinezes e runos, constantes de rochas do Piauhy, Amazonas e Bahia.

Allude tambem ás viagens dos *hebreos* á America, em navios de Salomão e Hirom, onde vinham buscar madeiras preciosas, perfumes e ouro, (cit. livro, 70) como si naquelle tempo o Libano não possuisse os cedros que serviram para a construcção dos templos, a Costa não contivesse ouro e a Lybia, perfumosas essencias!

Após as expedições dos hebreos, vêm as dos arabes e japonezes, etc., etc.

Do conjuncto dos factos relatados, deduz-se:

1.º Que povos do Oriente conheceram a America muito antes dos europêos e que só mais tarde espalharam na Europa a sua existencia (pag. 72).

2.º Que a civilisação mexicana demonstra sua derivação dos Indús, persas e outros povos do Thibet (pag. 75).

3.º Finalmente, que entre as provas que suffragam a hypothese da origem asiatica dos povos americanos, é decisoria a que deduzio BARBOZA RODRIGUES do *muyrakitan*, mostrando que essa pedra de enfeite encontrada no Amazonas, só na Asia existe e que pois, só póde ser explicada sua presença na America, por a terem deixado nas plagas americanas os asiaticos, «em epoca que não póde ser assignalada com justeza» (pag. 96).

Em resumo, taes são as conclusões que a leitura d'*As Duas Americas* fornece, no que respeita ao exotismo dos aborigenes americanos!

Com inteira razão escreveo um eminente historiador allemão e dos de maior erudição que a Europa tem tido, que «pertence ao naturalista estudar as questões de origem das differentes raças e da influencia dos climas sobre a diversidade dos seos caracteres; historicamente, não é nem possivel nem muito facil, declarar si a população reconhecida como a mais antiga de um paiz, foi autochthona ou provinda de migração.» [1]

E certamente enunciou o sabio uma grande verdade, entendido o seo pensamento em termos habeis, isto é, que a lembrada investigação traria proveito, quando o naturalista completasse o historiador, attenta a complexidade dos problemas a debater.

É o que acontece com o escriptor espirito-santense, tomando aos hombros a discussão de theses que exigem um preparo que elle não possúe ou pelo menos não revela na explanação das que se propôz defender.

Outros não são os motivos das vacillações, dubieda-

---

(1) TH. MOMMSEN, *Hist. Rom.*, I, 9.

des e tambem das afoutezas, em que quasi sempre o leitor surprehende-o.

Ainda agora, preciso é que lhe desfaça os enganos emmaranhados nos argumentos e deducções sem a minima consistencia scientifica formulados.

O conhecimento do mundo americano, no entender de emeritos scientistas, data de epoca tão remota, que um delles — ALBERT GAUDRY — em seo livro — *Les Enchainements du Monde Animal* — affirma que, geologicamente falando, o Novo Mundo deve ser chamado — Velho Continente.

Não foram só as florestas soterradas e sobrepostas em camadas, dos valles do Ohio e do Mississipi, nem as ossadas do homem das cavernas, coévo das especies animaes extinctas, que vieram revelar a alta antiguidade do Continente; corroborando a prova desses achados feitos, consubstanciada na proposição do anthropologista francez, falaram a industria representada pelos fragmentos de louça e de objectos de pedra, as crenças e praticas religiosas, representadas por seos mythos e seos altares de sacrificios, suas estações funerarias, tudo isso depôz e tudo isso ficou averiguado que foi obra do proprio homem.

Sabe-se que o silex e na falta d'este minerio, a obsidiana, a diorite, a jade, a serpentina, a pyrite, o granito, a syenite, o porphyro e o quartz, elle os empregou, extrahindo-os das rochas por percussão — para preparar facas, pontas de lança e de flecha, etc., applicando-os aos diversos usos ora com a imperfeição natural, ora polidos por sua rude arte.

No Museo de Antiguidades de Copenhague, estão depositados varios machados de *jade verde* do paiz dos *caraibos*, que são um testemunho indestructivel dessa industria primaria.

D. WILSON, em seo livro (*Prehistoric Man*) descreve

os silices encontrados em uma caverna da bahia de Honduras, sendo um, uma arma ponteaguda nas extremidades e dentada em forma de serrote, medindo mais de 16 pollegadas de comprimento, e outra uma alabarda em forma de crescente, guarnecida de pontas salientes. Esses objectos foram descobertos em 1794.

A analogia dos artefactos de pedra dos americanos prehistoricos, com os similares europêos do mesmo tempo, que conclusão auctorisa, pergunta JOLY?

E elle proprio responde: «Que a edade de pedra não foi apanagio de nem-um povo; bem ao contrario, exprime um periodo de cultura humana, que, em data mais ou menos remóta, irradiou por toda parte.» (1)

Por outro lado, objectos ceramicos e de ornamentação, notoriamente prehistoricos, são encontrados no Me-

---

(1) Quando transcrevi o asserto do ethnographo francez, ainda perdurava entre os egyptologos a divergencia acerca de ter ou não conhecido a terra dos pharaós a edade da pedra, embora, dado que negativa fosse a resposta dos pesquisadores, essa circumstancia entrasse na categoria de uma excepção que não infirmava a regra deduzida.

Secundando as vistas de MARIETTE, FLINDER PETRIE e AMÉLINCAN, assegura DE MORGAN que o Egypto tambem teve a sua epoca neo-lithica, attestada pelas recentes excavações feitas em «*Omel* GAABA» e «*El Amrah*», em novembro de 1895, as quaes permittiram verificar:

1.º Que a raça primitiva que occupou a região nos tempos prehistoricos, isto é, ha dez ou quinze mil annos, deixou vestigios de sua passagem no valle do Nilo;

2.º Que o exame do esqueleto desse povo, nol-o representa de alta estatura, de pelle branca, cabellos lisos, não raro louros, sendo que nas representações de marfins e terras-cottas, o typo é de nariz recto, olhos em forma de amendoa, rosto oval;

3.º Que juntamente com essas ossadas, foram encontrados nas estações funerarias, vasos de pedra dura que nos tumulos mais ricos se achavam por milhares; «*L'Age de Pierre et les Métaux*»

xico e em outros pontos do continente; perolas, propriamente ditas, perolas de obsidiana para enfeite dos labios; dentes e conchas perfurados, para collares e braceletes; botões de terra queimados a fogo ou endurecidos á luz do sol e espelhos de pyrite de antiguidade geologica, apparecem nesses logares em profusão.

Que deduzir dahi, sinão que o continente que possúe tão grande numero de raças diversas disseminadas, com linguas e dialectos que excedem de 1:200, é de incontestavel vetustade?

Mas, si assim é, por que motivo se tem inferido, que das viagens de povos europêos, africanos e asiaticos, ás plagas do Novo Mundo, data o povoamento continental?

Supponho que sómente por obediencia ao systema da *unificação* adoptado por uma certa escola que pretende servir ao mesmo tempo á sciencia e ao altar...

A historia da navegação não confere a nem-um povo do mundo antigo o privilegio de haver sido o povoador da America, por migrações repetidas ou isoladas. (1)

Os phenicios conheceram a Hespanha e a occuparam, muito antes de 907 ou do decimo sexto seculo antes de Christo; foram por isso os navegadores que mais devassaram os segredos do Oceano Atlantico?

Certo que não, e a demonstração é facil.

Nas ilhas d'Elba e na Sardenha, não ha a pedra chamada—obsidiana negra nem o silex; em seos monumentos e instrumentos primitivos, apparecem a obsidiana e o silex.

Como explicar este facto?

---

(1) O continente americano foi desconhecido pelos antigos egypcios, chinezes, gregos e romanos; Nott and Gliddon, *Types of Mankind*, cap. IX.

Pela circumstancia muito simples de haver sido importado este da França, pela rudimentar navegação estabelecida entre a Gallia e as duas ilhas e aquella, da paragem onde mais abundava.

Não tinha ainda começado o seculo que testemunhou a chegada dos phenicios á Europa e já havia navegação européa entre aquelles tres pontos.

Não tinham os phenicios deixado a costa da Syria, e outra navegação não menos antiga e rudimentar, mas verdadeiramente *americana*, tocava diversos pontos do velho continente.

No Musêo de Aberdeen, (Inglaterra) existe o *kayak* (piroga) de um *esquimó* que foi encontrado vivo nas costas das Ilhas Britannicas, viajando com o seo barco.

Alexandre de Humboldt e Kane, relatam, com apoio em dados irrecusaveis, que outros *esquimós* da Groenlandia e do Labrador, faziam a passagem do novo ao velho mundo.

Ora, si esses depoimentos e documentos não levam a concluir, que a Europa, em remotissimas eras foi descoberta ou povoada pelos *esquimós*, que precederam os phenicios no conhecimento da região, como suppôr que são estes os antepassados dos americanos?

Mas retruca o nosso auctor, segundo Renan, que é um orientalista de primeira agua, a *pedra* achada na Parahyba, com inscripções hieroglyphicas, contêm lettras phenicias...

Seria o caso de se lhe responder paraphraseando Luthero: *os sabios podem-se enganar*...

E tanta razão haveria para esse procedimento, quanto desastradas tem sido as interpretações dadas em casos identicos, por sabios da maior respeitabilidade, que, por qualquer circumstancia fizeram-se pioneiros da these contraria á que defendo.

Wilson, conta em seo livro [1] por vezes invocado, sobre o rochedo de Dighton, á margem oriental do rio Taunton, que, em 1783 foi convidado o presidente do collegio de Yale, para explicar a inscripção que se lia em uma das faces da pedra.

O padre Ezra Stiles que foi o convidado para fazer a decifração do extranho enigma, reconheceo que os caracteres da lapide eram phenicios e, dizia elle, isto prova que os indios descendem de Cham e por consequencia, são maldictos. Ouvido sobre o mesmo assumpto o Conde de Gebelin, opinava que a inscripção era carthagineza.

Consultado o coronel Vallency, declarou que era russa, emquanto alguns antiquarios dinamarquezes, sustentaram que tratava-se de uma inscripção feita em caracteres runicos; que podiam decifrar a palavra — *Thorfinn* — «como uma enumeração exacta e clara dos guerreiros que, conforme o livro *Saga*, acompanharam a expedição de Karlsefine á Vinlandia, em 1007.»

Emfim, Schoolcraft apresentou uma copia do alludido documento a *Chingwauck*, chefe de uma tribu india muito intelligente, que em resposta declarou-lhe tratar-se da «narração descriptiva de uma victoria de alguma tribu egual á sua sobre outra rival»; de modo que, cada qual interpretou a legenda *a son aise*...

Ainda no mesmo livro, pag. 86, refere o alludido auctor outro caso não menos caracteristico.

Na collina artificial (*mound*) de *Grave Creek*, em um pequeno disco de grez branco, estavam gravados vinte e dois signaes inteiramente desconhecidos.

Depois de ter estudado com cuidado esses caracteres e após activa correspondencia com archeologos europêos e americanos, chegou Schoolcraft á seguinte conclusão:

---

[1] *Prehistoric Man*, II, 172.

Que dos 22 signos, 4 correspondiam ao antigo grego, 4 ao etrusco, 5 aos velhos caracteres runicos do Norte, 6 ao antigo galaico, 7 ao velho scandinavo, 10 ao phenicio, 14 ao anglo-saxão e 16 ao celtibero; que para os restantes caracteres, ainda era possivel encontrar equivalentes no velho hebraico.

O auctor addicionou este espirituoso commentario ao caso:

«Parece que esta pequenina e engenhosa pedra, é ainda mais accommodaticia que o rochedo de Dighton e que se adapta a todas as theorias possiveis de colonisação precolombiana.

Para os espiritos serios houve sempre receio de alludir ás virtudes archeologicas desta pedra, que bem podia desde logo ter tomado o baptismo de *pedra de toque da exploração.*

Foi pensando assim, que o Dr. James W. Clement, communicando ao Dr. Morton todos os detalhes da exploração de *Grave Creek,* nem de leve allude á pedra de inscripções...

Convêm notar que o proprietario da collina, soube tirar vantagem da exploração do subterraneo, que abrio-se em exhibição para quem quizesse pagar uma certa quantia pela entrada e que só então foi que a celebre inscripção surgio de improviso para augmentar a attracção do espectaculo.»

Ora, Schoolcraft é um dos maiores philologos conhecidos, um homem de enorme saber e a despeito disso, deo a *queda* que acabamos de ver narrada, na *pedra de Grave Creek;* não teria succedido o mesmo a Renan, na da Parahyba?

Supponha-se, porem, que seja verdadeira a proposição do escriptor patrio, no ponto inicial em que affirma, que, «povos do Oriente em seculos distantes da historia conheciam assás a America, os quaes só mais tarde espalharam na Europa a sua existencia».

—Quaes foram esses povos? É a pergunta que irrompe natural e que fica sem resposta!

São chamados a depôr chinezes, japonezes, arabes,

hindús, persas; cada um desses fócos humanos deo a sua contribuição á formação do similar americano, mas afinal nem-um se apresenta para legalisar historicamente, o reconhecimento do filho... incognito!

Hebreos, carthaginezes, phenicios, intervêm simultaneamente na inquirição; o resultado é o mesmo, ou por outra, partindo do presupposto de lhes pertencer a paternidade, deduz Candido Costa, reproduzindo palavras de EUGENIO LONDUM:

«Dahi a unidade de crença que se nota em todos os povos americanos, tanto nas tribus nomades e selvagens, como nas nações civilisadas do centro e do sul, que cultivavam a terra e habitavam grandes cidades, bem edificadas; dahi esse acreditar na existencia de um Deos supremo, immaterial e omnipotente, Deos que no Mexico era conhecido pelo mesmo nome que tinha na India, na Grecia, em Roma e entre nós.»

No periodo acima, interrompi a transcripção do livro de LONDUM — *Les Ignorances de la Science Moderne* — por que suppuz sufficiente para documentar a argumentação que vou firmar.

Quem quer que tenha folheado um livro de Historia, de Ethnographia ou de Anthropologia, de procedencia insuspeita, não endossará conclusões taes.

Não ha quem desconheça que as colonias do Norte da America, foram fundadas no seculo XVII, quando a Inglaterra, sob os Stuarts, pretendeo impôr o catholicismo contra as doutrinas lutheranas e calvinistas, que eram professadas na mór parte do reino — do que proveio a revolução capitaneada por CROMWELL e que deo em resultado a morte de Carlos I e dois dos seos ministros e a consequente proclamação da Republica.

Desgostosos os *puritanos* inglezes, com a marcha dos successos religiosos e politicos, começaram de immigrar para a America do Norte e tão repetidas vezes, que no

seculo XVIII constituiam um povo capaz de alcançar pelas armas a sua independencia.

É certo que as colonias portugueza e hespanhola da America, conservaram a unidade de crença herdada da Iberia; não assim as colonias do Norte (inglezas), notavelmente os Estados Unidos, que além dos *puritanos*, receberam em seo seio uma massa consideravel de gentes infensas ao catholicismo, que então na Europa, estava em lucta aberta com as idéas progressistas.

Antes dessa epoca, o continente americano apresentava o seguinte quadro: alta civilisação no trecho que vem do Mexico ao Perú; selvageria, no resto do paiz.

Mas — e aqui desconfio que o auctor de «*Les Ignorances*», não se desfez da grande dóse de que é portador, antes de escrever o livro a que me refiro — em que epoca houve a falada unidade de crenças religiosas no continente?

Não a possuiam as colonias inglezas, por que precisamente foi uma dissenção religiosa anti-catholica, que lhes deo origem.

Não a possuiam os povos do Mexico, da America Central, do Perú e varios outros, por que entre os *aztécas*, *toltécas* e *quichuas*, a theogonia dominante assentava na crença em *Taotl*, o deus supremo, invisivel, tendo ao lado *Huitzilopochtli*, deus protector especial da nação, a quem eram immoladas victimas humanas.

Tambem não a possuiam os *chiquitos* e *carapachos*, vivendo em plena idolatria; o deus principal de ambos é o *sol*, do qual pretendiam descender os *incas*, por *Mancocapac*, sem falar nos deuses secundarios.

Esses foram os povos que trabalharam a terra, habitaram cidades bem edificadas, e comtudo estavam longe de pertencer á religião monotheica a que LONDUM allude.

Quanto ás tribus nomades e selvagens, mais volumoso é o erro, porquanto, auctoridades da ordem de

Spix e Martins, Bates, Wallace, Baegert e Pérouse, asseguram que muitas tribus brasileiras, como as *tupinambás*, outras do extremo sul, como os *chunchos*, os *curetos*, os indios do Grão-Chaco; muitos tambem do norte, inclusive os indios da California, não têm religião, não possuem nem-uma idéa do ser supremo, não conhecem idolos, não possuem templos nem culto nem cerimonias religiosas, finalmente, não acreditam em Deos nem em falsas divindades (1).

Já vimos os nomes dos deuses mexicanos, a começar por *Taotl:* este nome não é o mesmo pelo qual na India, na Grecia, em Roma e entre nós, designa-se de commum o *ser supremo*, *omnipotente* e *immaterial.*

Na theogonia mexicana ha ainda outro deus protector da nacionalidade, o que importa reconhecer que havia entre os deuses divisão de poderes: onde a *unidade?*

Na India o mesmo entre *Varuna* e *Djauspita;* na Grecia o mesmo entre Jupiter, Saturno, Vulcano e os demais do Olympo; em Roma tem identico caracter a religião, pois como é sabido, a religião romana primitiva é uma adaptação do anthropomorphismo grego, com a seguinte differença assignalada por Mommsen; na grega domina o *culto da pessôa*, emquanto na romana, o *culto da idéa;* nesta fez-se o *culto da liberdade* e naquella, *o da necessidade.*

Onde, por consequencia, a prova da «unidade de crença entre todos os povos americanos, quer nas nações civilisadas, quer nas tribus nomades e selvagens», como allegaram os dois escriptores?

---

(1) *Reise in Brasilien*, I, 379; *Voice of piety*, IX, 220; *Life in the Amazonas*, II, 162; *Voyages dans l'Amer. merid.*, II, 3, 14, 33, 51 *usque* 166; *Smithsonian Contrib.*, 1863-1864, 390, trad. de M. Rau.

A segunda asserção de Candido Costa, é esta, com referencia aos mexicanos:

«As suas crenças religiosas apresentam toda a probabilidade de provir dos indios, dos persas e de outros povos habitantes das planicies do Thibet.»

Caso é de se lhe objectar: E os povos mencionados algum dia foram monotheistas?

Eu supponho que identica razão ha para derival-as das dos chinezes, japonezes e até dos malasios!

A respeito da civilisação do Mexico e do Perú, diz um auctor bem informado:

«Não ha razões que façam crer que a alta cultura dos mexicanos e peruanos indigenas, provenha de origem extrangeira; estes povos, com effeito, cultivavam algumas plantas indigenas e já haviam reduzido á domisticidade alguns animaes do paiz. Uma equipagem, vinda de outro paiz, dado mesmo que fosse meio civilisado e que houvesse naufragado nas costas da America, não teria, a julgar pela pouca influencia que exerce a maior parte dos missionarios, produzido effeito notavel sobre os indigenas, a menos que estes já não fossem um pouco civilisados» (1).

Por outro lado, a similaridade de idéas religiosas, não é criterio seguro para se tornar incontestavel a affinidade de povos.

Por muito tempo acreditou-se que as semelhanças do culto grego com o romano, eram oriundas da intervenção dos *pelasgios* na civilisação de ambos os povos; coube a Theodor Mommsen desfazer uma tal illusão, provando que a notada parecença não era sinão uma das muitas provas de que existio, fazendo parte da raça indo-ger-

---

(1) C. Darwin, *Descend. de l'Homme*, 158.

manica, uma familia greco-latina, cujos membros se separaram para viver independentes nos dois paizes.

Para chegar a tal resultado, MOMMSEN destacou da raça a familia indicada e apontou as direcções que ella tomou na Europa; o nosso auctor, ao contrario do sabio allemão, nada adeantou sobre a marcha das migrações aryo-persas, até a data de se fixarem nas costas do Pacifico!

A historia dos *aryas* da India em seos principaes periodos, (vedico, epico, brahmanico e buddhico) dá conta das seguintes migrações:

No 1.º, uma parte do grupo dos *aryas* orientaes, destacou-se, constituindo uma nação á parte (hindús) que pelo valle do Cabul alcançou o rio Indo e extendeo-se pela planice do Pendjab.

No 2.º, os *aryas* passaram o rio Sarasuati e deslocando-se progressivamente chegaram á fóz do Ganges: é ahi que travam a peleja celebrada no poema *Mahâbârata*, contra os dez reis.

No 3.º, renovam-se as luctas; os *aryas* conseguem as adhesões de tribus que lhes permittem formar uma grande nacionalidade, e realisando conquistas fixam-se no sul da India: esses feitos estão narrados no poema *Ramayana*.

No 4.º, tem logar a contra-propaganda do brahmanismo pelo buddhismo; extincto este na India que voltou ao brahmanismo, predominou no Thibet, na Mongolia, na China, na Indo-China e em Ceylão, que ficaram fieis á doutrina de *Çakia-muni*.

Onde as migrações para alem do Ganges, para o Oriente?

Bem comprehendo a razão das *filiações* apontadas pelos dois escriptores catholicos.

Um dos recursos dos buddhistas aproveitados contra os brahmanistas, foi o uso das parabolas que mais tarde

veio a ser applicado pelo christianismo, sem falar no dogma da egualdade humana, opposto á divisão de castas.

Sei tambem que a sympathia pela religião persa, vem da circumstancia de ter sido fonte de inspiração da cosmogonia mosaica; nem outra significação póde ter o deus brilhante — *Ormuz* — creador, ser supremo, em opposição ao deus das trevas — *Ahriman;* mas, isso que póde accommodar susceptibilidades de crenças individuaes, nunca será uma contribuição verdadeira que sirva á sciencia.

Entre os argumentos oppostos á hypothese que tenta entroncar a genealogia dos povos americanos nos asiaticos, um ha que até hoje ficou sem resposta.

Dada a veracidade da filiação, articulam os propugnadores do autochthonismo, como explicar a anomalia de não trazerem as migrações asiaticas para a America, os seos animaes domesticos, os exemplares de sua variada fauna, indispensaveis ás necessidades do commercio, como: os camellos e elephantes, tão pouco as suas especiarias acclimaveis, que fallecem á America?

E em verdade, a resposta não é tão facil como se póde á primeira vista suppôr.

A terceira proposição do moço escriptor em defeza de sua these, assenta em considerar decisiva a prova que deduzio o Dr. Barboza Rodrigues, do *muyrakitan*, mostrando que essa pedra de enfeite, encontrada no Amazonas é de origem asiatica e pois, sua presença na America só póde ser explicada pelo facto de a terem deixado nas plagas americanas os asiaticos, «em epoca que não póde ser assignalada com justeza».

Esta prova das migrações asiaticas para a America, em remota epoca, feita pelo *muyrakitan*, parece-me que

foi o meio mais efficaz de que se podia lançar mão para desacreditar a hypothese.

Toda a questão consistia em saber de onde era originaria a pedra ou a materia prima que servia para o fabrico do referido enfeite.

O notavel auctor da *Ethnographia Brasileira*, em seo brilhante escripto sob a epigraphe—*Barboza Rodrigues e a questão da pedra nephrite*—foi o primeiro d'entre nós, a expôr a controversia em seos verdadeiros termos, advertindo que da polemica travada na Europa entre H. FISCHER, naturalista de Friburgo, e A. B. MEYER, Director do Musêo zoologico-anthropologico-ethnographico de Dresde, ficou averiguado que não era sómente na Asia que se encontrava a nephrite em jazidas, como pretendia aquelle, mas tambem na Europa, na Oceania e na America, (Territorio de Alaska) segundo declarava este.

SYLVIO ROMÉRO, provou com uma lucidez tal a dubiedade do Sr. BARBOZA RODRIGUES em se decidir por uma das opiniões feitas sobre a proveniencia do enfeite amazonico e a superficialidade dos conhecimentos deste scientista sobre a existencia da nephrite no paiz e alhures, que, os espiritos calmos julgavam a pendencia morta, ligando como era de prever, ás conclusões do ethnographo e philosopho brasileiro, a consideração de haver dito sobre o assumpto a ultima palavra.

Pois, o auctor d'*As Duas Americas* veio tirar-nos a todos, de tão serena convicção, dizendo:

«No entanto taes jazidas não se descobriram ainda no continente americano, no dizer do marquez de NADAILLAC; porem o DR. SYLVIO ROMÉRO, na *Ethnographia Brasileira*, argumenta: «Perdeo-se certamente o conhecimento das jazidas originarias do mineral; ellas, porem, devem existir no continente, ao menos no Mexico e na região amazonica».

Não penso assim; si no Amazonas ellas existissem, o uso do *muyrakitan* entre os indios, que formam differentes tribus, seria

vulgar ainda hoje; no entanto é muito difficil encontrar-se ali tal objecto.

Não se póde tambem admittir a possibilidade de terem os indios perdido a idéa da existencia dessas minas e do seo local, quando elles guardam entre si a tradição de factos antiquissimos.

Estou portanto com a opinião do celebre FISCHER e do intelligente investigador brasileiro—BARBOZA RODRIGUES»; (obra cit., 95-96).

Como dos proprios termos da contestação se deprehende, os novos argumentos produzidos contra o indigenismo da pedra *jade* ou nephrite e do adorno com ella fabricado o *muyrakitan*, não alteraram o valor do debate, o que serve para evidenciar, que muito proximo estava o dia em que a verdade enunciada pelo sabio de Dresde e pelo DR. S. ROMÉRO, teria de receber a consagração mais completa que é dado imaginar, por factos incontrastaveis.

Com effeito, em um dos numeros do *Diario Popular*, de S. Paulo, o eximio naturalista H. VON IHERING, Director do Muséo Paulista, publicou as seguintes linhas, transcriptas pelo *Correio da Manhã*, (Rio) em seo numero 935, de 3 de janeiro de 1904:

«Pela acquisição de uma rica e variada collecção de objectos archeologicos, comprada ao Sr. Christovam Barreto, chegaram as collecções do Muséo do Estado a possuir uma bôa representação de armas e utensilios prehistoricos, do Estado da Bahia, do qual até agora nada desta ordem o Muséo possuia.

Esta collecção contêm os seguintes objectos, alem de um bonito muiraquito em fórma de sápo, confeccionado de stealite e proveniente do Estado do Pará: tres tunbetás ou pedras de enfeite para o labio inferior perfurado, sendo um de amazonite e dois de beryllo; um apito de stealite; um molde de barro cosido para ornamentar as urnas na occasião do seo fabrico; dois polidores de nephrite, pedras grossas mostrando sulcos profundos, para amollação dos machados; vinte machados e facas polidas, á excepção de dois, todos de ne-

phrite ou jadeite. Estes machados são, em parte de côr verde, em parte brancos ou brancos azulados.

Menciono afinal ainda um blóco de nephrite, do qual o Sr. Barreto não se quiz separar, mas do qual, por occasião da despedida, me fez presente, com um bonito machado de nephrite.

O interesse que esta collecção desperta, consiste, não só na perfeição e na belleza dos objectos, não só na instructiva representação da cultura material de um Estado, que neste sentido é ainda pouco conhecido, mas antes de tudo nas informações que esta collecção fornece-nos, sobre a origem da materia prima destes valiosos artefactos de nephrite e de jadeite.

Até ha pouco não se conhecia ontras localidades para a origem da nephrite e da jadeite, que a região austral asiatica.

Foi esta a razão porque a maior parte dos anthropólogos, seguindo o exemplo de Fischer e outros, consideraram de origem asiatica todos os machados polidos de nephrite, que se encontraram na America e na Europa.

Ha quinze annos, mais ou menos, que um mineralogista allemão, o Dr. Frauhe, descobrio na Silesia, em duas localidades diversas, nephrites em estado natural, na serra.

Si bem que aquella variedade de nephrite não corresponda exactamente aos artefactos achados na Suissa, ninguem mais põe em duvida a origem européa dos artefactos nephriticos da Europa.

Aqui no Brasil temos de luctar com a mesma difficuldade, não conhecendo as occorrencias naturaes da nephrite.

O Sr. Christovam Barreto prestou um serviço valiosissimo á investigação archeologica do Brasil, mostrando não só a frequencia de artefactos de nephrite no municipio de Amargosa, mas trazendo comsigo blócos de nephrite, em parte brutos, em parte providos de sulcos de amollação, que provam evidentemente que estes objectos são originarios do mesmo municipio.

Tratarei detalhadamente deste assumpto na *Revista do Muséo Paulista,* bem como das construcções funerarias, correspondentes aos *mounds* da America do Norte, e de outros vestigios da antiga população, segundo as informações que recebi do Sr. Christovam Barreto, incansavel investigador da archeologia da Bahia, cuja preciosa collecção breve será exposta no Muséo, e a quem felicitamos pelo successo extraordinario, com o qual vio coroado o seo trabalho de longos annos, dedicado á exploração da epoca mais antiga da historia do Estado da Bahia.» H. von Ihering.

Pelo que fica dito, parece-me que a prova feita pelo *muyrakitan* é contraproducente para a these do ***asiatismo***, defendida por Barboza Rodrigues e seo admirador.

Na Europa a pedra nephrite, no tocante á sua origem, foi assumpto de amplo debate entre os scientistas, desde que Damour e Fellinberg, em 1865 e Fischer (*Arch. für Anthr.*) em 1867, uniram-se, para sustentar a origem oriental da jade.

Em 1888, notabilidades do porte de Lubbock, não se sentiam com coragem para adoptar ou repudiar francamente a opinião daquelles naturalistas.

Ha na Suissa um conglomerado conhecido por ***nagelflue*** e delle pretenderam alguns extrahir aquella substancia; não foi então coroada de exito a tentativa, mas como era preciso achar uma explicação para o caso extraordinario de não ser a jade producto de sólo europêo e no entanto haver não pequena copia de artefactos deste mineral na Europa, Lubbock declarava:

«Não pretendo dizer que esteja provado que os machados de jade tenham vindo do Oriente, mas não menos certo é que até hoje ninguem encontrou esse mineral localisado na Europa, parecendo-me possivel que os ditos machados, por successivas trocas tenham chegado aos nossos dias, passando de mão em mão, de tribu a tribu.»

Quando teve logar o abaixamento extraordinario do nivel das aguas dos lagos de Constança e Neufchâtel, na Suissa, nos pontos conhecidos por Wangen e Concisa — fizeram-se grandes excavações, sendo descobertos entre outros artefactos primitivos, alguns machados de jade, bem como especimens de desenhos e moldes para o fabrico dos mesmos.

Verificado que ambos os logares eram verdadeiras fabricas da arma rude da arte do homem, de novo veio a terreiro a questão da jade, pois não era de suppôr que

havendo fabricas de machados da pedra em litigio na Suissa, do Oriente viesse a materia prima, em epoca em que não podia existir commercio de transporte maritimo e sendo quasi impossivel o terrestre, attentas a distancia e o peso extraordinario dos blocos a remover.

Chamado a proferir voto, G. MORTILLET assertou que o mineral empregado nas fabricas lacustres, não era verdadeiramente a jade oriental, mas a extrahida de uma rocha serpentinosa mais ou menos impregnada de silica, em outro tempo commum aos alpes suissos e aos apeninos; que, pois, os ditos artefactos eram em definitiva feitos com materia de rocha quartzo-serpentinosa indigena.

DAMOUR, por sua vez observou que na hypothese, tinham confundido sob o nome de nephrite, materiaes differentes, como: ágata, jaspe, diorita, serpentina, petrosilex, etc., etc., e geralmente todas as rochas muito duras e muito compactas, cuja natureza mineralogica não era bem conhecida ainda.

QUATREFAGES, suffragou a opinião de MORTILLET.

Em 1871, escrevia o mineralogista italiano NICOLUCCI, que em parte alguma da Italia fôra encontrada a jade nativa, tão abundante na Asia central e que portanto esse mineral só podia ter chegado á sua patria, com ajuda de um commercio prehistorico, existente entre a Asia e a Europa.

SCHERER, procurou resolver o problema pela chimica e submetteo á analyse machados de verdadeira jade oriental e os fabricados com a rocha de origem européa; embora, porem, reconhecesse que não era a mesma a composição da materia de uns e outros, declarou que o resultado não offerecia prova concludente.

Sobre o assumpto desse exame, ponderou JOLY:

1.° Que a prevalecer a opinião de NICOLUCCI, era inexplicavel que os orientaes trouxessem á Europa a jade

e não trouxessem tambem metaes como o bronze e o ferro, de que faziam uso diario e que elles conheceram muito antes dos europêos.

2.º Que a respeito do processo chimico de SCHERER, que antes da analyse não procedeo á averiguação de ser ou não verdadeiramente oriental a jade dos machados a examinar—o exame instituido desconhecendo as melhores indicações a seguir para fixar a identidade de cada objecto e sua exacta procedencia, importava resolver a questão pela propria questão.

Segundo IHERING, foi FRAUHE quem em primeiro logar descobrio e fez a prova da existencia da jade na Europa, nas jazidas da Silesia, ha quinze annos.

Fica assim esclarecido que em tres continentes pelo menos, existe o famoso mineral como prophetisára MEYER, em opposição ao opiniatico FISCHER que o isolava na Asia.

Abandonada a hypothese que explica a prehistoricidade do americano como um producto de migrações alienigenas, será acceitavel a que a explica pelo autochthonismo?

As revelações trazidas pelo DR. L. TRÉVILLE, quanto ao troglodyta do Novo Mexico, mumificado no *mound* de Santa Maria, não permittem por emquanto uma resposta cathegorica.

Si é verdade que por toda parte o homem deveria apparecer logo que o ancestral que lhe tinha de caracterisar o typo esteve em condições de fazel-o, não o é menos que bem deficientes são os nossos conhecimentos sobre esse primévo documento, cuja existencia é o X do problema anthropologico.

Si, porem, é impossivel um pronunciamento franco no sentido exposto, nas condições actuaes da sciencia,

possivel é assignalar pelo methodo comparativo, o autochthonismo dos povos, de um modo geral e que em particular se applica á hypothese em debate—tendo-se em consideração que, nas mais antigas civilisações, as massas immigrantes nunca encontraram as regiões para onde se encaminhavam, desprovidas de população; ao contrario, vezes sem conta tiveram de rechassar a ferro e fogo, por crueldades inauditas, os naturaes do paiz que procuravam occupar.

Este é o facto que a historia das raças humanas em todos os tempos e em todos os logares faz positivo, a quem quer que a perlustre sem prevenções.

O dominio dos hespanhóes no Pacifico e dos portuguezes no Atlantico, é um exemplo concludente.

Na Grecia os *acheos* disputaram aos *hellenos*, habitadores da parte central da peninsula, a occupação da antiga *Hellade*.

Em Roma *luceres* e *titii*, ou latinos e sabinos, disputaram o paiz aos *ramnes*.

Entre os povos do Oriente como entre os do Occidente, é sempre este o facto historico.

Assim pensando, subscrevo sem reservas a bellissima generalisação formulada por um dos nossos insignes etnographos:

«Na alta antiguidade do Velho Mundo, tão longe quanto é dado apreciar-a, sempre as nações emigrantes encontraram mais velhos habitadores nos paizes para onde se dirigiam.

Coisa semelhante parece ir-se determinando para a America; tão alto, quanto sóbe o pensamento nas antiguidades de aztécas e quichuas, sempre se nos depararam vestigios de uma raça anterior no Mexico e no Perú» (1).

E esta opinião não é isolada; homens que estudaram

---

(1) Sylvio Roméro, *Ethn. Braz.*, 33; De Greef, *E'volution*, 173.

a civilisação americana em diversas direcções, chegaram á mesma conclusão, notavelmente NOTT e GLIDDON [1].

O assumpto primordial do livro—*As Duas Americas*—que o seo estudioso auctor procurou desenvolver, sob o particular aspecto das duas expedições que deram em resultado o descobrimento da America seguido do do Brasil, em vez de ter esse desenvolvimento poderia ter tido melhor conducção, qual seria a de filiar os dois grandes acontecimentos dos XV e XVI seculos, ao pensamento que dominava as principaes nações maritimas européas:—a supremacia dos mares e a dilatação do commercio exterior.

Á porfia portuguezes, hespanhóes, italianos, francezes, inglezes e hollandezes, coalhavam de frotas o Oceano?

Para que?

Em busca do Oriente, por que era dahi que desde as Crusadas recebiam narrações de riquezas fabulosas, accrescidas de informações de missionarios, sobre povos adeantados na cultura das lettras, das artes, das sciencias e do commercio.

A escola maritima italiana, desde o XI seculo, iniciára longas navegações: MARCO-PÓLO alcançava em suas viagens a China e o Japão; os irmãos IENO percorriam as terras descobertas pelos scandinavos nos IX e X seculos, levantando plantas e cartas geographicas.

No XV seculo, Colombo e Vespucio ultimam a phase das grandes navegações dos seos maiores.

A seo turno os hespanhóes e os portuguezes formavam duas outras escolas de navegação: o fito de ambas

---

(1) *Types of Mankind.*

era o mesmo—abrir o Oriente á Europa, sendo de notar que os segundos lançaram-se á empreza menos conscienciosamente que os primeiros, porquanto, é facto averiguado que até 1486, os intuitos expansivos da nação portugueza, quasi que se limitavam á exploração da escravidão e do ouro da Costa africana.

A viagem de Bartholomeo Dias, fazendo-o dobrar, sem querer, o cabo *tormentorio*, é prova irrecusavel.

Este acontecimento, deo aos portuguezes a chave do segredo da passagem para a India pelo meio dia.

Em fins de 1488, (dois annos depois de B. Dias ter feito a celebre viajem) um dos maiores geographos lusos—Pero da Covilhã, emballado pela perspectiva fagueira de abrir á sua patria novos horisontes, despertava no animo de D. João II a idéa de concorrer á exploração das riquezas do Oriente.

Os navios, dizia elle, em carta ao seo rei—que navegam ao longo da costa de Guiné, proseguindo, podem ter quasi certeza de chegar ao extremo do continente africano e dahi aproando para léste em direcção a Sofala e a Madagascar, estarão no verdadeiro caminho da India.

A viagem de Vasco da Gama em 1498, é a confirmação desse prenuncio e o passo inicial que fez Portugal participar do pensamento predominante entre as nações maritimas.

Dois annos depois cabia-lhe a gloria de realisar o descobrimento da terra brasileira, accidentalmente, por um desvio do rumo que devia levar as lusas náos á India Oriental. Essa navegação pelo sul africano, revela o proposito da empreza portugueza.

A escola hespanhola, ao contrario, depois da viagem de Colombo, tinha por ponto de partida alcançar a India pelo Occidente: tal foi o pensamento que ella fez executar por Ojeda em 1499, Vicente Pinzon e Diogo de Leppe, mezes antes da fortuita ancoragem de Cabral ao Brasil.

O que parece verdade, é que ainda mesmo que Colombo e Cabral não tivessem existido, a America e o Brasil seriam descobertos — ou o que é mais exacto — seriam assignalados historicamente pelos hespanhóes, cujas vistas claramente se manifestaram na expedição confiada a Fernão de Magalhães, isto é, alcançar o Oriente por um segundo e novo caminho.

Por outro lado, francezes, inglezes e hollandezes seguem as pégadas dos tres povos peninsulares do sul europêo, e, emquanto uns disputam aos conquistadores o predominio na Asia e na America, outros se aventuram a forçar uma terceira passagem para o Oriente, pelo noroeste da America.

Vêm dahi as expedições do italiano João Cobotto, ao serviço da Inglaterra, dando em proveito o descobrimento das terras do Labrador, Terra Nova, Canadá e outras; de Hudson, em 1609; de Baffin, em 1615; de Drake, Cavendish e Dampier.

A America e o Brasil entram, no quadro que esbocei, não como acontecimentos sobrenaturaes, como soluções de continuidade ao pensamento cardeal que preponderava entre as nações maritimas da Europa, mas como uma resultante toda logica e esperada do cyclo das navegações iniciadas em o xv seculo.

Outro, porem, foi o plano do escriptor d'*As Duas Americas*, na commemoração do descobrimento; é natural que o não applauda por isso, parecendo-me que o seo livro, aliás interessante como subsidio para o estudo de minudencias pertinentes á historia do continente, si revela da parte de quem o traçou, desejo de concorrer para o esclarecimento de questões não solvidas, resente-se da falta do cunho indispensavel ás obras litterarias: a penetração das idéas correntes, de par com as impressões pessoaes de quem as expõe e critica.

Dr. Graciano dos Santos Neves

Nasceo na cidade de S. Matheos, Estado do Espirito Santo, a 12 de junho de 1868.

No Rio de Janeiro, onde fez o curso de preparatorios, dedicou-se a principio á engenharia, cujo estudo interrompeo no segundo anno, passando mais tarde a frequentar a Faculdade de Medicina que em 1889 lhe conferio o respectivo gráo academico de formatura.

Volvendo ao Estado nessa epoca de transformação politica da Patria, prestou á causa da Republica o seo desinteressado concurso.

A 19 de dezembro de 1891, com a ascensão do marechal Floriano Peixoto á presidencia da Republica, fez parte da Junta Governativa acclamada no Estado em substituição ao anterior governo decahido.

Em attenção aos seus serviços politicos, foi eleito presidente do Estado, assumindo as funcções dessa in-

vestidura, a 23 de maio de 1896, e em 1906 representou sua terra na camara dos deputados federaes.

Não obstante o seo tirocinio de perto de vinte annos de luctas, polemicas e controversias politicas e litterarias, o Dr. G. Neves, dos intellectuaes de sua terra, é um dos de mais reduzida bagagem litteraria.

Por indole e habitos infenso á divulgação que as edições de livros proporcionam, conserva nos periodicos e diarios locaes os seos melhores escriptos.

Por excepção, em 1901 publicou no Rio de Janeiro, editado pela casa Laemmert, um opusculo de 116 paginas, sob o pseudonymo—Dr. M. Guedes Junior e que tem por titulo—*A Doutrina do Engrossamento.*

O alludido opusculo, escripto em estylo scintillante, emmoldurado em linguagem correcta, egual e sobria, teria ao menos por esses predicamentos despertado a attenção do grande publico, si outra fosse a situação dos nossos meios litterarios; tal não aconteceo, naturalmente por ser um trabalho de origem provinciana, por ter apparecido sem a recommendação indispensavel de algum nome em notoria evidencia.

Pois foi grave injustiça feita ao moço escriptor, que aliás é um espirito de solido preparo e um homem que pensa por si, requisitos que não são tão faceis de encontrar reunidos em uma individualidade litteraria.

O livro do eximio medico devia ser lido e meditado na epoca em que foi impresso, porque até o merito da opportunidade elle possuia.

Certamente, quem se recordar da direcção que teve a politica nacional, quando a funcção de eleger representantes ao Congresso, dependia das celebradas formulas conhecidas por—*criterio do Cattete* e *politica dos governadores*—tão magistralmente definidas, commentadas e satyrisadas por José do Patrocinio; quem evocar as reminiscencias dos actos administrativos que então choca-

ram por mais de uma vez o senso commum; quem se der á tarefa de recompôr mentalmente o quadro da vida nacional iniciada naquelle periodo, deve-se penitenciar por ter perdido o agradavel ensejo de ver estereotypada toda uma sociedade, toda uma phase social e politica, com tanta exactidão e imparcialidade, como nas paginas d'*A Doutrina* (1).

Hoje, muito diverso é o interesse que excita a brochura lembrada.

O valor que o *momento* imprimio-lhe desappareceo, como desapparecem ao peso dos annos, as linhas dos contornos e os apuros estheticos que fazem a recommendação das formas exteriores das creações humanas e que o narrador portuguez synthetisou neste pensamento:

«As bellezas mortaes, no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam; são livros que uma vez lidos não têm mais que lêr».

Pondo de parte a observação que ahi fica, direi que o livro em exame contêm ainda assim muitas considerações que devem ser demoradamente meditadas, muitos conceitos philosophicos e sociaes que podem ser estudados com interesse não menor. Um delles, que revela exa-

---

(1) Sabemos todos que houve mais tarde quem pretendesse no Governo, applicar mais amplamente a primeira das supra referidas formulas, resumindo-a em uma paraphrase ao — *L'État c'est moi* — do *Rei Sol.*

Tambem teve seo dia de celebridade, a conhecida sentença, grave e impertinentemente proferida pelo successor do conselheiro Rodrigues Alves: — «*Quem faz a politica sou eu*».

Mas, que ella não passou de um *jeu de mots* innocuo, teve cabal prova o seo illustre auctor, na primeira escaramuça que travou com a opinião nacional acerca das candidaturas á successão presidencial...

cta percepção de nossa situação economica, politica e social, é desenvolvido nestas reflexões:

«A abundancia do dinheiro e a intensidade do movimento industrial, têm um duplo effeito benefico para a fixação da ordem politica: — por um lado, as classes conservadôras ganham força para defender as instituições que as representam e protegem; e, por outro lado, aberta uma grande margem de actividade economica, com vivas excitações ao lucro e irresistiveis seducções de fortuna, as ambições individuaes atiram-se e enredam-se na concorrencia financeira, inutilisando-se dest'arte para as agitações politicas.

Si as democracias já são pela sua natureza intrinseca, a mais instavel forma de governo, imaginemos que terreno favoravel não serão ellas para o florescimento da anarchia, quando se complicarem com a pobreza industrial.

A historia da Republica Brasileira é um exemplo fecundamente instructivo do quanto póde o atraso economico numa democracia.

No Brasil, pela sua vastidão territorial, pela insufficiencia de capitaes até certo ponto relativa a essa condição geographica, assim como pela fraqueza commercial do povo que o colonisou — a agricultura sempre foi precaria e qualquer outra industria irrisoria.

Substituindo uma pobre monarchia que nunca passou de uma curiosidade americana, que só pôde viver de escravatura, mas que soube nobremente resgatar as suas faltas, suicidando-se pela causa da abolição, a Republica só veio encontrar a pobreza e aggraval-a com perturbações democraticas.

Demais, num paiz em que tem grassado ininterruptamente a absurda vaidade academica, a ridicula aberração pedagogica de impôr á melhor parte da mocidade o flagello inevitavel do doutoramento e do bacharelado, ha de por força ficar perturbando a existencia das classes trabalhadôras e activas, um nucleo excessivo e ocioso de individuos que sempre acabam por tentar as aventuras da politica, como um meio de vida.

Uma grande deficiencia de capitaes: uma malta enorme de cidadãos inaproveitaveis e doutorados, não podendo funccionar nas suas respectivas profissões pela compacta concorrencia de collegas innumeraveis, nem em outro ramo qualquer de actividade por falta de tirocinio especial; um regimen democratico novo e ainda mal assegurado: — eis uma somma bastante de máos requisitos para attrahir a confusão ao seio de um paiz.

Nem ha terreno mais propicio para a pullulação das profissões politicas, em toda a sua crassa exuberancia, do que seja uma democracia pobre.

Individuos diplomados á força, sem gosto nem aptidões para alcançar triumpho e reputação nas diversas disciplinas em que se formaram, pervertidos alem disso por uma inveterada ociosidade contrahida na longa frequencia das academias, dedicam o restante das suas habilidades, á conquista das posições electivas que as democracias fracas e pobres tão profusamente facultam ás mais obscuras ambições.

Desde que os cargos mais elevados são postos ao alcance das mais grosseiras audacias, é evidente que os individuos mais arrojados e mais triumphalmente cynicos, hão de arriscar tudo, pois que nada têm a perder, para agarrar uma situação vantajosa que nunca poderiam conseguir pelo seo merito profissional.

Dahi um conflicto tumultuoso de ambições desordenadas que não repugnam os mais violentos processos, comtanto que possam empolgar a auctoridade.

Entretanto, tão imperiosa é a necessidade da Ordem, mesmo para a satisfação dos mais desregrados appetites individuaes, que os nossos politicos já vão percebendo a inefficacia das praticas sediciosas; e por outro lado, os governos vão-se capacitando de que é preciso coarctar as liberdades publicas e inutilisar as perniciosas agitações eleitoraes, falsificando judiciosamente os resultados adversos do suffragio popular.

A experiencia de rebelliões falhadas e de campanhas eleitoraes perdidas, desanimaram consideravelmente todos os instinctos opposicionistas; e todo mundo está hoje compenetrado, tanto da impraticabilidade das reivindicações armadas, como da impossibilidade absoluta de galgar o governo por intermedio das urnas.

Nem por isso, todavia, as ambições politicas perderam de actividade: — ao contrario, flexiveis e sagazes, ellas descobriram nessa nova ordem de coisas um regimen muito mais favoravel, muito mais facil e seguro para o andamento das aspirações individuaes, do que os incommodos processos revolucionarios e as enfadonhas canceiras das eleições.

Nos diversos Estados da Republica as luctas se inauguraram com inaudita ferocidade para a conquista da supremacia politica: desde a injuria mais grosseira até a mais trascendente calumnia, desde a desobediencia traiçoeira ás leis até á deposição ostentosa dos governos, tudo era boa traça de guerra para o assalto das posições.

Entretanto, devemos reconhecer com justiça, que os nossos profissionaes logo abandonaram esses processos infantis, apenas comprehenderam, após alguns desastres significativos, a sua radical insufficiencia.

Na impossibilidade de derribar o governo pela revolução ou pelo triumpho eleitoral, os politicos brasileiros, com innegavel perspicacia, tomaram o partido opposto de adherir incondicionalmente aos interesses da auctoridade actual.

De facto, já que a eleição e a revolução têm demonstrado tão limitada efficacia, o individuo ambicioso e habil, em vez de procurar depôr ou derrotar o governo, deve preferir o programma mais simples, mais rapido e mais proveitoso de pôr-se no governo.

A historia da politica republicana nos diversos Estados da União é, a esse respeito, profundamente instructiva: os representantes dos primeiros partidos guerreiaram-se furiosamente com prodigalidade reciproca das mais indeleveis injurias, até que uma das fracções aboletou-se definitivamente no governo; a parcialidade vencida, ainda não edificada pela pratica desanimadôra da opposição, continuou a tomar a serio o seo papel de hostilisação systematica, e assim foi vivendo ingenuamente, ora desanimada, ora cheia de esperanças, até que a lição dos tempos fez-lhe entender a inutilidade de toda opposição; e então, após esses ensinamentos dolorosos, os adversarios mais astutos tiveram a inspiração fecunda de se conformar com a politica victoriosa, concorrendo até com os mais antigos e fieis partidarios do governo para a posse das melhores collocações.» (*A Dout. do Eng.*, 30-34).

Dessa assignalada tendencia ou no dizer do escriptor — «nessa transição da rebeldia para a obediencia, da guerra para a paz, o processo adoptado pela unanimidade dos politicos profissionaes para consolidar a Ordem sem prejuizo dos interesses particulares» — é que se consubstancia o *Engrossamento.*

Em synthese, em que consiste essa tendencia?

O mesmo escriptor nol-a diz, assim:

«Engrossamento quer dizer na significação moderna, uma delicada e intelligente especie de adulação, uma fina combinação de servilismo, hypocrisia e egoismo, alguma coisa emfim de eminente-

mente salutar para os interesses do individuo e da sociedade.» (Cit. livro, 38).

Em seguida passa o moço publicista a justificar historica e politicamente a famosa doutrina, desapiedadamente ironico, em setenta e seis paginas humoristicas, repassadas de satyras vehementes. O livro é dedicado ao Congresso Federal, e o auctor justifica o motivo da distincção conferida, n'estas quatro linhas:

«O auctor nutre—ainda que presumidamente—a ambição patriotica de formar a mocidade para o Congresso Federal, a quem elle consagra este trabalho modesto, como á escóla superior da resignação e da docilidade politica.»

No ultimo topico transcripto, parece-me que o fino *humour* que deflúe das paginas d'*A Doutrina*, tornou-se pessoal em excesso para não ser applaudido, não só pela pécha irrogada á assembléa dos representantes da nação, onde não raro surgem temperamentos que alliam aos dotes intellectuaes, outros não menores de independencia e altivez de caracter, como ainda porque, dado que o Congresso em nosso paiz fosse como quer o escriptor, «o meio de aperfeiçoamento nas artes subtis do Engrossamento», não seria proprio de um espirito da esphera do do auctor, envidar seos melhores esforços para inocular na alma da mocidade, incitamentos tão reprovaveis, ensinamentos tão perniciosos.

E a prova da procedencia da observação que faço, quanto á feição menos reflectidamente attribuida ao Congresso, está na presença do censor no seio dessa collectividade...

A restricção que oppuz, servir-lhe-á de antepáro á coherencia.

Deixando de lado a parte esthetica do livro, com o levissimo reparo feito, tempo é de algo dizer sobre o seo merito scientifico, no tocante ao jogo e applicação de certas noções fundamentaes.

Na Introducção assevera o Dr. G. Neves, «que foi a influencia das reservas alimentares que facultou a fixação e a expansão contínua das associações humanas, o que equivale a dizer que foi a instituição social e religiosa, não só influenciada, mas completamente contrastada pelo preço dos alimentos e pela taxa do salario [1].

Comprehendo bem a realisação do phenomeno, em se tratando de povos disciplinados por institutos mais ou menos organisados; em relação á sociedade primitiva, á selvageria, a que parece alludir o primeiro auctor, supponho problematico que as reservas alimentares tivessem operado a fixação e a expansão do respectivo agrupamento, pela razão muito simples da não poderem ellas existir, quando a procura da subsistencia constituia quasi a unica preoccupação do selvagem, conforme a pressão do momento, sem nem-uma idéa de poupança.

O *capital*, o *trabalho* e os *objectos materiaes*, na linguagem dos economistas, são os *instrumentos da producção;* ora, conforme seja consumido por um só emprego, (*capital circulante*) ou incorporado aos accessorios da producção, (*capital fixo*), a idéa de capital representa invariavelmente objectos nos quaes se tem já gasto trabalho e que se empregam na obra da producção.

Quem diz capital, implicitamente allude a ferramentas, a materias primas, a fabricas, a machinas, a salarios, etc., em summa, a tudo quanto habilita a fazer nova producção. Em que caso poderiam as reservas alimen-

---

[1] TH. BUCKLE, *Civ. en Ang.*, 1,37.

tares ter essas multiplas applicações? Não posso imaginar nem dizel-o. Penso que a guerra e a defeza do patrimonio commum no regimen tribal, tenham concorrido para associar os homens; mas acredito que a esses dois factos é indispensavel juntar um terceiro — a posse de mulheres.

Si algum sentimento é instinctivo nas associações animaes, o da propagação da especie pela reproducção operada com o commercio sexual occupa o primeiro logar.

De todos os instinctos do homem, adverte um sociologo esclarecido, o sexual é o mais energico; suas manifestações são muitas vezes indomaveis; entretanto, não deve ser tido como o ponto de partida de uma qualquer das grandes direcções que segue o homem na lucta pela vida [1]. Mas si o instincto sexual não explica o facto, menos ainda as reservas figuradas; a explicação então residirá em elementos mais complexos, provirá da concorrencia de varios factores.

Como quer que seja, porém, parece que nas sociedades primitivas, a idéa do *patrimonio* foi precedida pela da apprehensão das mulheres e esta determinada não só pelas exigencias sexuaes, como pela economia do trabalho.

Era ás mulheres, reservada em todas as tribus, a faina de prover ás necessidades domesticas.

O mesmo auctor em ultimo logar citado, observa que, quando se pergunta ao selvagem por que motivo elle tanto quer ás suas mulheres, a resposta é invariavelmente esta: — «Por que ellas fazem a lenha, carregam a agua, os alimentos e as bagagens do seo homem.»

---

[1] C. N. Starcke, *La Famille Primitive*, 238.

O factor economico da divisão do trabalho, cooperou com o reclamo sexual, pois, na organisação do patrimonio commum.

A propriedade assignada ao *capital* como formador das sociedades, é que não reputo verdadeira, ainda mesmo addicionando-a ás outras causas determinantes das associações em estudo.

Como força economica, elle presuppõe a sociedade organisada; é uma funcção cujo exercicio presuppõe o respectivo orgão e eu não sei como se poderá falar de *capital* entre selvagens.

Como instrumento da producção, differente do trabalho, ainda menos é possivel evidencial-o nas sociedades primitivas.

Sei, por exemplo, que em Roma no tempo dos reis, elle teve desenvolvimento differente do que alcançou sob o consulado e sei porque, como pondera TH. MOMMSEN, sob o consulado mais rapida foi a successão dos magistrados e mais extensa a influencia financeira do Thesouro em negocios como a compra e venda do sal e do trigo.

Facil é, portanto, conhecer o valor desse instrumento quando funcciona nas mãos do Estado, ou quando nas mãos de particulares; mas isto que é verdade na sociedade romana e nas demais civilisadas, não se póde generalisar ás que o não forem.

Um outro pensamento do Dr. G. Neves não me parece exacto: é aquelle em que affirma que, «com a abundancia da comida, finalmente assegurada pela inauguração da industria agricola e pastoril, surgiram progressivamente os grandes affectos do coração e as altas elaborações da intelligencia; que o amôr, o ideal, a poesia, a piedade, a misericordia, todas as mais requintadas mani-

festações affectivas do homem moderno, nunca existiram nos primitivos barbaros»; (cit. *A Doutrina*, 9).

O nosso escriptor fala de industria *agricola* e *pastoril* em vez de *industrias* e sem querer arguil-o de desconhecedor das primitivas phases da civilisação do homem, não deixarei de notar que nem todas as raças passaram do periodo da *caça* ao da *agricultura* com escala pelo *pastoril*, ou que este forçosamente se contenha naquelle.

Humboldt faz esse reparo declarando que a raça americana passou da caça á agricultura sem atravessar a vida pastoril (1); e eu aqui o consigno, para fazer certo que os alludidos periodos não se confundem, embora possam ser antecipados pelos povos que os percorrem, em dadas circumstancias, como na especie.

É sabido que os cyclos do homem pastor e do homem agricultor, foram em geral precedidos de outros dois:—o da caça e da pesca.

Ás reservas alimentares daquelles consistentes em rebanhos e grãos, correspondem ás destes em caças garantidas pelas mattas e peixes abundantes nos mares, lagos e rios; por que razão os ultimos não viram surgir os grandes affectos do coração e as altas elaborações intellectuaes, si contavam com a comida assegurada, tanto quanto podiam contar os primeiros?

Dada a egualdade de condições, era de rigor logico equiparal-os para todos os effeitos.

Quanto aos sentimentos affectivos que, segundo o nosso auctor, «nunca existiram nos primitivos barbaros», eu acredito que bem differente é a verdade dos factos.

Com o Dr. Clavel, (2) faço a distincção entre o sentimento rudimentar que determina fatalmente a approxi-

---

(1) *Quadros da Natureza*, 29.
(2) *Morale Positive*, 138.

mação dos individuos differentes em sexo e a ligação que esse primeiro contacto impõe com uma ferocidade caracteristica de exclusivismo e o outro sentimento parallelo, que na approximação do homem com a mulher, exprime a combinação das forças viris e feminis, para o fim de operar a selecção natural e o aperfeiçoamento da especie.

Que o da primeira classe é inherente á animalidade, ainda mesmo na phase inicial do seo apparecimento á superficie da terra, incluindo nessa classe o proprio homem, prova-o a observação colhida entre todos os povos, por viajantes de todos os tempos e sabios de todos os paizes.

Que tambem na rude animalidade ha manifestações altruisticas e egoisticas, coisa é de vulgar conhecimento.

Approximae-vos da femea do cão que aleita os filhos e vereis que a vossa presença, embora desacompanhada do menor gesto de ameaça ou de malquerer, a colloca em attitude aggressiva, claramente revelada pelo resmungar e pelo abrir dos dentes; fazei fingidamente o geito de lhe retirar um dos petizes e certamente sentireis nas carnes dilaceradas do vosso corpo, o vigor das presas da mãe irritada.

Estes factos não denotarão a existencia de um sentimento affectivo, uma certa consciencia da nobreza da maternidade entre os brutos?

Passaros ha, selvagens ou domesticos, que trazem aos filhinhos inhabeis para se procurarem os meios de subsistencia, as sementes que aqui e ali cataram e ingeriram; alimentam a sua prole pelo processo usado pelos pombos—isto é, pela transmissão directa operada pela introducção do bico de um no bico do outro, de modo que o filho deglute tudo quanto o genitor assimilára, com um esforço penoso e provavelmente doloroso.

Ora, si uma affeição sentida em qualquer gráo, não dominasse na sociedade volatil, muito mais commodo se-

ria aos paes deixar os filhos perecerem á fome, do que conserval-os á custa de tantos sacrificios. Mas, é precisamente o contrario que se verifica; logo, reconhecer-lhes um rudimentar amor filial, é apenas confirmar uma observação irrecusavel.

O cão que o primeiro possuidor transfere a segundo e por successão identica passa a terceiro, quarto e mais senhores, não raro os abandona e volta ao serviço do primitivo dono, sem embargo da abundancia de alimento que os outros lhe proporcionem e do geral tratamento dispensado aos seres de sua especie: qual a causa?

Sem duvida que a permanencia de uma impressão profunda, força-o a ser grato de preferencia ao primeiro; sem duvida que qualquer coisa influio para a dedicação do animal ao amo que escolheo e essa qualquer coisa é um grande sentimento affectivo, que no homem como no bruto póde raiar pelo heroismo.

Ora, si em ambos reproduz-se o phenomeno, manifestam-se os mesmos effeitos, é de concluir que a animalidade em geral é passivel de sentimentos affectivos e primordiaes como o amôr; como negal-o aos selvagens?

Em um dos seos mais bellos livros, um erudito scientista italiano, estudando a mimica do amôr, peremptoriamente assevera que a sympathia imitativa ou a affeição que leva-nos a vêr na pessôa a quem estimamos uma parte da nossa propria pessôa—é commum a todos os animaes sociaveis.

Assim, accrescenta elle, até nos seres de ordem inferior, como os molluscos, podemos verificar os dois elementos da mimica affectiva—a approximação e o prazer, e a proposito, conta o seguinte caso que testemunhou:

«Por muito tempo que eu ainda possa viver, penso que não terei occasião de assistir a um espectaculo tão agradavel como o que me proporcionaram dois caracóes, os quaes, depois de se terem

arremettido reciprocamente com pequenos dardos de pedra, (como nos tempos prehistoricos) passaram a trocar caricias e abraços com tanta graça e voluptuosidade, que fariam inveja ao epicurista mais decidido» [1].

Teve razão o illustre sabio; é estudando o mundo animal que poderemos estabelecer as relações de affinidade que guardam os seres de cada especie e conhecer as manifestações isoladas ou collectivas de sua sensibilidade.

Mais logico pareceo-me, TOBIAS BARRETTO quando disse:

«A evolução emocional e mental da humanidade fórma uma immensa cadeia, cujo primeiro élo... quem poderá definir? Conjectural-o apenas.

No principio era a *fome* e o *amôr*. Estes dois aguilhões da ferocidade animal, que SCHILLER disse, bem que com algum exaggero, ainda hoje serem os unicos sustentaculos do edificio do mundo, é de crêr que fossem realmente as forças originarias da cultura, de toda cultura humana.

Nem se concebe que outras mólas pudessem mover o homem primitivo, alem desses dois impetos psychicos, reductiveis ás duas capitaes funcções organicas da nutrição e da propagação.

Elles formam, por assim dizer, as raizes da arvore genealogica da vida sensivel e intellectual» [1].

O que se acaba de ver com relação ao amôr, procede a respeito dos demais sentimentos e ainda em particular, quanto á concepção poetica que o homem primitivo manifestou logo que pôde exprimir pelos mythos a personificação das coisas, porquanto, no dizer de MAX

---

[1] P. MANTEGAZZA, *La Physion. et les Sent.*, 106-119; sendo de notar que factos identicos narram abundando nas mesmas idéas, AGASSIZ, *De l'Esp. et la Class.* e DARWIN, *Descend.* citada, 293.

[1] *Quetsões Vigentes*, 16.

Müller, (*Orig. of Rel.* 193, 280), o primeiro passo da legenda é a allegoria e da allegoria nasce a poesia.

Não! Eu supponho que aos barbaros não se póde recusar a manifestação affectiva que a sciencia, por seos egregios representantes, confere até aos seres infimos.

Neste como em casos semelhantes, é preferivel ouvir Plinio a Democrito, cujo eterno riso afinal dilatou-lhe a bocca até as orelhas, si não falha Juvenal ao assegurar que:

Perpetuo risu pulmonem agitare solebat Democritus......

CAPITULO VI

A historia do jornalismo local e sua influencia no desenvolvimento litterario

---

Em toda a parte onde o jornalismo actúa como força disciplinadôra na economia social, a imprensa reflecte fielmente a vida collectiva em todas as suas modalidades, contribuindo decisivamente e ás vezes por iniciativa propria exclusiva, para renoval-a, vinculando-a a melhores ideaes ou modificando-lhe a estructura com a immixtão de novos elementos.

Ė natural, pois, que parallelo ao desenvolvimento material dos fócos humanos mais consideraveis, se fizesse o intellectual, desde que elles tivessem adquirido uma tal cohesão, que o destino da communhão constituisse uma das suas primordiaes preoccupações.

Mas, ou por que o individualismo obste a formação

do alveo daquella corrente por uma tendencia egoistica que lhe é peculiar, ou por que o progresso na ordem das idéas seja muito mais lento em razão das leis a que está subordinado, o que é certo é que as manifestações de vitalidade intellectual, entre nós os brasileiros, sempre foram tardias.

Um seculo após o descobrimento, a colonia portugueza da America tinha representantes sahidos do paiz colonisado, capazes de hombrear com os melhores da metropole, no tocante á cultura belletristica; no seguinte, os poetas brasileiros eram incontestavelmente superiores aos reinicolas.

O meio social não era indifferente ás transformações politicas operadas no continente e no Velho Mundo; bem ao contrario, em reiterados pronunciamentos, mostrou partilhar dos mesmos anhelos e anceios.

Entretanto, só depois de tres seculos de existencia, viemos a fazer applicação da imprensa, graças ao estabelecimento da *Impressão Regia*, no Rio de Janeiro, e da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808.

No Recife, a entrada do primeiro prélo conta-se de 1817, data da impressão do *Preciso*, e na Bahia, segundo B. DÆMON, inaugurou-se a primeira typographia em 5 de fevereiro de 1811.

Na provincia espirito-santense, só em 1840 tivemos esse factor do progresso, conforme o auctor supracitado, que nestas linhas o annuncia:

«Chegou em 1840, á Victoria, a primeira typographia, mandada buscar por Ayres Vieira de Albuquerque Tovar, alferes do exercito, para publicar um jornal, inserindo os actos do Governo, na administração do presidente Dr. João Lopes da Silva Coito.

Cumprindo o disposto na lei provincial n.º 6, de 3 de março de 1835, fez Tovar o contrato, obrigando-se a publicar um jornal bi-semanal, incluindo as *ordens e officios da publica administração*, comprehendendo as portarias e correspondencia do Governo com

as auctoridades da provincia, assim como imprimindo o que mais necessario fosse.

Esse contrato era por tempo de dez annos, visto a citada lei considerar a materia *privilegio;* por uma das clausulas do mesmo contrato, obrigava-se o contratante a fornecer ao Governo, 120 exemplares de cada tiragem ou edição da folha.

Em cumprimento do ajuste celebrado com o Governo, sahio publicado o periodico official, com o titulo—*Estafêta*—por esforços do director da folha, que era José Marcellino Pereira de Vasconcellos.

Ignora-se a data do apparecimento do *Estafêta*; sabe-se apenas que só sahio o primeiro numero, pessimamente impresso.

Enfermando o alferes Vieira Tovar, da molestia a que veio succumbir em 1841, ficou a typographia encostada até 1848, data em que sua familia transferio o prélo a Pedro Antonio de Azeredo.

Em 17 de janeiro de 1849, surgio o primeiro numero do—*Correio da Victoria*—de Pedro Azeredo, que, por contrato celebrado com o Governo, obrigou-se a dar *duas folhas por semana, em formato pequeno, em papel ordinario, recebendo de cada numero que sahisse, a quantia de 10$000,* subsistindo as demais obrigações do anterior ajuste.

Por fallecimento de Azeredo, typographia e contrato foram transferidos ao capitão José Francisco Pinto Ribeiro e Jácyntho Escobar Araujo, continuando a ser publicado o *Correio da Victoria*, que viveo 24 annos.» [1]

Do exposto vê-se que data de 1840 a introducção da imprensa na provincia espirito-santense; mas, da imprensa official, sem outra significação particular, apparecendo nove annos mais tarde o primeiro jornal bi-semanal.

A imprensa verdadeiramente independente, sem ligações com o Governo ou com agremiações partidarias, foi inaugurada em 17 de dezembro de 1853, com o periodico—*A Regeneração*—redigida pelo distincto latinista, o professor Manoel Ferreira das Neves.

---

(1) B. Dæmon, *Hist. da prov. do Esp. Santo,* 331.

Era um jornal imparcial e de caracter litterario; por isso mesmo pouco durou, extinguindo-se em 1855.

Ferreira das Neves, depois de terriveis luctas politicas, retirou-se para o Rio de Janeiro, onde fundou dois collegios, entregando-se de todo ao magistério, vindo a fallecer a 28 de julho de 1884.

A imprensa politica fez a sua estréa na provincia, a 17 de julho de 1856, com a publicação d'*O Capichaba;* a litteraria prosegue com o—*Semanario*—fundado por Pereira de Vasconcellos, em 2 de janeiro de 1857, com a —*Aurora*—fundada e redigida em 19 de agosto do mesmo anno, pelo Dr. Joaquim dos Santos Neves.

A partir de 1860, a imprensa torna-se quasi exclusivamente politica; é nessa quadra que surgem—*A Liga*—em 8 de abril; o *Indagador*—em 13 de junho; o *Maribondo*—em 11 de agosto; o *Provinciano*—em 7 de setembro e o *Pica-Páo*—em 26 de setembro, todos em 1860.

Foi a epoca das polemicas insidiosas e das retaliações partidarias extremadas, apenas suavisadas pelas satyras espirituosas de *Baptista Pires* e pelas chronicas humoristicas de *Ferreira das Neves*. É a explicação do apparecimento dos periodicos—*Maribondo* e *Pica-Páo*—que tão pouco tempo viveram.

Mas, si nessa epoca existia a imprensa politica, convem dizer que ella na provincia reflectia as idéas de 1831. Alguns desses jornaes ou eram pela Regencia, *(moderados)* ou advogavam a causa de D. Pedro 1, *(restauradores)* ou propendiam para o franco restabelecimento da dictadura militar, estimulados pelos successos da abdicação *(exaltados)*.

É geralmente sabido, que em 1830, sob o imperio, da alliança de *restauradores* com *liberaes moderados*, operada por Araujo Lima e Bernardo de Vasconcellos, surgio o *partido conservador*, com o encargo de manter a

ordem e conter os excessos do *partido liberal*, após a tormentosa regencia una de Diogo Feijó, que representava no governo as tradições do liberalismo dos Andradas.

Derrotado nas eleições de 1830, Feijó chamou ao governo o chefe da opposição conservadôra e assim pela vez primeira, ascendeo ao poder o partido conservador representado pelo marquez de Olinda, (Araujo Lima) revesando-se desde então até 1889, no governo do paiz, os dois partidos monarchicos.

Os successos occorridos de 1830 a 1860, como: a abdicação, a maioridade ficticia do segundo imperador, e as dissensões no interior e no exterior do paiz, parece que não impressionaram os espiritos na provincia, por que delles não se encontra a menor referencia nos trabalhos dos eruditos.

Na poesia popular, nos cantos anonymos, ha a mesma omissão; apenas com relação á guerra dos farrapos, collecionei duas quadras que tiveram curso até pouco depois de 1870, entre as gentes do interior, pois foi quando as ouvi cantadas ao som da viola:

É assim a primeira:

«O pendão da Liberdade,
Cahio n'agua foi ao fundo,
Os peixinhos stão dizendo:
—Viva D. Pedro Segundo.»

Diz a segunda:

«Fóra Farrapos, fóra
Não mais venham competir;
Pedro Segundo não quer
Os Farrapos no Brasil.»

Reatando. Em 1860, é que se accentuam os movimentos conscientes da imprensa partidaria na provincia, influenciados pela crise em que se achavam conservadores e liberaes em todo o imperio, crise que terminou com a deslocação de diversos homens eminentes de um partido para o outro contrario, como foi o caso de Zacarias de Vasconcellos e do Visconde do Rio Branco, para não recordar outros.

Eis, pois, por que a imprensa, no Espirito Santo tornou-se naquelle anno essencialmente partidaria, representado o partido liberal pela — *A Liga* — a partir de 8 de abril e o conservador, pelo — *O Provinciano* — sob a redacção do Dr. *Fernandes Maciel*, a contar de 7 de setembro.

Em 1861, as duas correntes politicas são continuadas e alentadas pelo apparecimento da — *União Capichaba* — em 3 de fevereiro; do — *O Clarim* — em 28 de abril; do — *O Desapprovador* — em 5 de outubro e do — *O Tempo* — em 1.º de novembro, sob a redacção de *Pereira de Vasconcellos*, então filiado ao liberalismo.

Em 1863, perdura o equilibrio dos dois partidos: apparecem novos outros jornaes, como: — *A Borbolêta* — em 1.º de junho; o — *O Amigo do Povo* — em 12 de julho; o — *O Liberal* — em 17 do mesmo mez e o — *Monarchista* — em 7 de setembro.

Em 1864, a 2 de abril, enceta a publicação o *Jornal da Victoria* — filiado ás ideias liberaes, tendo por seo redactor, o engenheiro *M. Feliciano Moniz Freire;* a 13 de março de 1868, sob a mesma bandeira, apparece o — *O Cidadão* — redigido pelo Dr. *Corrêa de Jesus* e a 27 de agosto, a — *Vóz do Povo*.

Longa seria a lista dos periodicos continuadores das tradições partidarias conhecidas; ficará isso para os amadores de curiosidades, limitando-me a traçar o quadro

resumido dos mais importantes, para o fim que tenho em vista.

Assim, apenas direi que o partido conservador teve por orgãos na imprensa: — *O Espirito Santense*, a partir de 8 de setembro de 1870 a 1888; a *A Folha da Victoria*, de 8 de julho de 1883 a 1890.

Redigio o primeiro, o commendador B. C. Dæmon; o segundo foi fundado e redigido pelo major *Aristides Freire.*

Em 1890 desappareceo *A Folha*, passando *Aristides Freire* a redigir o diario — *Commercio do Espirito Santo* — que fundou.

O partido liberal por sua vez, teve os seguintes orgãos:

A Opinião Liberal, em 1877, sob a redacção do advogado *F. Urbano de Vasconcellos;* a *Actualidade*, em 1878, sob a redacção do *Dr. Corrêa de Jesus;* o — *Horisonte* — que começou a circular em 15 de junho de 1880, redigido por *Maximino Maia*, vindo a suspender a publicação em 1885; a — *A Provincia do Espirito Santo*, que surgio tri-semanal em 15 de março de 1882 e de janeiro de 1883 em diante passou a ser publicada diariamente. Foi este o primeiro diario que teve a provincia. Com a extincção dos partidos consecutiva á proclamação da Republica, o mencionado jornal tomou o titulo de — *Diario do Espirito Santo*, que deixou em janeiro de 1890, adoptando o que ainda hoje conserva: — *Estado do Espirito Santo.*

Foi este orgão fundado e redigido pelos senadores Moniz Freire e Cleto Nunes.

Em 1890, das organisações partidarias antigas, uma parte fundio-se com o nucleo republicano da propaganda, dirigido pelo primeiro Governador do Estado e formou o *Partido Republicano Constructor;* a outra, constituida

com os elementos restantes infensos áquella organisação, foi a origem da *União Republicana Espirito Santense.*

Os leitores hão de permittir que n'esta altura do presente trabalho, abra um parenthesis para rebater umas tantas inverdades, que á guisa de acontecimentos historico-politicos, tiveram ampla divulgação em nosso paiz, sem que as contestassemos á mingua de opportunidade, ácerca do movimento republicano no Estado do Espirito Santo.

Esta phase do governo republicano que no referido Estado correo sob a responsabilidade do auctor d'este escripto, desde a proclamação da Republica, por mal estudada e apreciada, tem servido de motte a glozas injustas umas vezes e insensatas outras; e porque não deva deixar passar em julgado conceitos que, apesar de desauctorisados, hão tido curso na imprensa e em livros, nos vinte e quatro annos de existencia do regimen politico em que vivemos, aproveito o ensejo que se me depara de analysal-os em conjuncto, para honestamente esclarecer factos e circumstancias que, proposital e malignamente, têm vindo á publicidade adulterados.

Quando a 16 de novembro de 1870, recebi do Governo Provisorio, presidido pelo marechal Deodoro da Fonseca a incumbencia de administrar o Estado, a situação politica podia ser assim traçada: no sul as forças eleitoraes republicanas eram superiores ás de qualquer dos dois partidos monarchicos; mas no norte, o nucleo pouco valor numerico representava.

A razão d'essa desigualdade na distribuição dos elementos, resultava de varias causas.

Ali, havia uma agricultura organisada, um systema apto a extrahir do sólo a maxima vantagem, a applica-

ção de avultados capitaes em usinas, fabricas, escravos, gados, etc., que a lei de 13 de maio de 1888 de chofre inutilisou, sem cogitar dos succedaneos economicos que deviam supprir a falta dos apparelhos destruidos, já pela creação de instituições de credito, já pela modificação dos impostos e barateamento dos transportes, já finalmente pela attracção de braços extrangeiros desenvolvida em bem combinado plano de protecção e segurança ás massas immigrantistas.

Aqui, onde a terra era menos fertil e menos irrigada pelos cursos d'agua, a industria agricola explorada pelo pequeno lavrador, ou por fazendeiros desprovidos de machinas aperfeiçoadas ou ainda por colonos extrangeiros indifferentes á marcha dos negocios publicos da nação, tinha desenvolvimento parallelo ás congeneres da extracção de madeiras nos sertões ou á margem dos rios navegaveis e da pesca no littoral, isto é, nem-um interesse consideravel representava.

Era natural que a monarchia que nas classes conservadoras do paiz tinha as suas mais fundas raizes, perdesse o equilibrio desde que começou a conspirar contra ellas, privando-as do instrumento humano do trabalho e foi o que succedeo.

É uma lei sociologica, incontestavel, que ás classes radicadas no sólo pela maior somma de interesses, nem-um governo impõe os seos caprichos e arbitrio impunemente; provam-n'o as revoluções de todos os povos em todas as epocas da Historia.

Desilludidos de encontrar na Corôa a garantia que os interesses compromettidos solicitavam, quantos se viram prejudicados pela referida lei, pelos excessos das auctoridades constituidas, pelo *mandonismo* politico regional e pela aggravação dos impostos, se incorporaram aos clubs de propaganda contra o Imperio.

E esse phenomeno de desaggregação em massa dos

velhos partidarios do imperialismo e immediata adhesão ao novo credo, tanto mais vehemente se manifestou, quanto maiores e mais justificados foram os receios de estar a nação em vesperas de ser surprehendida com o advento do terceiro reinado, prestes a ser iniciado com a augusta filha do monarcha valetudinario, senhora que, sem embargo de possuir innegaveis virtudes, era dedicadissima ao clericalismo e cujo esposo se tornára por varios motivos totalmente antipathico ao povo brasileiro.

Não menos decisiva foi a influencia no sul dos abnegados levitas que tivemos por companheiros, quer na organisação dos clubs politicos, quer no plano da divulgação das idéas democraticas, em conferencias e comicios na praça publica.

Á acção patriotica de Antonio Aguirre e Bernardo Horta no Cachoeiro de Itapemirim, o mais rico dos municipios da provincia, juntou-se o efficaz concurso de evangelistas da pureza e valor de um Coelho Lisbôa, a dedicação indefessa de Henrique Deslandes, Eugenio Aurelio, Germano Tiradentes, da familia Medina, Joaquim Pinheiro, Chaves Ribeiro, Antero de Almeida e José Horacio, para não omittir os mais antigos dos iniciadores dessa brilhante crusada.

No norte estivemos em movimento desde 1875, isto é, desde que frequentavamos as aulas de estudos secundarios até 1883 — data em que publicámos a nossa profissão de fé republicana — inteiramente a sós, luctando contra os partidos monarchicos organisados, pela extincção do elemento servil e pela abolição do throno, sem dispôrmos de outra cooperação até 1886, que não fosse a nossa palavra na imprensa e nas conferencias, ao passo que os governos tinham a seo favor as graças de empregos e patentes a prodigalisar, dinheiro e posições que lhes asseguravam copiosa clientela.

D'aqui o contraste que offereceo o ultimo pleito elei-

toral da monarchia: emquanto o candidato republicano do sul grangeou votos que obrigaram o rival monarchista ao segundo escrutinio, o do norte foi vencido no primeiro.

Do curso que tiveram os surtos do republicanismo, succedeo que proclamada a Republica e quando na direcção dos negocios publicos, entendeo o primeiro Governador não dever inciar uma politica exclusivista pelo prurido de ser coherente até a superstição e sim aproveitar os bons cidadãos, embora adversarios da vespera, mas que em todos os tempos tinham sabido antepôr os reclamos do Estado ás injuncções dos partidos a que pertenciam.

Era um systema de integração de aptidões uteis, de elementos aproveitaveis ou assimilaveis, que tinha por fim obter por selecção o apasiguamento de divergencias e o esquecimento de rancores latentes, em beneficio unico da concordia da communhão social e do bem publico.

Seos correligionarios, porém, da Commissão Executiva do Partido Republicano, divergiram d'esse programma, inclinados como foram á accentuação de outro, que positivasse o predominio dos agrupamentos da propaganda em todas as direcções da administração publica.

Competia ao Governador ouvir os seos amigos e submetter o dissidio á decisão dos homens de responsabilidades politicas maiores, reunidos em Congresso: foi o alvitre que adoptou.

A 23 de maio de 1890, o Congresso Republicano que havia sido convocado e que celebrou a sua magna sessão na capital do Estado pela vez primeira, com a presença de representantes — entre os quaes o Dr. Antonio Aguirre B. Horta — de 20 das principaes localidades, sob a presidencia do Dr. Torquato Moreira, derimio a duvida, pronunciando-se pela politica do Governador cujos actos approvou e elegendo o seguinte

Directorio que passaria a reger os destinos do Partido Republicano:

Henrique Coutinho.
Domingos Vicente.
Constante Sudré.
Joaquim Pinheiro.
Augusto Calmon.

A manifestação da assembléa importava a renuncia do mandato que tinha a Commissão Executiva e assim entendendo, fez o Dr. A. Aguirre a seguinte declaração explicita, dada a lume no *O Estado do Espirito Santo*, de 24 do mesmo mez:

«Em resposta ao editorial d'*A Folha da Victoria*, de 22 do corrente, cujos conceitos estão acima do que valho, tenho de dizer que nada mais sou na direcção politica do Estado. Não me cabem mais responsabilidades nos negocios do Espirito Santo.

Resignei o cargo da direcção que occupava, com dignos companheiros da estatura moral de Bernardo Horta, e com elle resignámos os de 1.º e 2.º vice-governadores.

Voltem-se as vistas para o novo Directorio eleito e para o Governador que tem a confiança de todo o Estado.

Mais felizes do que fômos, é o que deseja-lhes o

(Assignado) *Dr. Antonio Aguirre.*»

23 — maio — 90.

Afastados com o maior pezar nosso, os distinctos companheiros dos tempos difficeis em que unidos plei-

teavamos pelo triumpho republicano, regiamos com a solidariedade do Directorio eleito os destinos do Estado, attendendo a toda a sorte de encargos que nos tinha legado a ultima administração monarchista — inclusive o de uma divida vencida de *116:397$591* réis, contra o saldo de *3:191$824* réis, que foi quanto encontrámos em cofre a 20 de novembro de 1889! — quando, decorridos dias, vieramos a saber que muitos dos proselytos dos antigos partidos, sob a direcção unica do nosso venerando conterraneo Sr. Barão de Monjardim, pretendiam fundar uma agremiação politica, sem intuitos restauradôres nem de hostilidade ao Governador do Estado cujos actos applaudia, mas para aguardar em espectativa o desdobramento da acção republicana no paiz, em ordem a verificar si a nação placitava ou não em todos os seos effeitos a revolução de 15 de novembro e si o novo regimen lograva ou não estabilidade.

Fôra esse o pensamento daquelle nosso honrado compatriota, politico habilissimo, affeito a manejar com superioridade os dissentimentos partidarios em proveito do liberalismo que chefiava, o qual, pelo facto de haver desempenhado elevadas funcções administrativas e electivas sob o Imperio, julgava-se em consciencia incompativel com a nova ordem de coisas e assim preferia, posto que nunca tivesse sido palaciano, abster-se da actividade politica, a sacrificar as suas susceptibilidades moraes em uma adhesão açodada.

Deviamos respeitar esse pronunciamento de um adversario que ao mesmo tempo era leal ás suas convicções, de um perfeito homem de bem; respeitamol-o e disso não nos arrependemos, porque sempre assim procederam as consciencias sãs. Ainda agora, em uma de suas formosas — *Cartas de Lisbôa* — que com tanto successo *O Paiz* publica, na edição de 3 abril de 1913, escrevia o conselheiro José Maria de Alpoim:

«Afastei-me, (dos partidos da actual Republica Portugueza) por natural pudor de quem servio um regimen e resolveo entrar em outro, da vida activa politica».

As palavras que reproduziramos, foram mais ou menos as que um nosso emissario e amigo commum ouvio de S. Ex.ª, quando o convidámos a occupar um logar na chapa senatorial que iamos organisar.

Aprazada a reunião a que alludimos, para a noite de 18 de julho de 1890, a dissidencia republicana representada pelos dois próceres resignatarios da Commissão Executiva, por intermedio do Dr. José Feliciano Horta de Araujo impetrou e obteve do Sr. Barão de Monjardim, permissão para tomar assento no conclave annunciado, havendo homologado com a sua presença e solidariedade todas as deliberações votadas.

Data dahi a fundação da — *União Republicana Espirito Santense* — liga da facção liberal adhesa áquelle titular, com a conservadôra que obedecia ás inspirações do Sr. Major Aristides Freire, a que se juntou a mencionada dissidencia guiada pelo Dr. A. Aguirre e B. Horta.

É o que vemos da noticia estampada por um jornal do tempo, do theor seguinte:

«**Reunião Politica.**

Hontem, á noite, realisou-se uma reunião politica na residencia do ex-chefe liberal Snr. Barão de Monjardim.

Estiveram presentes membros do antigo partido liberal, representantes da facção conservadôra Mascarenhas e alguns republicanos.

Foi creada uma commissão executiva composta do Barão de Monjardim, Dr. Antonio Aguirre e Aristides Freire, redactor da — *A Folha da Victoria,* incumbida de dirigir essa organisação partidaria que se intitula — «União Republicana Espirito Santense».

O redactor deste jornal, Sr. Cleto Nunes, e outros cidadãos

que compareceram á reunião, não adheriram ás deliberações tomadas»; *O Estado do Espirito Santo*, de 19 de julho de 1890.

Que dos republicanos só a dissidencia adoptou quanto a assembléa resolveo, deduz-se da seguinte contestação, inserta no mesmo jornal, em data de 21:

«Deparámos na—*A Folha da Victoria*, na parte editorial, secção *Actos e Factos*—com a noticia da reunião politica que teve logar na casa do Sr. Barão de Monjardim, na noite de 18 do corrente, na qual se diz que esteve representada a maioria republicana do sul do Estado.

Contra essa asseveração não podemos deixar de protestar, não só como republicanos de Anchieta, mas tambem por que os Srs. Bernardo Horta e Antonio Aguirre não estão auctorisados a representar a maioria republicana do sul; quando muito podem falar em nome dos republicanos do Cachoeiro de Itapemerim, de que são delegados.

Victoria, 21 de julho de 1890.

(Assignados) *Alexandrino dos Santos Pereira*
Eugenio Pinto Netto.»

A formação da—*União Republicana*—com os componentes já mencionados, não significava sómente, como entendera o respeitavel Sr. Barão de Monjardim, aliás em perfeita bôa fé, a existencia de um centro que em espectativa aguardava a evolução da politica republicana, alheio ás luctas eleitoraes; em breve por seos orgãos—*A Folha da Victoria* e *O Federalista*, encetou a mais tenaz opposição que o Governador experimentou, como os factos vieram demonstrar.

A scisão, porem, que ella abrio entre liberaes secta-

rios da orientação do Dr. Moniz Freire, conservadores da parcialidade do major Domingos Vicente e os republicanos dedicados ao governo regional, produzio a fundação de outra corrente contraria á *União Republicana*.

Em uma brilhante reunião que teve logar a 29 do mesmo mez, ficou organisado pela fusão dos tres agrupamentos, o — *Partido Republicano Constructor* — sob a direcção das seguintes commissões:

Directorio Central — Dr. Moniz Freire, major Domingos Vicente e Henrique Coutinho.

Directorio do Norte — Engenheiro Constante Sudré.

Diretorio do Sul — Coronel Joaquim Pinheiro.

Com esse nucleo disciplinado, guiámos o Estado até a eleição para a Constituinte, tendo alcançado completo exito a chapa que apresentámos (excluindo a nossa pessôa contra os reiterados pedidos do Governo Provisorio e em especial do seo honrado chefe, que não via antagonismo entre a missão de Governador e a de representante da nação na hypothese) com os nomes de Domingos Vicente, Drs. Gil Goulart e José Cezario, para senadores e Dr. Moniz Freire e Capitão Athayde Junior, para deputados.

Do exposto resaltam as conclusões seguintes:

1.ª Que não fômos nós quem nos separámos dos dois bons companheiros da propaganda, abandonando-os e sim elles que romperam a solidariedade que comnosco deviam manter até o fim.

2.ª Que não foi o primeiro Governador quem se alliou a monarchistas, mas ambos aquelles corypheus que se fundiram na heterogenea liga da — *União Republicana* — para o surto opposicionista que projectavam.

3.ª Que sómente depois da attitude das forças colligadas, foi que os elementos dos antigos partidos que lhes eram infensos, com annuencia da maioria republicana, impulsionaram a organisação do

— *Partido Republicano Constructor,* já que o outro era francamente — *Demolidor.*

Uma outra lenda não menos insistentemente se tem formado, em torno do nome do extincto deputado e saudoso republico Bernardo Horta, no sentido de apresental-o como *creador* de quantos no Estado figuraram após a proclamação de 15 de novembro!

Assim, quer nós, Drs. Antonio Aguirre, Eduardo Monteiro de Carvalho, José Coelho dos Santos, quer Henrique Coutinho, Constante Sudré, José Horacio e não poucos, conforme a precitada lenda, não mereceriamos do Governo Provisorio a piedade de um olhar, um simples gesto affectivo, si Bernardo Horta *não quizesse*...

Ainda recentemente, em carta ao *Correio da Manhã*, que veio á luz na edição de fevereiro de 1913, o coronel Joaquim Ayres, com o fito talvez de attenuar a impressão causada pelo inexplicavel suicidio d'aquelle homem publico, por tantos titulos digno de consideração, escreveu estas mendazes palavras:

«Por occasião da proclamação da Republica, Bernardo aqui estava e Deodoro, Aristides Lôbo, querendo nomeal-o Governador do Espirito Santo, Bernardo indicou o nome de Affonso Claudio e foi nomeado.

Affonso Claudio só foi Governador porque Bernardo o fez nomear; mais tarde Affonso abandona Bernardo e o elemento historico republicano e faz causa na fundação do partido *União,* na capital, com Monizes e Monjardim e todos os elementos monarchicos dos partidos fraccionados.»

Áparte as vulgares e repetidas incorrecções de linguagem, não se sabe bem o que mais admirar: si os ares de importancia que se dá o impavido communicante, de dizer com olympico desdem de homens, que,

como o senador Moniz Freire e o ex-deputado Barão de Monjardim dedicaram ao Estado e ao paiz o melhor de suas energias e esforços; si a desfaçatez com que procura envernisar duas rematadas aleivosias, quaes — a de ter sido feita por iniciativa do mallogrado democrata a indicação do meo nome para Governador e a de o haver eu abandonado ingratamente, depois de recebida a *mercê*, em troca das lentilhas que me offertaram os monarchistas!

A occasião é de franquezas e ante a imbecilidade da aggressão, eu não devo guardar deferencias, a quem não as observa nem diante de um tumulo aberto na vespera!

Começarei, pois, por dizer ao Sr. coronel Ayres, que, si seu genro foi deputado federal em tres legislaturas consecutivas, as duas primeiras eleições deveo-as exclusivamente á intervenção dos Monizes, que S. S.ª inconscientemente apouca e malsina!

Relativamente ás arguições do Sr. Ayres a nosso respeito, ponderaremos que a decantada alliança com monarchistas, já em outro ponto deste livro teve explicação irretorquivel, demoradamente documentada; e a attinente á nomeação de primeiro Governador, receberá resposta, nós o esperamos, em termos não menos peremptorios.

Quando na noite da revolução de 15 de novembro, em casa do marechal Deodoro da Fonseca, veio á tona da conversa a urgencia de se escolher o delegado do Governo Provisorio para assumir a administração do nosso Estado, houve quem apresentasse o nome do fallecido agitador recordando-lhe os serviços incontestaveis; mas, não menos certo é, que achando-se entre os presentes o meo generoso amigo e conterraneo marechal

Dr. Manoel Rodrigues de Campos (então capitão do corpo de engenheiros militares), distinctissimo correligionario que gosava de largas sympathias entre civis e os de sua classe, por seos bellos predicados de coração e intelligencia, foi convidado a dizer a sua opinião no tocante á melhor candidatura para a vaga que se pretendia preencher no Espirito Santo.

O marechal Campos, sem desabonar as referencias feitas á pessoa de B. Horta, por um requinte de amabilidade que é muito caracteristico do seo feitio moral, francamente manifestou-se pela preferencia do nosso nome, apontando-o como o de homem de maiores responsabilidades no movimento republicano regional.

Claro é, portanto, que fômos nomeado, não porque Bernardo Horta «fizesse nomear», como insensatamente proclamou o missivista do *Correio da Manhã*, sem se recordar que uma imposição em taes termos, teria da parte do Chefe do Governo a resposta que elle costumava dar aos mandões philauciosos — apontando-lhes a porta de sahida; sim, porem, porque aquelle magnanimo amigo tomou o alvitre de projectar espontaneamente sobre a obscuridade do nosso nome, o valimento do seo abono e a sua preferencia sem reservas.

Vencendo a natural repugnancia que desperta assumpto por indole personalissimo como o de que se trata, e a impenetravel modestia com que o illustre informante sabe sempre velar as suas manifestações, tive a rara ventura de conseguir do meo velho conterraneo, por escripto, a documentação do que ficou dito; ao publicar a carta *infra*, cumpre-me reiterar ao egregio marechal os meos agradecimentos pela gentileza com que acolheo e satisfez o meo pedido.

Diz assim a resposta do marechal Campos:

«Rio, 14 de março de 1913.

Amigo Dr. Affonso Claudio.

Affectuosas saudações.

Satisfazendo ao pedido que me fez, em carta de 10 do corrente mez, vou expôr o que se passou em minha presença, a respeito da nomeação para primeiro Governador do nosso querido Estado no regimen republicano.

—Na noite de 15 de novembro de 1889, entrando eu na casa de residencia do general Manoel Deodoro da Fonseca, acompanhando o marechal Mallet (então tenente-coronel) junto a quem servi nos primeiros dias da proclamação da Republica, veio ao meo encontro o collega e amigo Dr. José Felix Barboza de Oliveira e convidou-me a acompanhal-o.

Chegando junto a um grupo onde se achava o Dr. Aristides Lôbo, disse aquelle amigo, apontando-me:—Eis aqui quem nos póde dar esclarecimentos a respeito da nomeação para Governador do Espirito Santo. Lembraram o nome do cidadão Bernardo Horta, que aqui se acha; qual a tua opinião?

—Respondi que Bernardo Horta estava nas condições de merecer do Governo Provisorio essa prova de confiança, visto ter-se dedicado á propaganda republicana no sul da provincia e possuir os requisitos necessarios para fazer uma excellente administração, mas que lembrava a conveniencia de entregar-se o governo do Espirito Santo ao Dr. Affonso Claudio, não só por ser considerado o chefe do Partido Republicano, como por achar-se elle na cidade da Victoria, onde o Governo Provisorio tinha urgencia de um delegado seo.

Eis o que me recorda ter-se passado naquella epoca.

Pode fazer d'esta declaração o uso que lhe convier.

Com estima e muita consideração, subscrevo-me

Am.º muito att.º e admirador,

(Assignado) *Manoel Rodrigues de Campos.*»

Pela forma por que o Sr. Coronel Ayres se refere á investidura que naquelle tempo recebemos, parece que S. S.ª cuida que o cargo nos foi fonte de proventos sem conta; uma especie de Potosi que o Governo Provisorio distribuio pelos amigos do peito com o fim de enriquecel-os depressa!

É outro erro em que labóra.

Todos quantos servimos nos Estados na referida quadra, eramos remediados de haveres ao assumir o governo e delle sahimos empobrecidos, trazendo alguns, como quem estas linhas escreve, o contrapezo de enfermidades que os forçaram á inactividade, ao repouso absoluto por alguns annos e consequentes prejuisos que não foi a Republica que indemnisou.

Foram nossos contemporaneos na governança, Pedro Tavares e Xavier da Silveira, entre muitos outros; após o exercicio das funcções governamentaes, os que lograram voltar com saúde, vieram moirejar na advocacia e em outras profissões, os recursos materiaes de subsistencia até hoje!

O rico filão dos emprestimos indecorosos e dos contractos de parceria administrativa não menos immoraes, descoberto sob o governo constitucional, não conhecemol-o nós os iniciadores do regimen, a despeito dos poderes que enfeixavamos em nossas mãos.

Mais tarde foi que até presidentes de pequenos Estados, com o subsidio de 20 contos de reis annuaes, puderam, findo o quatriennio, subscrever acções de companhias de mineração, no valor de 100 contos! e o que mais é de notar—desfructam ainda hoje as bôas graças do governo da nação, emquanto nós outros purgamos no ostracismo a tremenda audacia do nosso culto á honestidade!

Relevem-nos os leitores o amargôr da confissão: ha

estimulos neste paiz para tudo, menos para o cultivo das virtudes!

Com a responsabilidade que lhe davam os seus serviços ao regimen e o mandato de representante da nação, inquiria da tribuna do Senado, na sessão de 23 de dezembro de 1908, o nosso intrepido correligionario e venerando amigo Dr. Coelho Lisbôa:

«— Onde estão estes grandes batalhadores da propaganda, que não encontram no seio do povo grandioso e nobre do Espirito Santo, o mandato para desempenhar nas duas casas do Congresso?»

E S. Ex.ª respondia ao Senado:

«Estão lançados ao ostracismo por que são homens honestos, por que não sabem fazer destes *negocios*, por que têm o pundonor que faz hoje velar a fronte da Republica». *Problemas Urgentes*, 228.

É a verdade sem refolhos, desde que outra explicação não ha para a eliminação do scenario politico brasileiro, de individualidades como: Sylvio Roméro, Demetrio Ribeiro, Assis Brasil, Alcides Lima, Lopes Trovão, Coelho Lisbôa, Teixeira de Souza, Bellarmino Carneiro, Sampaio Ferraz, Stockler de Lima e centenas de outros, juristas, sociologos, publicistas, profissionaes de nome feito, republicanos sem jaça, que ahi vivem arrastando a passo tardo a grilheta da integridade do caracter!

....
....

A primeira teve desde então até hoje por orgão da imprensa, o *Estado do Espirito Santo* e a segunda, o *Commercio do Espirito Santo.*

Em janeiro de 1895, dissolveo-se a *União Republicana*, sendo substituida pelo — *Partido Republicano Fe-*

deral, filiado á agremiação organisada pelo General F. Glycerio, tendo por interprete de seo programma, o *Commercio do Espirito Santo*, redigido pelo *Dr. Torquato Moreira.*

Um outro grupo que manifestou-se divergente da ultima combinação politica, tambem oriundo da primeira organisação dissolvida, constituio o *Partido Autonomista*, tendo sido representado na imprensa pelo—*Autonomista*, sob a redacção do *Dr. José Monjardim.*

A politica republicana, nas suas duas phases de propaganda e de governo, começou a intervir na economia da provincia, em 1886, com o apparecimento da—*A Tribuna*—de Benevente, orgão do partido republicano local; d'*O Cachoeirano*, em 1887, sob a redacção dos propagandistas Deputado Bernardo Horta e Dr. Antonio Aguirre.

Contrariamente aos precedentes, a politica republicana não teve orgãos na capital da provincia; os fócos da propaganda pela imprensa não se formaram nem se encaminharam do centro para a peripheria, mas inversamente, da peripheria para o centro.

Esta circumstancia, é aliás explicavel pela falta de elementos capazes de entrar em uma arregimentação, que não podia proporcionar compensações immediatas aos sacrificios que exigia daquelles que tinham de arrostar as iras do governo constituido, em plena posse e goso do poder: neste paiz, com excepção de duas ou tres, as grandes e pequenas capitaes nunca serviram de cellula-mater a nem-uma das grandes idéas d'entre as que têm emocionado a alma nacional até hoje.

É por aquelle motivo, sem duvida, que as populações das cidades são, em regra, accommodaticias, emquanto que as ruraes mais facilmente sympathisam e mais fortemente se impressionam com os surtos renovadores na esphera politica.

No longo intervallo que vem de 1840 aos nossos dias, nem na provincia, nem em parte alguma do imperio, houve uma imprensa que com exactidão se possa denominar — exclusivamente litteraria.

E não houve, por que não possuimos fócos populosos disciplinados por uma cultura intensa, dedicados á realisação de um ideal unico; o que em todos os tempos notamos, é que a litteratura sempre foi para a imprensa uma cogitação de ordem secundaria.

No jornalismo provinciano, mui rara era a folha que não tinha no alto a legenda: politica, noticiosa e... litteraria.

A litteratura invariavelmente occupava o ultimo logar; a sua maior utilidade consistia em fornecer materia para *encher* o jornal. E a razão é intuitiva: a politica, constituia a preoccupação da maioria dos habitantes do paiz; seguia-se-lhe a noticia, desdobrada nos annuncios e reclames, que formava a base da empresa jornalistica, no ponto de vista economico e para o publico representava uma leitura de interesse individual; para os assumptos litterarios, não podia restar sinão um numero insignificante de leitores, uma fracção reduzidissima de amadores.

Entretanto, cumpre assignalar que na provincia a imprensa contribuio para a expansão litteraria, ora inserindo trabalhos de seus naturaes nas folhas em circulação, ora editando-os em livros nos seos prélos.

Foi assim que no prélo do *Correio da Victoria*, imprimio PEREIRA DE VASCONCELLOS as duas series do seo *Jardim Poetico;* ALVARENGA SALLES, o *Poema Mariano* de DOMINGOS DE CALDAS; no do *Semanario*, ainda imprimio o primeiro, a sua *Historia e Estatistica;* no do *Espirito-Santense*, imprimiram DŒMON e XAVIER DA MOTTA as suas maiores obras; finalmente, no d'*A Provincia* fo-

ram estampados livros de V. Vidigal, Antunes de Sequeira e Jorge Rodrigues, para só lembrar os principaes.

É sob esse aspecto todo particular, para não dizer material, que se assignala o valor do concurso trazido á litteratura pela imprensa.

Estudando o desenvolvimento intensivo do jornalismo provinciano, vemol-o representado por uma lista interminavel de periodicos que se succedem, ora em perfeita calma politica, ora em criticas epocas de aggressões pessoaes e de manobras eleitoraes.

Verificamos nestes factos o apparecimento de dissidencias, de scisões, ora derivadas da economia interna dos partidos, ora da incapacidade dos chefes, ora finalmente — e já é uma concessão maxima — do acanhamento dos respectivos programmas; mas não encontraremos, por mais detida que seja a pesquisa, um signal qualquer que evidencie, que em dado momento, a causa occasional da discordancia entre um dos agrupamentos, fosse motivada por questões litterarias.

Possivel é que de Ferreira das Neves (1853) a Pereira de Vasconcellos (1857) os surtos belletristicos aspirassem á primasia nos torneios jornalisticos, sendo ainda crivel que essa tendencia não se accentuasse á mingua de proselytos e de estimulos; o que é verdade é que os dois campeões da imprensa, afinal estadiaram na politica.

De 1868 em diante, Vasconcellos pouco produzio, comparativamente com o seu acervo dos annos anteriores e Neves, desprendendo-se do berço, em outro meio foi viver arredio do jornalismo.

De 1870 a 1876, com o estabelecimento do ensino secundario e do normal, operou-se maior movimento no sentido de alentar as lettras; é dessa epoca que data o apparecimento de moços que vieram mais tarde exercer papel preponderante nos destinos do Estado, servindo á

bôa causa pelo jornal e pelo livro, no professorado e nos comicios publicos.

Que illação permittem as observações feitas?

Somente esta: que o desenvolvimento intellectual local, foi e talvez seja por muito tempo, descontinuo.

Na epoca em que graves acontecimentos poderiam movimental-o, não deo signal de vida; surgio na segunda metade do passado seculo, como uma corrente que procura alveo, mas não teve força para abrir caminho por entre os prejuisos e preconceitos do tempo, de modo que a politica em seos variados matizes, estiolou a flôr que mal desabrochára para o albor da vida.

Em traços largos, tal foi a influencia do jornalismo sobre a cultura, na terra espirito-santense. ([1])

([1]) Não esquecer que este estudo retrospectivo quanto á imprensa, foi escripto em 1907.

De então para cá a superficie das coisas soffreo consideraveis modificações, como se vae ver.

Em 1908, as duas correntes partidarias que respectivamente obedeciam no jornalismo á direcção do senador Moniz Freire, pelo *Estado do Espirito Santo,* e do deputado federal Dr. Torquato Moreira, pelo *Commercio do Espirito Santo,* em attenção á era de promissores melhoramentos e iniciativas progressistas que se annunciára com a eleição presidencial do Sr. Dr. Jeronymo Monteiro, celebraram uma tregua que seria fecundissima em resultados, si á generosidade dos dois lidadores correspondesse a bôa fé daquelle á sombra de cujo nome devia fructrificar o alevantado idéal de assignar termo ás luctas estereis, pelo inicio de uma politica conciliadôra e ponderada.

O novo governo teve desde então o apoio desinteressado de ambos os campeões, chegando o segundo delles a transferir a propriedade do jornal que, com o titulo de *Commercio,* passou a ser publicado por exclusiva conta de uma sociedade anonyma, cujos accionistas eram, em sua quasi totalidade, amigos dedicados do presidente Monteiro.

Modificada a direcção do *Commercio* desde que foi ter a outras mãos, o *Estado*, a curto trecho teve de reforçar as suas baterias, pôr de parte o *modus vivendi* e romper em opposição, logo que actos decisivos do governo lhe desvendaram as intenções, e nessa posição manteve-se até ser empastellado em 1911, contando de lides perto de trinta annos!

A contar desse tempo, é bem de ver que só a imprensa affeiçoada á nova orientação presidencial pôde prosperar, não obstante terem surgido os dois orgãos opposicionistas—*Diario do Povo*—cuja vida foi ephemera e—*A Tarde*—que a esta hora prolonga o combate á administração Monteiro, sob cujos auspicios nasceo e vive a actual do presidente Marcondes.

É muito cedo para se fazer a historia e a psychologia da primeira, em cujo acervo si beneficios ha a assignalar, os erros e desvairamentos economicos, politicos e financeiros, exigem a dureza de Tacito para ser rememorados.

Não é meo intuito estereotypal-a e transcende dos limites deste livro a preoccupação de a criticar; apenas resumo os resultados que uma politica sem entranhas devia produzir e em verdade produzio.

Assim, não é de esperar que os surtos da intelligencia e da cultura recebessem alento em uma atmosphera tão carregada de elementos nocivos.

Pullularam os *Statius* e os *Petronius*, sem a menor duvida; mas, não é nessa paragem que estadiam os raros espiritos lucidos que vieram á tona dos acontecimentos.

Com effeito, divorciados da direcção politica governamental, combatendo-a no jornalismo, na tribuna parlamentar, na praça publica, diaria e ininterruptamente, emergem alem dos apontados proceres do republicanismo liberal, os moços Cezar Velloso, scientista tão recommendavel pela capacidade profissional, quanto pelo caracter e solidez do preparo philosophico, o jurista Thiers Velloso, os polemistas e pamphletarios irmãos Lyrio e Philomeno Ribeiro, o poeta Teixeira Leite e poucos outros.

Cezar Velloso deo a publico uns bellos escriptos referentes a GŒTHE e ao monismo haekeliano; Thiers estampou na imprensa carioca bem lançados trabalhos acerca do—Abuso do Direito; Affonso Lyrio e seos irmãos, encarnam o ultimo protesto e o derradeiro esforço do espirito de rebeldia na defeza das liberdades populares.

Finalmente, Teixeira Leite, moço escriptor da terra que por tantos annos abrigou JOSÉ DE ANCHIETA, é um bardo cujas primicias

agora é que abrolham á luz da imprensa, mas que fazem prever que nelle terá o lyrismo um cultor primoroso.

O novo cyclo litterario inaugurado pelos moços acima nomeados, não é talvez um dos mais intensos na vida intellectual da ex-provincia brasileira; mas penso que será um dos mais autonomos, si, como tantos outros anteriores, não capitular ás exigencias subalternas da politiquice, que é para o amanho das boas lettras o mesmo que o escalracho para a vida dos vegetaes de grão: o anniquilamento, a asphixia.

INDICE

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pag.	linha	onde se lê	leia-se
XXXIII	2	*periodo de aggregação*	*eclosão das tendencias litterarias*
63	2.ª do canto XX	indurtia	industria
68	1.ª do canto XXXII	fagoso	fogoso
126	9	F. T. de Quadros	F. F. de Quadros
202	9	incluio nos	incluio os
202	18	reconhecimento	recenseamento
225	6	descrêra não;	não descrêra;
225	28	Preguiça	Da preguiça
242	14	Antran	Autran
242	15	elequente	eloquente
247	14	da intuição	a intuição
293	32	espinhos	espinhas
300	2	modificação	codificação
300	22	a quem apoiava	a que apoiava
304	30	acessos	excessos
322	1	fortuna natural. É	fortuna. Natural é,
343	16	cantar	cantor
352	2	*arriève-pensée*	*arrière-pensée*
364	10	diaphono,	diaphano,
438	32	dons	sons

Outras, de somenos importancia, facilmente o leitor as corrigirá.